



SPIN-OFF DA
SÉRIE NEW YORK

Sempre
COMIGO

AUTORA BESTSELLER DA AMAZON
ELIZABETH BEZERRA



Sempre Comigo

Sempre Comigo

Céu do Texas

Spin off da Série New York

Livro 1

ELIZABETH BEZERRA

Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Epílogo](#)

Agradecimento

Gostaria de agradecer à Adriana Melo, minha *Beta Mega Power*, obrigada por viajar em mais um livro comigo. À Lucilene por mais uma vez aceitar uma das minhas metas malucas. Um agradecimento especial para Erica Nogueira, Sirlene Dias, Josi e todas as leitoras do grupo no Whatsapp (garotas, amo vocês demais).

À Vânia pela ajuda e por estar sempre torcendo. Todo meu agradecimento à Deus por me capacitar a cada livro. À minha família e todas as pessoas que torcem por mim. A Val Gonçalves pelas divulgações maravilhosas.

E principalmente você, meu leitor amado. Espero que Dallas conquiste seu coração a cada página.

Prólogo

Peachwood, Texas - Dois anos atrás...

Alguém batia insistentemente na porta. Esfreguei meus olhos cansados e olhei para o relógio na mesinha ao lado do sofá-cama, onde estive dormindo. Coloquei meus óculos e vi que eram quatro e vinte da madrugada. Droga! Só fazia três horas e meia que eu tinha ido dormir, após encerrar mais um duro e exaustivo turno de trabalho.

As batidas recomeçaram, me obrigando a deixar de lado os meus devaneios para ver quem poderia precisar da minha ajuda àquela hora, porque para alguém surgir na porta de outra pessoa, quase às quatro e meia da manhã, só poderia ser algo muito urgente.

— Já estou indo! — consegui dizer ao impaciente fazendo barulho, enquanto eu me atrapalhava em calçar minhas pantufas — Um minuto, eu já estou indo!

Usei o elástico em meu pulso e preendi meus longos cabelos castanhos claros em um rabo de cavalo e corri para atender a porta. A surpresa em ver a última pessoa que esperava reencontrar em muito tempo

me manteve paralisada no lugar.

— Glenda?

Recuperando-me do choque inicial, recuei, apoiando minhas costas contra a porta aberta. Não via, ou tinha notícias, de minha irmã Glenda há mais de cinco anos.

Depois que nossos pais morreram, foi impossível continuar a manter a fazenda ativa, e ela foi vendida para pagar as promissórias em atraso e dar a nós alguns meses de segurança financeira e conforto.

O único lar que havia restado para nós duas acabou se resumindo na velha e decadente casa de dois cômodos, nos limites da propriedade, que em outra época pertenceu ao administrador.

Com sua parte do dinheiro, Glenda havia partido, dizendo que o mundo teria mais a oferecer a ela do que Peachwood. Ainda me lembro bem daquela ocasião. Foi no dia do meu baile de formatura, que nunca compareci, porque minha irmã, ausente e egoísta, se recusara a me levar até a cidade mais próxima para escolher um vestido, afinal, nenhum garoto bonito da escola havia me convidado para ser o seu par.

— Oi, Mandy — A voz vacilante veio acompanhada de um sorriso nervoso — Será que eu posso entrar? Está um pouco frio aqui fora para a Jody.

Desviei o olhar dela para o bebê que choramingava em seus braços,

embrulhada em um cobertor amarelo e branco.

— Hum... é claro — Afastei-me para que entrassem, e antes de fechar a porta, avistei um 4x4 prata, parado ao lado da minha caminhonete velha. Garret estava encostado no carro prata, enviando um sorrisinho cínico para mim.

Contrariada, a segui, batendo a porta atrás de mim.

Peachwood é um pequeno e acolhedor condado no estado do Texas. Nada de muito surpreendente acontece aqui. Posso dizer que é muito tranquilo e pacato, mas como em todo lugar, existem pessoas boas e ruins. Garret Cuse era o que podemos chamar de a “ovelha negra”, que com seus amigos baderneiros deu muito trabalho ao xerife anterior. A união dele com minha deslumbrante, descabeçada e fútil irmã não teria como dar em nada de bom. Os dois pareciam pensar igual, o condado ficou pequeno demais para eles, levando-os a partir em busca de emoções e aventuras por aí.

Eu sempre esperei pela ligação que me avisaria que Glenda estava presa ou morta, devido às suas irresponsabilidades e loucuras, mas não contei que ela bateria em minha porta, tendo uma criança em seus braços.

— Mandy, eu preciso da sua ajuda — disse Glenda, depositando o bebê no sofá, sem ao menos refletir se era um local seguro para acomodá-lo.

— Ah, você precisa de mim? — perguntei, sem conseguir disfarçar o sarcasmo em minha voz — Mas que novidade, Glenda.

Ela só se lembrava que tinha uma irmã mais nova, que deveria ter cuidado e amado após a morte dos pais, quando precisava de ajuda. Eu sempre fui a adulta da casa. Fazia a comida, limpava e lembrava de pagar as contas com o pouco dinheiro que havia restado.

— Eu sei que está chateada — Ela começou a dizer em uma voz adocicada que no passado até teria conseguido me dobrar, mas agora, depois de tanto tempo, não — Você nunca aceitou o fato de que eu precisava ir embora.

Bufei, com raiva de Glenda, principalmente do que me disse. Hoje, eu finalmente conseguia enxergar as coisas como elas realmente eram. Minha irmã sempre foi egoísta, importando-se apenas com ela própria, mesmo antes de perdermos nossos pais.

— Mandy, eu precisava ir... — choramingou ela — Nossos pais, essa cidade, isso que você chama de casa...

Glenda olhou em volta, como sempre com desdém e pouco caso que mal sabia disfarçar. O que para ela poderia não ser uma grande coisa, para mim significava um teto seguro sobre minha cabeça. A casa era modesta, mas com as melhorias que fiz, após ela ter ido embora, havia transformado o lugar em meu lar.

Troquei todo o velho mobiliário por seminovos, o teto precisaria ser trocado em breve, mas as paredes não possuíam mais umidades e ganharam

uma boa demão de tinta. Estava consideravelmente melhor do que quando me mudei.

— Esse lugar me sufocava e me deixava deprimida. Você não pode me culpar por ter partido. Ninguém pode ser julgado por ir atrás dos seus sonhos — disse ela, acreditando que me culpar faria com que esquecesse seus anos de ausência e falta de consideração comigo — Eu merecia mais e fui em busca disso.

— Com o Garret? — questionei, encarando ora ela, ora a criança chorando, que começava a deslizar pelo sofá — E você conseguiu?

Caminhei até o bebê, ajeitando-o, e fiz um cercado em volta dele com minhas cobertas, já que Glenda parecia não se dar conta de que a qualquer momento ela poderia cair.

— Ela é o seu mais? — Apontei para o bebê, cada vez mais angustiado — Glenda, você foi embora, e eu só tinha dezoito anos. Dezoito anos!

Eu estava muito magoada e irritada com ela. Passei cinco malditos anos preocupada, sem saber como ela estava, por onde andava, se passava dificuldades e se ainda estava viva. Se ela alguma vez chegou a se sentir sozinha e perdida, como eu fiquei. Se às vezes chorava durante a noite, querendo apenas um abraço amigo.

— Durante esse tempo não tive qualquer notícia sua, e, de repente,

aparece aqui e insinua que precisa da minha ajuda?

Física e financeiramente, Glenda parecia estar muito bem, as roupas caras e joias que ostentava confirmavam isso.

— Está vendo? Foi por isso que nunca voltei, ou disse nada a você!

— Ela berrou em um tom acusatório — Você apenas acusa, cobra e exige demais das pessoas. Me fazia me sentir menor do que eu realmente sou. Sempre com esses olhares acusadores, como agora.

Glenda era assim, possuía uma capacidade absurda de jogar a culpa de suas ações erradas nas outras pessoas. Por um tempo, quando era apenas uma menina confusa, acreditava nela. Foi preciso os longos anos de separação para eu me dar conta que a culpa nunca tinha sido minha.

— Não, eu queria que fosse adulta e responsável. Eu tinha quatorze anos quando nossos pais morreram. Você tinha vinte e um, era você que tinha que me proteger. Mas fui eu tentando fazer você se tornar adulta o tempo todo.

— Não seja mal-agradecida, Mandy. Impedi que fosse para um orfanato. Fiquei aqui por quatro anos, lidando com tudo isso, quando tudo o que eu queria era ser uma garota normal da minha idade.

Foi como levar uma bofetada. O que Glenda queria dizer, e nunca escondeu de mim ou de qualquer pessoa que nos conhecesse, é que fui um grande fardo para ela. Não deveria, mas me machucou. Não é algo que

esperamos ouvir da única pessoa que nos restou como família.

— Como pode ver, não preciso mais de seus cuidados — murmurei, abrindo os braços, indicando o meu lar — Estou muito bem sem você, sempre estive e vou continuar.

Essa era a realidade que há algum tempo deixou de me machucar. Eu estava por conta própria e sempre estaria.

— Mandy, não vim aqui para brigar com você. — Ela caminhou até mim e afagou o meu rosto — Somos diferentes, pensamos diferentes, mas somos irmãs.

Eu não tinha certeza sobre isso. Eu não era como Glenda, que conseguia ligar e desligar os botões dos sentimentos. Foi muito difícil ter que finalmente aceitar que nunca fui alguém importante para ela. Cinco anos e nem ao menos teve uma ligação. Um postal que fosse. Nada! Não sabia se conseguia passar por tudo isso de novo.

— Eu não sei, Glenda — aspirei profundamente e olhei para as minhas mãos — Sinceramente, não sei se...

Então, ela me abraçou, fazendo com que o cheiro de cigarro e perfume doce infiltrasse em meu nariz.

— Você, além de Jody, é toda a família que me resta — murmurou ela — É a única opção para a minha filha. A única a quem eu confiaria deixá-la.

Pisquei meus olhos, tentando conter a emoção, mas logo suas palavras caíram como uma bomba na minha cabeça.

— Como? — indaguei, confusa — O que disse?

Olhei para Jody e de volta para Glenda.

— Do que você está falando?

— Jody é minha filha — disse Glenda, como se aquilo explicasse tudo.

— Isso eu já compreendi. Não sou idiota, Glenda.

A semelhança entre elas era perfeita. Assim como Glenda, a menina tinha cabelos loiros e impressionantes olhos azuis. Minha irmã sempre foi a bonequinha da família. Bom, eu fui a surpresa inesperada, a garotinha normal, de cabelos e olhos castanhos.

— Jody tem a saúde fraca e não posso ficar com ela agora e...

— Espera! — Levantei a mão, fazendo-a se calar — Está sugerindo que quer que ela fique comigo?

— Bem, você sempre gostou de crianças. Sei que vai cuidar bem dela e...

Senti que a sala ficava ainda menor e que todo o ar começava a me escapar. Aquilo só poderia ser um pesadelo. Era isso, eu ainda estava sonhando, e nem Glenda e a filha dela estavam aqui.

— Então, é isso. Sei que você é capaz, Mandy.

Pisquei os olhos, me refazendo do choque. Observei Glenda colocar a bolsa do bebê em cima da mesa da cozinha e ir até a porta.

— Espera! — berrei por ela, e isso fez a menina se assustar, provando que pelo menos o pulmão estava ótimo — Você está louca, não pode deixar a menina aqui.

Glenda endureceu o semblante e me olhou com impaciência.

— Já expliquei que é só por um tempo. Até Garret e eu nos estabilizarmos em algum lugar. Será breve, eu prometo.

Ouvi uma buzina, seguida de outras, e nós duas olhamos para a porta.

— Mandy, tente entender... — Sua voz era quase como um sussurro cheio de súplica — Ela é pequena e frágil demais para ficar comigo, sei que não vai virar as costas para Jody. Prometo, assim que der, eu vou voltar.

Como se sentisse a tensão na sala ou que estava sendo abandonada pela própria mãe, Jody começou a chorar ainda mais alto, e automaticamente fui até a bebê, com o intuito de acalmá-la, esperando, assim, convencer Glenda de que precisávamos ter uma conversa racional.

Jody era responsabilidade de Glenda e ela não podia simplesmente virar as costas à filha como tinha feito comigo. Ser abandonado pela minha irmã aos dezoito anos foi bem doloroso, mas ser abandonada pela mãe, ainda bebê, poderia ser traumático para essa criança. Não iria permitir ou aceitar

que Glenda, mais uma vez, levasse em conta apenas as suas necessidades.

O que eu faria com um bebê que tinha acabado de conhecer e foi jogado em meus braços como se fosse alguma coisa? Um objeto sem necessidades e sentimentos.

— Tudo o que você irá precisar está na bolsa dela — disse Glenda, ignorando minha expressão de choque, indo até a porta — Mandy, você é tudo o que ela tem, por agora.

Prendi o corpo trêmulo de Jody contra meu peito e a balancei, tentando acalmá-la. Embora eu sentisse que nunca conseguiria isso.

— Vai ficar tudo bem, Jody — murmurei para o bebê, enquanto caminhava entorpecida até a janela.

Observei Glenda abraçar e beijar Garret, antes de entrarem no carro.

— Eu estou aqui e ficará tudo bem, querida — sussurrei, balançando a menina que ainda chorava, desolada, em meus braços, enquanto assistia o carro criando poeira e, depois, sumir na estrada escura — Ela vai voltar. Glenda prometeu que voltaria. Ela é sua mãe e vai voltar para você.

Como poderia afirmar à pequena inocente, quando nem mesmo eu acreditava? Mas não podia perder o meu tempo pensando sobre isso, quando, no momento, tinha um bebê que foi colocado sob minha responsabilidade. Eu precisava pensar em como faria para cuidar e manter Jody em segurança.

Ergui o bebê e encarei seus olhinhos marejados. O balbuciar sentido,

cheio de bolhas de saliva, mexeu com algo dentro de mim. Vê-la tão pequenina e desolada, tendo sua primeira decepção na vida, partiu meu coração e encheu de amor na mesma intensidade.

— Eu vou cuidar de você, Jody — prometi, apertando o corpinho frágil contra o meu — Não sei como, mas eu vou.

Jody puxou meu cabelo e cravou seus olhinhos esperançosos em mim. E acho que foi nesse momento que me apaixonei por ela.

Capítulo 1

Mandy

"Parabéns pra você..."

Jody batia palmas e dobrava os joelhos, simulando pulos, toda animada em cima do balcão da lanchonete. Um pouco mais de dois anos havia se passado desde que essa garotinha tinha se tornado o centro do meu mundo. A cada dia, cada aniversário, meu carinho por ela aumentava, e me perguntava o que eu faria quando Glenda fizesse o que tinha prometido e viesse buscar a filha. Todos os dias eu prometia não me apegar ainda mais à criança, e todos os dias eu falhava miseravelmente.

Pensava sobre isso, assistindo a felicidade de Jody ao cantarmos parabéns para ela, quando ouvi a sineta na porta tocar, avisando que alguém tinha entrado no café.

— Ainda estamos fechados! — gritei, sem olhar para trás.

— É cedo demais para um café?

Congelei ao reconhecer a voz às minhas costas. Dallas Walker, o homem mais bonito, atraente e encantador que uma garota como eu já havia colocado os olhos sonhadores, se aproximou. Ele tirou o chapéu, parando ao

lado de Jody, que como uma traidora, esqueceu do pequeno bolo em minha mão para olhar, toda encantada, em direção ao xerife.

— Da-das! — Jody chamou por ele, abrindo e fechando as mãozinhas.

Ela continuou a balbuciar, fazendo um pedido insistente pelo chapéu, que ele tirou da cabeça e gentilmente colocou na dela. De repente, eu queria ter três anos novamente, e receber dele a mesma atenção e sorriso arrasador.

— Da-das! — Ela repetiu a sua forma resumida de Dallas.

Jody foi entregue a mim em um estado de saúde bem debilitado, e seu desenvolvimento foi mais lento do que imaginei. Ela levou mais tempo que as outras crianças da idade dela para começar a engatinhar, andar, e já deveria estar falando mais do que as poucas sílabas que repetia. Mas isso não era um problema para mim. Desejava que Jody tivesse o tempo dela. E que, acima de tudo, fosse uma garotinha feliz.

Eu não me importava em passar todos os momentos de folga com ela, incentivando-a a descobrir algo novo a cada dia, e, claro, poder compartilhar o meu amor platônico pelo xerife sexy e quente de Peachwood.

Agora, estando tão próxima a ele, notava que aquilo tinha sido uma péssima ideia, principalmente porque eu ilustrava o meu amor proibido com uma antiga foto de jornal, que falava sobre um evento beneficente no asilo da

cidade, onde Dallas e sua família sempre ajudavam. Jody até poderia ainda ser incapaz de me delatar, mas um dia a tragédia poderia acontecer, visto que crianças não possuíam freio na língua ao conversar com os adultos. O que eu precisava mesmo era ter mais amigas para confessar meus sentimentos.

— Xerife... eu... — pigarreei e me atrapalhei toda, arrancando uma risadinha da Sra. Chan, minha chefe e dona do café — Hã...bom...

Ao que parecia, tanto a Sra. Chan, como o condado de Peachwood, quiçá o Texas inteiro, sabiam da minha paixãoite pelo irmão mais velho dos irmãos Walker, menos o próprio. O que me fez olhar duramente para a senhora atrevida.

Trabalho como atendente no café desde os meus vinte e dois anos. Nem sempre fomos tão próximas. Mantinha certa distância emocional das pessoas, depois que Glenda partiu, mas depois que Jody surgiu, mudando completamente minha vida, tive que jogar a toalha e aceitar ajuda, com isso veio o afeto da Sra. Chan e de todo condado que acolhia minha sobrinha como protegida.

Mas apesar desse carinho todo que sentia pela Sra. Chan, jurava que a mataria se ela insinuasse mais alguma coisa com seus sorrisinhos. Já era vergonhoso demais ver todos que eu conhecia sentindo pena de mim. Eu, definitivamente não precisava que Dallas pensasse em fugir correndo da garota tolamente apaixonada sempre que viesse aqui, ou esbarrasse em mim.

— Olha só, três anos, Jody — ressaltou Dallas, tirando o chapéu da menina e o colocando em cima do balcão — Me parece cada dia mais esperta e sapeca também.

O elogio fez com que meu coração parecesse ter saltado e dado piruetas como um acrobata do *Cirque du Soleil*, e ordenei que se acalmasse. O xerife, com fama de durão, estava apenas fazendo um elogio gentil. E era para Jody.

— Vem, minha criança. Como é seu aniversário, você merece um grande pedaço de bolo — murmurou a Sra. Chan, colocando Jody no chão, depois, piscou para mim — E vou separar um pedaço para você também, Xerife. A menos que tenha ficado inteligente e deseje algo diferente.

— Apenas café, por favor, mas aceitarei o bolo para viagem. — Dallas respondeu, fazendo com que a Sra. Chan saísse resmungando que um homem tão bonito não deveria ser tão cego e burro.

Fiquei mortificada e dei um sorriso amarelo quando Dallas me olhou, confuso.

— Ela estava falando de mim? — Ele mexeu nas bordas do chapéu, mas seus olhos estavam cravados em meu rosto, que deveria estar mais vermelho que bumbum de criança picado por um marimbondo.

Deus, em que buraco profundo eu poderia me esconder?

— A Sra. Chan está apenas tentando te provocar, Xerife —

murmurei, angustiada.

Isso! Eu tinha conseguido desenrolar uma frase inteira, sem parecer uma completa imbecil. Talvez minha doença de amor, chamada Dallas Walker, tivesse finalmente encontrado uma cura.

— Provavelmente está mesmo. — Ele deu de ombros — Chan é uma mulher estranha, que eu acho que ninguém nunca conseguirá entender.

— Ouvi isso, xerife! — Um berro estridente veio da cozinha — Posso ser estranha, mas não surda.

A Sra. Chan era uma dessas pessoas diretas e que não escondia o que pensava. A idade, segundo ela, dava mais liberdade para fazer isso. E ninguém se atreveria a contrariar ou invocar com uma senhora metida a sabichona, nem mesmo o xerife.

— Então, se está fechado... — disse Dallas, olhando para o local ainda vazio, enquanto coçava o queixo — acho que posso voltar depois.

Olhei para a pequena covinha que ele tinha no queixo e que, para a minha tortura, o deixava ainda mais sexy do que deveria ser permitido por lei. Definitivamente, minha queda por Dallas não tinha cura.

— Não! — berrei, e senti minhas bochechas enrubescerem quando ele me encarou com divertida curiosidade — Quer dizer, já está aqui. Pode se sentar... ou ficar de pé, se quiser... ou...

Maldita Sra. Chan, por me deixar sozinha com ele, e maldito Dallas,

por fazer com que me sentisse uma garota tola.

A culpa sobre isso vinha das vezes que eu ficava esperando ansiosamente o momento em que Dallas entrava para pedir seu café e uma rosquinha açucarada. Olhar para ele todas as manhãs, mesmo que de longe, através da pequena janela da cozinha, por cerca de quinze a vinte minutos, ou quando levava algum pedido à delegacia, sempre deixava meu dia mais feliz.

Senhor, isso soa vergonhosamente patético, mas não é algo que eu consiga evitar. Desde que eu era menina, o atual Xerife Walker dominava os meus sonhos mais secretos.

E quem poderia me culpar por me derreter por um homem de 1.94 metros e massa muscular muito bem distribuída? Além de olhos azuis incríveis e um sorriso que fazia a calcinha de todas as mulheres ficarem úmidas.

— Bem, nesse caso — Dallas sorriu, conseguindo ficar perigosamente mais lindo ao fazer isso —, vou ficar na mesa de sempre. E, Mandy...

Segurei o balcão com força, tentando firmar minhas pernas trêmulas.

— O que está fazendo pela pequena — Dallas tocou minha mão e senti meu corpo inteiro entrar em ebulição — é um trabalho muito bom.

— Obrigada, Xerife — balbuciei, como uma mamãe ganso

orgulhosa.

Era ridículo. Eu tinha vinte e cinco anos, trabalhava no café seis dias por semana, tentava pagar minhas contas em dia e cuidava muito bem de uma criança pequena. Não devia ruborizar e derreter só porque esse homem lindo sorriu para mim e tocou minha mão.

— Eu... — gaguejei ao encarar os seus olhos incrivelmente claros.

Pela primeira vez, desde os meus doze anos, quando o conheci, que não me vejo assim, tão próxima de Dallas. Naquele dia, eu estava assustada com um touro bravo que havia fugido do rebanho, quando ele surgiu de trás de uma cerca, como um verdadeiro herói para me salvar. Ele rapidamente se transformou em meu sonho romântico juvenil, como cantores de rock eram da maioria das adolescentes.

Daquele momento em diante, foram anos acumulando suspiros e um coração partido sempre que o via com alguma garota.

É, eu tinha que parar de sonhar acordada, dizia a mim todos os dias. Dallas saía com mulheres glamorosas, como Phoebe Wallace, a cheia de charme e dona da boutique superelegante, La Feme; Stella Brook, a extrovertida; Christine Johnson, neta da dona da floricultura local, e seu caso atual, Cora DeVine, a aeromoça voluptuosa.

Eu, bom, eu só era a Mandy, comum, complicada demais e com uma responsabilidade que acabou de fazer três anos.

Talvez as coisas pudessem ser diferentes, se oportunidades como essa de ficarmos sozinhos acontecessem mais, pensei ao dar dois passos em direção a ele. Quem sabe eu criasse coragem e pudesse...

— Xerife? — gemi baixinho, após ouvir a sineta tocar e a porta dupla abrir em um rompante — Temos um problema.

Foi como acordar de um sonho, como um dos muitos que tive com Dallas, refleti, frustrada.

— O que foi, Derek? — Um olhar duro tomou o lugar do olhar suave com que me encarava — Onde acontece o incêndio?

— É o Sr. Green... — informou seu assistente — causando confusão de novo.

O nome foi suficiente para fazer Dallas ajeitar o chapéu na cabeça e se afastar de mim. As bebedeiras e escândalos de Dylan Green tornaram-se lendárias na cidade. Constantemente ele passava a manhã, tarde ou noite inteira dentro de uma cela. Não que fosse perigoso, mas o único que sabia manter Dylan quieto e comportado era o xerife.

— Bem. Até logo, Mandy.

— Até logo, xerife.

Com a mesma velocidade que a decepção caiu sobre mim, a Sra. Chan surgiu com Jody no colo, exibindo um olhar reprovador, possivelmente por eu ter deixado uma grande oportunidade de conseguir a atenção de Dallas

escapar.

— Den-dy — Jody estendeu um prato de bolo para mim, exibindo um sorriso manchado de glacê — Jody ama Den-dy.

E quem poderia se sentir triste, com uma declaração tão sincera como a dela?

— E Mandy ama Jody.

Sua chegada foi assustadoramente inesperada, mas não conseguia mais imaginar a minha vida sem ela.

Capítulo 2

Acorda, Mandy!

Você precisa parar de sonhar acordada.

Com um suspiro preso em minha garganta, observei Dallas sair acompanhado de seu assistente.

— E aí, como foi? — A Sra. Chan colocou Jody sentada no balcão, pronta para me encher de perguntas, provavelmente uma mais constrangedora que a outra — Marcaram de sair? Você disse que o bumbum dele é...

Ela ergueu os dois polegares, sorrindo em aprovação ao traseiro do xerife, que eu precisava concordar: Dallas possuía o bumbum mais atraente do Texas. Falando sério, ele todinho simbolizava os desejos secretos de uma mulher.

— Sra. Chan! — adverti, sentindo meu rosto corar.

Eu sentia falta da época que eu entrava na lanchonete muda e saía calada. Pelo menos minha vida amorosa – ou a falta dela – não era analisada dessa forma.

— Os jovens de hoje são tão lerdos. — Ela revirou os olhos,

alisando o balcão — Na minha época...

— Na sua época — murmurei, pegando Jody, levando-a para o seu local seguro, onde poderia passar o dia sem que eu viesse a me preocupar enquanto trabalhava —, as pessoas eram muito mais recatadas que hoje.

A Sra. Chan sacudiu a mão no ar.

— Tudo bem, mas ele já teria me levado para tomar um sorvete e tentado passar as mãos nos meus peitos umas duas vezes.

Literalmente fiquei de boca aberta, enquanto ela voltava para a cozinha resmungando que eu nunca conquistaria o xerife se continuasse agindo como uma palerma. Comecei a rir e fui finalmente colocar a plaquinha de ‘aberto’ na porta. Não demorou muito para os clientes começarem a surgir. O primeiro deles foi James, o melhor e único mecânico da cidade. Foi o melhor amigo de Julienne na cidade, irmã de Dallas. Ele tinha um excelente relacionamento com a família Walker.

— Café sem açúcar e torta de maçã? — perguntei, anotando o pedido que eu sabia de cor.

— Uma mulher que sabe o que um homem precisa. — Ele piscou de forma sedutora, e eu sorri — Quando crescer, juro que me caso com você, Mandy.

Já havia perdido as contas de quantas vezes ouvi a mesma promessa, sem nenhum fundo de verdade. Exatamente todas as manhãs em que James

aparecia aqui para o desjejum. Se a declaração tivesse acontecido na época da escola, quando ele era um jovem magricelo e tímido demais para levar uma conversa fluída com alguma garota que não fosse Julienne, eu teria levado a proposta com mais seriedade. Mas agora, depois de anos dando duro na oficina, que assumiu logo após a morte de seu pai, e o tempo que deveria gastar malhando, fizeram de James um homem que não escapava dos olhares apreciativos das garotas que, um dia, ousaram olhar torto para ele.

— Dispensó o casamento — respondi sorrindo, ao buscar o bule de café — Mas ficaria feliz se me dissesse que encontrou a peça para a caminhonete.

— O que você deveria fazer é aposentar aquela sua lata velha — Ele me olhou com uma seriedade que me deixou preocupada — Não vai durar muito.

Se o meu mecânico afirmava que não era seguro andar por aí com a carcaça ambulante que eu chamo de carro, acho que devo mesmo me preocupar. Já estava pensando em trocar a velha caminhonete por algo melhor, até mesmo para a segurança de Jody, mas desde que ela chegou, meus gastos dobraram. Suas roupas e sapatos pareciam encolher a cada mês e precisava colocar na lista as vezes que ela ficava doente, prejudicando ainda mais o meu orçamento. Ah, agora, mais do que nunca, tenho que trocar o telhado, o que deveria ter feito há dois anos, se necessidades mais

importantes não tivessem surgido.

— Olha, eu vou até Houston nesse fim de semana. — Penso que minha cara de desolação se mostrou expressiva o suficiente para que James se compadecesse de mim e despertasse sua solidariedade — Acho que encontro as peças para você.

— Isso seria realmente incrível, James — agradei, servindo sua xícara — Vou pegar a sua torta. Foi feita essa manhã.

Todas as pessoas, vez ou outra, enfrentavam obstáculos na vida, e comigo não poderia ser diferente, mas eu sempre encontrava boas pessoas que facilitavam esse caminho de alguma forma. Primeiro, a Sra. Chan, por me dar um emprego onde pudesse manter Jody comigo. Os clientes no café, em sua maioria sendo residentes de Peachwood, tratavam-me com gentileza e amabilidade. Esse era um lugar onde todos se conheciam e meio que formavam uma grande e calorosa família. E só por isso já me sentia uma pessoa grata e afortunada.

— Ovos mexidos, tiras de bacon, salsichas fritas e suflê de chocolate. — Ergui meu olhar da caderneta de pedido, antes mesmo de poder anotar os três últimos itens.

— A Sra. Brandon não disse que está proibido de comer bacon e batata frita, Sr. Brandon?

Devido ao colesterol altíssimo, a Sra. Brandon controlava as

refeições do marido como um general. Há alguns meses, entrou como um furacão no café, com uma lista bem extensas de coisas que eu nunca deveria servir ao seu marido. E embora ela possuísse uma voz mansa e sorriso cordial, eu não era louca o suficiente de ignorar seus avisos, para ser convocada à sua casa onde me passaria um sermão de, no mínimo, uma hora, enquanto me fazia sentir a pior pessoa do mundo.

— A Sra. Brandon não está na cidade. — Ele resmungou, cruzando os braços como se me desafiasse.

Se meus avós estivessem vivos, acho que não me importaria se fossem como o casal.

— Ah, ela não está?

— Foi visitar nosso filho, você sabe que a mulher dele está para ter o bebê, e Marlene foi para lá ajudar — Ele se inclinou na mesa e fez um sinal para que eu me aproximasse — Sabe, Mandy, isso pode ser um segredinho nosso.

— Um segredinho nosso — repeti, em um tom conspiratório.

De jeito nenhum. Eu não daria até o fim dessa tarde para que a Sra. Brandon ligasse para o café e me exigisse os ingredientes de cada refeição que havia colocado no prato dele.

— Sim para os ovos — assinalei o item antes de continuar: — E sim para a maravilhoso rocambole de espinafre que a Sra. Chan acabou de tirar do

forno. E para recompensar, trago depois um belo pedaço de torta de pêssego.

— Espinafre? Veja se eu tenho cara de quem come espinafre, mocinha. — Para um novato, o olhar encolerizado e rosto vermelho do invocado velhinho poderiam ser intimidadores, mas não para mim — Veja, chame a Chan. Ela precisa saber que seus clientes não são bem tratados aqui.

— Você tem certeza? — Ergui a sobrancelha e cruzei os meus braços, abrindo um sorriso para ele — A Sra. Chan, com toda certeza, irá cortar a torta de maçã.

No fundo, ele sabia que sua tentativa em me intimidar não alcançaria o resultado desejado. Chan e Marlene Brandon eram amigas de longa data. E minha chefe adorava pegar no pé do Sr. Brandon, com a esposa dele dando, ou não, munições para isso.

— Pensando bem, a Chan deve estar bem ocupada — disse ele em um tom impressionantemente brando — Vou aceitar os ovos, o rocambole de espinafre e dois pedaços de torta de pêssego.

— Sr. Brandon... — iniciei, pronta para voltar a argumentar.

— Vou levar para o jantar, sua pequena intrometida — bufou ele, antes de resmungar — Os jovens de hoje não sabem a importância que cabelos brancos têm.

Visto que ele possuía uma calvície proeminente e bem poucos cabelos brancos, apenas sorri e me afastei, rindo, para providenciar seu

pedido.

O café não ficava sempre cheio, mas pessoas entravam e saíam o tempo todo. Vi a sineta tocar e um casal acompanhado de duas crianças se dirigiram a uma das mesas. Forasteiros, disse eu tinha certeza.

Peachwood ficava na rota da interestadual e constantemente pessoas paravam por aqui para pedir informação, usar a oficina mecânica de James ou comer alguma coisa.

— Boa tarde. — Me aproximei da mesa para fazer os pedidos — O que gostariam?

A mulher, assim como as crianças, não desviou os olhos fixos na mesa para olhar para mim. O homem, em compensação, me varreu dos pés à cabeça, dando um sorriso apreciativo que eu não gostei.

Já atendi clientes homens que ousaram dar o seu telefone ou me passaram uma cantada barata. Trabalhar em um café, mesmo que em um condado pequeno como esse, nos deixavam suscetíveis a isso. Mas nenhum deles era casado ou estava acompanhado.

— Uma cerveja, gracinha — disse o homem, e percebi que sua fala já se encontrava enrolada.

— Não servimos bebidas alcoólicas, senhor.

Para isso havia o bar country do outro lado da rua, que ficava aberto vinte e quatro horas.

— Mas o senhor pode ir ao Hell, que fica...

— Aquela espelunca? — esbravejou ele, fazendo tanto as crianças quanto a mulher se encolher no lugar — Já estivemos lá, aqueles caipiras não sabem como atender as pessoas.

Pela educação do senhor em questão, acho que o gerente não deve ter é tido paciência de lidar com alguém como ele. Embora uma vez ou outra acontecesse, aqueles “caipiras” não gostavam de confusão.

— Então, traga refrigerantes, dois hambúrgueres e batata frita.

Anotei o pedido com pressa, querendo me afastar dele o mais rápido possível. Se pessoas carregavam mesmo algum tipo de cor de energia, eu poderia dizer que a desse homem era muito escura.

Ajudei a Sra. Chan na preparação dos pedidos, e antes de entregar dei uma olhada em Jody, que brincava, meio sonolenta, em seu cercado. Faltavam apenas três horas para que eu encerrasse meu turno, e estava tão cansada quanto ela. As sextas-feiras são cansativas, por serem final da semana, e pelo maior fluxo de pessoas e pedidos também.

Depois de atender os viajantes e aguentar mais uma vez os olhares lascivos do homem, me refugiei atrás do balcão. Limpei, organizei e reabasteci os potes de açúcar e sal. Troquei os frascos de ketchup, mostarda e maionese. Estava abrindo uma nova caixa de guardanapos, quando vozes exaltadas chamaram minha atenção.

Um dos garotos, o mais novo, pelo que parecia, derrubou refrigerante na mesa, sujando sem querer a calça do pai. Rapidamente peguei um bolo de guardanapo de papel e me dirigi até a mesa deles, para ajudar.

— Seu garoto retardado! — O grito do homem contra o menino me fez paralisar no lugar — Olha o que você fez!

Assisti, atônita, o homem erguer a mão fechada em direção ao menino, que só não levou um grande soco no rostinho assustado porque a mulher entrou na frente, levando o golpe por ele.

— Sua cadela! — A fúria do maldito covarde agora estava sobre a mulher — Já avisei para não se intrometer. Por isso ele é um mariquinhas.

E quando ele segurou a mulher assustada pela garganta, fui obrigada a reagir.

— Não faça isso!

O senhor Brosnan, que ainda estava no café, apesar de já ter terminado sua refeição, saltou da mesa.

— Não seja covarde, meu jovem — disse ele, exaltado — Não é assim que se trata uma mulher e crianças.

— Cala a boca, velhote! — disse o homem, raivoso.

Emiti um grito acuado quando o vi empurrar o Sr. Brosnan para longe, que caiu sobre uma mesa em um baque estridente.

— O senhor está bem? — indaguei, quase sem fôlego ao correr até

ele.

Ele se ergueu lentamente, gemendo, e o ajudei a ocupar uma cadeira. Virei em direção ao monstro que tinha voltado a soltar sua fúria na esposa. Nesse momento, Chan saiu da cozinha com uma grande e pesada frigideira. O pânico de que o mesmo que aconteceu ao Sr. Brosnan pudesse acontecer com ela me fez voar para junto dela.

— Não, Chan! — Tirei a frigideira pesada de sua mão — Vá até a delegacia e chame o xerife.

Uma verdadeira confusão se instaurou no café. Brosnan, mais humilhado do que realmente ferido, se enfurecia a cada nova cena agressiva que via. As duas crianças choravam abraçando uma a outra, encolhidas contra a mesa. E até Jody começou a chorar, assustada, gritando por mim.

— Vá, Sra. Chan! — Empurrei-a em direção à saída.

Eu sabia que ela queria enfrentar o grandalhão e dar uma bela lição nele. Mas alguém precisava agir sensatamente. Diante de nós estava um touro furioso e embriagado. Não admitiria que a Sra. Chan fosse machucada. Antes, o covarde metido a valentão teria que me derrubar.

— Você é uma estúpida que nunca aprende — Vi sua mão se erguer no ar e atingir o rosto da mulher, que já possuía um enorme hematoma na face esquerda, que eu não sabia se foi da agressão anterior ou de outras antes dessa.

Eu estava farta e com muita revolta de como o troglodita se comportava com os mais frágeis que ele.

— Pare com Isso! — Segurei o cabo da frigideira com mais força ou me aproximar — O xerife está chegando.

Não sei se foi o objeto que usava como arma, o grito que dei ou a ameaça da chegada do xerife que o fez se afastar da mulher. Mas não pude respirar aliviada. Agora, a atenção do homem nojento estava focada em mim. Minhas mãos tremeram, e o ferro pesado fazia meus pulsos começarem a doer.

— Olha só, gracinha — balbuciou ele, dando um passo largo e vacilante em minha direção — Sei bem como tratar uma belezinha como você.

Não foram suas palavras asquerosos e a forma repugnante que me encarava que me levaram a agir, mas o choro dos inocentes atrás dele e os gritos assustados de Jody. Ergui a frigideira o mais alto que consegui, e quando o homem se aproximou mais, o atingi com toda força na testa.

Ele levou a mão à cabeça, onde um corte começava a sangrar, como se fosse uma torneira aberta.

— Sua... sua... — Ele cambaleou de um lado para o outro — Sua cadela maldi...

Assisti-o cair sobre uma mesa com meu olhar arregalado. O cabo

deslizou pelas minhas mãos, caindo pesadamente no chão. Estava petrificada no lugar.

— Meu Deus! — gritou a mulher, olhando incrédula para mim —
Você o matou.

Você o matou!

Você o matou!

Você o matou...

A declaração ricocheteava na minha cabeça, enquanto eu dava pequenos passos para trás. As perguntas surgiam como flashes, me deixando desnorreada.

O que aconteceria agora? Eu seria presa? O que seria de Jody sem a mãe e, agora, também sem mim?

Mesmo que tivesse sido em legítima defesa, ou não, eu havia matado uma pessoa.

Minha mente rodava e rodava como se eu tivesse sido jogada em um liquidificador gigante. E cada vez que olhava para o corpo esparramado em cima da mesa, sem vida, uma grande onda de pânico me dominava.

— Mandy?

Minha vista já começava a escurecer, quando vi Dallas entrar no café. E seu rosto preocupado foi a última coisa que vi, antes de perder a consciência em seus braços.



Acordei tão assustada que o meu salto fez com que caísse da estreita cama onde me encontrava.

— Jody!

Olhei em volta, tentando me orientar. Vi as paredes cinzas e a lâmpada, que quase me cegou, fixada no teto. Uma pia e um vaso sanitário à minha esquerda. Mas o que me fez gemer e começar a chorar baixinho foi ver as grades grossas à minha frente.

Eu tinha mesmo sido presa e era uma criminosa que passaria o resto dos dias pagando por ter tirado a vida de outra pessoa, mesmo que fosse de alguém tão vil como aquele homem.

— Xerife! — gritei, ao agarrar as grades com força — Xerife.

Como um homem da lei, Dallas deveria ter uma ideia do que aconteceria comigo, e eu ansiava saber qual seria o destino de Jody.

Será que procurariam Glenda? Ou a enviariam a um orfanato?

— Oh, meu Deus! — As lágrimas desciam como um rio pelo meu rosto, enquanto eu soluçava — Pobre Jody.

— Xerife!

E em meio ao meu pranto desesperado, vi Dallas surgir. Era impressionante como o uniforme, sem muitos atrativos de xerife, caía

perfeitamente bem nele. A camisa onde a estrela brilhava em seu peito parecia ter sido feita sob medida, as mangas ajustadas evidenciavam os braços musculosos. O cinto com a fivela de prata, em volta da cintura, destacava suas raízes de cowboy. A calça justa e as botas de cano longo completavam o visual.

Eu não deveria estar pensando em como o Xerife Walker conseguia ser sexy, inegavelmente atraente, e que mesmo na situação desesperadora que me encontrava, Dallas conseguia fazer o meu coração palpitar em meu peito.

— Mandy...

— Xerife, eu não quis fazer aquilo — Pressionei o rosto contra a grade fria — Quer dizer, eu quis...

— Mandy — sua mão cobriu a minha em volta das barras de ferro, e eu não consegui segurar o soluço.

— Eu só quis nos defender — murmurei, angustiada — Agora estou presa, porque matei um homem e a pobre da Jody irá perder a única pessoa que se importa com ela.

Fechei os meus olhos, enquanto um aperto em meu peito fazia meu coração diminuir.

— Mandy? — Sua voz carinhosa e o afago que dava em minhas mãos me impeliram a voltar a encará-lo, mesmo que pouco visse através de minhas lágrimas — Você não matou ninguém. Embora, se tivesse feito isso,

seria uma boa contribuição para o mundo.

Parei de fungar e o olhei sem conseguir acreditar.

— Não?

Ainda vivenciava um péssimo momento, para ele me presentear com um sorriso que me fazia esquecer de algo tão simples como respirar.

— M...mas eu o vi caído e sangrando — gaguejei, aproveitando que ele liberou minha mão para secar meu rosto com força — E eu... eu estou presa.

Dallas passou a mão no rosto e cobriu a boca, no que eu esperava não ser uma tentativa de esconder um sorriso.

Dallas Walker, o respeitado xerife de Peachwood, estava rindo de mim!

— Klein não está morto e você não está presa — esclareceu ele, dando nome ao homem que eu tinha atacado e dando dois passos para longe — Era só ter empurrado a porta, Mandy.

Todo mundo já passou por um momento constrangedor na vida, mas se existir essa categoria no Livro dos Recordes, com certeza eu ocuparia o primeiro lugar.

Empurrei a porta vagorosamente, para constatar que Dallas falava a verdade. A porta esteve destrancada o tempo todo, eu só precisava empurrar e sair da cela.

— Mas, e aquele homem? Eu o atingi com a frigideira.

— Foi levado para o Centro Médico — respondeu Dallas, quando me juntei a ele no corredor — Levou alguns pontos e será enviado à penitenciária. Não é a primeira vez que agride a mulher, os filhos e ameaça outras pessoas. Estava solto sob condicional, mas seus dias fora da cadeia duraram muito pouco.

Eu ainda não conseguia entender por que, mesmo não estando detida, estava na delegacia e aquele homem inescrupuloso acomodado em uma confortável cama de hospital.

— Você desmaiou, Mandy — disse ele, como se fosse capaz de ler minha mente — Eu a trouxe para a delegacia e Derek levou Klein para tratar o ferimento na cabeça. Não achei que o centro médico fosse grande o suficiente para manter uma distância segura entre você e aquele homem.

O Centro Médico de Peachwood se resumia em um pronto socorro minúsculo, dois quartos com leito e área de medicação. Qualquer emergência mais grave, ou necessidade de cirurgia, precisava ser encaminhada a Houston ou alguma outra cidade grande mais próxima. Seria realmente quase impossível não esbarrar em Klein em algum momento.

— Klein sairia com muito mais do que alguns pontos na testa — disse ele, em um tom tão duro quanto seu olhar — Se ao menos imaginasse dirigir uma única palavra a você.

Oh, meu Deus!

Dallas Walker, o homem que habitava os meus sonhos mais secretos e impossíveis, me trouxe até a delegacia porque se preocupava com meu bem-estar e segurança?

Eu contava com o apoio e carinho diário da Sra. Chan, mas fazia muito tempo que não recebia de alguém, a quem considerava muito, tal atenção e cuidado. E, com isso, a gravidade do que ocorreu nessa tarde caiu sobre minha cabeça, me fazendo estremecer.

— Você foi corajosa, Mandy. — Ele me puxou para um abraço, e me senti tão segura e protegida dentro de seus braços — Mas nunca mais pense em fazer algo como isso outra vez. Poderia ter se machucado.

Agi sem refletir na gravidade das minhas ações, mas não conseguiria ver a mulher e crianças inocentes sofrerem e ficar imune a isso, mas o melhor seria que no momento Dallas ignorasse isso.

— E a Jody? — Me afastei dele, preocupada — Onde está a Jody?

— Vem comigo — Ele me afastou com gentileza.

E eu o acompanhei pelo curto corredor, passando pelas outras duas celas vazias que existiam ali. Vi Derek em sua mesa, ele tirou o olhar da papelada que estava preenchendo e ergueu o polegar para mim, e a Sra. Tyree, escritã, estava ao telefone, mas me deu um sorriso simpático.

Segui para a sala do xerife e as surpresas do dia não haviam

acabado. No chão, sob um amontoado de cobertas e lençóis, formando uma cama improvisada, estava Jody. Ao lado de seu corpo, o porta-caneta de Dallas, muitas folhas de papel riscadas e outra amassada, que ela levava à boca.

— Não, Jody — alertou Dallas, se aproximando dela, e com uma delicadeza que eu nunca imaginaria que ele fosse capaz de ter, tirou o papel de suas mãos — Isso não é de comer.

Na verdade, Jody rabiscar as folhas de papel não gerava mais interesse para ela, mastigá-la se mostrava mais interessante, mas Dallas não a conhecia o suficiente para saber o que a empolgava ou entediava.

— Den-dy! — Quando seus bracinhos se esticaram em minha direção, tive certeza que nunca encontraria no mundo um sorriso mais feliz e sincero que o dela — Den-dy tá dodói?

Avancei em sua direção e a puxei para um abraço apertado. Suas mãozinhas gorduchas tocaram meu rosto e novamente senti vontade de chorar, mas, dessa vez, porque meu peito transbordava de amor.

— Moço feio.

“Moço feio”. Duas palavras novas. Então, olhei para Dallas com curiosidade.

— Eu disse que o moço feio não iria fazer mal a ela — Ele deu de ombros, pigarreou e foi em direção à mesa, onde ocupou sua cadeira — Você

precisa fazer uma acusação formal contra o Klein.

A seriedade em seu rosto mostrou que o modo xerife estava novamente ligado.

— Mas, devido às circunstâncias — avisou ele — Todo o estresse que teve no dia, podemos adiar até amanhã. O Dr. Glover disse que só precisa de descanso.

— O Dr. Glover? — indaguei, surpresa.

O simpático senhor era o único médico do condado, e atendia os residentes há mais de trinta anos.

— Pedi que viesse dar uma olhada em você — Ele apontou para a minha sobrinha em meus braços — E, principalmente, na Jody.

Durante o surto agressivo de Klein no café, minha preocupação maior era que ninguém mais, além de sua esposa e o Sr. Brosnan, fossem machucados. Mas não conseguia esquecer o quanto o evento tinha assustado Jody. Saber que Dallas havia se importado com ela, a ponto de pedir que o médico a examinasse, mexeu mais comigo do que ter feito o mesmo por mim.

— Obrigada, Xerife.

Ele coçou a cabeça, no que parecia ser um gesto encabulado.

— Eu a conheço desde menina e vou ao café todos os dias — murmurou ele — Acho que pode ser apenas Dallas, ok?

Assenti porque, para variar, ao lado de Dallas, eu perdia a

capacidade de articular frases inteligentes.

— Bom... — ele se levantou — Vou pedir que Derek leve vocês.

Mordi a bochecha, esperando que a decepção em ser jogada aos cuidados do assistente do xerife não tivesse ficado tão evidente em meu rosto.

O que eu esperava?

Que alguns minutos de atenção e carinho do xerife comigo fossem nos transformar em um casal apaixonado de uma hora para outra?

Isso apenas fazia parte do ofício dele. Dallas exercia a função com rigor e pulso firme, mas sempre se mostrou cuidadoso com todos os moradores do condado.

— Claro. Obrigada por tudo, xerife... — Ajustei Jody em meu colo — Digo, Dallas.

Eu não poderia vê-lo apenas como Dallas. Para mim, ele teria que continuar sendo o xerife, a quem eu continuaria a admirar apenas de longe, pois, aos olhos dele eu seguia sendo apenas Mandy.

Eu nunca fui nada mais para ninguém do que a tímida e sem graça Mandy.

Capítulo 3

Dallas

Eu a vi sair apressadamente da delegacia. Jody se contorceu no colo de Mandy, colocou o queixo sobre o ombro dela e abriu um sorriso encantador para mim, enquanto abria e fechava os pequenos dedos gorduchos em despedida.

Meu atual contato com crianças, após ter ajudado a cuidar de Julianne desde que nasceu, vinha da filha de nossa irmã Paula – que descobrimos há pouco tempo que era nossa irmã – e Benjamin, o bebê de minha prima Penelope, quando ela chegou à fazenda, sentindo-se frágil e destruída, tentando curar seu coração ferido pelo pai de seu bebê.

Com a ajuda de meus irmãos, meu pai e Charlote, a nossa madrastra, cuidamos dela, física e emocionalmente. Sempre vigilantes para que nunca lhe faltasse nada, principalmente amor e carinho. Movemos céus e terras para que o bebê, ainda em seu ventre, se sentisse protegido e amado. Acompanhamos grande parte da sua gestação e, ao lado de meus irmãos, a levamos para o hospital quando sua bolsa estourou antecipadamente, no meio da noite. Eu praticamente vi o menino nascer.

Foi um período inicialmente conturbado e angustiante porque Ben

nasceu com um grave problema de saúde. Mas a tristeza maior veio para todos nós, particularmente para Austin, o mais apegado ao bebê, foi quando presenciamos os dois partirem de volta para New York. Agora, Penelope estava feliz, havia acertado suas diferenças com Adam, casado com ele, e acabaram de ter uma menina, a pequena Amy, que só vi por vídeo e fotos, e que eu esperava conhecer pessoalmente em breve.

— Ela é um pouco doidinha, né, Xerife? — Derek perguntou com humor ao se colocar ao meu lado, nem tinha percebido que ele já havia retornado — Sabe, a Mandy.

Meu contato com Mandy não ia muito além das minhas visitas ao estabelecimento de Chan todos os dias, para o café da manhã e às vezes para o almoço. No passado, o pai de Mandy costumava fazer negócios com o meu. Às vezes, via Mandy pela fazenda, e em uma delas, a ajudei a escapar de um touro furioso que havia escapado do pasto.

Eu estava saindo da escola quando ela terminou o ensino primário, e nunca mais a vi durante o período que estive na faculdade. Mas eu, assim como todos no condado, conhecíamos sua história.

— Ela é uma garota incrível — disse a ele, em um tom duro e repreensivo — Foi corajosa hoje ao enfrentar um homem daquele tamanho. E o que faz pela sobrinha diz muito sobre o caráter dela. Não quero mais ouvi-lo se referir à Mandy assim, Derek.

Sim, num pequeno condado como Peachwood, onde todos se conheciam, fofocas rolavam mais rápido que tiro de revólver. Mandy era vista como inocente, um pouco atrapalhada, e mesmo que não tivesse conhecimento, a queridinha da cidade. Todos admiravam que, mesmo sendo tão jovem, tivesse pegado para si a responsabilidade de dar um lar feliz à sobrinha, quando nem a mãe da menina havia se importado com isso.

— Certo. Você tem razão — Derek pigarreou e arrastou um dos pés no chão de madeira — Desculpe. Não tinha intenção de fazer uma observação ofensiva.

Derek era meu assistente. Quando estou de folga, ou preciso me ausentar da delegacia por um tempo maior, ele assume o comando em meu lugar. É um bom rapaz, teve um arranca-rabo com minha irmã Julianne, antes que ela fugisse também para New York, tentando escapar de nós, seus irmãos extremamente zelosos, e devo admitir, um pouco... Ok, talvez, muito controladores. Mas Julianne era nossa irmãzinha, era nossa obrigação protegê-la, e não importa que agora estivesse casada com Liam. Vamos sempre ficar de olho nela. Era assim que os homens da família Walker agiam. Cuidamos de nossas terras, protegemos e amamos nossas mulheres, mesmo que elas lutem contra isso.

— Humm, Xerife? — Derek me interpelou alguns segundos antes de me dirigir à minha sala — Cora ligou antes dessa confusão toda acontecer,

pediu que fosse até a casa dela.

Cora DeVine, a mulher com quem venho saindo há alguns meses. Cabelos castanhos acobreados, quadris avantajados e um belo par de seios me mantiveram ao lado dela por um tempo maior do que o habitual, mas assim como a maioria dos casos que tive durante toda a minha vida, começava a me fazer perder o interesse. Não era que eu apenas pegasse as mulheres, as levasse para a minha caminhonete ou cama, as fodesse até nossos corpos suarem e partisse para a próxima. Bem, durante minha adolescência e tempo na faculdade havia sido dessa forma mesmo. Contudo, já fazia algum tempo, desde a passagem de Penelope pela fazenda, que eu pensava no “*algo mais*.”

— Ela disse o que queria?

Derek coçou a cabeça e voltou apressadamente até sua mesa, procurando algo na bagunça de papéis. Ele não era o melhor assistente que um xerife poderia sonhar, mas não havia muitas opções ou pessoas se candidatando ao cargo.

— Ah, sim! — Ele ergueu uma folha onde tinha rascunhado alguma coisa que, provavelmente, só ele mesmo conseguiria entender — Algo sobre uma torneira?

O encanamento de Cora vivia dando problema, foi dessa forma que nosso caso começou, quando dei um jeito no grande vazamento que havia acontecido em sua cozinha. Em vez de ligar para o único encanador da

cidade, ela tinha pedido socorro na delegacia, avisando que precisava de ajuda, urgente. Dei um jeito em sua torneira, e como agradecimento, acabamos nus em sua cama. Às vezes, acho que usa o encanamento ruim, que já avisei que deveria trocar, como outros detalhes em sua casa que precisavam de reparos, como desculpa para me atrair. A estratégia havia dado certo no começo, ambos achávamos divertido, mas eu começava a ansiar por mais, e não tinha nada a ver com sexo. Como se eu tivesse carrapatos agarrados em meu traseiro, me fazendo pular no lugar. Eu só não conseguia encontrar ainda o que eu tanto procurava.

— Vou vê-la quando sair daqui — disse a ele, antes de fechar a porta da minha sala — Agora, vou finalizar a transferência de Klein.

Fechei a porta, e em vez de seguir para a minha mesa, fui até a janela, onde puxei a persiana. Do outro lado da rua, estava o Café da Chan. Vi algumas pessoas entrando e outras saindo, parecia mais movimentado que o habitual.

O dia agitado de hoje veio à minha cabeça. Em Chan entrando, gritando, dizendo que seu café estava sendo atacado. No choro de Jody, que ouvi assim que abri a porta e, por fim, Mandy com uma pesada frigideira na mão, me encarando com o olhar horrorizado.

Consegui ser rápido o suficiente para impedir que ela desabasse no chão quando desmaiou, e com ela em meus braços, dei ordens para que Derek

algemasse o agressor inconsciente e bêbado, antes de levá-lo ao hospital para cuidarem do ferimento em sua cabeça. Ordenei que a escrevente auxiliasse a mulher e as crianças assustadas do infeliz e que a Sra. Chan pegasse Jody, levando-a para a delegacia. Não era um ambiente para um bebê, mas as celas estavam vazias e eu sabia que Mandy iria querer ver a sobrinha quando acordasse.

Após isso, levei Mandy para o único lugar que achei que poderia ficar razoavelmente confortável, até que o médico pudesse vir atendê-la: uma cama dentro da cela, enquanto interrogava a Sra. Klein.

Puxei a ficha do marido dela e descobri que o homem teve outras denúncias de agressões. Inclusive tinha acabado de sair em liberdade, há poucos dias, após pagar fiança. Infelizmente, existiam muitos casos como o dela, mulheres vivendo violência doméstica e temerosas em denunciar o marido. Contudo, consegui convencê-la de que, dessa vez, e por todo histórico do marido dela, dificilmente Klein sairia da cadeia tão cedo. E mesmo que ela tivesse medo de acusá-lo, o que ele fez no café já agravava bastante o caso dele. No fim, ela fez um relato de cinco páginas à escritã, que garantiria a Klein belos anos na cadeia. Sua esposa, que logo seria ex, poderia recomeçar em paz a vida com seus filhos.

Afastei-me da janela e meus olhos caíram no chão onde há pouco tempo Jody estava. Peguei as folhas rabiscadas, o porta-canetas que dei a ela

para se distrair, e sorri. Assim que o médico disse que Mandy estava bem e que só precisava de um pouco mais de descanso, Chan simplesmente jogou a menina nas minhas mãos, dizendo que precisava voltar para cuidar do café, já que Mandy não estaria lá.

Inicialmente fiquei em pânico, tendo a menina em meus braços, tentando puxar meu chapéu ou a estrela em meu peito. Quis que Derek ou a Sra. Tyree cuidassem dela, mas ambos inventaram alguma desculpa tola para escapar. Acabei levando Jody para minha sala. Não deveria ser tão difícil cuidar de um bebê por algumas horas, afinal, já tinha feito isso antes, não era algo que se esquecia, não importava quantos anos se passassem, certo?

Eu estava indo bem com a menina até Mandy acordar, achando que estava presa. Mais uma vez sorri. Derek tinha razão, ela era mesmo atrapalhada. Mesmo que eu não fosse permitir que ele se referisse a ela dessa forma novamente, tinha que admitir esse fato. Acho que sentir falta de Julianne fazia meu instinto protetor ficar em alerta. Afinal, elas tinham quase a mesma idade. Contudo, resolvi parar de pensar em Mandy e focar minha atenção em meu trabalho.

Cuidei de todos os detalhes para que Klein fosse transferido sem grandes problemas, finalizei as últimas pendências do dia e deixei a delegacia rumo à casa de Cora.

— Essa remenda dará jeito por algum tempo — disse a ela,

escorregando de debaixo da pia — Mas você precisa pedir a Rox para dar uma olhada no encanamento.

Primeiro vi seus pés delicados, de unhas pintadas de vermelho, e meu olhar foi subindo para apreciar a panturrilha delicada, as pernas bonitas que a camisola mal cobria, uma mão pousada no quadril e a outra mexendo uma corrente que caía entre os seios, relevados pelo decote generoso da camisola.

— Então, eu não teria por que pedir ajuda ao meu cowboy favorito — O sorriso vinha acompanhado de lábios brilhosos e sensuais.

— Sabe que não precisa usar de artifícios como esses para que eu venha até aqui.

Se eu não estiver ocupado com o trabalho, havia sempre um espaço para transar.

Segurando sua cintura, a conduzi até a parede, pressionando seu corpo contra o meu.

— É só me pedir — afirmei, deslizando meus dedos por seu corpo, sob o cetim, até cravá-los em suas coxas.

Afastei os cabelos de seu pescoço e pressionei minha boca ali. Ouvi-a soltar um suspiro ao se agarrar em meus braços. Com uma mão, continuei a acariciar sua coxa e com a outra, pressionei seu seio, enquanto buscava sua boca para um beijo.

Cora sofregamente abriu os botões de minha camisa, arrancando-a do meu corpo, conforme nosso beijo foi ganhando mais intensidade. Agarrei a barra da camisola, livrando-a do corpo dela.

Ergui sua coxa, encaixando sua perna em minha cintura.

— Dallas! — Ela gemeu meu nome quando esfreguei meus dedos em sua boceta, que começava a umedecer.

Enfiei dois dedos dentro dela, enquanto esfregava seu clitóris com o polegar. Seu quadril ondulava em minha direção, se oferecendo para mais. Voltamos a nos beijar e logo senti as mãos de Cora em minha calça. Seus dedos ágeis abriram a fivela do cinto, desceram o zíper e em poucos segundos meu pau, já ereto, estava pulsando em suas mãos.

— Dallas... — Ela ronronava, com meus dedos fodendo sua boceta e meus lábios exigentes em sua boca.

Afastei-me um pouco, tirando suas mãos de mim, e me abaixei para mamar em seu seio, como um recém-nascido faminto. Isso a fez convulsionar em meus braços e gemer, desnorteada. Segurei e puxei seu lábio inferior com meus dentes, tornando a beijá-la. Depois ajoelhei, percorrendo seu corpo com as minhas mãos. Segurei a lateral de sua calcinha, tirando-a dela. Flexionei sua perna, colocando sobre meu ombro, tendo, assim, um acesso melhor para que pudesse foder à vontade sua boceta molhada com a minha boca, e foi o que fiz. Lambendo, chupando, introduzindo minha língua dentro dela.

— Humm... — Ela agarrou meus cabelos, forçando-me mais para ela — Assim...

Segui massageando seu clitóris com minha língua e voltei a socar os meus dedos dentro dela.

— Dallas! — Olhei para cima, após vê-la gritando meu nome, e vi suas mãos espalmadas contra a parede, enquanto seu rosto começava a se contorcer de prazer — Ahh...

Seu ventre tremia e ela molhava um pouco mais minha mão com sua boceta, tomada pelo prazer. E enquanto Cora tentava se recuperar do orgasmo, aproveitei para me livrar do resto de minhas roupas, buscar um preservativo e colocá-lo em seguida. Quando ela abriu os olhos, sorri de um jeito sacana e a virei de frente para a parede.

— Ai, senhor — Cora gemeu, quando puxei seu traseiro para trás e em uma investida rápida e profunda soquei meu pau para dentro dela — Dallasssss...

Fodi-a com força, meu quadril batendo duro contra o traseiro dela a cada golpe de meu pau em sua boceta. Os gemidos foram crescendo na mesma velocidade que eu ia de encontro ao prazer dela. No fim, gozamos juntos, tendo nossas respirações aceleradas.



Depois da cozinha, fomos mais uma vez no chão da sala e no sofá. Estava vestindo minha camisa, quando Cora surgiu com as minhas botas.

— Tem certeza de que não quer ficar? — sugeriu ela, sentando-se de um jeito sensual ao meu lado — Sabe que não sei cozinhar, mas podemos sair para jantar e...

Não era necessário continuar. Seria comida e mais sexo. Éramos bons como parceiros de cama, mas fora dela, não tínhamos muito em comum. Ela era comissária de bordo, em uma companhia aérea em Austin, vivia viajando pelo mundo, e pensava algum dia em mudar-se definitivamente para a cidade grande. Eu nunca sequer pensei em ir embora da fazenda, quanto mais de Peachwood.

— Tenho que dar uma força para meus irmãos amanhã, na fazenda — respondi, e não era uma desculpa qualquer para dar o fora, não agia assim — Vamos trocar o gado de pasto, depois, enrolar o feno. Só passei para dar um olá.

— Foi um belo olá, Xerife — disse Cora, passando a mão em meu peito — É uma pena, mas fui escalada para alguns voos internacionais, não tenho data para retornar.

Essa era a vida de Cora, voando por aí, enquanto eu tinha os meus dois pés e o corpo todo fincados na fazenda, delegacia e Peachwood.

— Se cuida — Beijei a testa dela ao me levantar.

— Eu sempre me cuido, Xerife.

E como na maioria das vezes, acabava assim, pensei, ao ocupar o banco de motorista da viatura. Sexo e cada um para o seu lado, seguindo com suas vidas. Foi conveniente no início. Sem cobranças, sem brigas desnecessárias, mas, então, por que a frieza de tudo isso agora começava a me incomodar? Vinha sentindo algo com que nunca me preocupei, a sensação de vazio que vinha depois de uma boa foda, e eu nem sabia dizer ainda o que isso significava.

E estava tão entretido em tentar me autoanalisar, que quase passei direto pelo carro parado na estrada escura, que levava à fazenda.

Reconheci a placa assim que desci do carro.

— Droga! — murmurei ao descer.

Andei duramente até a caminhonete.

— O que está fazendo aqui, Mandy?

Ela se ergueu rápido demais, batendo a cabeça no capô erguido.

— Ai... — lamentou, passando a mão na cabeça — Xerife, o que faz aqui?

Derek tinha razão, Mandy era atrapalhada, assim como um ímã para confusão.

— O que *you* faz aqui? — indaguei em um tom seco demais, que, claro, a fez recuar — Não disse que era para ir direto para casa?

Vi-a respirar fundo e passar a língua na bochecha. O movimento me fez pensar em algo não muito decoroso, e rapidamente obriguei meu cérebro a bloquear a imagem. Não era certo dirigir a Mandy qualquer pensamento que não fosse fraternal. Além disso, porra, eu tinha praticamente acabado de transar com a Cora.

— Você sugeriu...

Não, eu tinha passado uma ordem que, claramente, Mandy havia ignorado.

— Mas depois de tudo o que aconteceu, a Sra. Chan precisava de ajuda, principalmente porque depois que a notícia se espalhou, muitas pessoas queriam falar comigo.

Isso explicava a movimentação no café que vi através de minha janela.

— Nunca tive que ver e falar com tantas pessoas — disse ela, soltando um risinho nervoso — Mas Chan quase triplicou o caixa hoje. Até irá me dar um bônus. Que será muito bem-vindo agora.

Ela apontou para a caminhonete e eu me aproximei do carro.

— O que aconteceu?

— Bem... ela soltava alguns ruídos há alguns dias — explicou ela — Hoje ficou mais alto e, de repente, parou.

Inclinei para dar uma olhada, mexi em algumas peças, mas ao que

parecia, esse era um mistério que só James conseguiria desvendar, isso se a caminhonete velha tivesse conserto.

— Onde está a Jody?

— Dormindo lá dentro.

Baixei o capô e fui em direção à porta de passageiro. A menina dormia em sua cadeirinha de bebê, agarrada a um cavalo de pelúcia.

— Pegue as suas coisas — disse, quando tirei Jody de dentro do carro — Vou levar vocês para casa.

Mandy abriu e fechou a boca.

— Não pode só arrumar o carro? — pediu ela, me seguindo até a viatura — Não posso deixar a caminhonete aqui. Ao menos, você pode ligar para o James?

Eu que não podia, ou deixaria, as duas em uma estrada escura nem mais um minuto além do que já haviam ficado.

— Não ligou para ele?

— Fiquei sem bateria no celular — disse ela, envergonhada.

— E há quanto tempo estão aqui?

— Um pouco mais de uma hora.

Deus do céu! Mandy e a menina tinham ficado esse tempo todo na estrada? Embora Peachwood fosse tranquila, pessoas ruins poderiam surgir em qualquer lugar, Mandy tivera uma prova disso mais cedo.

— Cuido disso depois, Mandy — avisei a ela e coloquei Jody no banco de trás — Agora preciso tirar as duas daqui. Não é seguro, e sua sobrinha deve estar muito desconfortável nessa cadeira.

O dia deve ter sido cansativo para ela, que apesar de estar dormindo, completamente alheia ao mundo à sua volta, Jody poderia despertar chorando a qualquer momento. Foi isso ou minha cara fechada que fez Mandy retornar ao seu carro, para pegar a bolsa dela e as coisas da menina.

— Está zangado comigo? — indagou ela, após quase cinco minutos de estrada onde nenhum de nós soltou uma palavra.

Respirei fundo antes de responder:

— Não com você, exatamente — respondi, desviando o olhar rapidamente do caminho para olhar para ela — Mas pelo risco que correu. Ainda mais depois do dia de hoje. Custava fazer o que pedi?

— Já disse que Chan precisava de mim — rebateu ela, fazendo-me perguntar onde a pacata Mandy havia se escondido — Não iria virar as costas.

A convivência, mesmo mínima, nos fazia acreditar que conhecíamos as pessoas. Sempre vi Mandy como uma garota gentil, ou a tímida funcionária do café. Mas ela me surpreendeu pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas.

Claro que Mandy só voltaria para a segurança de sua casa após

ajudar Chan a limpar a bagunça que Klein havia deixado e atender os curiosos. Eu entendia esse tipo de lealdade e admirava. Cuidar das pessoas estava tão enraizado em mim, devido aos valores que recebi do meu pai, que havia escolhido a mesma profissão que ele, me tornando o xerife da cidade.

— Eu só penso em vocês *sozinhas* naquele lugar... — Apertei forte o volante — Mas não fiquei zangado. Vejo você como minha irmã, e não consigo deixar de me sentir responsável.

— Mas não sou a Julianne — disse ela em um tom revoltado — E sei me cuidar muito bem. Fiz isso praticamente a vida toda.

Ela estava correta, mas eu não conseguia deixar de me preocupar.

Por sorte, estávamos chegando à entrada que dava para sua casa e pude olhar para ela com mais calma. Mandy tinha os braços cruzados e o rosto virado contra a janela. Apesar de ver que a ter comparado com Julianne a ofendeu de alguma maneira, não pude deixar de sorrir, e Mandy estava me fazendo sorrir bastante nas últimas horas.

Ela tinha razão, na personalidade as duas eram bem diferentes. Julianne, se tivesse ficado irritada comigo, teria descido do carro, depois de ter jogado toda sua revolta em mim e seguido a pé. Minha irmãzinha era impulsiva.

O que elas tinham em comum? Ambas despertavam em mim o instinto de proteção. Mandy não era a minha irmãzinha, mas sentia que

deveria cuidar dela como se fosse. Ela passou muito tempo dando conta de si mesma e, depois, cuidando de Jody. Alguém precisava começar a fazer esse papel de irmão mais velho.

E meu pensamento só foi confirmado ao olhar sua pequena propriedade. A grama tinha sido cortada um pouco menos que a metade, partes da cerca que protegia a residência da estrada estava apodrecida, e havia um pedaço de madeira cobrindo uma janela, provavelmente escondendo um vidro quebrado.

Fiz essas anotações mentais enquanto tirava Jody do carro. Aguardei que Mandy abrisse a porta, e minha análise silenciosa continuou no lado de dentro. Em relação aos móveis e à organização da casa, estava tudo certo. Mas o vidro que constatei realmente estar quebrado, e o teto contendo uma umidade perceptível, principalmente próximo ao berço de Jody, me preocuparam.

Não estava julgando Mandy e o seu lar, mas sentindo-me cada vez mais alarmado com ela. Não era fácil ter tantas responsabilidades sozinha, como ela tinha.

— Obrigada, Xerife — murmurou ela, depois que coloquei a menina no berço — Posso preparar um café para...

— Não é preciso, Mandy — recusei a oferta, agradecido — Tenho coisas urgentes para resolver em casa.

Eu precisava convocar meus irmãos.

Vi que ela pareceu ficar desapontada com minha resposta, mas antes que pudesse avaliar o porquê, Mandy seguiu em direção à porta.

Mulheres. Quem conseguia compreendê-las?

— Então, boa noite.

Caminhei até a porta, mas antes de sair, fiquei de frente a ela e toquei o seu queixo.

— Se cuida, menina — disse isso e saí.

Era a segunda vez que dizia isso a uma mulher hoje, mas era a primeira vez que me sentia impelido a fazer algo por uma delas.



O trabalho em uma fazenda era exaustivo, requeria muita dedicação e amor pela terra. Mas também nos ensinava muito sobre solidariedade, respeito ao próximo e trabalho em equipe. Então, quando convoquei meus irmãos no escritório que havia na casa, sabia que poderia contar com eles para qualquer coisa que precisasse.

— Vocês se lembram da Amanda Temple?

Ambos enrugaram a testa, tentando avaliar sobre quem eu me referia.

— A Mandy, do Café da Chan? — indagou Austin, colocando os

polegares em sua fivela cromada.

— Soube que ela foi parar na delegacia essa tarde — disse Clyde, coçando o queixo — O que aquela gracinha fez, para o xerife ter que dar uma lição nela?

Olhei duro para Clyde. Ele era mulherengo por natureza, mas geralmente tinha o bom senso de baixar suas calças apenas para as mulheres interessadas em ter com ele nada mais do que uma agitada aventura. Claro que Mandy era uma garota bonita e seu jeito doce atrairia a atenção dele, mas meu irmão sabia que ela fazia o tipo que queria abrir o coração, e não as pernas para alguém como ele. De qualquer forma, me incomodou a expressão que usou para falar dela.

— Mantenha as suas calças no lugar, Clyde, e, principalmente, suas mãos muito longe.

Vi que os dois trocaram um rápido olhar antes de me encararem. Por serem mais novos e não terem tanta responsabilidade em seus ombros, os dois sempre foram mais próximos. Eles puderam brincar e viver uma adolescência comum, enquanto precisei amadurecer e ajudar nosso pai a criar os meus três irmãos. Mas essa ligação dos dois nunca me incomodou, até agora.

— Você está interessado nela? — indagou Clyde, sorrindo — É isso que veio nos dizer? Já não era sem tempo, todos na cidade sabem que...

— Não é nada disso! — neguei com bastante ênfase.

Não era porque ele não sabia manter o seu pau dentro da calça que todos os homens no planeta sofriam do mesmo mal.

— Vocês conhecem parte da história de Mandy. A vida não tem sido fácil. Primeiro, perdeu os pais ainda muito nova.

Nós perdemos a nossa mãe quando deu à luz à nossa irmã. Nosso pai se viu não apenas com um recém-nascido, mas com uma menina para cuidar. Assim como Mandy, tive que assumir uma parte da responsabilidade, principalmente por ser o mais velho. Eu conseguia compreendê-la muito bem, além de admirar a sua coragem e força para encarar um dever pelo qual não estive preparada.

— Em seguida, foi abandonada e esquecida por aquela irmã irresponsável.

Diferente de Mandy, a fama de Glenda em Peachwood não era nada boa. Andava com uma turma de vagabundos de uma cidade vizinha e tinha um namorado que vivia buscando encrenca. E a irmã da Mandy nunca escondeu o quanto achava os moradores daqui uns caipiras idiotas. Ela não era, e nunca seria, uma pessoa querida. E quando partiu com o namorado, todos ficaram felizes e aliviados.

— Depois, ela retornou e jogou a filha para Mandy, como se fosse um saco de batatas apodrecidas. — Ao me ouvirem dizer isso, os dois

resmungaram com indignação.

Nós vimos o amor de nossa prima Penelope pelo filho, acompanhamos sua dor e desespero quando ele precisou de um transplante de fígado. Nós nos oferecemos para sermos os doadores, e teríamos dado parte de nós, se Adam não tivesse tomado a frente e doado ele mesmo. Víamos também como Paula cuidava e amava sua filha. Nenhum de nós três conseguia entender o que levava os pais a abandonarem seus filhos, pequenos inocentes, que só esperavam deles amor.

— O que notei hoje, e isso não tem nada a ver com sexo, Clyde — aponte o dedo em riste para ele —, o que deveríamos ter notado há muito tempo, Mandy precisa de ajuda.

— Que tipo de ajuda? — indagou Austin, que mais passou o tempo ouvindo nossa conversa do que falando.

De nós três, ele era o mais pensativo, mas quando se esquentava, era difícil segurar esse touro. Na verdade, acho que todos nós tínhamos isso em nosso DNA.

— A começar por dar um jeito no carro dela. A encontrei com a caminhonete quebrada, na estrada.

— E onde estava a Jody? — indagou Clyde, apenas para receber de Austin um tapa na cabeça.

— Obviamente que com ela — disse ele — A Mandy não vai a lugar

algum sem a menina.

Isso era um fato, até trabalhava no café porque Chan não apenas aceitou a menina, como a adorava.

— Clyde, amanhã você dará um jeito de pegar o carro e levar até James, para ver se aquela lata velha tem jeito — depois de dar as ordens a ele, olhei para Austin — Você, após trocarmos o gado de campo, vá até a casa de Mandy. Eu vi que o quintal precisa ser aparado, mas há outras coisas que precisam ser feitas. Como o telhado, por exemplo. Ah, e também é preciso trocar o vidro de uma janela.

Mandy sabia que as pessoas de Peachwood podiam ser generosas sempre que fosse preciso, agora, ela iria saber o que os Walker podiam fazer por aqueles que colocavam debaixo de suas asas. E até que ela encontrasse um homem decente para ficar ao lado delas, dando suporte e as protegendo, tomaríamos essa responsabilidade para nós.

— Só me diz uma coisa — Clyde ergueu uma sobrancelha para mim — O que a Mandy acha disso tudo?

— O que ela tem que achar? — indaguei, sem compreender.

Ele revirou os olhos, depois me encarou como se eu fosse um imbecil.

— Temos duas irmãs e uma prima — destacou ele, com os dedos — Você não aprendeu ainda que as mulheres não gostam que se intrometam na

vida delas?

O que Clyde entendia de mulheres, era de levá-las para a cama e de quanto tempo tomaria tirar a roupa delas. No mais, ainda era quase um garoto.

— Não se trata de gostar ou deixar de gostar. Trata-se do que precisa ser feito. Mandy é adulta o suficiente para entender isso.

Ele balançou a cabeça e veio em minha direção. batendo em meu ombro.

— Cara — sorriu de um jeito irritante —, boa sorte.

Olhei para Austin procurando apoio, mas ele parecia vacilante sobre o que nosso irmão destacou.

— Vocês vão me ajudar, ou não? — indaguei, sem paciência — Aliás, ajudar a Mandy.

— Não perco isso por nada — ironizou Clyde, mas não dei atenção para suas tolices.

— Para o que quiser, meu irmão — confirmou Austin.

Era assim, éramos um time. Sempre juntos, brigando, nos provocando e ajudando um ao outro.

Eles saíram e fiquei um pouco mais no escritório. Não tinha o costume de beber, mas o dia louco de hoje justificava uma dose de uísque. Pensei em Cora e em Mandy. Apesar de sempre fazer ajustes na casa de Cora

e terminar fodendo-a em algum momento, nunca desejei protegê-la. Com Mandy, sentia essa necessidade, que não envolvia sexo.

— Só faço o que gostaria que fizessem com Julianne, se ela encontrasse o mesmo tipo de dificuldade em New York. Claro que Mandy irá entender isso.

Bebi o restante do drinque e levei o copo para a cozinha, para que Emma ou Charlotte não ficassem zangadas pela bagunça que podíamos espalhar pela casa. Coloquei o copo na lava-louça, apaguei a luz e fui para o meu quarto. Antes de chegar a ele, notei o que pertenceu a Julianne com a luz acesa. Caminhei, evitando fazer barulho, até a porta. Austin estava sentado na cama dela, segurando um sapo de madeira, que havia esculpido para ela.

— Si-sinto falta dela — disse ele, respirando fundo, dizendo o que todos nós evitávamos colocar em palavras — Sei que ela está feliz lá na cidade grande com o doutor, mas de quem a gente vai cuidar agora?

Dos meus dois irmãos, Austin era o mais reservado. Da infância, ao início da adolescência, até teve um leve problema de gagueira, que foi melhorando com a ajuda médica e confiança ao começar a atrair a atenção das garotas. Mesmo assim, quando ficava muito emocional ou acuado, esse traço aparecia.

Como as pessoas do condado classificavam os irmãos Walker?

Eu, o mais velho, ar sério e carrancudo, que as intimidava, tanto pela

forma de me portar, como pela estrela dourada em meu peito. Austin, o do meio, sempre calado, de certa forma misterioso e gentil, seu coração estava na fazenda e nos seus cavalos. E Clyde, o mais novo, o mulherengo incorrigível da cidade. Se alguma mulher em Peachwood ainda não havia caído em sua cama, era porque estava casada, não tinha idade suficiente, tinha virado freira ou ele ainda estava tentando.

— Eu também sinto — toquei o ombro dele — muita falta dela.

Sabíamos que um dia nossa irmãzinha iria se apaixonar e sair de casa para se casar, o que nenhum de nós previu, ou quis imaginar, era que ela iria para tão longe.

Capítulo 4

Mandy

Acordei bem cedo, ainda estava escuro lá fora quando levantei, me arrumei e despertei Jody de seu sono gostoso. Tomamos café, dei uma ajeitada rápida na cozinha – porque eu sempre chegava muito cansada para cogitar arrumar alguma coisa – coloquei um casaco mais quentinho em minha sobrinha e saímos de casa.

Olhei para minha grama, quase metade cortada e a outra já muito alta. Eu precisava tomar coragem nesse domingo, que seria a minha folga, para finalizar o serviço antes que o outro lado voltasse a crescer. Jody gostava de brincar no quintal, mas do jeito que estava eu não achava muito seguro.

— Vamos andar um pouquinho, meu amor — disse a ela, quando chegamos na estrada.

Da minha casa até a lanchonete daria uns quinze minutos de carro, mas andando, e ainda por cima com uma criança, minha bolsa e a de Jody, deveríamos levar de quarenta minutos a uma hora. Mas tudo bem, assim que chegasse ao centro da cidade e entregasse Jody à Sra. Chan, daria um pulo na oficina de James e pediria que ele pegasse a caminhonete para verificar se

havia conserto, até lá pensaria em como chegaria ao trabalho todos os dias.

O mais próximo de mim era a fazenda Walker e um pouco mais à frente, a de Ted, cunhado de Dallas. Essa não era a primeira adversidade que eu estava enfrentado. Eu daria um jeito, eu sempre dava.

E para a caminhada parecer menos cansativa, tanto para mim como para Jody, resolvi começar a cantar uma de suas músicas infantis preferidas.

— Vovô Harry tem uma fazenda muito engraçada — sempre cantava com ela, para a estimular a aprender e falar novas palavras — E nessa fazenda ele tem muitas ovelhas...

— Baaa... baaa! — Ela gritou, imitando o som de ovelhas que eu havia ensinado.

— Baa o dia todo... — repeti, rindo.

A vida às vezes fica difícil, mas se a gente souber olhar sob uma outra perspectiva, até conseguimos suavizar. Por exemplo, teria que andar mais uns trinta e cinco minutos, no mínimo, mas minha pequena aventura com Jody estava sendo divertida.

E partíamos para a segunda canção, quando o som de um carro se aproximando me fez parar. A Rand Rover passou por nós levantando um pouco de poeira e parou mais à frente. Antes que eu pudesse me preocupar se havia perigo para mim e Jody, a porta do motorista abriu e Dallas desceu do carro, batendo a porta.

Oh, meu Deus!

Se com o uniforme de xerife ele conseguia ser incrivelmente atraente, usando calça jeans apertada, fivelas, botas e chapéu de cowboy, ele era um orgasmo ambulante.

Como eu sabia o que era um orgasmo? Tive muitos sozinha pensando nele. Que eram suas grandes mãos me tocando. A sua boca me acariciando, e em vez dos meus dedos, eram os seus me...

— Mandy!

Oh-oh. Ele parecia zangado.

— O que faz aqui, *sozinha*, na estrada, em pleno amanhecer?

Afugentei meus delírios sensuais para encará-lo.

— Você tem um problema com estrada, não é? — Segurei mais forte a mão de Jody, que queria ir até ele — Estamos em Peachwood, e graças ao bom trabalho do xerife, nada acontece por essas bandas.

Era um elogio, mas também era uma provocação. Somente Dallas para me fazer ir de um extremo ao outro. Da tímida que perdia a voz, à sabichona que gostava de ver seu rosto másculo e bonito se retorcer.

— Por que você está andando sozinha na estrada? — Ele repetiu a pergunta, cruzando os braços, acho que para evitar levar suas mãos ao meu pescoço.

Eu deveria rir, mas tudo que pensei foi em como seus braços eram

fortes.

— Mandy?

— Ah... hum... — titubeei, ficando vermelha, devido aos meus pensamentos — O meu carro está quebrando.

— Isso, eu sei.

— Acontece que tenho que ir trabalhar.

Jody começou a ficar inquieta ao meu lado, então, a peguei em meu colo.

— Passei em sua casa para avisar sobre isso. Vou levá-las ao trabalho até que seu carro, se tiver conserto, fique pronto — avisou ele — E quando eu não puder, Clyde ou Austin farão isso.

Abri e fechei a boca, incrédula. Se estava sonhando, eu não queria acordar.

— Me dê ela — disse ele, e para o meu total desalento, Jody praticamente pulou no colo dele.

De bebês a senhorinhas, parecia que o sexo feminino se derretia pelo Xerife Walker.

— Mas... — O segui, confusa, até a Rover, ficando ainda mais surpresa quando ele abriu a porta do carro — Como a cadeirinha dela veio parar aqui?

— Está comigo desde ontem, esqueceu?

Eu não sabia se ficava envergonhada ou agradecida por sua gentileza.

— Obrigada, Xerife.

Depois de acomodar Jody no assento, que para meu espanto não reclamou nem um pouco por ficar presa, ele se virou para me encarar.

— Já disse que podemos deixar de lado as formalidades? — indagou ele, piscando o olho — Eu nem estou vestido como tal. Pode me chamar apenas de Dallas, ok?

“Não vou levar as mãos à bochecha.”

“Não vou levar as mãos à bochecha.”

Repeti isso mentalmente, até me convencer. Apenas garotas bobas coravam diante de um homem como ele. Lindo e – Senhor, tenha misericórdia – incrivelmente sensual, sem fazer esforço.

— Obrigada, Dallas. — Minha voz saiu tão rouca que parecia que eu tinha engolido uma lixa. Limpei a garganta, na tentativa de que voltasse a soar normal — Obrigada por cuidar do carro e pela carona.

Parecia que eu tinha sido presenteada pelos céus, ao mesmo tempo que ficar tão próxima a ele, me contentando com apenas olhar, era como um mini-inferno para mim.

Respirei fundo, dei um beijo estalado na bochecha rosada de Jody, fazendo-a rir, e fui para o banco do passageiro.

— Moo... moo! — Ela gritou quando entramos no carro, fazendo Dallas me encarar com uma pergunta muda.

— Ela quer continuar cantando — disse a ele.

— Então, vamos lá — Dallas sorriu, e isso me fez me sentir como se flutuasse.

Seria impossível não sorrir de volta.

— O vovô Harry tinha uma fazenda muito divertida — iniciei a música, com Jody batendo palma e os pés atrás da gente — E nessa fazenda, ele tem muitos galos.

— Uuruu! — Jody berrou, e voltamos ao nosso momento divertido na estrada.

Só que dessa vez havia uma rouca e linda voz a mais. Talvez fosse muito errado eu pensar assim, mas por esses preciosos minutos, fingi que éramos uma família feliz, compartilhando um momento especial.

Não era pecado eu sonhar só um pouquinho, era?



Fiquei andando ao redor de James, mesmo após ele me pedir que me aquietasse. Eu tinha essa incontrolável mania de contrariar as pessoas.

— Além das peças que já te disse — avisou ele, afastando-se da caminhonete —vou precisar comprar outras na cidade.

Eu queria me sentar no chão e chorar, mas iria me controlar, pelo menos na frente do James.

— E quanto ficará tudo isso?

— Por volta de trezentos dólares.

— Trezentos dólares? — Minha voz ecoou por toda oficina.

— E eu estou falando das peças novas — avisou ele, limpando as mãos em um trapo que parecia mais sujo que as mãos dele — Não vou cobrar pelo serviço.

— Oh, James...

— Pelos cafés a mais que me deu.

Dallas cuidou para que o meu carro chegasse até a oficina, seria minha carona enquanto eu precisasse, agora James consertaria a caminhonete sem cobrar nada por isso. De repente, parecia que todo mundo queria me ajudar, e eu ficava tocada por isso.

— Fico muito grata — disse a ele — Eu venho assim que sair do café, para entregar o dinheiro.

Ainda bem que a Sra. Chan tinha me pagado ontem mesmo, pelo lucro que, segundo ela, meu gesto de valentia deu ao café. Só teria que tirar um pouco mais da minha conta no banco.

— Pego no café depois.

Assenti, agradecida, e depois de retirar a quantia necessária para

pagar James, retornei rapidamente para o café. Chan não dava conta de atender os clientes e ficar de olho em Jody sozinha. O dia ainda foi um pouco agitado, algumas pessoas ainda queriam ouvir minha versão da história referente ao forasteiro bêbado e agressivo.

— O Sr. Brandon falou que puxou o revólver para ele — disse Clive Ship, um simpático senhor, que havia entrado para almoçar.

Ele trabalhava na fazenda de Ted e sempre passava no café quando vinha comprar alguma coisa que Ted precisava na fazenda.

— O Brandon não tem nem uma espingarda — disse Chan, voltando da cozinha, colocando no balcão seu prato com ovos, fritas e bacon — Aquele velho é um falastrão.

Eu acredito que o Sr. Brandon ficou tão envergonhado por não ter podido enfrentar aquele valentão do Klein, que acabou aumentando um pouquinho a história real, ou o mais provável, o ‘telefone sem fio’ havia distorcido tudo.

— Precisamos contratar outra pessoa para colocar no lugar da Rosa — disse a Sra. Chan, ao me ajudar a colocar a última cadeira sobre a mesa — Agora que virou a atração da cidade, vamos estar sempre lotadas.

Mesmo sem a curiosidade das pessoas agora em mim, já estava difícil darmos conta de tudo, desde que Rosa saiu para se casar.

— Logo as pessoas esquecem esse assunto. Só estão eufóricas,

porque em Peachwood não acontece nada.

— Eu não teria tanta certeza. Podem perder o interesse no caso de ontem, mas se o que penso finalmente... — achando que estava falando demais, ela levou a mão à boca, se calando.

— O que ia dizer? — indaguei, jogando o produto de limpeza no chão.

— Nada importante — desconversou ela — Vou ver se Jody ainda está descansando e procurar aquela placa de ‘contrata-se’.

Dei de ombros, voltando a me concentrar na limpeza. Nunca entendi a Sra. Chan e não era agora que iria começar.

Meu turno finalmente chegou ao fim, e para a minha felicidade e alívio dos meus pés e corpo todo, teria o dia seguinte de folga. Minha felicidade só não ficou completa porque, ao invés de Dallas, quem vi entrar no café foi Derek, seu assistente.

— Se estiver pronta, Mandy, posso levá-la quando quiser. — Acho que ele notou a cara decepcionada que fiz, pois logo começou a explicar: — O xerife foi acalmar uma briga entre os MacFly e os MacLaren.

Essas duas famílias também são lendárias, as disputas por parte do rio, que cortava as terras deles, também. São gerações amando e se odiando.

— Tudo bem, Derek — respondi com um sorriso — Só vou pegar a Jody.

Uma das coisas boas de a minha sobrinha vir trabalhar comigo é que ela estava sempre em volta das pessoas. Eu podia dizer que ela havia se tornado a mascote delas. Todas a tratavam com carinho e davam atenção o suficiente para que, no final do dia, ela estivesse exausta.

— Obrigada, Derek — disse, quando saí da viatura com Jody em meus braços — Diga ao Xerife que estou grata pela carona mais uma vez.

Eu fui tola em acreditar que ele ter vindo me pegar pela manhã pudesse significar alguma coisa. Dallas era o homem da lei, estava em seu sangue proteger e ajudar as pessoas, eu não tinha nada de especial, e já estava na hora de parar de sonhar com o impossível.

Enquanto o jantar cozinhava, acordei Jody para tomar banho, depois, fizemos nossa refeição juntas.

E enquanto ela brincava no chão com suas pecinhas de encaixar, peguei o recorte do jornal que tinha com a foto de Dallas, jurando olhá-la uma última vez.

— Da-das — Jody bateu na folha, apontando para ele — Bonito.

O bonito dela poderia dizer que achava algo bonito ou que simplesmente gostava daquilo. No caso de Dallas, apesar de ele ser lindo como um deus grego, acho que Jody queria expressar a segunda opção.

— Sim, Jody, muito bonito — disse, dobrando o papel, colocando no fundo de uma pasta de contas pagas que eu havia pegado — Mas a Mandy

precisa esquecer.

Era o momento de começar a pensar na vida real. Dallas era só um bonito sonho juvenil. Acho que preciso começar a sair da minha toca.



“Mandy, eu sempre amei você, só fui tolo em não perceber isso.”

“Você me ama?”

Eu não conseguia acreditar que finalmente Dallas estava se declarando para mim.

“Amo, agora fique quieta e deixa eu te beijar...”

Autoritário... Mas contanto que me beijasse logo, eu não ligava. Então, sua boca foi se aproximando da minha. Suas mãos fortes agarraram minha cintura, me puxando para ele. Seu lábio roçou o meu e...

Zrumm... Toc! Toc!

“Cuidado com isso!”

“Descarrega daquele lado!”

“Onde eu coloco, patrão?”

Abri meus olhos rapidamente. O que estava acontecendo? Que barulho era aquele? Que vozes eram essas?

Olhei para o berço ao lado da cama e encontrei Jody grudada à grade, começando a pular. Eu precisava comprar uma cama para ela.

Toc! Toc! Toc!

Mas que inferno!

Olhei para o relógio: não eram nem sete da manhã. Quem estava em meu quintal, fazendo tanto barulho?

Peguei Jody no colo e vesti minhas pantufas. Ao abrir a porta, depois de me acostumar à claridade do dia, pude ver cerca de quase dez homens, usando botas, jeans e chapéus, espalhados pelo meu quintal.

— Acordamos vocês, Mandy? — O mais lindo homem, depois de Dallas, é claro, pelo menos para mim, se materializou à minha frente — Sei que é muito cedo, mas quanto antes começarmos, mais rápido vamos terminar.

Depois de me recuperar com a visão dele, o encarei com um olhar abobalhado.

— Começar o quê?

— Aparar a grama, consertar a cerca, trocar o vidro das janelas e o telhado.

— Como?

Era como se ele estivesse falando castelhano comigo.

— Dallas passou uma lista de tudo o que precisava ser ajeitado — disse ele, levantando um pouco seu chapéu para coçar a cabeça — E ele estava mesmo certo. Sem querer ofender, Mandy, mas a casa precisa de uma

boa reforma.

Eu sabia disso, e estava fazendo economias exatamente para isso.

— Deixa ver se eu entendi... Dallas enviou todos vocês?

— Foi — ele sorriu.

Mas o sorriso, aparentemente doce, não conseguiu controlar o calor de raiva que começava a ganhar força dentro de mim.

— Por quê? — O encarei com um olhar assassino.

— Por quê? — Austin engoliu em seco.

O peso de Jody começou a me incomodar, então, a troquei de braço.

— Sim, por quê? Eu não me recordo de ter pedido isso — esbravejei meu descontentamento nele — E nem de ter sido consultada.

Ele esfregou o rosto, acho que para escapar por alguns segundos do meu olhar irado.

— Não é que o idiota do Clyde tinha razão...

O que o terceiro irmão Walker tinha a ver com isso?

— Eu não quero saber quem tem razão sobre qualquer coisa que vocês tenham imaginado, quero falar com Dallas.

— Ele está na delegacia agora, mas eu posso ligar e...

— Está de carro?

Ele me olhou como se, do nada, tivesse nascido chifres em minha cabeça.

— Estou...

— Ótimo, me dê as chaves, vou precisar dele — disse, ao fechar a minha porta.

— Você vai sair de casa assim?

Olhei para o que conseguia ver do meu corpo. Com um pijama de flanela, composto de calça e blusa com mangas, eu não corria o risco de fazer ninguém quebrar o pescoço ao me ver passar. Até os homens da fazenda só estavam me encarando por curiosidade, acompanhando nosso pequeno impasse.

— Bom, se não há problema no xerife mandar invadir a minha casa, sem ao menos me consultar, não vejo problema em sair de pijama.

— Não é bem assim, Mandy...

Ficava óbvio que Austin tentaria colocar panos quentes, mas eu estava chateada demais para ouvi-lo.

— As chaves, Austin!

— Eu vou me dar muito mal — disse ele, entregando as chaves para mim — Mas acho que Dallas merece isso.

Ah, com certeza ele merecia.

Me resgatar na estrada?

Aceitável.

Dar carona ou arranjar carona para que pudesse ir trabalhar até meu

carro ficar pronto?

Foi gentil.

Mas invadir minha casa, com o seu exército de cowboys carregados de ferramentas?

Isso era demais. Eu podia nutrir uma paixão secreta por ele, mas daí a aceitar que controle certos aspectos da minha vida, como se eu tivesse cinco anos, era demais. A maioria das mulheres sonha com um homem atencioso, carinhoso e protetor tomando conta delas, mas para começar, Dallas não era meu homem.

Ele só era o xerife e eu a atendente do café que passou boa parte da vida sonhando acordada com ele. Como eu poderia seguir com o plano “esquecer Dallas”, se os sinais dele ficassem espalhados em cada canto da minha casa?

Não, não! Eu não podia permitir que isso seguisse em frente. Tudo bem que eu encarava certas limitações financeiras, mas não queria a caridade de Dallas. Se não podia ter o amor dele, dispensava sua pena.

Eu poderia estar sendo deveras orgulhosa, mas o que restava de importante para mim era Jody, meu caráter e minha honra. Não sou uma donzela na torre que precisa ser resgatada, e diria isso na cara do xerife.

Dirigi bem devagar, porque sem a cadeirinha de Jody, mesmo ela estando bem presa ao cinto, não queira que corresse nenhum risco. Cheguei à

delegacia e não dei muita atenção nas pouquíssimas pessoas andando na calçada. Como era domingo, algumas delas estavam indo para a igreja, pegar a primeira missa da manhã.

Assim que entrei, encontrei o assistente de Dallas atrás de sua mesa, manuseando alguns documentos.

— O Xerife está?

Ele se ergueu, assustado, ao me ver.

— Está na sala dele.

— Ótimo. Derek, segura a Jody para mim — ordenei, colocando-a no colo dele — Preciso falar com Dallas.

— Mas não pode entrar... — ele veio murmurando atrás de mim — Ele está com...

Pouco me importava se Dallas estava com uma de suas garotas, o que para mim seria muito errado, e não se tratava apenas de ciúmes. Mas ele teria que me escutar.

Abri a porta com um empurrão: — Xerife!

E quando estava pronta a esbravejar, jogando sobre ele toda minha revolta e indignação, perdi o raciocínio — Ops...

Owh, merda!

Capítulo 5

Dallas

Pelo menos uma vez por ano eu recebia a visita de um superior, para verificar como andava minha administração na delegacia. O cargo de xerife ocorria através de votação, então, inspeções como essas eram normais, o que não era comum acontecer no fim de semana, mas Bert Lane era um velho conhecido do meu pai, e eu não tinha com que me preocupar.

Além disso, o fato de Peachwood ser um condado pequeno no Texas, e a maioria das ocorrências ser brigas entre vizinhos, ajudava a manter meu trabalho sob controle.

— Pelo que eu vejo... — Bert Lane analisava os resultados dos últimos seis meses, quando seu discurso foi interrompido pela porta sendo aberta abruptamente.

— Xerife!

Eu levantei ao ver Mandy entrar, exaltada.

— Ops — Observei seus lábios sussurrarem baixinho, enquanto observava Bert se levantar, encarando-a com desagrado.

Dei três passos largos até chegar à Mandy, e quando me vi a seu lado, segurei o seu braço.

— Um momento, Sr. Lane, parece que Mandy e eu temos um

assunto a resolver.

Puxei-a para fora de minha sala. Vi que Derek e a Sra. Tyree mantinham Jody entretida, então, a levei em direção a uma das celas.

— O que foi isso, Mandy? — indaguei, exasperado — Como você chegou até aqui? E por que você está de pijama?

Apertei a ponta do meu nariz para manter a calma. Eu esperava, sinceramente, que Mandy não tenha feito o caminho da casa dela até a delegacia vestida daquela forma.

— Desculpe, eu não sabia que ele estava em sua sala.

Ela passou a língua na bochecha, nervosa, e eu tentei mais uma vez evitar que pensamentos indecorosos ocupassem minha cabeça. Cruzei os braços e olhei duramente para ela, como um irmão mais velho faria ao passar uma bronca.

— Tudo bem — descruzei os braços, levando minha mão à cintura — Eu só quero saber por que entrou em minha sala, como se uma manada de búfalos estivesse perseguindo você.

— Eu precisava falar com você.

Isto estava claro. Mordi a ponta da minha língua para segurar a risada. Mandy já estava brava o suficiente, embora o porquê ainda fosse um mistério, então, tentaria evitar não a provocar.

— Austin, ou algum dos homens, fez algo errado?

— Aí está! — disse ela, como se soubesse a resposta para uma questão difícil que um professor havia levantado — Você não deveria ter feito isso.

— O que exatamente?

— Não se faça de desentendido, Dallas — disse ela, batendo o dedo em meu peito — Nem combina com você.

— Mandy...

— Você não poderia ter feito isso — disse, ao se afastar — sem me consultar. Sem perguntar do que precisava e se precisava de ajuda.

— Ah, é isso.

O maldito Clyde tivera mesmo razão. Por algum motivo, que eu ainda não conseguia entender, o fato de ter tomado as rédeas para cuidar da reforma da casa de Mandy, e tudo mais que ela fosse precisar, de alguma forma a tinha ofendido.

— Isso? É mais do que isso, Dallas — disse ela, novamente exaltada — Não sou um cãozinho que você encontrou na rua e faz uma casinha nova. Posso cuidar de mim e da Jody.

— Eu nunca disse que não podia, Mandy — rebati, frustrado — Aliás, acho que sempre disse que está fazendo um ótimo trabalho.

Minhas palavras parecem que a fizeram baixar um pouco a guarda, e eu usaria o momento a meu favor.

— Quando vi a grama daquele jeito em seu quintal, pensei na Jody. Vi que tentou cuidar de tudo sozinha, mas... Se um escorpião aparecesse, ou ela não visse um prego ou um caco de vidro?

— Mas...

— E a janela? Quando chegar a época de chuvas e o inverno? Acho que aquela proteção mal as protege das noites frias. Pelo que sei, a menina sempre teve uma saúde delicada.

Jody tinha chegado muito pequenininha e frágil, Mandy fazia o melhor possível pela garota, via-se que era bem-cuidada e feliz, mas crianças sempre requeriam cuidados.

— Sobre o teto, não pode cogitar a discutir comigo. Notei as infiltrações e as madeiras apodrecidas muito próximas ao berço. Se algo acontecesse a Jody, ou a você, e não tivesse feito nada...

Dei dois longos passos, e estava novamente em frente a ela. Segurei o seu queixo e a fiz olhar para mim.

— Eu nunca achei que fosse irresponsável ou fraca — alisei o queixo dela com meu polegar, seus olhos marejados faziam algo ferver dentro de mim — Apenas senti que precisava ajudar. Não me peça para fechar os olhos para tudo isso, meu bem, porque, gostando ou não, eu não vou fechar.

Assisti-a fechar os olhos por alguns segundos. E quando os abriu, a

intensidade que encontrei neles de certa forma me desconcertou. O que ela dizia com seu olhar, que seus lábios teimavam em não me dizer?

— Eu vou aceitar sua ajuda — disse ela, fazendo com que eu respirasse, aliviado — Mas com uma condição.

Eu deveria ter imaginado, mulheres como Mandy, que por muito tempo tiveram que enfrentar a vida sozinhas, aprendiam a criar uma couraça com que buscavam se proteger do mundo.

— O que quiser. — Se ela havia cedido, eu também poderia recuar um pouco.

— Vou pagar pelo serviço dos seus homens — Abri a boca para começar a protestar, mas ela me calou, colocando os dedos em meus lábios — E por todo material usado também. Há bastante tempo venho fazendo economias, e não vou aceitar sua ajuda, se não for dessa forma.

Eu queria colocar Amanda Temple sobre meus joelhos e dar umas belas palmadas em seu traseiro, por ser tão orgulhosa. Mas, na verdade, admirava que tivesse brio e personalidade forte. Eu aprendia a admirar Mandy cada dia mais.

— Combinado. — Estendi minha mão para selar a paz.

É claro que não ficaria com seu dinheiro, daria um jeito de revertê-lo para Jody, ou se não houvesse outro jeito, e seu orgulho fosse tão forte como ela demonstrava, o entregaria ao convento nos limites de Peachwood.

— É bom fazer negócios com você, Xerife — E para minha surpresa, em vez de colher minha mão, Mandy segurou em meus ombros, ficando na ponta dos pés para dar um beijo carinhoso em minha bochecha, bem próximo ao canto dos meus lábios — Obrigada, Dallas. Você é um homem bom.

“Você é um homem bom.”

Suas palavras atingiram forte meu peito.

Ah, Mandy, o que eu farei com você?

Estático, eu a vi sair praticamente correndo, sentindo o local onde Mandy havia me beijado formigando.

— Tudo certo, Walker. O lugar ajuda, mas você consegue ser tão ou mais eficiente que o seu pai — Lane já estava na porta quando retornei à minha sala — Diga a ele que mandei saudações.

— Direi, senhor.

Eu sempre soube que queria ser um homem da lei, exatamente como meu pai, ser comparado a ele não me deixava nada menos que orgulhoso. Nasci para isso, cuidar e proteger os que amava. Peachwood era meu lar, e sempre garantiria que a paz e a tranquilidade reinassem por aqui.

Algumas horas depois, eu já havia esvaziado duas garrafas de café, limpado toda bagunça burocrática em minha mesa e me dedicado a qualquer coisa que me mantivesse em alerta. No entanto, vez ou outra, para dizer a

verdade, muitas vezes, meus pensamentos vagavam até Mandy.

— Derek, vou fazer uma ronda, se surgir algum imprevisto, chame pelo rádio — avisei, ao passar pela mesa dele — Quando Sherman chegar você pode ir.

Eu só queria dar uma olhada em como andava o trabalho na casa dela e se Austin estava seguindo as instruções que eu havia dado a ele, refleti ao entrar na viatura. Não havia nada de errado com isso, certo?

Até porque, com isso, eu havia conquistado o ressentimento de Mandy, então, por ter colocado o meu pescoço naquelas mãos delicadas, mas firmes, teria que valer a pena.

Quem poderia imaginar que Amanda Temple, a sempre cordial e doce Mandy, teria um gênio tão difícil? Eu conseguia visualizá-la agora, bufando ao redor de Austin e seus homens, criticando cada mudança que eles tentassem fazer. E se fosse com a metade da fúria que ela tinha invadido minha sala, eu sentia muita pena de suas pobres almas.

Ainda estava sorrindo, quando segui o caminho que dava para a sua casa. A grama toda já havia sido aparada, e pelo que via no buraco na cerca, deveriam estar trabalhando nela. Ouvi as vozes masculinas ao descer do carro, mas ainda não os vi. Segui, curioso, em direção às vozes e meu queixo literalmente caiu. Três dos homens estavam sentados em um tronco no chão, ao lado da porta, se fartando com limonadas e algum tipo de torta, os outros

dois encontravam-se fumando, abaixo de uma árvore, se protegendo do sol. Próximo à janela, onde havia uma jarra de suco, Austin estava com Jody encaixada em sua cintura, enquanto ele tirava algo dos lábios de Mandy e sussurrava algo próximo demais de seu rosto sorridente.

— Hum-hum — pigarreei para me fazer ser notado por eles.

Só que em vez de Austin se afastar, mantendo uma distância aceitável de Mandy, ele colocou a mão na cintura dela e me encarou, como se não houvesse nada de mais em um gesto, a meu ver, muito íntimo.

— Oi, Xerife — disse Mandy, em um tom musical — Chegou em uma boa hora, os rapazes pararam um pouco para uma limonada e torta de pêsego. Quer que eu o sirva?

Então, eu ficava com as broncas e cara feia, Austin e seus companheiros ganhavam afagos e sorrisos gentis. Nenhum homem conseguia entender a mente feminina, mas, definitivamente, não conseguia compreender a cabeça de Mandy.

— Eu adoraria — disse a ela cordialmente e para Austin dei um olhar fulminante — A gente pode trocar algumas palavras?

— Deixe que eu cuido dela — Mandy puxou Jody, que esteve entretida brincando com os laços do chapéu de Austin, que ele havia deixado caído em seu pescoço — Vamos, Jody, pegar um grande pedaço de torta para o Xerife.

— Da-das — Ela abriu um sorriso manchado de creme, isso me encorajou a dar uma piscada rápida para ela.

Jody abriu e fechou os dois olhos com força. Não teve jeito, minha carranca acabou dando lugar a um sorriso, quando ao vê-la tentar me imitar, produziu uma careta engraçada.

— Ela é muito doce, não é? — O riso ainda estava na voz de Austin, quando ele indagou.

Fiz um sinal para que ele me acompanhasse até os fundos da casa, onde poderíamos ter uma conversa sem plateia ou interrupções.

— A Mandy ou a criança? — indaguei, ao cruzar os braços.

Austin coçou a nuca e colocou o chapéu de volta à cabeça.

— Pensava na criança, mas tenho que admitir que Mandy também é — disse ele, ficando sério — Sabe, eu gosto dela.

Cerrei o maxilar. Isso não era algo que pensei ouvir ao me encaminhar para cá. Aliás, nada do que presenciei seguiu como eu tinha imaginado.

— Defina “gostar”.

— Hum... Bem, ela é gentil, honesta e cozinha muito bem.

— Você não é como o Clyde, meu irmão, mas também não é nenhum santo. Então, vou avisar, seja lá o que esteja passando por sua cabeça, pode tratar de esquecer. Estamos aqui para ajudar a Mandy, e não

para causar mais problemas. Não quero vê-la com o coração partido.

— E por que não poderia ser ela a partir meu coração?

Saímos muitas vezes no soco quando éramos crianças, na maioria dos casos, garotos tinham energia demais. Crescemos e socos viraram discussões, murros tornaram-se conversas racionais. Não consigo lembrar a última vez que avancei contra Austin, mas se ele continuasse a me testar...

— Eu estou falando sério, Austin — dei dois passos na direção dele e ficamos cara a cara — Fica. Longe. Dela.

Se fôssemos dois touros selvagens no pasto, poderia dizer que ele bufava e arrastava as pastas no chão, pronto a atacar.

— Tudo bem. — Ele recuou, levantando as duas mãos em sinal de paz, ao encarar meus punhos cerrados — Eu nunca magoaria a Mandy, você sabe disso, mas você poderia dizer a mesma coisa?

De raivoso, me vi confuso, como se tivessem acabado de me dar uma rasteira.

— O que você quer dizer?

— Você está mesmo me perguntando isso, Dallas?

Que merda Austin estava querendo insinuar?

— Ah, deixa para lá, Dallas. Como dizem por aí, o pior cego é o que se recusa a enxergar. — Ele sorriu e bateu com sua mão em minhas costas ao passar por mim — Vai ser divertido ver você descobrir, meu irmão.

Vi-o se afastar, e como um garoto birrento, chutei uma pedra. Eu tinha vencido aquela discussão, mas por que sentia que não havia ganhado nada?

Apoiei minhas mãos na cintura e olhei para as terras que um dia pertenceram à família Temple, as terras de Mandy que o banco havia tomado, pouco depois da morte de seus pais. Ela poderia ter ido embora, como sua irmã Glenda fizera, mas as raízes de Mandy estavam aqui, em Peachwood. Ela amava o Texas, assim como eu.

Por isso, as insinuações de Austin não faziam o menor sentido. Eu a enxergava como um dia vi Julianne, quando estive sob nossos cuidados, apenas uma menina que precisava de carinho e proteção. Ela cuidava de Jody, mas quem cuidava de Mandy?

Eu poderia cuidar de Mandy e faria isso.

— Dallas? — Fui de encontro à sua voz — Torta de pêssego, com uma generosa camada de creme, como você gosta.

— Obrigado, Mandy.

Ao me observar levar o primeiro pedaço de torta à boca, ela sorriu de um jeito doce, mais doce que o chantilly que eu levava à minha boca.

Capítulo 6

Mandy

Eu beijei o Dallas!

Tudo bem, não foi um beijo arrebatador, de fazer as paredes tremerem ou que o impulsionasse a me jogar contra elas. Foi só no cantinho dos lábios e, mesmo assim, eu não conseguia me desfazer dessa lembrança.

Por isso, quando ele surgiu em minha casa no domingo à tarde, tentei agir com a maior naturalidade possível. Até fingi não estar mais brava com ele. Para ser sincera, desde que deixei a delegacia, após ter interrompido a conversa dele com seu superior, que não me sentia aborrecida com ele.

Aprendi a ser forte e independente praticamente sozinha, as circunstâncias e a vida me ensinaram, mas Dallas possuía esse instinto de ajudar e cuidar das pessoas, mais forte do que eu imaginava. E na vida era melhor ter ao nosso lado quem nos queria bem, do que os que pouco ligavam, como minha irmã Glenda, por exemplo. Ela nunca havia lavado um copo para me ajudar, pelo contrário, jogou outra de suas responsabilidades em cima de mim. Muitas vezes desconhecidos faziam mais por nós do que quem carregava nas veias o nosso sangue. E como diziam, isso até pernilongo tem.

— Sonhando acordada de novo, Mandy? — A Sra. Chan deu uma

leve batida em meu queixo.

Senti minhas bochechas corarem, eu fazia muito isso e estava na hora de começar a controlar. Só garotas tolas ficavam ruborizadas.

Mas era difícil evitar sempre que pensava em Dallas. Não o vi essa manhã. Ele pediu que seu irmão Clyde, que tinha coisas da fazenda para buscar na cidade, nos pegasse. Além disso, iriam começar a mexer no telhado da minha casa, por isso eu ficaria alguns dias com a Sra. Chan. Ou seja, nada mais de caronas, voltaria a ter as migalhas de aparições do xerife em suas visitas diárias.

— Estava pensando no evento do asilo — menti, colocando os pedidos no balcão — O que vamos fazer dessa vez?

— Tortinhas de pêssego.

— Mas...

— É uma tradição, Mandy — disse Chan, erguendo uma mão, recusando protestos — Tradições precisam ser seguidas.

Peachwood, além de levar o nome da fruta, também era conhecida por suas plantações de pêssegos. As colheitas eram vendidas e distribuídas em todos os cantos do país. E durante o mês de aniversário da cidade, havia diversos tipos de comemorações. Todas elas beneficentes, para ajudar a escola local, o centro médico, o asilo ou o convento.

Cada grupo de comerciantes e moradores ficava responsável por

uma instituição. A Sra. Chan ajudava o asilo, porque, segundo ela, um dia acabaria lá. Uma brincadeira, mas não duvidava que ela cumpriria, só por diversão.

— Vou te dar o sábado de folga para que organize as coisas de volta à sua casa e esteja lá no domingo descansada. Algo me diz que essa festa será bem interessante.

Se ela falava por Dallas, era melhor que fizesse como eu, enterrando qualquer esperança que ele um dia olhasse para mim diferente de uma irmãzinha mais nova. Os Walker também ajudavam o asilo, o convento, a escola... Os Walker ajudavam em tudo. Não tinha como esquecer a vez que Julianne foi a Rainha do Pessegueiro, ela até tinha usado o vestido medonho que a Sra. Pahlow fez para ela. A foto no jornal, que mantenho guardada secretamente em uma pasta, era daquele dia.

Para variar, Dallas mal havia se dado conta da minha presença e que eu o acompanhava com um olhar sonhador sempre que ele tirava uma garota para dançar, desejando uma única vez estar no lugar delas.

— Obrigada, Sra. Chan. Mas a não ser que um meteoro caia na Terra, acho que será como todos os outros anos.

— Veremos, minha querida... Veremos... — ela saiu para a cozinha, fazendo o que sabia de melhor: resmungar.

Eu tratei de voltar a me concentrar no trabalho. Os clientes estavam

mais ansiosos para falar comigo do que para ter seu pedido atendido. Sempre fui a garota extremamente correta, a aluna estudiosa, a filha e irmã exemplar. Não havia muito para as pessoas observarem em mim. Mas depois de atacar Klein com uma frigideira, parece que virei uma celebridade em Peachwood. A Sra. Chan tinha certa razão, até que algo mais empolgante acontecesse nessa cidade pacata, minha história ficaria na boca de todo mundo.

“Você soube, Amanda Temple atacou um homem com uma frigideira.”

“A Mandy do café...”

Eu não duvidava que conversas como essas circulassem pela cidade inteira.



Dentro de uns vinte minutos poderíamos fechar, constatei com alívio. Um casal dividia uma fatia de bolo e um senhor terminava seu café, enquanto fazia suas palavras cruzadas. Se ninguém surgisse com algum pedido complicado, eu logo poderia colocar a plaquinha de fechado na porta.

Estava começando a arrumar o balcão, quando vi Dallas entrar. Torci o pano com força em minhas mãos e obriguei meu coração teimoso a parar de palpitar sempre que eu o olhava.

— Olá, Xerife... — iniciei, mas ao notar suas sobrancelhas

erguerem, me corrija: — Dallas. Deseja um café?

— Pode continuar o que estava fazendo — disse ele, escorando o corpo contra o balcão.

Ele tirou o chapéu e seus cabelos bagunçados me fizeram desejar esticar minhas mãos, enroscar os dedos dentro deles e verificar se os fios castanhos claros eram tão macios como pareciam.

— Eu fico de olho nessa bonequinha, enquanto você termina — disse ele, entregando seu chapéu a Jody, que estava presa a um banco alto do outro lado do balcão — E quando quiser, as levarei para casa.

Ele tinha jeito com crianças, refleti ao ver como minha sobrinha se divertia com ele e seu chapéu.

— Ah, xer... Dallas — me corrija a tempo de receber outro aviso de que deveria deixar de lado a formalidade — Nós vamos para a casa da Sra. Chan. Fica só a alguns minutos daqui.

— Sei disso. — Ele apoiou os dois cotovelos na mesa e jogou a cabeça meio de lado, abrindo um sorriso para o qual eu não estava preparada — Vou levá-las, de qualquer forma. Não é porque Peachwood seja uma cidade tranquila que não tenha nenhum perigo.

Não *tinha* nenhum perigo, mas quem sou para discutir justamente com o xerife, ainda mais o homem da lei sendo Dallas Walker. Ficava difícil continuar com a meta de esquecê-lo, quando ele não parava de me rodear

com seus cuidados e gentilezas.

— Nesse caso — sorri de volta —, o café é por conta da casa.

Fui para a cozinha avisar à Sra. Chan que Dallas nos faria companhia. Na maior parte dos dias, quem sempre fechava o café era eu, mas como estávamos indo passar alguns dias com ela e havia trazido duas bolsas com as minhas coisas e as de Jody, a Sra. Chan avisou que ficaria para me ajudar.

— O menino Walker tem razão — disse ela, ao começar a tirar o avental — Andar sozinha por aí, à noite, pode ser perigoso.

— Mas eu não estaria sozinha — eu a recordei — Estaria com você e Jody.

— O que uma velha e uma criança poderiam fazer para te ajudar? Além disso, ah, minha cabeça... — ela levou a mão à testa em gesto excessivamente teatral — Esqueci de avisar que prometi visitar uma amiga, essa noite.

— Uma amiga? — indaguei, desconfiada.

Depois de tanta agitação no café, a Sra. Chan gostava da paz e tranquilidade do seu lar. A única amiga que sei que visita esporadicamente era a Sra. Brandon, e essa nem estava na cidade.

— Uma amiga da igreja — esclareceu ela.

Ela não ia à igreja e sabia muito bem que eu tinha conhecimento

disso.

— Sra. Chan? — coloquei as minhas mãos na cintura.

Ela estava descaradamente me empurrando para Dallas, mais que o habitual?

— Ora, não discuta comigo, menina. E leve também um pedaço daquele bolo de nozes para o xerife — disse ela, ao me entregar o avental — Você sabe que ele adora.

Se existia no mundo uma torcida para que Dallas e eu ficássemos juntos, com certeza a Sra. Chan tinha o papel de líder, e não escondia isso de ninguém.

Sorrindo, fatiei um grande pedaço de bolo e enchi uma xícara fumegante de café. Coloquei a placa de fechado debaixo do meu braço e retornei ao café.

— O bolo é por conta da Sra. Chan — avisei a Dallas, quando seus olhos caíram, animados, sobre o pedaço de doce.

Ele podia ser um homem alto, cheio de músculos, e fazer uma carranca que colocaria para correr qualquer valentão, ou os fazer bambejar as pernas apenas com o olhar duro, mas, para mim, no fundo, ele só era um menino levado. O problema com os irmãos Walker não vinha do fato de serem lindos e sexies de morrer, mas das suas formas de agir.

Mandões, possessivos e protetores.

Ponderava sobre isso quando a sineta tocou, avisando da chegada de um cliente tardio, e me salvando de continuar suspirando por Dallas feito uma boba.

— Ah, Jason, já estamos fechando — avisei ao rapaz que veio em direção ao balcão.

Em meus tempos de colégio, Jason Foster foi a personificação do garoto popular. Moreno, olhos castanhos, corpo de atleta, chamava a atenção das garotas ao desfilar com seus amigos, também cheios de charme, pelos corredores da escola, invocando gritinhos e suspiros nas arquibancadas, exceto os meus, que sempre tive meus olhos e, principalmente, meus sonhos voltados para o impossível.

O que sabia de Jason, após o colégio, era que havia saído da cidade para jogar futebol em outro estado, mas um ferimento no joelho o fez retornar para Peachwood e agora ele ajudava o pai na pequena fazenda que tinham.

— Eu imaginei, Mandy — ele tirou o chapéu, colocando-o em frente ao corpo — Mas, na verdade... Bom, não foi por isso que vim. Eu queria saber se gostaria de fazer alguma coisa, qualquer dia, desses? Hum... comigo.

Jason Foster estava me convidando para sair?

Meu rosto corou e tive certeza disso porque ele formigava com o calor que subia pelo meu pescoço. Mas não por causa do convite em si, mas pela surpresa de Jason Foster ter feito isso. Se nunca passei da tímida Mandy

para Dallas ou qualquer um dos irmãos Walker, para Jason Foster eu havia sido invisível.

— Eu... não sei...

Um minuto!

Se eu queria esquecer e tirar Dallas do meu coração e mente, a melhor forma de isso acontecer seria dando a outros homens a oportunidade de se aproximar.

— Olha, Mandy, eu...

— Ela disse não, Foster — disse Dallas, ficando de pé — Quando uma garota diz não, ela diz não. Então, dê meia-volta e leve seu traseiro daqui, antes que eu faça isso com as pontas das minhas botas.

Certo, esse era o momento vergonha, capítulo dois. Tanto o casal que já havia terminado sua sobremesa, quanto o senhor na outra mesa, olharam curiosos para nós três, precisamente para os homens se duelando com o olhar.

— Eu não disse que não, Dallas — murmurei baixinho — Só disse que...

Qualquer homem, pelo menos em Peachwood, que mostrasse interesse em mim, tinha que entender que Jody fazia parte do pacote, e um dos meus receios iniciais ao convite dele provinha disso.

Jason foi o primeiro a recuar, desviando o olhar para mim.

— Se é por causa da menina — disse ele, apontando a Jody — Que tal um piquenique? Assim podemos levá-la com a gente.

Ouvi Dallas bufar, mas não dei atenção a ele. Em vez disso, assisti Jason se curvar no balcão para tocar a ponta do nariz de Jody.

— Você gosta de piquenique, não gosta, gracinha?

— Não! — A firmeza na voz de Jody ao responder, apesar de me constranger, também me impressionou — Jody não *gota*.

Parecia que ela estava escolhendo um lado, e não era o meu ou o de Jason, mas isso só poderia ser coisa da minha cabeça. Então, ela fez uma cara feia e um bico tão grande, que seus lábios tocaram a ponta do nariz. Depois balançou a cabeça com força, arrancando uma risada nada discreta de Dallas, que me obrigou a olhar séria para ele.

— É isso aí, garota — Dallas estendeu a mão para Jody, que pulou para tocar a dele, fazendo um *high five* estridente — Não fica dando risinhos para qualquer um que apareça.

Jody não estava se comportando como uma menina bem-educada, e a reação do xerife só contribuía para que ela achasse correto a malcriação que estava fazendo. Durante todo o tempo em que trabalhei no Café da Chan, essa foi a primeira vez que testemunhei minha sobrinha fazendo birra para um cliente.

— Jody! — chamei sua atenção e voltei a encarar Jason com um

sorriso amarelo — Desculpe, ela só deve estar cansada e com sono.

— Eu entendo. Bem, só pense sobre o assunto, ok? — disse Jason ao colocar seu chapéu — A gente se vê, Mandy.

“*A gente se vê, Mandy*”, Dallas imitou com pouco caso.

O que havia com ele, afinal de contas?

— Até logo, Jason — sorri em despedida e esperei que passasse pela porta para pendurar a placa de fechado.

Voltei para trás do balcão, me recusando a encarar Dallas.

Mas enquanto encerrava a conta do casal e do senhor, o trio de curiosos, Dallas limpou as mesas que eles ocuparam, até subiu as cadeiras como costumávamos fazer e manteve Jody distraída com o broche de xerife que ele entregou a ela.

Isso tornava difícil continuar a ficar zangada com ele. Eu só queira saber o que tinha acontecido. Primeiro, em relação ao convite inesperado de Jason, a reação de Dallas quando ele fez isso, e, depois, sobre o súbito mau humor de Jody, quando jamais foi grosseira com alguém.

A verdade é que, desde que coloquei as mãos naquela maldita frigideira e reagi sem pensar, sentia que meu mundo sossegado entrava no olho do furacão.

— Já está tudo pronto — disse, ao fechar o caixa — Só vou pegar as nossas bolsas lá no fundo.

— Eu faço isso. — Ele circulou o balcão, vindo para o meu lado —
Fica com a Jody.

Acontece que o corredor não era largo o suficiente para um homem do porte dele, eu, e o banco onde Jody estava. Seu corpo teve que pressionar o meu, e com isso, senti sua respiração morna em minha nuca. Suas mãos pressionaram minha cintura, causando um pequeno estremecimento em mim.

— Mandy... — O ouvi sussurrar e fechei os meus olhos.

Entre a minha pele e os polegares de Dallas me acariciando, existia o tecido do vestido, mas eu sentia como se não houvesse nada. E eu me sentia queimar como brasas em uma lareira.

— Volto em um minuto — disse Dallas, se afastando abruptamente.

Abri os meus olhos e ocupei um lugar ao lado de Jody. Meus dedos tremiam ao tirar as travas de segurança no banco dela, mas me obriguei a me acalmar. Quando Dallas retornou, já estávamos esperando-o na porta.

— Você se importa se formos caminhando? — Como eu estava com Jody já dando sinais de cansaço em meu colo, ele carregava as bolsas e trancou as portas do café para mim.

— Claro que não. A casa da Sra. Chan só fica a duas ruas daqui.

O que confirmava não ter motivo algum para Dallas nos acompanhar até lá. O caminho foi silencioso. Encontramos algumas pessoas na rua, que nos cumprimentavam através de sinais, outras não escondiam os cochichos ao

nos ver virar as costas.

— Deixa que eu faço isso — disse ele, ao me ver tentar colocar a chave na porta.

Eu já tinha vindo à casa da Sra. Chan e até passado a noite em seu quarto de hóspede uma vez, quando ela ficou doente e precisou de cuidados. Sabia onde ficava e levei Jody, dormindo em meu colo, até lá. Depois de depositá-la na cama e cobri-la com uma manta, retornei à sala onde Dallas estava. Em frente à janela, olhando para o céu estrelado. Não havia nada mais bonito no mundo do que o céu do Texas à noite.

— Você deveria dar ouvidos ao sexto sentido de Jody — disse ele, ao notar minha aproximação — E ignorar o convite de Jason.

Parei a meio metro dele.

— Como é que é? — cruzei os meus braços.

Dallas virou em minha direção, e seu olhar não estava mais pacífico que o meu.

— Você conhece a fama do Foster?

Eu não tive tempo e, principalmente, interesse, nos últimos anos, de conhecer a fama da maioria dos homens em Peachwood. Talvez eu soubesse, se não tivesse gasto todo o tempo que me restava pensando no Dallas. Bem, mas sempre havia o momento para acordar.

— E qual é a fama dele?

— Bom, ele não fica em uma cama por muito tempo.

Desde que eu era uma garotinha, me vi apaixonada e suspirando por Dallas, mas, nesse momento, eu queria esganá-lo.

— Você está falando do Jason ou de você?

Por essa ele não esperava, notei ao vê-lo abrir e fechar a boca como um sapo.

— Está surpreso com a minha pergunta? — indaguei, sentindo a coragem que nunca acreditei ser capaz de ter, pelo menos com ele — Phoebe Wallace, Stella Brook, Christine Johnson e Cora DeVine. Reconhece algum desses nomes?

— Isso não é sobre mim, Mandy — ele deu dois passos até mim e nos encaramos com os olhos chispando fogo — E elas não são como você.

Ah, ele não tinha falado isso!

— Por que não sou tão bonita quanto elas? — acusei, fazendo muito esforço para segurar as lágrimas que invadiam meus olhos — Ou por que sou tola e idiota o bastante para não enxergar que há outros homens interessados em mim?

— Outros homens?

Sério que de tudo o que eu tinha falado, ele só havia prestado atenção nisso?

— Qual é o seu problema? — indaguei, nervosa.

— Eu não quero que você se machuque — ele abrandou o seu tom de voz — Você é uma garota boa, Mandy.

— Phoebe, Stella, Christine e todas as outras não são? — perguntei, incrédula — Você é um... um... É um tremendo machista, e eu me arrependo de um dia ter...

Calei-me a tempo de ter confessado meus sentimentos por ele. Eu não queria que Dallas soubesse dessa forma, quando ambos estávamos exaltados e podíamos dizer coisas que ferissem um ao outro. Ele não era um cara ruim, mas era homem, e um que precisava rever seus conceitos atrasados.

O problema com os cowboys estava em sua masculinidade excessiva, jeito xucro como um cavalo indomado e teimosia. Minha mãe foi esposa de um, e ela sempre falava, com muito humor, do trabalho que deu para amansar o meu pai. Pensando bem, talvez eu preferisse alguém como Jason Foster, que havia passado algum tempo fora da cidade e sabia ser mais sutil.

— Mandy, você entendeu tudo errado.

— Agora eu sou burra? — indaguei, em um tom irritado.

— Meu Deus, Mandy! A única coisa que Jason está pensando é em te levar para a cama. Preciso ser mais claro que isso?

— E qual o problema, se eu quiser?

Um dia eu teria que ir para a cama com alguém, e já que não poderia ser com ele, pelo menos achava Jason Foster atraente.

Dallas abaixou a cabeça, balançando-a. Eu estava tirando o xerife do prumo, mas ele havia começado primeiro, ao dizer que deveria ignorar o convite de Jason.

— Eu só estou querendo cuidar de você, Mandy — ele tornou a me encarar, e seu olhar sincero me desconcertou — Acho que, tirando seus pais quando estavam vivos, ninguém mais fez isso.

Ele cobriu minha bochecha com sua mão áspera e enorme. Senti como se Dallas afagasse meu coração e fechei meus olhos. Por que não tinha sido ele a me notar, como eu gostaria?

Quando tornei a abrir os meus olhos, seu rosto estava tão próximo do meu, que mais alguns centímetros nossos lábios iriam se tocar, e não havia nada no mundo que eu desejasse mais.

— Mas se quer sair com o Jason — murmurou ele, seu olhar percorrendo meu rosto, como se buscasse memorizar cada detalhe que via — Tudo bem, mas eu vou ficar de olho nele.

Foi como acordar com um balde de água fria. Dallas me levava a picos extremos. Da euforia de tê-lo tocando qualquer parte do meu corpo e expectativa em ser beijada, a raiva por isso não acontecer e ele ignorar, como um idiota, o que estava a meio centímetro de seu nariz.

— Eu estou cansada — tirei sua mão de meu rosto e me afastei dele, indo até a porta — Você poderia ir embora?

Eu já sonhei com Dallas me beijando, tirando as minhas roupas e fazendo amor comigo, mas em nenhum dos meus devaneios mais loucos me vi expulsando-o.

— Certo — ele parou no lado de fora e me encarou de um jeito que eu não soube decifrar — Se não quer pensar no que é melhor para...

— Dallas? — Aguardei que ele se calasse — Tchau!

Bati a porta e me escorei contra ela. Uma parte de mim estava bem irritada com a ousadia dele, de acreditar saber o que era melhor para mim e Jody. A outra parte abriu um belo sorriso por tê-lo enfrentado hoje. Talvez eu estivesse a caminho de me curar de Dallas Walker.



Contei toda história para a Sra. Chan, durante o jantar que eu tinha feito para manter a minha mente ocupada. Diferente das outras vezes que já conversamos sobre Dallas, ela ouviu tudo em um silêncio enervante.

— Até concordo que Jason tenha sido bastante namorador nos tempos do colégio — disse a ela, enquanto a ajudava a tirar a mesa — Mas as pessoas mudam, não mudam?

Eu, por exemplo, nunca acreditei que teria coragem de enfrentar

Dallas e dizer todas as coisas que disse essa noite. Ele sempre foi o meu príncipe.

— A senhora não vai dizer nada?

Eu não tinha mais uma mãe, mas precisava de um conselho de uma.

— Ciúmes.

— Ciúmes? — indaguei, confusa.

A Sra. Chan sempre tinha uma tirada inteligente ou humorada para fazer, e justo agora que eu estava mais perdida que ovelha desgarrada, ela decidia ser monossilábica?

— Vamos tomar um chá — disse ela, preparando duas xícaras.

Retornamos à sala.

— O Sr. Chan e eu nunca tivemos filhos. E depois que ele morreu, me concentrei em levar o café para frente — disse ela, sentando-se ao meu lado no sofá — Mas se tivéssemos tido uma, ficaria feliz que fosse como você. Centrada, responsável e uma boa garota, não aceitaria nada menos para você que um bom homem. Eu acho que foi isso que o xerife quis dizer. De um jeito muito errado, mas foi.

— Mas...

— Parte foi isso. Ele se importa com você, mas está começando a ver uma Mandy que desconhecia — disse ela — Como um gatinho chegando na casa nova. E ele não irá querer ver outro felino conquistando seu espaço.

Assoprei meu chá, tentando acompanhar o raciocínio dela.

— Então, tudo o que eu deveria ter feito antes era arremessar uma frigideira em outra pessoa?

Ela bateu com a mão aberta na minha testa, e doeu.

— Não foi a frigideira, garota boba. É como você se comporta agora — resmungou ela — Cada pessoa tem uma personalidade própria, mas existe uma regra quase geral entre os homens. Eles buscam justamente aquilo que acham que não podem ter. Por isso Dallas está com ciúmes do Jason, pois, ele fez o que nunca passou pela cabeça dele fazer, te chamou para sair.

Eu queria muito acreditar na teoria da Sra. Chan, mas receava me decepcionar mais uma vez, justo agora quando decidi parar de sonhar com um amor impossível.

— Você está no caminho certo.

— Estou?

Porque eu não me sentia assim. Aliás, estava mais confusa que nunca.

— Apenas deixe as coisas acontecerem.

Eu só esperava não perder o resto da minha sanidade enquanto isso. Afinal, sobre uma coisa em relação a Dallas não se podia negar: ele enlouquecia as mulheres dentro e fora de sua cama.

Capítulo 7

Dallas

Eu só queria entender onde foi que eu errei e por que Mandy estava sendo tão irracional e teimosa. Será que ela não conseguia enxergar que eu estava apenas cuidando do seu bem-estar e segurança? Que Jody e ela me preocupavam muito, e que não havia nada de machista em querer proteger as duas?

Ok, eu tinha que admitir que fui um pouco arrogante e precipitado em dizer que não queria que ela desse atenção ao Foster, mas eu tinha motivos válidos para ir contra uma aproximação dele.

Assim como Clyde, Jason não passava de um namorador, um conquistador barato, que não ficava mais que uma noite com a mesma mulher.

E como ela ousava me comparar com ele? Eu tive uma lista significativa de amantes, mas eu pelo menos, sabia dizer o nome de cada uma delas. Enquanto o maior interesse dele na Mandy vinha da curiosidade que ela estava despertando em todos os moradores da cidade. Mas ela merecia ser amada e valorizada por ser uma garota maravilhosa. E como dois mais dois somam quatro, eu tinha a mais absoluta certeza de que Jason Foster não era

um homem digno de Mandy.

— Você está dizendo que ela bateu a porta na sua cara? — indagou Clyde, mal contendo um sorriso.

Eu nem sabia por que estava contando essa história para eles. Depois da manhã toda trabalhando no campo, enrolando feno, nós tínhamos feito uma pausa para uma jarra de limonada que Emma havia preparado e deixado no celeiro. Após tantas horas presenciando meu mau humor, Clyde finalmente conseguiu me perturbar o suficiente para conseguir arrancar de mim o que havia acontecido na noite anterior.

— Para você ver, a doce Mandy sabe ser amarga como fel — resmunguei, esvaziando meu copo — A mulher tem um gênio terrível.

Clyde se sentou em um rolo de feno, cruzando as botas em cima de outro, depois juntou as mãos atrás da cabeça.

— Eu já disse que eu gosto dela? — ele sorriu com exagerado deboche — Quem diria que alguém com aquele rostinho inocente iria colocar o xerife no seu devido lugar.

— E posso saber que lugar seria esse?

As provocações de Clyde geralmente não me irritavam, todo irmão mais novo agia assim. Mas ultimamente ele vinha passando dos limites.

— Como um cachorrinho com o rabo levantado pedindo biscoito.

— É, pois eu vou enfiar o biscoito...

Fui em direção a ele, mas Austin parou entre nós, colocando a mão em meu peito, me obrigando a recuar.

— Chega vocês dois! Ninguém aqui mais tem cinco anos — disse Austin, em seguida se dirigiu a Clyde com reprovação — Já falei para você não fazer isso, porque só irá piorar tudo.

Olhei carrancudo de um para o outro. Não dava para continuar ignorando, esses dois estavam escondendo algo de mim.

— Do que vocês estão falando? — cruzei os braços e afastei minhas pernas, exigindo uma resposta.

— É só uma coisa nossa — Clyde apressou-se em dizer, apagando o sorriso provocativo.

— Corta essa, Clyde. Do que os dois estão falando?

Austin coçou o queixo e Clyde cruzou os braços.

— O que todo mundo já percebeu, menos você — disse ele, voltando com o sorrindo cínico — A Mandy é caidinha por você. E, pelo visto, você não é indiferente.

Foi como saltar um obstáculo e cair do cavalo em seguida. Ou levar um belo coice no meio das bolas.

— O que ele está dizendo? — perguntei a Austin.

— Sério que nunca percebeu, ou nunca ouviu falar nada sobre isso?

Se ele precisava de uma resposta, acho que minha cara de espanto

foi suficiente. Ela tinha uns doze anos e eu dezessete, quando nos conhecemos. Estava saindo do Ensino Médio, enquanto Mandy cursava o fundamental. Eu a via pela cidade com a mãe e a irmã, depois, sozinha quando ficou órfã, e com um pouco mais de frequência quando assumi a delegacia e ela foi trabalhar no café da Chan. Mas eu nunca a vi além da garotinha assustada que um dia impedi de ser esmagada por um touro bravo.

— Cara, o jeito que ela te olha, que fala e sorri para você — destacou Clyde — Não são sinais suficientes?

— Não, porque é a Mandy. Ela é doce, atenciosa e gentil... — murmurei, perdido — Com todo mundo. Certo?

Os dois se entreolharam, depois balançaram a cabeça para mim, negando.

Amanda Temple tinha sentimentos por mim?

Isso não podia ser verdade.

— Agora que já sabe — indagou Austin — O que pretende fazer?



Se havia algo que uma garota conseguia fazer com perfeição era ser rancorosa. Mandy não aprovou quando Derek apareceu no café, sugerindo que a acompanharia até a casa de Chan, e só faltou me fulminar com o olhar quando surgi com a mesma intenção, no dia seguinte. E tenho certeza que só

não me botou para correr porque ela estava com Jody, e a princesinha sempre seria minha melhor aliada.

Nas noites seguintes, só me restou acompanhá-la de longe, fingindo fazer minha ronda pela cidade, nas vezes que pude fazer isso. Certo, como Mandy dissera, eu estava exagerando, mas desde que Clyde jogou a bomba sobre mim, isso não saía da minha cabeça. E eu tinha que ficar de olho em Foster, garantir que ele ficasse longe.

E se isso faria com que Mandy se aborrecesse comigo, era o meu preço a pagar. De qualquer forma, eu preferia uma Mandy que me ignorava durante minhas visitas no café do que uma que pudesse estar arquitetando algum plano absurdo de vingança contra mim, como Julianne faria, por exemplo.

Droga! Como era possível Mandy ter sido apaixonada por mim a vida inteira, como meus irmãos alegaram, se agora mal olhava no meu rosto?

Para essa pergunta eu teria uma resposta em breve. Já havia dado tempo suficiente para Mandy se acalmar. Agora, eu precisava colocar essa história a limpo. E não havia lugar melhor para fazer isso do que o evento beneficente no asilo, onde ela não poderia escapar de mim.

— Ah, Xerife, que bom que você já chegou — Eu mal havia saído da viatura, quando uma senhorinha risonha veio até mim — Eu quero que me reserve uma dança.

Em outras palavras, e pelo olhar determinado que me dirigia, ela exigia isso.

— Com todo prazer, Sra. Cornel.

Ela fez um sinal com a mão, pedindo que eu me aproximasse e agachasse um pouco.

— E se puder, assim que estivermos ali — ela apontou o lugar onde havia uma fileira de bancos, onde vários idosos do asilo se encontravam admirando a festa —, pegar de jeito na minha bunda.

Minha boca escancarou como um peixe se debatendo fora da água.

— Como disse?

— É por causa do Arnold — disse ela, como se isso explicasse tudo — Sabe, um homem começa a dar valor ao que tem quando outro galo canta em seu terreiro.

Arnaldo é um senhor de quase 76 anos, que ela não escondia interesse desde que havia chegado ao asilo, há alguns anos.

— Bem, eu... — procurava uma forma de me esquivar disso, quando ela deu dois tapinhas em meu rosto.

— Sabia que poderia contar com você, Xerife — disse ela, saindo sorrindo.

Fiquei observando-a se afastar apoiada em sua bengala, sem conseguir acreditar no que acabara de ouvir.

— Pela sua cara, a Sra. Cornel também fez um pedido... — Clyde estalou a língua — inusitado.

Já atendi diversas ocorrências “inusitadas” no asilo, desde brigas por suposto furto de dentadura a um casal fugitivo durante a noite, mas nenhuma das senhoras havia pedido descaradamente que a bolinasse, mesmo que o motivo fosse causar ciúmes.

— Ela quer que eu aperte sua bunda — disse a ele, indo em direção às tendas de comida.

— Só isso? — Não apenas o tom de Clyde era desapontado, seu rosto também — Pois, ela me exigiu que...

— acredite, prefiro não ouvir — ergui minha mão, impedindo-o de continuar — Você viu a Mandy?

Como estava preso na delegacia no período da manhã, para que Derek e a Sra. Tyree aproveitasse parte da festa, pedi que Clyde encontrasse uma forma de trazer Mandy e Jody em sua picape. Meu irmão mais novo poderia ser um pé no saco, às vezes, principalmente comigo, mas dificilmente as mulheres resistiam ao seu charme.

— Ocupou o lugar de Chan tem umas duas horas.

— E a Jody?

Clyde ergueu uma sobrancelha para mim. A resposta era óbvia.

Segui em direção à tenda do Café Chan e as avistei. Mandy usava

um vestido de algodão, amarelo, justo no busto, rodado na saia, e para completar, botas. Uma verdadeira garota do campo. Eu podia tê-la considerado como uma irmãzinha a quem proteger, mas sem essa venda agora sobre meus olhos, precisava admitir, Mandy era uma mulher e tanto. Seus seios pareciam dois pêssegos suculentos, saltando do decote a cada movimento brusco que fazia. E ela tinha pernas bonitas e um traseiro redondinho, que me fazia refletir se ela protestaria em receber algumas palmadas.

Concentre-se, Dallas! Fechei os meus olhos, sacudindo a cabeça e me repreendendo. Eu não estava aqui para me deixar levar por fantasias sexuais com Mandy. Se eu fosse um homem melhor do que acusei Jason Foster, nem deveria estar pensando sobre isso.

Voltei a olhar para Mandy, ela servia tortas para um grupo de senhoras da igreja. Ao lado dela, Jody, que apesar de estar sentada na cadeira onde foi colocada, girava de um lado a outro, inquieta.

— Oi, ovelhinha — disse, ao me ajoelhar em frente a ela.

— Oi — ela abriu um sorriso lindo e sua mão cobriu meu nariz.

— Quer dar uma volta por aí, enquanto a Mandy trabalha?

Ainda segurando meu nariz, Jody balançou minha cabeça em concordância, depois me soltou, esticando os braços para que a pegasse no colo.

— Você não precisa fazer isso — Mandy surgiu, após entregar as tortinhas às senhoras — Hoje não é um dia de trabalho, e mais tarde a Sra. Pahlow ocupará o meu lugar. Então...

— Não é uma questão de precisar. — Afastei a mão de Jody da estrela em meu peito e tirei meu chapéu, o colocando na cabeça dela para que pudesse se distrair com ele — Nós vamos nos divertir juntos.

Já estava me preparando para uma chuva de protestos, mas Mandy me surpreendeu, soltando apenas um leve suspiro antes de voltar a se concentrar nas pessoas aguardando para serem atendidas.

— Vamos lá, ovelhinha — disse a Jody, colocando-a sobre os meus ombros.

Havia muitas atividades para as crianças. Uma piscina de bolinhas, pula-pula, atividades com bolas e tantas outras, que proporcionavam aos pais alguns momentos para curtirem a festa.

— Então, quando você não está de xerife, faz alguns extras de babá? — indagou Paula, se juntando a mim em um banco, depois de colocar sua filha Michele para brincar com Jody — Por que eu nunca fui informada sobre isso?

Era uma provocação, e eu não iria cair na pilha dela. Michelle sempre ficava em nossa fazenda quando o casal precisava ter alguns momentos sozinhos, então, tenho muito contato, como adoro passar um

tempo com minha sobrinha sempre que possível.

— Talvez por que sempre há muitos Walker ao redor dela?

— Faz sentido. — Ela abriu um largo sorriso, quando desviou a atenção da filha para mim — Além dos pais que a amam muito, os avôs que a paparicam, ela tem uma tia e três tios que a sufocam de carinho. É uma pena que nem com todas as crianças seja assim.

Não pude evitar pensar em Jody, até porque Paula olhava para ela ao dizer isso.

— A Jody tem a Mandy, a Sra. Chan — respondi na defensiva — E a cidade inteira a adora.

Glenda podia ser sua mãe biológica, mas não fazia a menor falta para a menina.

— Claro, sempre ouço dizer que a Mandy é incrível com a Jody — disse Paula, buscando minha mão — E você é apaixonado por ela, não é?

— Pela Mandy?

Será que todos nessa cidade não falavam de outro assunto?

— Eu me referia a Jody. — Seu sorriso matreiro denunciou que ela tinha me colocado em uma armadilha, na qual vergonhosamente caí — Mas essa resposta me interessa também.

Eu sabia, ou soube há pouco tempo, que Mandy tinha sentimentos por mim. Agora, o que eu sentia por ela?

— Não sei responder a isso — confessei.

— Você não sabe, ou tem medo de descobrir, Dallas?

— Olha, eu passei boa parte de nossas vidas vendo a Mandy como a garota tímida, mas gentil, esforçada, sincera e que possuía o sorriso mais doce que já vi em alguém — cocei o meu queixo, nervoso — Então, ela me mostrou um outro lado, sabe, ela é muito mais forte do que aparenta, e isso me atrai também.

— Também! — Paula quase pulou do banco para o meu colo — Viu? Isso quer dizer que as outras facetas da Mandy já o atraem. Interessante, muito interessante...

Isso não era nada interessante.

— Não, quer dizer que nada disso é da sua conta, sua pequena intrometida.

— O que não é da conta de Paula?

Já não faltava mais nada, gemi, ao girar a cabeça para olhar sobre o ombro e encontrar Charlotte sorrindo atrás de mim.

— Aquela garota do café gosta do Dallas.

Animada pela filha ter levantado um assunto que claramente a interessava, Charlotte se acomodou no banco entre nós dois.

— Mas isso todo mundo já sabe — disse ela, me dando um olhar como se me recriminasse por eu ter levado tanto tempo para enxergar isso —

Hum... exceto algumas pessoas.

Algumas pessoas, com certeza, sou eu. Será que todo mundo que eu conhecia iria jogar isso na minha cara agora?

— Mas o que ninguém sabia — insinuou Paula, mansamente —, é que ele nutre sentimentos por ela também.

Eu me remexi no lugar, começando a me sentir sufocado pelas duas.

— Eu não disse isso — tentei me defender.

As coisas não aconteciam da maneira que minha irmã dizia. O fato de admirar Mandy não me fazia estar caindo de amor por ela, da noite para o dia.

— Deixa-me refrescar um pouquinho a sua memória, querido — provocou Paula, dando um sorriso que me fez querer esganá-la — Ela é gentil, esforçada, sincera, mais forte do que aparenta e possui o sorriso mais doce que já vi em alguém. Acho que essas foram exatamente as suas palavras.

Será que todas as mulheres eram criaturas tão intrometidas e perturbadoras como elas?

— Além disso, algumas coisas não precisam ser ditas — sentenciou Charlotte — E se há explicações em excesso, alguma coisa tem.

Eu era muito jovem quando perdi a minha mãe. E meu pai nunca levou outra mulher para casa. No passado, acreditei que ele estivesse

amargando o luto. Mas o que soubemos, alguns meses antes de Charlotte e ele se casarem, é que papai sempre foi apaixonada por ela. A vida e os desencontros do destino tinham se encarregado de mantê-los separados. E quando meu pai descobriu que tiveram uma filha juntos, isso acabou por reuni-los novamente.

Emma tinha feito o melhor possível pelos garotos Walker e foi o máximo que pôde uma presença feminina para Julianne, mas esse vazio materno esteve em nossas vidas por muito tempo. Eu gostava de Charlotte, ou Lola, como ela preferia ser chamada. Ela dava um novo colorido à fazenda, meu pai ficava muito mais leve e feliz ao lado da esposa. Por isso, embora devesse, não iria me zangar com as provocações delas.

— Vocês duas... — disse, ao me levantar — São impossíveis. Vamos, Jody. Preciso limpar a bagunça que você fez, antes que a Mandy nos mate.

— Você pode fugir da gente, meu querido — murmurou Paula, com um sorriso na voz — Mas não pode continuar fugindo do amor.

— Ai, meu Deus! — Charlotte levou a mão ao peito, exibindo um ar emocionado — O primeiro irmão Walker apaixonado.

Decidi que o melhor caminho era ignorar suas provocações às minhas costas e me afastei com Jody.

Eu não fugia do amor ou qualquer dessas baboseiras que elas

destacavam, apenas nunca acreditei que um dia ele fosse bater à minha porta.

— Jody *gota* Das-das.

Ela pousou a mão manchada de molho em meu queixo.

Se eu tinha sentimentos mais fortes do que a necessidade de proteger Mandy, era algo que ainda estava tentando avaliar, mas essa garotinha, essa sim, sem muito esforço, possuía um pedaço gigante do meu coração.

— Dallas gosta da Jody também — sujei a ponta do nariz dela com molho — Muito.



A tarde começava a cair quando entre idas e vindas para saber como Jody estava se comportando, Mandy finalmente conseguiu se juntar à mesa dos Walker.

— Ela se deu muito bem com a Michele — disse minha irmã, ao observar as duas meninas brincando em uma manta no chão — Acho que nos vimos algumas vezes no café, mas não fomos devidamente apresentadas. Eu sou a Paula. Depois de Julianne, a irmã preferida de Dallas e daqueles dois.

Ela apontou para a pilha de lenha que Clyde, Austin, meu pai e um grupo de cowboys terminavam de montar para iniciar a fogueira, depois de um longo tempo de discussão para decidir qual a melhor forma de se fazer isso.

— Eu sou a Mandy — disse ela, colocando sobre a mesa o prato com milho cozido e algum tipo de molho, aceitando a mão que Paula oferecia — Prazer em conhecê-la, Paula. E como vai Charlote?

Enquanto as observava trocar algumas palavras, não pude deixar de notar como Mandy se encaixava muito bem às mulheres de minha família. E eu apreciava isso. Sorrindo de algo que Charlote disse, os olhos de Mandy encontraram os meus.

Eu podia sentir mais calor do que as chamas ardendo na fogueira, e decidi que esse era um ótimo momento para que pudéssemos conversar.

— Mandy! — Clyde surgiu e seu corpo cobriu a visão que eu tinha dela — Você precisa dançar essa música comigo. É uma questão de vida ou morte.

Eu nem tive tempo de me opor, em segundos ele a arrastava próximo à fogueira, onde outros casais agitavam os corpos com uma música country.

E não foi apenas uma música, foram três. Depois de Clyde veio Austin, que dançou mais duas músicas com ela; James foi o seguinte, e até mesmo o meu pai, com quem Mandy ria.

Inferno! Eu só queria alguns minutos para conversar com Mandy.

— Xerife! — Senti a bengala bater contra minha bota — Espero que um homem da família Walker seja de palavra.

Olhei para a dona da voz furiosa, e talvez tenha sido melhor não ter

feito isso. Seja lá o que os outros homens Walker tinham feito à Sra. Cornel, ela estava bem disposta a descontar em mim.

— Você garantiu que teria uma dança comigo.

E ela também havia sugerido que em algum momento entre a dança e os ciúmes que queria despertar em Arnold, eu apalpassse sua bunda. Senti meu rosto quente apenas em imaginar isso. A Sra. Cornel poderia ser a minha avó.

— Vamos, menino — exigiu ela, puxando minha camisa — Eu não tenho a noite toda.

Certo, não havia problema algum em dançar uma ou duas músicas com a simpática velhinha, mas era bom que eu conseguisse encontrar um assunto interessante o suficiente para manter a cabeça dela bem longe de ideias impróprias, como impossíveis.

— Veja, Xerife — ela indicou o lugar onde Arnold estava nos observando — Acho que agora...

Contudo, outro detalhe me chamou atenção. Jason Foster com um caminhar e olhar determinado em direção a Mandy.

Ah, não! Isso já ia além dos meus limites.

— Desculpe, Sra. Cornel — a afastei gentilmente de mim, interrompendo nossa dança — Mas eu preciso resolver um assunto importante.

Clyde, Austin, meu pai e até mesmo James haviam adiado a conversa que precisava ter com Mandy, mas Foster não iria, de jeito algum, atravessar meu caminho.

— Mandy?

— Dallas — Suas bochechas corando, e que eu tinha certeza não ter nada a ver com a quantidade de vezes que dançou, deixou-a deliciosamente mais linda — Eu posso?

Estendi minha mão, aguardando impacientemente enquanto via Jason ficar cada vez mais perto. Ela desviou sua atenção para Jody e, depois, para mim.

— Não se preocupe — disse Lola, fazendo Mandy se levantar — Eu cuido da Jody.

— Tudo bem — Mandy aceitou minha mão no exato momento que Foster parou atrás dela, com um olhar desapontado surgindo em seu rosto.

Tarde demais para você, Jason, meditei, sorrindo.

Capítulo 8

Mandy

Dallas pegou minha mão e me levou com ele até onde a música tocava mais alto e as pessoas dançavam juntinhas. Ficamos frente a frente, e ele agarrou minha cintura e me puxou para mais perto dele.

Foi como se uma redoma de vidro tivesse sido colocada em torno da gente. Havia a música, os sussurros das pessoas em volta, a luz brincando no rosto dele, as chamas da fogueira, os vultos em volta de nós, mas eu só conseguia ter olhos para Dallas. Eles pareciam mais escuros olhando para mim, e sentia como fosse capaz de tocar minha alma.

Ele ergueu uma mão e afastou algumas mechas de cabelo caindo em meu rosto, e seu polegar acariciou minhas bochechas. Amava o jeito que Dallas fazia isso.

Eu passei a semana toda tentando manter acesa a raiva pelo o que ele fez no café com o Jason e o que disse na casa da Sra. Chan, evitando-o e falando apenas o necessário que o trabalho exigia. Só que, estando agora tão próxima dele, via toda a minha determinação desmoronar.

Havia colocado na cabeça que seria melhor esquecê-lo de vez já que nunca conseguiria me enxergar como mulher, colocar um fim em meus

sonhos bobos e seguir em frente. Mas estando em seus braços, sentindo o calor do seu corpo aquecendo o meu, tudo deixou de ter importância.

Esse era o primeiro, e talvez fosse o último, momento que me via assim com Dallas, um que sonhei e aguardei por tanto tempo, que agora só queria desfrutar de cada segundo.

Então, segurei em seus braços e coleí meu rosto em seu peito largo e forte. Senti seu perfume inebriante, e quando seu rosto encostou o topo da minha cabeça, sorri, feliz. Dançamos assim, na verdade, mal dávamos alguns passos curtos, de um lado a outro. Era como se ele apenas me abraçasse e balançasse suavemente.

Às vezes, sua mão corria pelas minhas costas, fazendo cada pelo em mim se arrepiar; às vezes, ela deslizava pelos meus cabelos. Sentia-me como um gatinho sendo acariciado, e era meigo e, ao mesmo tempo, sedutor. Todo o meu corpo ardia por Dallas mais do que as brasas na fogueira.

Nem sei quantas músicas ficamos assim, presos um no outro, desfrutando de um universo só nosso. Até que a música se tornou mais agitada, assim como Dallas parecia ao olhar para mim.

— Vamos tomar alguma coisa — sugeriu ele, entrelaçando seus dedos nos meus, apertando-os firmes, acho que temia me ver escapar, enquanto me guiava entre as pessoas.

Dallas comprou dois copos grandes de chá gelado e nós caminhamos

para um conjunto de bancos de madeira, um pouco mais afastado da grande muvuca.

Ele me ajudou a sentar, mas ficou em pé. Colocou uma de suas botas sobre o banco, o braço sobre a perna.

— Mandy, eu... — ele começou a girar o copo em suas mãos — andei ouvindo certas coisas.

Que um dia os rumores de que eu nutria sentimentos profundos por Dallas chegariam aos ouvidos dele um dia, eu sabia, mas estar preparada para ver meu coração exposto dessa forma, me aterrorizava.

— Eu nunca pensei — ele fez uma pausa para respirar fundo — Sempre a vi como... a Mandy.

Bem, se eu estava em pânico, dava para notar que Dallas estava agitado.

Ele xingou baixinho e colocou seu chá intocado no banco, depois, me fez ficar de pé em frente a ele.

— O que eu quero dizer é que eu...

Prendi a respiração. Será que Dallas iria...

— É aqui que você está, Mandy.

É claro que não seria tão fácil assim. Viramos em direção a Jason.

— Porra! — ouvi Dallas dizer, se colocando ao meu lado — O que você quer, Foster?

— A Mandy me prometeu uma dança.

Gemi baixinho. Eu realmente havia feito isso, em uma das vezes que ele apareceu no café. Tinha esquecido completamente daquela promessa.

— Mas isso não será possível — O braço de Dallas envolveu minha cintura, e ele me levou um pouco mais para perto dele.

Jason não pareceu gostar nada, e cruzou os braços, encarando isso como um desafio.

— Por que você não deixa a Mandy responder? — questionou ele — Por que está sempre dizendo a ela o que quer ou o que precisa?

Quando eu havia deixado de ser a solitária e quase invisível Mandy do café, cujo o único objetivo na vida era dar duro para criar a sobrinha, e me transformado na Mandy que tinha dois homens praticamente se engalfinhando por ela?

— Porque eu sei do que ela precisa — Dallas me levou para trás dele e deu alguns passos em direção a Jason — E não é você!

Ah, não! Eles não fariam isso de novo, não aqui, em um evento que era importante para todos os velhinhos do asilo e contava com a presença de metade de Peachwood.

— Walker... — Jason bufou.

— Foster...

Eles não sabiam o quanto estavam sendo ridículos?

— Escutem, Jody deve estar exausta e perguntando por mim — disse, ao sair de trás de Dallas — Então, vocês podem continuar agindo como dois alunos do fundamental, que eu estou indo embora.

Virei para Dallas, olhando-o furiosamente.

— Estou cansada — avisei a ele — E não é apenas disso aqui.

Não dei oportunidade para que nenhum deles se manifestasse. Saí pisando duro, ignorando as pessoas mais próximas me encarando com espanto.

Achei Jody exatamente onde a deixei, quando saí para dançar com Dallas, só que em vez de estar brincando no chão com a filha de Paula, ela dormia no colo da madrasta dele.

— Desculpe, Charlote — lamentei, assim que a vi.

Não costumo deixar Jody com outra pessoa, além da Sra. Chan, por tanto tempo. Acontece que quando estou com Dallas, meu mundo virava uma bagunça completa.

— Me chame de Lola — disse ela, passando os dedos carinhosamente nos cabelos de Jody — Ela é um doce.

Eu tinha muita sorte, minha sobrinha era realmente uma criança muito meiga.

— Mandy?

Estremeci, mas me recusei a olhar para Dallas atrás de mim.

— Obrigada por ter ficado com ela.

Inclinei-me para pegar Jody, mas Dallas passou à minha frente, tomando-a em seu colo.

— Vou levá-las.

Eu não queria discutir com ele na frente de Lola, então, apenas assenti.

Fomos para a caminhonete de Austin, e Dallas foi cuidadoso ao acomodar Jody sem acordá-la.

Uma onda de tensão habitava em volta de nós quando entramos no carro. Em um instante eu estava dançando, completamente entregue nos braços de Dallas, suspirando com suas mãos carinhosas, para no seguinte estarmos olhando furiosos um para o outro.

Isso não era certo, as coisas nunca eram fáceis para mim. Por que ele simplesmente não podia ter confessado que sabia dos meus sentimentos e que não se sentia indiferente, como eu vinha pensando?

Se Jason Foster não tivesse surgido no momento errado, Dallas teria falado o que esperei a vida toda para ouvir?

— Chegamos — avisou, me libertando desses questionamentos angustiantes.

Enquanto Dallas retirava Jody do carro, abri a porta de casa com os meus dedos trêmulos, todo o meu corpo estava assim. Não sabia se vinha da

raiva ou da tensão que nos seguiu até aqui.

Nós entramos e observei Dallas colocar Mandy em seu berço. Quando ele me encarou, decidi que não conseguia mais viver assim.

— Você não pode continuar a fazer isso — respirei fundo.

Ele me encarou com seu olhar intenso e veio avançando em minha direção. Recuei até que minhas costas bateram contra a porta fechada.

— Fazer exatamente o quê?

Que os santos protetores das boas moças me ajudassem. Ou não, pensei rapidamente, ao vê-lo se agigantar mais ainda sobre mim, unindo nossos corpos tanto quanto era possível e ainda nos permitia continuar respirando.

— O que eu não posso, Mandy?

Sinceramente, já não sabia do que eu estava falando. Não quando Dallas olhava dessa forma faminta para os meus lábios.

— Eu... você...

No minha cabeça, a frase correta era: Você não pode continuar dizendo com quem posso ou não sair, se não vai reivindicar o direito disso.

Mas tudo o que disse mesmo foi: — Jason.

— Ele não é o cara certo para você, Mandy — E suas mãos gigantes puxaram minha cintura, levando-me a apoiar as mãos no peito dele — Porque eu sou.

Mal tive tempo de me sentir surpresa. Dallas agarrou minha nuca, fazendo com que minhas costas curvassem para trás, e cobriu os meus lábios com os seus.

Esqueça tudo o que pensei, idealizei ou sonhei em relação a esse beijo; superava de longe todas as minhas expectativas. O beijo de Dallas era exatamente como ele: possessivo, cheio de energia, explosivo e quente, muito quente.

Ele agarrou minhas pernas e me ergueu, rodeando-as em sua cintura. Fui comprimida contra a porta, enquanto nosso beijo ganhava mais intensidade. A ereção de Dallas esfregava contra mim, e senti uma espécie de vertigem gostosa.

Suas mãos deslizaram pelo meu corpo, e quando cobriu os meus seios, os esmagando de leve, um gritinho de deleite veio do fundo de minha garganta. Tinha a visão turva, quando Dallas encerrou o beijo para que pudéssemos respirar.

Seu quadril esfregou contra o meu, e eu cravei meus dedos no ombro dele. Dallas puxou o decote do meu vestido, enchendo suas mãos com meus seios, e quando os dedos apertaram meus mamilos, contorci-me em seus braços.

— Dallas... — gemi, desesperada.

Eu queria tocá-lo. Sentir cada músculo que, de longe, apenas

admirei. Sentia como se estivesse febril por isso. Abri um botão de sua camisa, beijei e lambi seu pescoço, notando-o estremecer.

— Caramba, Mandy! — Ele grunhiu, me jogando um pouco mais para o alto, então, sua boca tomou o lugar de sua mão em meu seio.

Gemi alto, jogando a cabeça para trás. Se eu fosse definir esse momento, a palavra certa seria uma loucura.

Uma loucura intensa e desenfreada.

— Ai... — gemi, quando Dallas agarrou meu mamilo com os dentes e com a língua o acariciou.

Agarrei seus cabelos, puxando-o mais para mim, em minha forma de dizer que estava louca com o que ele fazia comigo e para que não parasse. Não, nenhum sonho que tive poderia chegar a essa doce realidade. Eu me desfazia nos braços de Dallas e...

— Den-dy?

Assim como eu, Dallas enrijeceu, ficando estático.

— Da-das dodói Dendy — Olhei por cima dos ombros de Dallas para encontrar Jody de pé em seu berço, nos olhando com cara de choro.

— Droga! — Ele me colocou no chão e ajeitou meu vestido — Mandy, eu sinto muito. Eu... eu perdi a cabeça.

Nós perdemos a cabeça, e embora o pouco que Jody presenciou a tenha deixado confusa, de forma alguma eu me arrependia.

Ele se afastou de mim, passando as mãos na cabeça. Queria ajeitar as coisas com ele, mas primeiro precisava tranquilizar Jody.

— Não, meu amor — peguei-a do berço, levei-a até minha cama e a sentei ao meu lado — O Dallas não estava machucando a Mandy.

Como explicar a uma criança de três anos que os gemidos que ela ouviu não era de dor, e sim o contrário?

— O Dallas nunca a machucaria — disse ele, se sentando ao lado dela, depois me procurou com o olhar — Ele gosta muito da Mandy.

Pisquei meus olhos, tentando segurar minhas lágrimas. O aperto que senti no peito era bom, como se um calor quentinho corresse por todo o meu corpo.

— E a Mandy gosta do Dallas? — ele sorriu para mim.

O sorriso que arrebatou o meu coração de vez.

— Ela gostou a vida inteira — disse, antes que um soluço escapasse dos meus lábios.

Abracei Jody mais forte, porque ou fazia isso ou pulava em cima dele. Eu não conseguia acreditar que isso estava mesmo acontecendo. Como se estivesse vivendo um dos inúmeros sonhos ou delírios que tive, imaginando Dallas se declarar a mim.

Então, ele segurou o queixo de Jody, a fazendo olhar para ele.

— E a Jody o deixa namorar a Mandy?

Algumas garotas tinham um pai ou um irmão mais velho a quem seu pretendente pediria para namorar, eu tinha a Jody. Ela virou o rosto em minha direção, claramente não sabia o que namorar significava e como o pedido fazia meu coração se agitar no peito, mas pelo sorriso gigante que eu dava aos dois, misturado às lágrimas de contentamento, ela só podia supor que o pedido de Dallas me fazia feliz. Não apenas feliz, mas imensamente contente.

— Jody *dexa* — ela sorriu para ele, estendendo a mão, pedindo colo — *Qué molar* também.

Ainda estava dividida entre o riso e lágrimas, quando observei Dallas a acomodar em seu colo.

— Quando você tiver... — ele mordeu o lábio para segurar o riso — Uns trinta e cinco anos.

Se Jody fosse um pouquinho mais esperta que a tia, não chegaria aos quinze.

— Eu *tem* assim — ela levantou dois dedos de uma mão e um de outra.

Ele gemeu, me puxando para perto dele, e abraçou minha cintura.

— O Dallas está ferrado, não está? — Apesar da indagação atormentada, ele sorria.

— Muito — respondi, segundos antes de ele cobrir minha boca com a sua.

Jody soltou um gritinho em protesto. Minha pequenininha tinha interrompido um momento muito quente entre mim e Dallas, mas a coisa mais importante em minha vida não poderia acontecer sem ela.



Clyde

O Hell é o único pub em Peachwood, como também o único lugar onde os homens podiam se reunir para um pouco de diversão masculina. Jogamos bilhar, tomamos alguns drinques e, às vezes, contamos com a companhia de belas mulheres. Mas não era por isso que estava aqui essa noite. Eu vim pagar uma dívida.

— Uma cerveja, por favor — disse à bartender, colocando meus braços e o pacote sobre o balcão.

Girei no banco com minha garrafa de cerveja na mão e comecei a assistir uma pequena discussão na mesa de bilhar. Não iria muito longe por três motivos: o primeiro, estavam bêbados demais; o segundo, em meio ao jogo e mais bebidas, esqueceriam o motivo do desentendimento, e terceiro, o proprietário os colocaria para correr, se continuassem.

— Pensei que não viria hoje — A garota de cabelos coloridos parou ao meu lado, passando os dedos em meu braço.

— Selenia — abri um sorriso preguiçoso.

— Sonia — ela me corrigiu, mas não parecia chateada por ter errado seu nome.

Sonia era uma estudante universitária em férias de verão. Muitos estudantes que estavam de passagem pelo Texas acabavam trabalhando por um tempo no pub. Assim como a maioria das moças, estava em busca de aventuras e descobrir o que um vaqueiro tinha dentro de sua calça apertada.

— Eu vim acertar um assunto — A puxei pela gola da blusa e a trouxe até mim — Mas eu sempre tenho tempo para uma jovem bonita.

Beijei seu pescoço e a senti estremecer em meus braços.

— Você nunca perde tempo, não é mesmo, Walker?

Afastei meu olhar do pescoço da garota ronronando em meus braços e encarei o intrometido ao meu lado.

— E você, como sempre, fala demais, Jason.

Dei uma batidinha no traseiro da garota e pisquei um olho para ela, um sinal que nos veríamos depois. Ela tinha que trabalhar e eu, resolver o assunto que me trouxe até aqui.

Ele riu e fez um sinal para que uma cerveja fosse entregue a ele.

— Trouxe o combinado? — sondou Jason, antes de dar um longo

gole em sua garrafa.

Antes de deslizar o envelope pelo balcão, o ergui no ar.

— Primeiro tem que me garantir que deu certo.

— Confie em mim. O seu irmão deve estar agora gingando as pernas sob os lençóis dela.

Agarrei a camisa dele com força.

— Não fala assim da Mandy.

Primeiro, porque ela não se comportava dessa forma, e segundo, se Foster tivesse mesmo feito o combinado, logo Mandy seria uma Walker e nós não permitíamos que falassem dessa forma das mulheres da nossa família.

— Calma aí, ô esquentado — ele ergueu a mão em sinal de paz — Só quis dizer que se o Dallas não a laçou dessa vez, é mais burro e lento do que pensava.

Meu irmão não era burro, *mas lento*... Pelo menos no que dizia em relação a Mandy. Desde o colégio, eu percebia que ela suspirava por ele. E assim como Dallas, no início achei que ela era inocente demais para meu irmão. Mas bastou algumas visitas no Café da Chan, com meu irmão mais velho, para notar que ele tratava Mandy diferente.

Até tentei, a pedido de Austin, deixar as coisas seguirem seu curso natural. Mas quando Dallas deu o primeiro passo, colocando-a abaixo de suas asas protetoras e pedido que o ajudássemos quanto a isso, tive que interferir.

Austin e eu tínhamos uma ligação muito forte. Com apenas dois anos de diferença, fomos sempre grudados. Nós não fomos obrigados a crescer quando nossa mãe morreu, e embora tivéssemos ajudado na casa, na fazenda e com Julianne, a responsabilidade não esteve sobre nossos ombros, Dallas fez isso. Ele cresceu rápido demais para ajudar nosso pai e ser o pulso firme que precisávamos ter.

Eu mais que amava meu irmão mais velho, o admirava e sentia orgulho. Dallas merecia a felicidade, e a realização disso estava em Amanda Temple. Ela só tinha que deixar a timidez de lado e surpreender Dallas, como eu sabia que surpreenderia.

Depois disso, era só mostrar a ele o que tinha a perder. Foi por isso que coloquei Jason na jogada. Dallas não iria suportar ver outro touro em sua cerca. Mas eu não podia continuar seguindo com aquele plano. Mandy era uma garota bonita e interessante, e embora tivesse começado como uma ideia maluca para atizar Dallas, nada impedia Jason também de se encantar por ela.

— Você não se preocupa com o que o seu irmão fará quando descobrir?

— Dallas não vai descobrir — disse, tirando o pagamento dele do envelope — Por isso manterá de bico calado. E pelo meu punho nas suas fuças, se disser alguma coisa.

— Por essa belezinha — ele ergueu o quadrinho no ar — Terá meu

silêncio eterno.

Não era só uma revista em quadrinhos, era a primeira edição da série *O Vaqueiro Fantasma*, peça de colecionador que valia uma pequena fortuna.

— Foi bom fazer negócios com você, Walker.

Era bom que Dallas colocasse logo uma aliança no dedo da Mandy, porque, caso contrário, quem veria a potência dos meus punhos era ele.

— Eu nunca o vi com uma cara tão arrasada assim — Sonia parou ao meu lado — O que posso fazer para o sorriso lindo voltar a esse rosto?

Foi-se *O Vaqueiro Fantasma*, mas, *hummm*, belos seios e uma boceta ansiosa para ser fodida compensava essa noite difícil.

— Banheiro em um minuto — sussurrei no ouvido dela, antes de seguir em direção ao local que indiquei.

— Claro — disse, sorrindo.



Mandy

Jody finalmente voltou a adormecer. Cobri-a com seu cobertor felpudo e coloquei seu brinquedo favorito ao lado dela. Quando virei em direção a Dallas, ele me observava da porta. O clima já tinha sido cortado,

mas a gente precisava conversar.

— Quando foi que você soube? — Caminhei vacilante até ele.

— Sobre seus sentimentos por mim, ou os meus por você? — indagou ele, com um sorriso pecaminoso.

— Acho que as duas coisas.

Dallas segurou o meu braço e me puxou para o peito dele.

— Eu sempre ia no café da Chan ver você com a Jody. Você dava duro, mas sempre tinha um sorriso amigável para as pessoas — Me ver através de Dallas estava sendo maravilhoso, ele destacava coisas que, no dia a dia, eu não dava muita atenção — As ouvia. Sabe o que o Sr. Brandon não pode comer, por exemplo. É atenciosa. Mas você era a Mandy.

— O que isso quer dizer?

— Sabe, os homens não ficam pensando em casamento, pelo menos durante uma boa parte da vida.

— Vocês querem sexo — murmurei, sem conseguir me segurar — E ter uma longa lista de amantes.

Não! Não! Não, Mandy. Não estrague tudo agora com uma crise de ciúmes, me políciei.

— Não posso me defender sobre isso. — Ele sorriu, e só não fiquei chateada porque foi um sorriso lindo — Nem apagar o passado. Mas o que quero dizer é que sempre a vi como uma garota especial, que merecia o

melhor de um homem.

— E você não queria oferecer isso. O que mudou?

— É bem idiota dizer isso, mas acho que não estava pronto.

— E quando começou a mudar? — indaguei, ansiosa — Desculpa fazer tantas perguntas, é que ainda acho que estou sonhando.

Ele beijou meus lábios rapidamente antes de responder, mas foi suficiente para fazer meu coração palpitar.

— Eu diria que foi com Penelope — respondeu ele, pensativo — O tempo que morou com a gente. Acompanhar sua gestação, mesmo que conturbada, me fez pensar em como seria ter uma família só minha. Mas, na verdade, acho que foi quando Paula veio à fazenda e teve a Michele.

Eu parecia estar vivendo no “Extraordinário Mundo de Mandy”. Alguém precisava me beliscar e me arrancar desse sonho.

— Então, houve aquilo no café com o Klein.

— Ah-há! Viu? — bati em seu peito — Eu disse à Sra. Chan que foi a frigideira.

Ele me encarou, confuso, até entender o que eu quis dizer.

— Eu não acho que se a Sra. Chan tivesse acertado Klein com uma panela, me fizesse me apaixonar por ela. — Ele provocou — Eu vi que se você era forte e corajosa para enfrentar um homem do tamanho dele, poderia fazer qualquer coisa, e que por mais que a ache frágil, você não é. Olha tudo

o que fez sozinha, e o que faz pela Jody.

Ele fez um bico engraçado de garoto emburrado.

— Você não precisa de mim, ao mesmo tempo, eu queria que você visse que precisava.

— Por isso a reforma em minha casa, que eu não pedi?

— Em parte — respondeu ele — Estava mesmo preocupado com a segurança das duas.

Eu não precisava que Dallas me protegesse, mas amava que ele desejasse cuidar de mim. Quem não iria querer?

— Então, apareceu o Foster.

— Você pensava mesmo que ele iria me magoar, ou foi só ciúmes?

— Eu não iria permitir que ele te machucasse, isso é certo — disse ele, zangado — Mas o ciúme estava me corroendo.

Abri a boca como uma foca, e ela ficou um tempo assim até Dallas se curvar para me beijar. Ele não apenas gostava de mim, como mal conseguiu suportar o risco que outro homem pudesse significar.

Dallas não tinha ideia de como eu o amava. De como estar nos braços dele, como agora, me fazia feliz. Eu me entreguei toda nesse beijo, e quando as coisas começaram a esquentar de novo, ele me afastou.

— Se eu não parar agora, Mandy, não paro mais. — Sua testa encostou na minha — Já tivemos plateia o suficiente por hoje.

Ele olhou em direção ao berço e tive que concordar com ele.

— Eu vejo você no café, amanhã? — indaguei, quando ele abriu a porta.

— Não me vê todos os dias? — Em seguida, me puxou para outro beijo apaixonado que me deixou sem fôlego — Até amanhã, meu amor.

Só consegui balançar minha cabeça, sorrindo feito uma tonta.

Meu amor.

Por favor, não me belisquem, não quero acordar agora.



Já tinha contado à Sra. Chan como tudo havia acontecido umas três vezes, só naquela manhã, mas a cada folguinha que dava no café, ela se debruçava sobre o balcão e pedia que eu contasse de novo.

— Como disse, estava muito irritada com ele por...

Não pude continuar, a sineta tocou avisando que estava entrando alguém. Não foi o hematoma quase desaparecendo do rosto dela que me fez a reconhecer, acho que nunca esqueceria seu olhar assustado ou aquele dia pelo resto da minha vida.

— Boa tarde — ela disse, bem baixinho, e parecia tão assustada que tanto eu como a senhora Chan tivemos que nos inclinar no balcão para poder ouvi-la — Eu vi a placa lá fora, e queria saber...

Ela se calou quando viu que a olhávamos com insistência.

— Deixa para lá — ela sussurrou, começando a recuar — Eu não queria incomodar.

A Sra. Chan me empurrou para o lado e praticamente saiu correndo para o outro lado do balcão.

— Não! Não! Não! — disse ela, pegando a mulher pelo braço — Você veio pela vaga, estou certa?

A jovem olhou para mim, e não soube fazer nada além de sorrir para ela.

— É, mas vocês devem se lembrar que foi o...

— Ah, você não tem culpa do que aquele traste do seu marido fez — afirmou Chan, a conduzindo até uma mesa.

— Ex-marido — disse ela — Em breve ex-marido, entrei com o pedido de divórcio.

— Isso só mostra que é uma mulher inteligente — Chan sorriu — Qual o seu nome?

— É Rachel. Meu nome é Rachel Morgan.

— É um prazer conhecer você, Rachel Morgan — disse a Sra. Chan, estendendo a mão para ela — Se ainda estiver interessada, o emprego é seu.

— Não quer nem saber as minhas referências?

— Querida, você está vendo alguma concorrência? — disse a Sra.

Chan, olhando em volta — Porque eu não vejo ninguém.

Notei os olhos de Rachel se encherem de lágrimas e senti os meus marejarem também. Não pude deixar de lembrar quando surgi com Jody nos braços, esperando ajuda e compreensão. A Sra. Chan era uma boa mulher e sempre acolhia quem precisava de uma mão estendida.

— Obrigada. — Ela enxugou o rosto, agradecida — E quando devo começar?

— Amanhã de manhã, se estiver bom para você — disse ela, virando para mim em seguida — Mandy irá te ensinar o serviço.

Assenti com a cabeça, porque eu me sentia incapaz de falar qualquer coisa.

Observamos Rachel sair do Café, bem diferente da ratinha assustada que entrou.

— Ah, Sra. Chan — corri para abraçá-la —, você é tão boa.

Assim como era tão bom apertar o seu corpo rechonchudo e quentinho. Ela me lembraria uma avó, se ainda tivesse alguma delas viva. Os pais do meu pai morreram quando ele ainda era adolescente, e os da minha mãe, quando Glenda e eu éramos crianças. A Sra. Chan era como uma mãe-vovó para mim e, agora, para Rachel também.

— Ai, garota, está me sufocando.

Eu a apertei mais forte, e teria continuado, se a sineta não tivesse

voltado a tocar.

— Tudo o que quero é aliviar o trabalho sobre meus ombros.

Aquilo era verdade, mas ela tinha um coração mole. Soltei-a e fui até a mesa, onde um homem bem-apessoado, usando um terno elegante, se acomodou.

— Em que posso ajudar? — abri o sorriso de sempre.

— Amanda Temple é você, não é? — questionou ele, enfiando a mão dentro do terno, de onde tirou um cartão.

Apertei a caneta e o bloco de pedidos contra o meu peito. Como esse homem sabia o meu nome e por que veio até mim?

Pensei em Glenda e no que de pior poderia ter acontecido com ela.

— Sim, senhor — respondi, pegando o cartão que ele me entregava.

— Sou Isaac Nowalk — ele se apresentou enquanto eu lia o cartão — Represento o Sr. Rhotenberg, o avô da Jody.

Nowalk & Brown Advogados, li o cartão em minha mão trêmula.

Foi então que meu mundo, que parecia estar se transformando em um conto de fadas feliz, deu os primeiros sinais que poderia ruir.

Capítulo 9

Dallas

A última vez que reuni meus irmãos para algo importante como o que estava prestes a revelar, foi para dizer que Mandy precisava de nossa ajuda e proteção, para ser mais claro, da minha ajuda e proteção. As coisas tinham mudado muito, e em uma velocidade espantosa.

— Eu tenho algo a comunicar aos dois — disse, assim que Clyde entrou se jogando em uma das cadeiras do escritório e Austin se escorou contra a parede, cruzando os braços.

Fisicamente eles eram bem parecidos: altos, musculosos e um porte inegável de vaqueiro, mas suas personalidades não poderiam ser mais diferentes.

— Vocês sempre souberam dos sentimentos de Mandy por mim...

— Nós e a cidade toda — interrompeu Clyde, cruzando suas botas sobre a mesa.

— Menos você — Austin se uniu a ele na provocação.

— Acontece que... — Eu não sou do tipo que fala de sentimentos,

mas a família era a minha base, esses caras estiveram, e sempre estariam, ao meu lado em todos os momentos — Acho que nunca fui indiferente a ela. Eu só não tinha me dado conta ainda.

Eu sempre ia ao café, embora Emma deixasse a mesa pronta todos os dias muito cedo, porque eu gostava de ser atendido por Mandy. Gostava do sorriso que ela me dava quando servia uma fatia de bolo ou um pedaço generoso da minha torta preferida. Amava o som da sua risada quando brincava com Jody. Achava sensual a forma que mordia a ponta da caneta, antes de fazer um pedido, e me policiava para não ficar imaginando coisas, afinal, era a Mandy, a doce Mandy do Café, a quem não deveria ter pensamentos libidinosos. E, por último, e em uma grande escala de importância, meu dia só começava bem quando Mandy me desejava isso, antes de eu sair do Café.

— Caramba! — Sentei-me na ponta da mesa, levando as mãos à cabeça — O tempo todo estava lá...

Como se meus sentimentos por ela tivessem passado o tempo todo adormecidos.

— Só foi preciso um homem bêbado e uma frigideira para te fazer acordar — acusou Austin.

— E Jason Foster — sugeriu Clyde.

Encarei-o, ainda atordoado por minha descoberta. É claro que já

tinha assumido sentir algo por Mandy, quando a levei para casa e nos atracamos minutos antes de Jody acordar, nos pegando em um momento quente. Tomei coragem e pedi que aceitasse ter um relacionamento sério comigo, só não tinha me dado conta que o sentimento não era recente. A nova Mandy, ou o lado corajoso e atrevido que ela me mostrou, apenas serviu para tirar a venda cobrindo os meus olhos.

— O que Jason Foster tem a ver com isso? — indaguei e encarei Clyde — Ele que não se atreva a voltar a colocar os olhos na Mandy, pois, eu juro que...

— Calma, aí — Clyde ficou de pé — Acho que a essas alturas Jason já sabe que é carta fora do baralho. Esse pasto não é dele. Segura a onda, cowboy.

Respirei fundo para me acalmar. Nunca pensei que pudesse ser o tipo ciumento, até agora.

— E o que irá fazer, Dallas? — indagou Austin, me fazendo virar para ele — Você sabe que ela não é como as outras.

— É claro que não é como as outras. É a Mandy — o olhei, irritado — A minha Mandy. Se antes eu achava que deveria cuidar dela, agora, sinto que preciso. Eu quero ter as duas ao meu lado. Aquela pequenininha é importante para mim também.

— A gente não esperava nada diferente de você — disse Clyde,

dando soquinhos em meu peito.

— Estamos muito felizes por você, meu irmão — Austin me puxou para um abraço apertado — Vamos contar para o papai e pegar umas cervejas para comemorar. O xerife durão, enfim, tem seu coração laçado por uma bela dama.

Passei o braço sobre o ombro dele ao seguirmos em direção ao corredor.

— Sabe, não é tão ruim se apaixonar — murmurei, ouvindo Clyde bufar atrás de nós — Um dia estarei naquela mesma sala, ouvindo os dois fazendo o mesmo discurso.

— Não mesmo — disse Clyde — Ninguém vai colocar arreios em mim. Meu pasto tem porteira aberta.

— E eu estou bem como estou — afirmou Austin.

Quando a garota certa aparecesse, eles nem saberiam de qual sela tinham desabado. Mas eu sempre fui um homem paciente, esperaria a minha hora e momento certos de poder revidar as provocações.



Às vezes ser o xerife de uma cidade tão calma como Peachwood não era nada bom. Eu já havia encerrado uma boa parte burocrática e já pensava em fazer a terceira ronda no dia, embora tivesse Derek e Sherman para fazer

por mim, apenas para ter uma desculpa para dar um pulo no Café.

Pensava no que poderia dizer a Chan, para arrastar Mandy até os fundos do Café e roubar dela alguns beijos e algumas coisinhas a mais, quando ouvi uma batida na porta.

— Olá, Xerife.

Metade do corpo de James surgiu para dentro da sala e fiz um sinal para que ele entrasse.

— Diz que tem alguma informação sobre um roubo e vendas de peças de carro — disse.

— Aqui em Peachwood? — indagou ele antes do sorrir — Só se for nos veículos de brinquedo dos filhos dos Dowson. Eu só vim para avisar que a caminhonete da Mandy está pronta, achei que iria querer avisar a ela, já que anda frequentando tanto o Café.

As notícias em Peachwood corriam mais rápido que um trem-bala. Tenho certeza de que, a essas alturas, não havia uma pessoa que já não soubesse que Mandy e eu estávamos juntos, e não tinham se passado nem vinte e quatro horas.

— Sei. — Ergui-me da cadeira e peguei o meu chapéu no suporte — Ou você só veio até aqui para comprovar se o novo boato na cidade é verdade?

James foi o melhor amigo de minha irmã Julianne na cidade, o vi

praticamente crescer com ela. Cheguei a ameaçá-lo com o apoio de meus irmãos, a fazer picadinho dele se se engraçasse com ela, mas os dois apenas se viram como amigos, e hoje ela estava casada com um doutor da cidade grande.

Por ele ser um cara legal, por ser um amigo da família, iria deixar essa passar.

— E é verdade?

— É verdade e é para valer — disse, colocando meu chapéu — Então, pode parar com seus pedidos de casamento à minha garota. Se alguém vai colocar um anel no dedo dela, esse alguém sou eu.

Ele soltou um assovio alto, mas não me incomodei.

— Agora, se me der licença — fiz um sinal para que ele se afastasse —, vou dar seu recado a Mandy.

Eu queria um motivo para vê-la, e esse, por enquanto, era suficiente.

O caminho até o Café durou um pouco mais que o normal, alguns curiosos me paravam para sondar alguma informação e os mais corajosos me interrompiam para me cumprimentar. Mandy era muito querida e todos pediam para que cuidasse bem dela.

Ainda sustentava um sorriso que dei à Sra. Pahlow, ao afirmar que seria respeitoso com Mandy, quando entrei no Café. Mas o sorriso morreu, ao avistar Mandy em uma mesa dos fundos, acompanhada de um forasteiro

elegante.

— Xerife — a Sra. Chan surgiu à minha frente antes que me dirigisse até ele — Vou lhe servir uma xícara de café, sente-se.

Ela indicou o balcão, mas meus olhos estavam em Mandy, de costas para mim, e o homem em frente a ela.

— Eu não...

— Sente, Xerife! — ordenou a Sra. Chan, me empurrando até o banco.

Ocupei o lugar e tirei o chapéu, o colocando sobre a mesa.

— Quem é esse cara?

— O que sei é que veio de San Antonio — disse ela, abaixando o bule de café — Procurar a Mandy. Ainda não sei o que quer.

Olhei para os dois mais uma vez, e alguma coisa me incomodou. Eu não gostava nada desse engomadinho perto da Mandy.

— Pois, eu vou descobrir — disse a Chan.

Engoli o café quente e bati o copo no balcão como um vaqueiro do velho oeste à procura de briga.

Antes mesmo que eu chegasse à mesa, o homem me encarou. Fiz o melhor olhar de touro selvagem no pasto e me sentei ao lado de Mandy, passando o braço em volta de sua cintura. Seja lá o motivo que esse forasteiro tivera para procurá-la, era bom que soubesse que ela não estava sozinha.

— Tudo bem, amor?

Da Mandy que aprendi a conhecer nos últimos dias, esperava receber um olhar furioso por estar me comportando como um homem das cavernas, mas assim que seus olhos caíram em cima de mim, notei que algo de muito errado acontecia.

Mandy estava prestes a chorar e achava que só a presença desse homem a impedia disso, mas eu percebia que estava no limite.

— Volto a entrar em contato em breve, Srta. Temple — disse ele ao se erguer, depois, olhou rapidamente para mim — Senhor.

Minha vontade era segui-lo para fora do Café e exigir saber o que ele tinha falado a Mandy para deixá-la tão transtornada, mas assim que ela se ergueu e saiu correndo para o interior do Café, chorando, minha prioridade foi segui-la.

— Mandy?

Peguei-a segundos antes que ela desabasse no chão, tamanho era o desespero e a dor que sentia.

— Ele vai tirar de mim... — ela começou a chorar, a dor parecia tão profunda que eu podia sentir parte dela esmagando meu peito — Ele vai... vai tirar...

Puxei-a para os meus braços e acariciei seus cabelos. Seu corpo tremia como se eu a tivesse encontrado vagando em uma noite fria.

— Calma, meu amor — beijei seus cabelos e a abracei mais forte —
O que vão tirar de você?

O choro compulsivo e cheio de desolação mal a permitiam falar. Vê-la assim, tão vulnerável e sofrendo fazia um nó começar a crescer em minha garganta.

— Shhh... Estou aqui, Mandy. Nada vai acontecer.

Fiquei repetindo isso e a embalando em meus braços até seu choro começar a ficar mais calmo.

— O que aconteceu, Mandy? — Afastei-me um pouco e comecei a secar as novas lágrimas que a minha pergunta levou ao seu rosto — Quem era aquele homem e o que ele queria?

A única coisa que passava na minha cabeça era que Glenda, após tanto tempo, houvesse ressurgido.

Mandy suspirou e esfregou o olho esquerdo, secando-o com o dorso da mão.

— É um advogado, veio de San Antonio. — Ela conseguiu dizer, apesar de seus lábios tremerem — Em nome do avô da Jody.

Fiz com que minha mente trabalhasse rápido. Lembro da última vez que Glenda esteve aqui, cruzei com ela e Garret quando vieram entregar Jody a Mandy.

— Mas eu pensei que o pai do Garret havia morrido em uma briga

de bar, há alguns anos.

Ela fungou e eu sequei suas bochechas mais uma vez.

— O Garret não é o pai da Jody — esclareceu Mandy — É um tal de Steve Rhotenberg, e ao que parece, alguém a quem minha irmã tentou dar um golpe.

Agora fazia sentido Garret estar com Glenda, mesmo Jody não ser filha dele. Se o que Mandy dizia era verdade, não duvidava nada que a ideia tenha vindo dele.

— O Sr. Rhotenberg acabou de perder o filho e quer fazer um exame na Jody...

— DNA — completei por ela.

— Isso. Para saber se a Jody é mesmo neta dele. Dallas... — Ela voltou a soluçar e me abraçou — Querem tirar a minha menina de mim.

Segurei Mandy forte em meus braços, apoiando meu queixo de leve na cabeça dela, a sentindo estremecer. Minha vista ficou turva, mas mantive a serenidade. Eu sabia o quanto essa garotinha era importante para ela. Arriscava-me a dizer que era todo o mundo de Mandy, perder Jody a arrasaria.

— A gente vai dar um jeito, Mandy — Tomei seu rosto e a fiz olhar para mim — Você não está sozinha, ok?

Seus olhos tristes e úmidos me encararam. Senti como se recebesse

uma punhalada em meu coração.

— Ok.

Afastei as mechas de cabelo grudado em seu rosto molhado e a beijei.

— Eu estou com você. — Toquei seus lábios algumas vezes, desejando que isso pudesse dar forças a ela — Vem, vamos falar com a Chan, eu vou levar você e a Jody para casa.

— Mas eu preciso...

— Descansar — disse a ela com doçura, mas com firmeza — Eu tenho certeza que a Chan irá entender.

A Sra. Chan não apenas entendeu, como também ficou muito abalada pelo que contamos a ela. Todos amávamos Jody, a possibilidade de ela sair de nossas vidas era impensável.

— Den-dy tá cholano? — Jody perguntou a mim, quando a peguei para levá-la para o carro.

— A Mandy vai ficar bem, meu amor.

É claro que ela sabia e sentia quando Mandy não estava bem. A ligação das duas era única e linda de se ver.

— Você passou — disse Mandy, virando a cabeça e olhando para trás, para a entrada de sua casa se distanciando — Passou da minha casa, Dallas.

— Vocês vão para a fazenda.

— Mas...

— Mandy, até que eu saiba quem esse Sr. Rhotenberg é e o que ele pretende em relação a Jody, não vou deixar vocês duas sozinhas naquela casa.

Na fazenda teria meus irmãos, meu pai, Lola, Emma e todos os outros empregados para ajudar Mandy se eu não pudesse.

— Eu sei que você é forte e sabe se cuidar sozinha — parei o carro e virei para encará-la — Mas você não está mais sozinha agora. Sou eu, você, Jody e toda a minha família para ajudar. Se não quiser ficar por um tempo, fique pelo menos hoje, por favor.

Se Mandy não aceitasse ir para a fazenda, então, eu teria que ir para a casa dela. Aguardei sua resposta, segurando o volante com força.

— Tudo bem — murmurou ela.

Soltei o volante e a puxei para o meu colo.

— Eu não quero ficar sozinha — Mandy soluçou em meus lábios enquanto a beijava — Não quero mais me sentir sozinha, Dallas.

— Você nunca mais estará. Tem a Jody e agora me tem também.

Prometi cuidar de Mandy, e um Walker levava suas promessas muito a sério.

Quando chegamos, a levei direto para o quarto que Penelope ficou

quando estive morando aqui. Acomodei as duas e fui para a cozinha acalmar a curiosidade que, sem dúvida, Emma e Lola estariam nutrindo. As duas foram discretas o suficiente para não perguntar nada quando me viram chegar com Mandy e Jody, mas eu sabia que, cedo ou tarde, seria bombardeado de perguntas.

— Pobre Mandy — disse Lola, com o olhar marejado — Você fez o certo em trazê-las, agora, elas precisam ficar perto de quem sente carinho por elas.

Não tinha apenas carinho por Mandy, meus sentimentos por ela estavam cada vez mais profundos.

— Eu tenho que ir até a delegacia resolver uma coisa — disse às duas — Podem ficar de olho nelas, por favor?

Eu não iria ficar de braços cruzados, esperando essa bomba explodir ainda mais.

— Vá tranquilo, querido — Lola se colocou nas pontas dos pés para beijar o meu rosto — Você é um rapaz muito bom.

Emma deu um tapinha em minha outra bochecha e eu saí apressadamente, antes que as duas pudessem me constranger ainda mais.

— Derek, eu não quero ser incomodado — disse, ao passar pela mesa dele.

Ocupei meu lugar, e após respirar fundo, tirei o telefone do suporte.

Aguardei enquanto a ligação era completada.

— Adam? Aqui é o Dallas — disparei assim que ele atendeu —
Preciso da sua ajuda.

Capítulo 10

Mandy

Tinha alguns brinquedos no quarto, eu não sabia se era de Michele ou do filho da prima de Dallas, mas ajudava a manter Jody quieta.

Minha primeira vontade, quando o advogado me deu a notícia, foi pegar Jody e sumir com ela pelo mundo, mas eu estava tão tensa e desnorteada que escapei para o interior do Café, tentando esconder de minha sobrinha a dor que rasgava meu peito. Não quis assustá-la, embora pensasse que ela devia estar sentindo, de alguma maneira, que eu não estava bem.

Jody chegou para mim sem aviso. Glenda simplesmente a deixou comigo e foi embora sem olhar para trás. Eu me apaixonei por ela no momento que puxou meu cabelo, pedindo um pouquinho de atenção. Eu me apaixonei pelo sorriso que via todas as manhãs, pelos abraços apertados e beijos molhados que me dava, quando a vi engatinhar, quando deu seu primeiro passo. Eu vi que amava muito essa garota quando ela ficou doente pela primeira vez e tive que passar uma noite toda com ela no Centro Médico. Eu me apaixonei por ela quando me chamou pelo nome, mesmo no jeitinho de dizer. Eu me apaixonava por Jody todos os dias e um pouco mais.

Como alguém podia chegar e simplesmente arrancar dos meus braços quem, há quase três anos, se tornara nada mais que o meu mundo?

Era tudo por Jody. Levantar todos os dias, trabalhar, cuidar da nossa casa. Eu sempre pensava na Jody ao fazer alguma coisa, pois, embora ela não tivesse sido gerada em meu ventre, eu que dava carinho e amor, que se preocupava com ela vez após outra.

— Den-dy *tiste* — ela largou o ursino na cama e veio pular em meu colo — *Tiste* não, Den-dy.

Ela passou os braços em meu pescoço e me abraçou forte. O abraço mais gostoso do mundo, ao lado do de Dallas.

Pensar nele me fazia sorrir. Não sei como estaria nesse momento sem ele. Provavelmente em casa, me sentindo perdida e aterrorizada. Eu tinha tanta sorte de tê-lo comigo agora. Ter alguém a quem apoiar os ombros cansados.

Dallas não poderia ter entrado na minha vida em um momento melhor. E ele tinha razão em todas as vezes que tentou me acalmar. Um passo de cada vez e tudo ficaria bem.

— Eu amo você, Jody — a abracei forte.

— Jody ama Den-dyyy!

Eu sempre dizia isso e a incentivava a dizer, porque, depois que meus pais faleceram, não ouvi isso de ninguém. Eu queria que Jody soubesse

o quanto era importante.

— Mandy? — Ouvi um chamado baixinho após uma leve batida na porta — Emma fez um chá para você e trouxe leite e alguns biscoitos para Jody.

Saltando do meu colo, Jody foi para ela, feliz.

— Jody *qué* bicoito.

— Vamos para o tapete — avisei, colocando-a no chão com o prato de biscoito e o copo de leite morno.

— Como você está, querida? — Voltei para a cama e Charlotte segurou minha mão.

É claro que Dallas a colocou a par de tudo, ele tinha que explicar por que apareceu de repente em casa com uma mulher em prantos e uma criança.

— Apavorada — confessei.

Eu queria chorar, mas para manter Jody tranquila, busquei forças em mim para não desmoronar mais uma vez.

— Eu sei que está — disse ela, apertando levemente meus dedos — Mas nosso menino vai cuidar de tudo, você vai ver.

Sei que Dallas faria o possível e o impossível para nos ajudar e manter Jody comigo, mas havia coisas que não estavam sob o poder dele, e isso que me preocupava e amedrontava mais.

— Sabe, eu te entendo. Não vi esses rapazes crescer, mas sinto tanto

amor por eles — ela sorriu, emocionada — Você está apaixonada por Dallas, mas não tem ideia de como ele é incrível.

Realmente, passei boa parte da minha vida encantada pelo que via na superfície. O homem de porte atlético e lindo, o xerife linha dura que admirava e suspirava pelos cantos. Mas Dallas era mais do que as coisas que me faziam sentir atraída por ele. Dava orgulho como filho, era um grande irmão e amigo fiel e presente para os que precisavam.

Sim, ele era incrível e cada dia mais, me via apaixonada por ele.

— Eu o amo, Charlote.

— Sabemos disso, e todos nós estamos felizes por fazer parte da vida dele.

— Mesmo trazendo tanta confusão?

Afinal, eu tinha meio que invadido a casa deles.

— Quando Dallas contou que finalmente havia se ajeitado com você, ele tinha tanta felicidade nos olhos — disse ela, e a revelação fez meu coração disparar — Você não trouxe confusão, Mandy, você trouxe amor. O amor que meu garoto precisava.

Eu esperava que o amor fosse sempre o predominante em nossas vidas.



Charlotte me emprestou um vestido e um casaquinho que fora de Julianne, para que eu usasse após o banho relaxante que me aconselhou a tomar, e ainda se encarregou de cuidar da Jody enquanto eu fazia isso. Mas se pretendia passar um tempo indeterminado na fazenda, precisava ir até em casa buscar algumas coisas minhas e principalmente de Jody.

Estava escovando os cabelos molhados, sentada em frente à penteadeira, fazendo uma lista mental do que iria buscar, quando a porta foi aberta e Dallas entrou. Olhamo-nos através do espelho. Ele sorriu primeiro, depois, veio até mim, me abraçou por trás e beijou meu pescoço.

— Você tem um cheiro tão gostoso. — Voltamos a nos olhar através do espelho, e eu sorri.

— É só o sabonete que Lola me deu.

— Não, tem cheiro de Mandy.

Larguei a escova na penteadeira e saltei do banco, ficando de frente a ele.

— E você tem cheiro de Dallas. — O abracei e ele segurou meu rosto para reivindicar um beijo.

E que santo beijo. Ele devorava minha boca e suas mãos seguravam firme minha cintura, o que era bom, pois, Dallas conseguia fazer minhas pernas virarem gelatina.

Suspirei e agarrei mais forte seus braços, enquanto ele explorava

minha boca com sua língua.

— Nossa, Mandy! — Ele colou a testa na minha quando interrompemos o beijo.

Minha nossa, mesmo. Se o beijo de Dallas me fazia quase perder os sentidos, imagina...

— Precisamos conversar — Ele interrompeu meus pensamentos perigosos e segurou minha mão, me levando até a cama — Eu falei com o Adam.

Busquei em minha mente quantos Adams existiam em Peachwood e qual deles ele poderia ter procurado.

— O marido da minha prima — esclareceu Dallas — Ele é advogado em New York.

Empertiguei-me na cama, o encarando com esperança.

— Acha que pode me ajudar?

— Nos ajudar, Mandy — passou o dedo em meu rosto e sorriu — Por enquanto, ele disse que o melhor a fazer é concordar em fazer o exame na Jody.

— Mas...

Isso significaria que poderia perdê-la, se o resultado fosse positivo.

— O avô pode exigir na justiça e vocês começariam uma guerra cedo demais. E ela pode nem ser realmente neta dele. O melhor é tirar a

dúvida de uma vez por todas. Aquele advogado deixou um cartão com você, certo?

— Ele disse que entraria em contato, para dizer o dia do exame.

— Adam disse que o melhor é achar a Glenda. Ela não deixou nenhum documento, dizendo que queria que Jody ficasse com você, certo?

— Ela só jogou a Jody em meus braços e partiu — disse, angustiada — No início, eu ficava dizendo a mim mesma que ela iria voltar. Com o tempo, e cada vez mais que eu me apegava a ela, desejava que Glenda nunca mais voltasse.

Cobri o meu rosto com as mãos, não queria que Dallas visse como eu podia ser egoísta.

— Ah, meu Deus — solucei, começando a chorar — A Glenda é a mãe dela e, no entanto, eu queria que ela nunca mais voltasse.

Não se isso significasse perder a Jody.

— Glenda pode ter dado vida a ela, mas a mãe verdadeira é você — disse ele, me puxando para os seus braços — Quem cuidou, deu amor e carinho. Vou descobrir mais sobre esse homem. Nós vamos achar a Glenda, e farei com que ela garanta que ninguém irá tirar a Jody de nós.

Dallas sempre se referia a nós. Não apenas eu, ele e Jody, mas todos os que nos cercavam. Dallas tinha ganhado, ao se unir a mim, uma namorada e uma criança no pacote, mas ele me dava toda a família dele também

Ficamos um tempo no quarto, curtindo um ao outro. Tivemos pouco tempo para aproveitar em paz o fato de estarmos juntos. Depois, Dallas foi para o quarto dele para se preparar para o jantar e eu decidi descer. Ouvi os burburinhos vindo da cozinha quando cheguei à sala e fui direto para lá.

— A Den-dy *gota*, a Jody *gota* — Parei na porta e fiquei observando o tagarelar de Jody, que estava à mesa, desenhando algo no papel e sentada no colo de Austin — O Das-das *gota tamém*.

No Café, a Jody ficava à vontade, mas poucas vezes a vi tão falante assim.

— O que a Mandy gosta? — indaguei, parando ao lado de Jody.

— O Austin a levou para conhecer os pintinhos novos — Charlotte respondeu.

— E a pequenininha aqui está pensando em como convencer você e Dallas a deixarem-na ficar com um de mascote — completou Austin, com um encantador sorriso no rosto.

O que Dallas tinha de sexy, com seu jeito todo autoritário de ser, Austin tinha de irresistível com seu sorriso e olhar calmos.

— Acho que teria de convencer a mim — disse a ele, com um sorriso — O Dallas, com certeza, fará coro a Jody.

Seria mais comum Jody querer um cachorro, mas agora que toda a grama do quintal tinha sido aparada e a cerca consertada, até que poderia

cogitar a possibilidade de dar esse bichinho a ela.

— Você não poderia ter mostrado um gatinho? — perguntei, enrugando o nariz ao fazer uma careta.

Austin riu, e Jody riu dele.

— Isso porque não mostrei o bezerrinho novo.

Estava pronta a dizer que um bezerro estava fora de qualquer cogitação, quando senti alguém me agarrar pela cintura e me girar no ar.

— Que prazer é terminar um dia de trabalho e me deparar com um rosto tão encantador — disse Clyde ao me colocar no chão, mas sem me soltar.

Sem dúvida, Clyde era o mais descontraído de todos eles, embora sua fama corresse pela cidade que também tinha um sangue quente. Ele já protagonizou algumas brigas no Hell, e o próprio Sr. Walker, quando era xerife, o fez dormir uma ou duas vezes em uma cela.

— E você não sabe a vontade que tenho em dar umas boas palmadas com a escumadeira em seu traseiro — disse Emma, secando as mãos no avental —, sempre que entra com essas botas sujas na minha cozinha.

A reprimenda, em vez de deixá-lo constrangido, o fez alargar ainda mais o sorriso.

— É que mal posso resistir a você, Emma — disse Clyde, em um tom dramático que me fez rir — Imagina a minha cunhada favorita.

— Você só tem uma — destacou Austin.

— Por isso mesmo — rebateu Clyde, piscando para mim.

— Tira as mãos da minha garota — meu coração disparou por ele, antes mesmo que virasse em direção à sua voz — E trate de limpar essa sujeira que fez.

As mãos de Clyde saíram de minha cintura para os braços de Dallas envolverem meu corpo.

— Senti saudade — ele sussurrou em meu ouvido para que apenas eu escutasse.

Mas pela forma que meu rosto ficou vermelho, acho que todos notaram.

Para mim, essa interação familiar passou a ser algo novo. E nesse momento, enquanto a tristeza ficava rondando meu coração em busca de uma brecha, ver e viver com essa família feliz estava sendo um ótimo escudo contra o desânimo.

— Ok. Todos para a mesa — disse Emma, batendo as mãos como se espantasse galinhas — Vou servir o jantar.

— Eu vou chamar o meu marido — disse Charlotte, saindo da cozinha.

No topo da mesa, ao lado da esposa, estava o patriarca da família. Logo depois vinha Dallas, comigo ao seu lado; Austin à minha frente, com

Jody, que insistiu em sentar ao lado dele, e ao meu lado Clyde, e em frente a ele, na grande mesa retangular, estava Emma.

— Em breve teremos que aumentar o tamanho dessa mesa — disse Raul, piscando o olho para mim.

Olhei surpresa para ele, afinal, a mesa já era enorme e ainda havia muitos lugares vazios para serem ocupados. O Sr. Walker, ou só Raul, como pediu que eu o chamasse, era uma mistura de todos os filhos. Divertido como Clyde, mas na medida certa, carinhoso e atencioso como Austin e sério e firme como Dallas, quando o assunto exigia.

Deveria ter uma placa no portão de entrada da fazenda, avisando: “Perigo, homens altamente perigosos e sedutores.”

— Prove um pouco de purê, minha querida — disse Emma, erguendo a travessa para mim — Está tão magrinha.

Para mim, estava no peso ideal, mas estava claro que Emma fazia o estilo mãezona que adorava ver os filhos bem alimentados. E eu também não queria ofender a sensibilidade de cozinheira dela, então, coloquei uma porção de tudo que ela me indicava.

O jantar transcorreu em um clima leve e animado. No final, pedi a Dallas que me levasse até em casa para buscar algumas das minhas coisas.

— Eu falei com a Chan e ela disse que contratou uma atendente nova — disse Dallas, quando me viu pegar o uniforme extra de trabalho —

Não precisa ir por esses dias.

Coloquei a roupa sobre a mala aberta e o encarei.

— Você não consegue evitar, não é?

Ele se aproximou e me puxou pela cintura.

— Evitar o quê?

Apoiei as mãos no peito dele, me permitindo ser envolvida pelo seu abraço. Era impossível conseguir ficar irritada com ele, principalmente quando me olhava do jeito que olhava, como se eu fosse um succulento pedaço de bife que ele queria devorar e ainda chupar os dedos no final.

— Estar no controle o tempo todo — acusei, antes de receber o seu beijo. Apaixonado, sensual e no melhor estilo Dallas Walker, muito quente. Estava agarrada à camisa dele, quando deu uma pausa no beijo.

— Mas eu sou a autoridade — disse, correndo a mão pela lateral do meu corpo.

E quando suas mãos agarraram meus seios, fechei os olhos me contorcendo para trás. Isso era paixão, o que sentia por Dallas, à distância, era apenas um vislumbre de tudo o que ele me fazia sentir.

— Estou sempre no controle.

Emiti um grito de surpresa quando ele me pegou em seu colo e, depois, me jogou sobre a cama, cobrindo-me com o corpo.

— Sabe o que sempre pensei quando a via no Café, no vestidinho da

cafeteria, e me condenava por ser um cretino?

Ele segurou minhas mãos e as levou para cima da minha cabeça.

— Lamber você todinha — A declaração veio acompanhada de um sorriso atrevido. Ele puxou meu lábio inferior com os dentes.

O calor subiu pelo meu corpo e tive que mexer minhas pernas debaixo dele, e um suspiro escapou dos meus lábios quando os dele tocaram a curva do meu pescoço.

— Tão doce, Mandy — ele sussurrou, a língua tocando no ponto onde minha veia pulsava.

— Dallas... — ergui uma perna, e ele se encaixou mais entre minhas coxas.

Seu quadril friccionava contra mim, pressionando o suficiente para que eu notasse o volume em sua calça crescer cada vez mais. Uma doce tortura, era o que melhor definia o que Dallas invocava em mim.

— Mandy — Sua mão correu pela minha coxa e logo seus dedos estavam se infiltrando por baixo da saia do meu vestido.

Joguei minha cabeça para trás e meus dedos enroscaram na coberta. Eu estava deitada na cama, mas sentia que estava caindo em um precipício. A cada toque, a cada centímetro de minha pele que seus dedos percorriam, um novo estremecimento surgia em mim. Chegando mais perto, mais perto...

Eu já ouvia o ruído em minha cabeça, ficando mais alto e mais

insistente.

— Droga! — O ouvi resmungar.

E foi então que notei que o barulho estridente que esteve ecoando em minha cabeça, enquanto me deixava levar pelas carícias de Dallas, vinha do telefone dele tocando.

— É da delegacia — informou ele, olhando, incerto, para o celular.

— Atende — disse, deslizando para fora da cama — Pode ser importante.

Namorando Dallas, eu teria que me acostumar e aprender a lidar com chamadas como essa, assim como ele tinha agido com naturalidade quando Jody nos interrompeu aquela noite.

Voltei a cuidar da minha mala, enquanto Dallas falava ao telefone.

— O Derek não está aí? — o ouvi perguntar — Ok, eu estou indo.

Ele parecia muito chateado, então, sorri para ele, esticando minhas mãos para aliviar a tensão que eu via pesar sobre os seus ombros.

— Eu tenho que ir atender uma ocorrência na fazenda MacLaren, alguma coisa sobre roubo de gado, e estão acusando os MacFly.

A briga entre essas duas famílias era tão antiga e comentada na cidade quanto o amor platônico que nutri por Dallas.

— Ah, era para ter avisado mais cedo, mas com tudo o que aconteceu, acabei esquecendo. O James avisou que a caminhonete está

pronta.

— Isso é ótimo, porque posso voltar a usá-la para trabalhar.

— Sobre isso, ainda acho que ...

Coloquei minhas mãos sobre os ombros dele e tentei fazer o meu olhar mais doce.

— Se me perguntar se estou bem, a resposta seria “não”. Sobre a Jody... — escondi o rosto no peito dele — Eu não quero pensar sobre isso, e o trabalho no Café me ajudará a manter a cabeça ocupada. E eu gosto de trabalhar lá.

Eu não conseguiria ficar em casa a cada minuto pensando no que poderia acontecer.

— Tudo bem, acho que tem razão — ele segurou firme meu rosto e me deu um beijo rápido — Pegou tudo o que precisava?

Olhei em volta da minha pequena casa. Não sabia explicar de onde vinha a sensação, mas sentia que tudo estava começando a mudar.

— Acredito que sim.

— Vou te deixar em casa — disse Dallas, ao pegar a mala em cima da cama — É caminho dos MacLaren.

E ao que parecia, a fazenda Walker seria o novo lar para mim e Jody. Lugar onde eu me sentia não apenas amada, mas segura.



Eu só despertei porque o alarme em meu telefone disparou e me levantei com pressa. Depois que Dallas me deixou de volta à fazenda, organizei as minhas roupas e as de Jody, a coloquei na cama e tentei ficar aguardando Dallas chegar, mas o dia havia sido tão cansativo que acabei adormecendo um pouco depois da meia-noite.

Jody não estava no quarto, mas só cheguei até a metade da escada antes de ouvir os gritos e risadas dela vindos da cozinha, então, retornei ao quarto. Para não chegar atrasada ao Café, precisava me arrumar muito rápido.

E tinha acabado de prender os cabelos, quando Dallas surgiu na porta. Ele cruzou os braços, se escorando no batente, enquanto ficava me observando andar apressada de um lado ao outro.

— Vai ficar aí olhando para mim? — eu gostava de provocá-lo um pouco — Sr. Xerife.

E todo mundo sabia o que acontecia quando se mexia com o leão. Eu não tinha para onde correr no quarto, então, rapidamente me tornei sua presa, mas estava adorando isso.

— Estou pensando— disse ele me abraçando firme, dando pequenos beijos enquanto caminhava para trás, em direção à porta — em qual delito posso acusar você, para mantê-la na delegacia comigo.

Balancei em seus braços enquanto ele me beijava, caminhando comigo.

— Algemada à minha mesa.

— Eu posso pensar em assaltar o Café da Sra. Chan.

— Eu acho... que o seu delito... foi muito pior do que esse. — falou, intercalando as palavras com beijos.

Era difícil raciocinar e ser beijada por Dallas ao mesmo tempo, mas eu estava tentando.

— Ah, e o que seria?

— Roubar o coração de um certo vaqueiro.

— Culpada, Xerife — sussurrei, próximo aos lábios dele — Mas posso te prometer que estará sempre comigo e que vou cuidar muito bem dele.

É claro que cheguei ao Café atrasada, e a bronca que recebi da Sra. Chan teve mais a ver por não ter trazido Jody comigo do que pelos muitos minutos além do horário. Eu também estava meio tensa, por tê-la deixado na fazenda. Mas Emma e Charlotte foram tão convincentes, alegando que seria melhor ser cuidada pelas duas e tendo um lugar enorme para brincar, que não consegui retrucar.

— Sra. Chan, sou grata por sempre ter aceitado a Jody aqui — disse, emocionada — Mas não quero dar munição para que digam que comigo a

Jody não está bem.

Eu trazia Jody para o Café porque não tinha opção.

— Eu consigo entender — ela deu batidinhas em meu rosto — É que me acostumei com ela.

— Quando tudo isso acabar...

— Não, menina. Aqui nunca foi lugar para uma criança — ela sorriu, e fiquei feliz de não ter nenhum tipo de mágoa no olhar dela — Agora, ajude aquela lá que parece mais perdida que cego em tiroteio.

Rachel atendia algumas mesas, mas não conhecia o menu completamente e ainda não tinha conhecimento dos gostos dos clientes mais frequentes.

— O Sr. Falcon gosta de café com duas gotas de mel — disse a ela, quando chegou ao balcão — E bolinhos polvilhados de açúcar, e não os com geleia.

Notando seu olhar desesperado, sorri.

— Tudo bem, Rachel, em alguns dias saberá isso de olhos fechados.

— Eu espero que sim — ela torceu sua caderneta de pedido, nervosa — A Sra. Chan parece que não tem muita paciência.

Olhei rapidamente para trás.

— A Sra. Chan? — soltei um risinho antes de falar: — Ela é muito chapéu e pouco gado.

Vendo que ela não entendia esse jeito caipira de falar, decidi traduzir.

— Quer dizer que ela fala demais, mas nada faz, fique tranquila.

Eu ainda despertava certo interesse na cidade, por estar namorando o xerife, mas agora, a maior parte do mexerico deles estava na forasteira trabalhando no Café, principalmente pelo ocorrido com o ex-marido dela. Mas Rachel parecia tirar de letra os olhares e os bochichos, quando virava as costas.

— Eu vou fazer uma pausa para ligar na fazenda e saber sobre a Jody — avisei a ela, quando o movimento no Café diminuiu um pouco —
Consegue dar conta?

— Pode ir tranquila, eu sei como é — disse ela e notei o tom triste em sua voz — Tento ter notícias dos meus meninos o máximo que consigo também, mas evito incomodar tanto a minha tia.

Não havia hotéis em Peachwood e Rachel estava ficando em um quarto de motel que ficava na estrada a meia hora da cidade. Até que ela encontrasse um bom lugar para ficar, seus filhos teriam que morar com a tia dela, em Abilene.

Nos breves momentos que pudemos conversar, ela me contou que retornou a Peachwood porque a cidade dava a ela uma sensação de paz e segurança e esperava reconstruir a vida ao lado de seus filhos aqui.

Longe de Klein e sem os maus tratos físicos e psicológicos que ele exercia sobre ela, notava-se claramente que Rachel era uma jovem bonita e com muito charme. Assim como todas as mulheres que sofriam ou já sofreram abuso doméstico, ela só precisava ter mais confiança em si mesma.

Há pouco tempo, refleti que precisava ter mais amigas, além da Sra. Chan, mas talvez pudesse ser a amiga para alguém.

Alguém como a Rachel.

Capítulo 11

Dallas

Não estava gostando nada do que estava lendo no dossiê sobre o avô de Jody, que tinha recebido há algumas horas. Sabia que as coisas estavam ruins para Mandy, mas não podia imaginar que as coisas poderiam se complicar ainda mais.

— Xerife?

Ergui o olhar dos papéis e encontrei Sherman parado na porta entreaberta. Ele trabalhou como assistente do meu pai por quase vinte anos. Quando assumi, ele quis levar uma vida mais calma e sugeriu que Derek deveria se candidatar a assistente do xerife. Sherman era um bom homem da lei, seria uma grande perda para a cidade, quando fosse se aposentar em alguns meses.

— A Srta. Mandy já está aqui.

Pedi que Mandy me encontrasse na delegacia, porque aguardava o envio das informações que pedi e as famílias MacFly e MacLauren continuavam a me dar problemas. Eu não entendia por que eles simplesmente não dividiam as terras que cortavam o rio e todos usufruíssem dele. Acho que, no fundo, eles eram apegados a essa rixa que durava há séculos.

— Pode deixá-la entrar — disse, reunindo as folhas em minha mesa
— Ah, Sherman? Se eu não estiver com visitas, Mandy tem entrada livre à minha sala.

Vi que ele se surpreendeu com meu comunicado, como também notei um vislumbre de sorriso que ele mal conseguia esconder, mas saiu sem expressar uma opinião.

— Ops! — soltou Mandy ao cair contra meu peito, ao abrir a porta
— Dallas...

Impedi-a de continuar falando quando uni nossas bocas. Beijar Mandy me fazia sentir como se antecedesse o pequeno pedaço de paraíso. Ela ligava e queimava cada ponto importante em meu corpo, apenas por estar em meus braços, em questão de segundos.

Delicada, macia, quente, perfumada.

E não parava por aí; queria Mandy comigo a cada minuto do meu dia, e sua ausência só me fazia desejá-la ainda mais.

— Uau — ela respirou fundo quando finalizei o beijo e passou os braços em volta do meu pescoço — Serei sempre recepcionada assim, ou é só uma espécie de bônus?

Cruzando os meus pulsos em suas costas, a puxei mais para mim. Eu amava observar seu rosto sorridente. Em como seus olhos brilhavam quando estava feliz. As quase imperceptíveis covinhas que surgiam na bochecha

quando ria.

— Você é tão linda, Mandy.

Passei os dedos em seu rosto, e meu elogio a fez corar. Isso também era uma das inúmeras coisas que amava nela, Mandy era incapaz de dissimular ou mentir.

Toquei seus lábios mais uma vez, e embora não tivesse a mesma paixão que o beijo anterior, estava carregado de doçura e sentimentos. Ela se infiltrava em mim de uma forma poderosa e que eu não conseguia controlar.

— Eu sonhei com isso por tanto tempo. — Ela sorriu e fechou os olhos enquanto eu continuava a acariciar sua face — O desejei tanto.

— Fui cego demais por não enxergar. Na verdade, acho que o que me impedia de ver era o medo.

Mandy voltou a abrir os olhos para me encarar e um sorriso provocativo iluminou o seu rosto.

— O todo poderoso xerife de Peachwood com medo de uma garota?

— Pânico de como essa garota e uma garotinha — sorri para ela — mudariam completamente a minha vida.

— Isso não é um problema para você? — Notei a tensão em sua pergunta — A Jody...

— Uma vez que as deixei entrar, soube que não poderia mais deixá-las sair da minha vida. Isso é um problema para você?

— Nem um pouco, Xerife. — Ela ficou nas pontas dos pés, oferecendo o rosto a mim — Agora, me beija.

— Autoritária — murmurei, deslizando minha mão um pouco abaixo de sua cintura — Acho que gosto disso.

— Eu tenho um professor excelente.

— Gosto disso.

Cada dia mais, eu descobria coisas novas para aprender a amar em Mandy. E cada descoberta era fascinante.



Busquei agir com naturalidade durante o jantar e o momento que Mandy preparou Jody para dormir, mas não tinha mais como protelar em contar a ela o que descobri.

— Quer dar uma volta lá fora? — perguntei, ao vê-la cobrir a menina.

Sua resposta foi aceitar a mão que estendia a ela, entrelaçando nossos dedos como uma corda em nós.

A noite estava agradável, nem quente nem fria, e o céu parecia um tapete de estrelas, com a lua redonda brilhando como prata derretida. Eu gostava de como o brilho dela caía sobre a pele de Mandy e como isso me encantava.

— Vamos sentar ali — A guiei até alguns troncos próximos ao celeiro, ocupei um deles e a sentei em meu colo — Preciso te contar uma coisa. Eu fiz uma pesquisa sobre o Sr. Rhotenberg.

Levei a mão atrás de minhas costas e puxei de dentro da camisa o dossiê que tinha guardado para apresentar a ela.

— O avô da Jody?

— O possível avô dela — respondi.

— E o que descobriu?

Apesar de as folhas estarem em suas mãos, Mandy não quis abri-las. Acho que tinha medo do que poderia encontrar, e de certa forma, ela tinha razão em se preocupar.

— RB&G a lembra de alguma coisa?

— A rede de farmácia? — indagou ela, arregalando os olhos.

Essa rede de farmácias e utilidades estava espalhada por todas as grandes cidades do Texas e era conhecida em todo o país.

— Meu Deus! — Mandy cobriu o rosto com as mãos e a trouxe para meu peito.

Isso significava que o possível avô de Jody era um homem muito rico e poderoso. Uma briga com ele não seria uma coisa fácil. Mas o que mais me preocupava nessa história toda era Glenda. Uma mulher que tinha abandonado a própria filha sem ao menos ter olhado para trás, cairia para o

lado em que pudesse tirar mais vantagem, e essa balança não estava pesando para o lado de Mandy.

— O que vou fazer agora?

Eu odiava presenciar Mandy sofrer e ainda mais ter minhas mãos atadas para impedir isso.

— Por enquanto, fazer o exame — Colhi duas grossas lágrimas deslizando por seu rosto com as pontas dos dedos — Estive pensando em talvez irmos a New York e nos consultarmos com o marido da minha prima. Se Adam não puder ajudar, com toda certeza dirá quem pode.

— Não posso perder a Jody! — Ela escondeu o rosto em meu peito e se agarrou a mim.

— Vamos lutar até o último segundo, minha linda — Beije seus cabelos e a abracei mais forte — Até o último segundo.

Um Walker entrava no jogo para ganhar.

Mas eu deixei que Mandy chorasse em meus braços, mesmo que, por dentro, isso me aniquilasse. Ela precisava colocar para fora toda mágoa e tristeza que estava sentindo, e eu estava aqui para ser todo o suporte que ela precisava.

Logo seu choro passou a suspiros espaçados, e não demorou muito para que ela pegasse no sono. Tinham sido dias agitados e tensos, tudo que Mandy precisava era um pouco de paz.

Então, peguei as folhas que ela sequer olhara, as dobrei e coloquei no bolso do jeans. Depois, ajeitei Mandy melhor em meu colo e me ergui. Ela era pequena e leve, tão leve como uma garota da estrutura dela poderia ser.

— Tudo bem, irmão?

Austin estava no balanço da varanda, esculpindo alguma coisa em madeira. Às vezes ele gostava de ficar ali à noite, fazendo o que não gostava de admitir, sua arte.

— Ela só está um pouco cansada — disse a ele, quando abriu a porta para mim — Vou colocá-la na cama e já desço.

— Vou pegar umas cervejas.

Coloquei Mandy na cama. Puxei suas botas e ergui um pouco sua cabeça do travesseiro, para tirar a presilha em seus cabelos.

— Dallas... — ela sussurrou, e como não abriu os olhos, constateei que estava sonhando — Eu te amo.

Foi como se alguém segurasse meu coração e o esmagasse com os dedos, mas, de alguma forma, a sensação era muito boa.

— Eu... — corri os dedos em seus cabelos — Boa noite, Mandy.

Toquei sua testa com um beijo e saí rapidamente do quarto. Um segundo a mais, e não sabia o que seria capaz de fazer com minhas mãos, com meu corpo inteiro em chamas.

— Você acha que ele... — Austin entregou a garrafa a mim, quando

sentei ao seu lado — Você sabe, levará a menina?

Tomei um gole direto do gargalo. Não querer pensar no assunto não faria o problema desaparecer. Mas queria manter minha mente focada em uma coisa de cada vez.

— Sabe, vai ser foda ver isso mais uma vez — disse Austin.

Ele dizia sobre a possibilidade de ver Jody partir.

— Essa porra não pode acontecer — engoli o caroço preso em minha garganta — A Mandy não vai aguentar.

Eu tinha que ser capaz de fazer alguma coisa.

— Vou até New York com a Mandy.

— Adam?

— Ainda estou puto com ele, pela forma que agiu com a Penny — bufei e bebi novamente para me acalmar — Mesmo que ela tenha todos os motivos para inocentá-lo.

O que eu vi foi a nossa prima destruída. Não dava para esquecer, embora agora eles irradiassem felicidade, povoando o mundo com filhos.

— Se ele ajudar a Mandy — Austin desfez a carranca que fez comigo — Posso perdoá-lo.

Se eu tinha um pouco de rancor de Crighton, Austin tinha muito mais. Em sua visita a Penelope, logo que o casal havia se reconciliado, ele havia chamado Adam para uma conversa e deixado bem claro o que faríamos

com ele se magoasse Penny outra vez.

— Vou dizer isso a ele — sorri — Isso vai fazê-lo trabalhar com mais empenho.

Sendo só um pouquinho justo, Adam não precisava de uma ameaça nossa para nos ajudar. Qualquer desejo de sua esposa seria imediatamente atendido.



Agora Emma nos obrigava, a mim e a Mandy, a tomarmos o café todos os dias, antes de seguirmos para nossos trabalhos. A pior parte era nos separarmos quando ela seguia para a caminhonete e eu para a viatura. Por isso, minha rotina de ir ao Café todas as manhãs continuava igual. Esses eram meus preciosos momentos com Mandy, antes de ocupar minha cabeça pensando na paz e na segurança de Peachwood.

— Olá, Xerife — A nova atendente abriu um sorriso nervoso para mim — Café sem açúcar?

Eu conseguia compreender o desconforto dela, afinal, coloquei seu marido na cadeia e namorava a garota que o tinha levado para o Centro Médico. Mas Rachel não tinha com que se preocupar, ela só foi mais uma vítima de Klein.

— Onde está a Mandy? — fiz um sinal, recusando o bule que ela

erguia.

— Lá atrás, atendendo uma ligação.

Não precisei lidar com minha curiosidade por muito tempo, logo Mandy surgiu com os olhos marejados. Pulei o balcão, indo ao encontro dela sem ao menos me preocupar com o que Chan poderia dizer.

— Mandy? — Toquei seu rosto com carinho.

— Era o advogado. O exame foi marcado para a próxima semana — disse ela, tentando manter a voz firme — Querem que eu leve a Jody até San Antonio, na segunda.

— Estaremos lá.

— Vai comigo? — Seus lábios tremeram ao me perguntar.

— Está mesmo me perguntando isso, pequena?

— Desculpe, eu só... não consigo pensar em nada.

— Sempre ao seu lado. — Encostei minha testa na dela.

Um pequeno vislumbre de seu sorriso e meu dia se tornava perfeito.



Não queria que Mandy passasse o domingo pensando no dia seguinte e se torturando por isso. contei com ajuda para dar a ela e Jody uma tarde perfeita. Emma cuidou da comida e bebidas; Austin e Clyde, para que tudo estivesse em seu devido lugar, quando chegássemos.

— Estão prontas?

Em uma camisa xadrez, saia jeans justa e botas, Mandy estava uma deliciosa visão para os olhos.

— O tanto que Jody me permitiu estar — disse ela, puxando a menina pulando na cama pela alça do macacão — Aqui está muito mais ativa. Acho que porque tem esse lugar todo para correr e brincar.

E eu poderia dizer que era certa influência das aventuras de Clyde, mas preferi deixar essa informação de lado até ter certeza se seria seguro compartilhar.

— Vem, Jody — estiquei meus braços para ela.

Joguei-a para cima após ela saltar em meu colo, e isso a fez gargalhar.

— Chapéu — Suas mãozinhas vieram certeiras em minha cabeça.

— Você gosta mesmo de chapéus.

— *Gota...* — A voz dela abafou quando o rosto sumiu dentro do chapéu e ela voltou a rir.

Eu também sorri quando olhei para Mandy. Ela tinha uma expressão deleitada no rosto, e não pude resistir, busquei seus lábios.

— Esse lugar é lindo, Dallas — disse ela, ao se acomodar na manta estendida no chão.

O rio Rock, de margens rochosas, cruzava três fazendas em

Peachwood, a fazenda Walker, a MacFly e a terra dos MacLauren. Cercado por uma floresta espessa e uma flora incrível, proporcionava uma visão realmente bonita.

— Era o lugar preferido da Julianne, antes de se enfiar na cidade grande.

Eu nunca iria entender como prédios e um mar de gente poderiam ser melhores que toda essa natureza.

— Você nunca vai perdoá-la?

Refleti sobre sua pergunta.

— Não é uma questão de perdoar. — Colhi algumas pedras para jogar no lago — Ela seguiu o caminho dela e é feliz assim. Liam a faz feliz, e tudo o que Julianne quis foi se apaixonar e ser dona do próprio nariz. Eu só não...

— Eu entendo. Nunca desejei ir embora, como a Glenda. Aqui é meu lar. — Olhamos para Jody tentando chamar a atenção de um esquilo com um pedaço de pão — Amo o Café, a Sra. Chan. As pessoas são boas comigo e você está aqui. Não consigo me ver em nenhum lugar diferente. É perfeito.

No que era mais importante, pelo menos para mim, nós dois pensávamos igual. Esse era o nosso lar. Éramos felizes aqui e não havia lugar no mundo melhor do que esse.

— É ainda mais perfeito porque vocês estão aqui.

Seria triste se algum dia fosse obrigado a deixar a cidade, mas o mais difícil seria viver nela agora, sem Mandy.

Capítulo 12

Mandy

Todos os Walkers estavam sendo gentis comigo e muito carinhosos com Jody. Era emocionante ver como eram unidos e davam apoio uns aos outros. Estava cedo demais para dizer que direção meu recente relacionamento com Dallas poderia nos levar, mas, sem sombra de dúvidas, eu gostaria de fazer parte de uma família tão amorosa como essa.

E Dallas, eu não conseguia descrever como ele estava sendo importante para mim nesse momento. Desde que Isaac Nowalk ligou, informando o local e data para o exame de Jody, ele tinha cuidado de tudo. Do hotel onde iríamos ficar, à viagem de carro.

— Separei algumas coisas para vocês comerem no caminho, se sentirem fome — Charlotte entregou o embrulho a Clyde, para que ele colocasse no carro e veio para me dar um abraço apertado — Vai dar tudo certo.

Ela afagou meu rosto, e não consegui deixar de pensar em minha mãe.

— Eu não sei em que você acredita — disse Emma, ao se aproximar e pegar minha mão, colocando sobre a palma um lindo terço — Para que a fé

nunca escape de você, *hija*.

Ela tinha ascendência latina e sua religiosidade era muito forte. Segurei o terço contra meu peito e mordi os lábios, me impedindo de soluçar quando ela me abraçou, desejando boa sorte.

— Boa viagem, Mandy — disse Austin, me fazendo sumir em seus braços.

E diante de seu olhar encorajador e doce, percebi que Julianne e Paula tinham sorte em ter um irmão como ele.

— Vem cá, garota — Clyde retornou e me ergueu no ar para um abraço de urso, e foi o primeiro a me fazer sorrir — Se aquele velhote a aborrecer ou aquele doutor metido à besta, é só me ligar e vou correndo acertar os punhos na fuça deles...

— Clyde! — Dallas o repreendeu, levando-me para os seus braços — Eu mesmo terei o prazer de fazer isso, se for necessário.

A afirmação de Dallas pareceu acalmar o irmão. Certo, para um homem da lei, que deveria prezar pela ordem e tranquilidade, o xerife tinha sangue bem esquentado.

— Nos deixem informados sobre qualquer coisa que possam precisar — Raul afagou o meu ombro, depois, os cabelos de Jody, que dormia no colo de Dallas, e encarou o filho com seriedade — Um Walker cuida dos seus, sempre.

Parecia-me mais um alerta do que um conselho de pai, mas o que me surpreendeu foi: Raul nos considerava uma Walker?

— Eu vou cuidar delas, pai — afirmou Dallas, prendendo a mão em minha cintura.

— Tenha uma boa viagem, filha.

Filha.

Fazia tanto tempo que não ouvia isso e de forma tão carinhosa. A realidade é que há muito tempo que tantas pessoas não se preocupavam comigo assim.

— Obrigada a todos vocês — murmurei, emocionada — Esse carinho é muito importante para mim e para Jody.

Independente do que acontecesse após essa viagem, eu nunca iria esquecer o carinho e o suporte que cada um deles me dava. Eles sabiam o quanto Jody era importante para mim e como essa situação estava me corroendo por dentro.

— Vamos, amor — Dallas sussurrou em meu ouvido, nos conduzindo para fora.

Sentia que flutuava ao ouvir Dallas me chamar assim. E degustava desse deleite, quando alcançamos a porta e vi a Sra. Chan entrar, apressada.

— Ah, que bom, cheguei a tempo — ela inspirou fundo antes de pegar a minha mão — Mandy, querida, não poderia deixar de vir e dar

minhas vibrações a você.

A Sra. Chan tinha sido uma mãe quando mais precisei de uma. Grande parte da minha força vinha de conviver e receber os conselhos dela.

— Sra. Chan — a abracei com força, e todas as emoções que tentei segurar nas últimas horas transbordaram nesse abraço — Obrigada.

Quando Dallas me contou o que descobriu sobre o Sr. Rhotenberg, senti como se meu pequeno mundo estivesse se desfazendo em meus pés. Eu era só uma garota do interior do Texas, que lutava muito para viver e cuidar da sobrinha. O avô de Jody poderia abrir um mar de possibilidades para ela e, naquele momento, constatar isso me deixou aterrorizada. Mas agora via que nós duas éramos muito amadas, nada no mundo poderia ser maior do que isso, e aquilo me dava um pouco mais de fé na vida.

— Vão agora — disse a Sra. Chan, dando um beijo em Jody.

Enquanto o carro partia, focava em cada um deles se despedindo, guardando cada sorriso em meu coração.

— A gente vai ficar bem, Mandy — disse Dallas, levando minha mão aos seus lábios.

— Temos que ficar — sussurrei de volta.

Eu tinha Dallas ao meu lado e seria forte, por mim, por Jody e por ele.



A clínica para o exame de DNA foi escolhida e providenciada pelo Sr. Rhotenberg, quando as amostras poderiam ser colhidas em Peachwood mesmo, mas de acordo com o advogado, ele queria impedir que o material colhido fosse manipulado indevidamente.

— Srta. Temple?

— Sou eu — praticamente pulei da cadeira, onde estive aguardando instruções.

Dallas buscou minha mão, e foi o suficiente para me tranquilizar um pouco. Virei para ele e sorri, mostrando que, apesar de tudo, eu havia chegado até aqui e não iria desabar.

Com muita sorte, a desconfiança do Sr. Rhotenberg quando Jody nasceu, de que ela não era neta dele, se provaria verdadeira e esse senhor nos deixaria em paz.

— Preciso que preencha uma ficha — disse a enfermeira — Apresente os documentos listados e traga a criança para a coleta das amostras.

— O nome dela é Jody — resmunguei, antes de acompanhá-la.

Minha sobrinha não era uma coisa que eu precisava carregar.

— Tudo bem, Mandy — Dallas afagou o meu ombro e seguimos

juntos pelo longo corredor.

Jody deveria captar a tensão que o lugar causava em mim, ela se comportou muito bem, e apesar de não gostar muito de hospitais e enfermeiras devido às muitas vezes que esteve doente, deixou que colhessem o material necessário para o exame.

Quando estávamos saindo da sala, cruzamos com Isaac e um senhor que saía de uma sala parecida com a que estávamos. O senhor estacou no lugar e notei que o advogado o amparou por alguns segundos.

Aquele era o Sr. Rhotenberg, eu não tinha dúvidas. Quis imediatamente pegar Jody, agarrada ao pescoço de Dallas, e fugir para qualquer lugar que fosse impossível desse homem nos encontrar. Pensar em Rhotenberg trazia grande dor e desespero em mim, mas vê-lo, a forma que olhava e estudava Jody, tentando vê-la, me deixou em pânico.

— Vamos, Dallas — agarrei o braço dele com força — Não temos mais nada para fazer aqui.

Provavelmente estava sendo irracional, egoísta e muito medrosa. Talvez o Sr. Rhotenberg não fosse um homem ruim e suas intenções fossem boas, mas eu não conseguia agir diferente do que minha angústia me impulsionava.

Eu só queria fugir para muito longe.

— Tudo bem? — Com a pergunta de Dallas, senti seu abraço em

meu corpo e seu queixo pousando sobre minha cabeça.

Rodeei seus braços com os meus. Da clínica, retornamos ao hotel e Dallas pediu o serviço de quarto, mas mal consegui tocar na comida e acabei em frente à janela, observando a linda cidade de San Antonio.

— É uma cidade bonita — disse a ele.

Dallas acariciou minha pele com os dedos e beijou meus cabelos. Ele sabia que eu evitava tocar no assunto. É que quanto mais eu pensava sobre tudo, mais triste e ansiosa eu ficava.

— É muito bonita mesmo. Quer saber de uma coisa? — Ele me virou para ele e agarrou minha mão — Chega de ficar nesse hotel.

Para que a viagem não fosse tão desgastante para Jody, decidimos passar a noite no hotel, mas tudo o que queria era voltar para Peachwood, para a fazenda, o Café e todas as pessoas que nós amávamos.

— Vem, ovelhinha — Ele agarrou Jody na cama, que via TV, e a jogou sobre os ombros, arrancando gritinhos felizes dela.

— O que você pretende fazer, seu maluco?

Paramos no elevador e Dallas afagou o meu rosto.

— Eu não quero que suas lembranças de San Antônio sejam aquela clínica ou o quarto de hotel — avisou ele — Quando pensar nesse dia, desejo que pense em mim e na Jody e como tivemos um dia incrível juntos.

Assenti. Também desejava que pelo menos parte desse dia fosse uma

lembrança especial para nós três.

Nós acabamos indo em River Walk, caminhando na rede de passarelas ao longo das margens do rio e ocupamos uma das fileiras de mesas e guarda-sóis coloridos para comer. Era um lugar bastante movimentado e muito bonito de caminhar.

— Meus pais nos levavam aos Cânions quando criança, mas não saí muito de Peachwood — disse a Dallas, quando ele colocou a pequena impaciente em seu colo no chão — Apesar das circunstâncias que nos trouxeram aqui, gostei muito.

Qualquer lugar do mundo ao lado de Dallas seria perfeito. E não podia deixar de destacar que ele estava fazendo o possível para manter meus pensamentos e coração o mais longe possível dos problemas.

— Obrigada — segurei o rosto dele com carinho — Me apaixonar por você foi a coisa mais certa que já fiz na vida.

— Embora eu tenha sido um pouco cego... — Ele segurou e beijou a palma de minha mão que esteve em seu rosto.

— Um pouco? — O provoquei.

— Ok. Muito cego. — Arqueei a sobrancelha e fiz escadinha com minha mão, arrancando uma risada dele e um abraço — Muito, muito cego. Ter finalmente...

— Cachorrinho! — gritou Jody.

A gente se distraiu por um minuto e Jody saiu correndo em meio às pessoas.

— Ah, meu Deus! — Corremos juntos em direção a ela.

Por sorte, ela só tinha visto um cachorrinho que chamou sua atenção. Uma mulher estava ajoelhada ao lado dela, segurando sua mão.

— Minha lindinha, onde está sua mãe?

Às vezes, eu mostrava uma foto de Glenda para Jody, para caso um dia ela pensar em voltar e minha sobrinha não se sentir perdida.

— A mamãe? — Jody abriu seu sorriso encantador de pessoas e virou em direção a mim, apontando o dedo — Tá ali.

Congelei no lugar. Eu nunca exigi, incentivei ou esperei que Jody me visse dessa forma. Mas... senti meus olhos ficarem úmidos. Ela via.

— É a mãe dela? — perguntou a mulher, se aproximando com Jody e o cachorrinho.

Eu não sabia o que responder.

— É, sim — disse Dallas, pegando Jody em seu colo — A Mandy é a mãe dela.

— Eu sei que crianças são terríveis, as minhas nessa época davam muita dor de cabeça. — A mulher sorriu, apesar das palavras — E essa é uma coisinha fofa.

Antes de se afastar, a mulher fez cosquinhas na barriga de Jody,

fazendo-a gargalhar. Eu ainda estava presa na emoção de tudo o que aconteceu.

— Eu não... — balbuciei para Dallas.

— Não importa o que qualquer pessoa fale, Mandy. E sei que tenta agir da forma mais correta possível — ele me puxou, beijando minha testa — Mas para mim e, pelo que vejo, para Jody também, você é a mãe dela, conquistou esse posto.

As lágrimas que tentei segurar com muito esforço desceram como um rio pelo meu rosto. Jody era minha filha porque eu a amava como tal, e por isso sentia tanto medo de perdê-la.

— Vem, vamos continuar a fazer desse dia inesquecível — murmurou Dallas, passando os braços à minha volta.

— Já é especial, porque eu tenho vocês.



Jody estava exausta pelo passeio divertido que demos a ela, praticamente tinha dormido durante todo o banho, e colocá-la na cama foi extremamente fácil. Estava colhendo os pertences dela, espalhados pelo chão, quando ouvi a batida na porta da antessala.

— O que quer aqui? — O tom duro na voz de Dallas se destacou.

— A Srta. Temple...

Alguém procurava por mim, concluí ao jogar as meias de Jody dentro da mala, e ao que parecia, a visita não agradava Dallas. Segui em direção às vozes e estaquei ao ver em frente a Dallas o senhor que, há alguns dias, atormentava meus pensamentos.

— Aí está ela — disse ele, olhando duro para mim — Amanda Temple, certo?

Dallas me procurou com a mão e me coloquei ao lado dele. Juntos éramos mais fortes.

— O senhor veio até aqui — Eu não iria me acovardar diante dele — Deve saber quem eu sou.

— Parece que atrevimento vem de família. — Seu olhar reprovador caiu sobre mim.

Com certeza ele se referia a Glenda. Não duvidava que tivesse se mostrado arrogante, debochada e fria com ele, contudo, minha reação estava mais ligada ao medo e ao instinto de proteção, do que a um comportamento rude. Eu pouco conhecia esse senhor, sabia o que ele queria e desconhecia o que seria capaz de fazer para conseguir o que desejava. Ou seja, não era digno de minha confiança ainda.

— A Mandy e a Glenda não poderiam ser mais diferentes — disse Dallas, seu instinto de proteção ligado mais do que nunca.

— Será? — O Sr. Rhotenberg o encarou com o mesmo olhar de

desprezo que direcionou a mim — A situação não me parece muito diferente.

— Nós não o convidamos, meu senhor — disse Dallas, colocando-se à minha frente — E não vou permitir que ofenda a Mandy. Acho melhor se retirar.

— E quem é você? — indagou Rhotenberg com rigidez — É o amante dela? Veio para que sua presença garanta mais dinheiro aos dois? Ainda diz que ela não é uma vigarista como a irmã, que abusou de meu filho doente?

— Eu não quero seu dinheiro! — exaltei-me com a acusação precipitada e injusta.

Tudo o que eu desejava era poder voltar à minha vida tranquila em Peachwood, ao lado de Jody e Dallas, e esquecer tudo isso.

— Sua irmã disse a mesma coisa — acusou ele — Até ver o cheque que coloquei em suas mãos e partir com a menina.

Infelizmente, eu conhecia bem a irmã que tinha e não poderia sair em defesa dela. Julgando meu silêncio como atestado de culpa, o Sr. Rhotenberg continuou:

— Steve tinha Asperger. Como na maioria dos casos como o dele, não era bom em se socializar com as pessoas. Sua irmã soube como manipulá-lo — disse ele, e apesar de ainda me sentir atacada, não pude deixar de notar a grande tristeza que ele carregava na voz — Conseguiu do meu

filho o que outros teriam negado a ela: dinheiro. Felizmente, enxerguei que tipo de pessoa ela era e fiz com que desaparecesse de nossas vidas com seu amante.

Eu sabia que Glenda era capaz de muitas coisas por uma vida fácil e de luxo. Ela tinha me abandonado sozinha em Peachwood em busca disso, mas saber que usou Jody para se dar bem na vida me revoltava. Um filho era uma benção. Jody era um lindo milagre.

— Mas vim para dizer uma coisa aos dois — disse ele, apontando o dedo para mim — Não vou cometer o mesmo erro. Se essa menina for mesmo minha neta, não vou permitir que continue nas mãos de pessoas como vocês.

Eu não poderia dizer que estava sendo pega de surpresa. No momento em que o advogado tinha entrado na lanchonete procurando por mim e deixado claro o motivo de sua visita, soube que a possibilidade existia.

— Uma aproveitadora sem escrúpulos e seu cafetão...

— Não! — emití um grito desesperado.

Não pela acidez nas palavras dele, mas pela ameaça contida nelas.

— Chega, senhor! — Dallas o agarrou pelo braço, o guiando em direção à porta — A Mandy é a pessoa mais correta, bondosa e doce que eu já conheci. Tudo o que fez pela Jody foi dar seu amor incondicional. Não vou deixar que diga essas coisas a ela. Já disse que não é bem-vindo aqui.

Notava que ele estava no limite e só se segurava porque seria uma covardia agredir um senhor da idade dele, mesmo que estivesse se comportando de forma tão desprezível.

— Den-dy? — Ouvi o chamado de Jody atrás de mim.

Com toda a certeza, nossas vozes alteradas a tinham despertado. Virei e a encontrei esfregando os olhinhos cansados.

— Minha neta — murmurou o Sr. Rhotenberg, fazendo sinal de que viria até nós.

Instintivamente peguei Jody em meu colo, escondendo seu rosto em meu peito.

— Até que o exame comprove isso — disse Dallas, em um tom duro — Não temos nenhuma ligação com o senhor.

A porta foi fechada em uma batida e o olhar duro de Rhotenberg foi tirado de nossas visões.

— Dallas — Permiti que minha fragilidade finalmente viesse à tona, enquanto abraçava Jody com força — Ele vai me tirar a Jody.

Deslizei em seus braços e nós três nos sentamos no chão.

— Isso não vai acontecer, Mandy. Não é justo.

Acontece que a vida nem sempre era justa. Não foi justa quando arrancou de mim meus pais naquele acidente. Quando Glenda foi embora me deixando sozinha, quando retornou após tantos anos de ausência deixando a

filha comigo, e não era justa agora, colocando alguém em nossos caminhos que poderia nos separar.

— Ah, meu Deus! Eu não vou suportar isso — soluzei, a dor crescendo em meu peito, se intensificando — Me abraça, por favor.

Dallas nos mantinha em seus braços fortes, mas o que ansiava era que ele alcançasse meu coração e tirasse todo peso dentro dele.

— Den-dy *tiste* — Jody lamentou, agarrada a mim.

— A Mandy está triste, mas ela ficará bem, ovelhinha.

Será que eu ficaria mesmo?

— Vou ficar bem, meu anjinho — disse, beijando o rosto dela.

Não podia deixar que nada do que viéssemos a enfrentar no futuro afetasse Jody. Estava aqui para amá-la e protegê-la.

— Uma batalha de cada vez, tudo bem? — pediu Dallas.

Ele estava certo, mas nem sempre razão e emoção conseguiam andar lado a lado, mas, por Jody, daria o melhor de mim.

Dallas pegou nós duas em seu colo e nos levou para a cama. Cada um deitado ao lado de Jody, que não demorou muito a pegar no sono.

— Eu amo você, Mandy — Seus dedos deslizaram por meu rosto de forma tão delicada como sua declaração — Não vou esperar nem mais um minuto para dizer isso. Amanda Temple, você tem todo o meu coração.

A primeira vez que ele dizia que me amava, e nunca precisei tanto

ouvir isso.

— Eu também te amo, muito.

Unimos nossas mãos, velamos o sono de Jody até que nós dois
caímos no sono também.

Capítulo 13

Dallas

Havia um fato incontestável no mundo.

Amanda Temple, minha pequena e corajosa Mandy, era a mulher mais linda do mundo. Eu não conseguia mais parar de olhar para ela, e depois que confessei não ser indiferente em relação aos seus sentimentos, parecia que as comportas foram escancaradas dentro de mim. Era tão fácil e natural amar Mandy.

— Não adianta trancar os cavalos depois que o celeiro se abriu — sussurrei, passando os dedos delicadamente na testa dela, para afastar alguns fios de cabelo cobrindo seu rosto lindo.

Podia ficar admirando Mandy dormir a manhã toda. Por toda a eternidade, se fosse possível.

— Humm... — ela começou a se espreguiçar, e depois que os cílios tremerem de uma forma insuportavelmente charmosa, seus olhos castanhos se abriram para mim — Olá.

Sorri e me aproximei, respondendo ao cumprimento matinal com um beijo.

— Acho que eu cochilei — disse ela, se espreguiçando um pouco mais, vindo para os meus braços — Que horas são?

— Na verdade, já amanheceu — esclareci sua pequena confusão em relação ao tempo.

— Nossa! — ela se empertigou na cama — Sinto muito. O jantar...

Eu tinha planejado algo romântico, bom, o mais romântico possível, considerando que Jody estaria no quarto.

— Você estava esgotada, Mandy. Preferi que descansasse o máximo que precisasse. Mas podemos tomar um grande café da manhã, antes de voltarmos para casa.

Era bem assustador constatar isso, e talvez até um pouco precipitado, mas já não conseguia pensar em casa sem Mandy e Jody ao meu lado.

— Ainda tem aqueles biscoitos que a Charlotte mandou? — perguntou ela, saindo da cama.

— Acho que sobraram alguns.

— Ótimo, eles mantêm a Jody ocupada na estrada.

— E música. — A lembrei, também me levantando da cama para ajudá-la a arrumar nossas coisas, antes de acordar Jody.

Mandy parou no lugar e me encarou por um tempo excessivamente longo.

— O que foi?

Será que havia dito algo inoportuno sem ter me dado conta? Em relação a Mandy, eu quase nunca sabia como agir. Sempre dando uma bola fora.

O sorriso surgiu em seu rosto sério e ela veio até mim, segurando o meu rosto com as duas mãos.

— Você conhece a Jody — ela afagou o meu rosto. Senti sua ternura, mas senti algo mais apertando em minha calça — Você a ama e ela te ama, Dallas.

E o leão dentro de mim queria colocar a garras para fora. Agarrei a cintura de Mandy e a pressionei contra o meu corpo. Ela seria capaz de notar como suas palavras, como ela inteira, mexiam comigo.

Beijei-a como nunca havia beijado antes. Como alguém faminto há dias finalmente encontrando um succulento prato de comida. Desejava Mandy como se pudesse absorvê-la para dentro de mim.

Um gemido escapou dos lábios dela, e isso fez a fera dentro de mim despertar um pouco mais.

— Eca!

Eca?

Abri meus olhos e me deparei com Jody em pé, na cama. Mandy saiu dos meus braços, e quase a puxei de volta para retornarmos de onde paramos, mas claro que agora não seria possível.

— O que disse, querida? — Ela se sentou ao lado de Jody, a acomodando ao seu lado.

— Cady *falo*, menino *beja* menina é *ojento* — depois ela apontou para mim — Das-das menino.

Mandy me deu um olhar confuso e cobri meus lábios para esconder um sorriso. Sabia exatamente o que Clyde tentou ensinar a Jody. Ele tinha treze anos e Julianne sete, quando fez o mesmo discurso.

“Menina beijar menino é nojento.”

— Acho que Clyde quis dizer a ela que Jody é muito nova para pensar em garotos — esclareci.

Mandy enrugou a testa, enquanto absorvia o que disse a ela.

— Com toda certeza, ela é nova demais para pensar em garotos — ela se ergueu, zangada — E ainda mais nova para ele ter esse tipo de conversa com ela.

A cada dia com Mandy, aprendia que relacionamento era mais do que quantas vezes você conseguia ir para a cama com alguém sem enjoar da pessoa. E isso porque nós nem tínhamos conseguido isso ainda.

Austin, Clyde e eu tivemos uma criação masculina e, de certa forma, antiquada. Nosso pai não apenas esperou que cuidássemos e vigiássemos Julianne, ele nos fez prometer isso.

“Os Walker protegem os seus.”

Ouvimos essa mensagem a primeira vez logo após retornarmos do enterro de nossa mãe. *Cuidar e proteger*, esse era o nosso lema, e fizemos isso a vida toda. Com Mandy, eu via que isso às vezes passava dos limites, mas não dava para desconstruir tudo do dia para a noite. Ao assumir Mandy, Clyde colocou as duas debaixo de suas asas. Elas eram minhas agora, não por um sentimento egoísta de possessão, mas porque eu também havia me tornado das duas. E ele protegeria as duas, mesmo que isso o fizesse parecer um ogro.

— Você tem razão. Isso não funcionou com Julianne, aos sete anos — disse, indo para junto delas e massageei os ombros de Mandy — Acho que ele quis se adiantar. Não fica zangada com o Clyde. Pode não parecer, mas ele só quer proteger a Jody.

Ela respirou fundo, depois, pegou minha mão em seu ombro.

— Eu só não quero que a Jody pense que nós dois... — Suas bochechas ficaram coradas, e o leão voltou a arranhar a grade — Que é errado, porque não é.

Eu não tinha pensado por essa perspectiva.

— Vou conversar com ele.

Um dia, pensei que entrar na vida de Mandy bagunçaria toda a vida dela, mas pelo visto, era o contrário.

Pelo visto, os homens Walker tinham muito a aprender.



Enquanto Mandy e Jody eram paparicadas e arrastadas por Emma e Charlotte, para saberem tudo o que aconteceu em San Antonio, meu pai me convocou no escritório.

Fiz um resumo de como foram as coisas, principalmente da visita inesperada do Sr. Rhotenberg.

— Eu sei que se ele for o avô da Jody, tem direito de vê-la — disse, ao aceitar o copo de uísque que ele me oferecia — Mas as coisas que disse a Mandy... Pai, eu fiquei cego.

— Você estava lá como homem, e não uma figura da lei — disse meu pai, ocupando sua cadeira — Seu dever era proteger as duas. Se Rhotenberg queria consideração, deveria ter dado o mesmo a Mandy.

Foi o que pensei na hora. Se ele não podia tratar Mandy com o respeito que merecia, não receberia de volta. Até que o exame provasse o contrário, aquele senhor não passava de nada mais que um desconhecido em nossas vidas.

— Mas eu o chamei aqui por outra coisa. — Ele cruzou as mãos sobre a mesa, e isso era um sinal de que a conversa ficaria ainda mais séria — Conheci os pais da Mandy, e você deve se lembrar um pouco deles.

— Vocês já fizeram negócios.

— Eram boas pessoas, e eu deveria ter olhado melhor pela filha deles — ele lamentou — Mas ainda não é tarde. Por isso, quero saber suas intenções com a Mandy.

— Nós estamos juntos.

Achei que isso tivesse ficado claro.

— Dallas, a Mandy não é como... humm — ele pigarreou — Você sabe.

Como as mulheres que costumava foder?

Eu já usei essa comparação antes e não tinha saído nada bom para mim.

— Amantes, você quer dizer. Olha, todas elas tiveram algum grau de importância para mim, mas não senti por nenhuma delas o que sinto pela Mandy hoje.

— Concluo que suas intenções são sérias — disse ele.

— As duas estão aqui, não estão?

Se essa não fosse uma mensagem mais clara do que esperava do meu futuro com Mandy, não sei o que poderia ser.

— E ela sabe disso?

Esfreguei o meu rosto tenso. Infelizmente, nunca poderia sentar em frente ao pai de Mandy e dizer a ele quais eram as minhas intenções em relação à sua filha. Conhecendo Raul Walker como conhecia, sabia que ele

estava exercendo esse papel por Mandy.

— Eu acabei de dizer a ela que a amo. — Essa era a primeira vez que admitia isso para alguém, além de Mandy — Vamos chegar nesse ponto no momento certo.

Além disso, praticamente toda a atenção de Mandy estava voltada em Jody e no que poderia acontecer.

— Dallas...

— Sabe, pai, você me ensinou tudo o que um homem precisa saber — o interrompi — Mas eu preciso entender o que uma mulher realmente quer. Eu só irei conseguir isso ouvindo a Mandy e, principalmente, compreendendo o que diz. Ela é mais forte do que aparenta e que você imagina.

Ele abriu um sorriso, se ergueu da cadeira, veio até mim e bateu em minhas costas de leve.

— Sabe, filho, você está pronto. Tenho orgulho do homem que você se tornou, Dallas — vi a emoção em seus olhos marejados — Você a ama, e sei que fará o correto quando chegar a hora.

Terminamos nosso drinque e voltamos para junto de nossas mulheres, onde fui recebido com os dois sorrisos mais lindos que poderia existir no mundo.



Estávamos esperando a qualquer momento o resultado de DNA, que poderia dar início a uma grande luta pela frente, mas hoje era um dia de comemoração. O aniversário de meu pai, por isso decidimos deixar San Antonio e toda ameaça que nos representava para trás.

Uma grande festa estava acontecendo, com direito a muita comida, bebida e uma fogueira que seria acesa assim que a noite caísse e ficaria queimando até o dia clarear. Nós sabíamos dar uma boa festa, e além de nossa família e os trabalhadores da fazenda, uma boa parte da cidade foi convidada.

Muita música, muita risada, e, claro, vaqueiros se provocando. Isso é o Texas, e estávamos em Peachwood.

— Srta. Temple, posso levar a Jody para se juntar às outras crianças?
— perguntou Brenda.

Ela e mais duas jovens foram contratadas para ficarem de olho nas pequenas pestinhas, dando mais liberdade para os adultos se divertirem. Isso queria dizer que poderia aproveitar muito mais o meu tempo com Mandy. Estava cada vez mais difícil conseguir lidar com meu pequeno problema nos países baixos, para ser mais específico, o problema dentro de minhas calças, que pulsava e fervia sempre que eu e Mandy conseguíamos alguns momentos

sozinhos e as coisas ficavam muito, muito quentes.

— Pode me chamar apenas de Mandy — disse ela, colocando Jody no chão — Quer ir brincar com a Michele?

Não foi apenas a minha vida e a de Mandy que mudou ao ficarmos juntos. A Jody, mesmo que fosse cercada de pessoas em volta dela no Café e tivesse Mandy sempre ao seu lado, precisava ter contato com outras crianças. Isso também contribuía no desenvolvimento dela. Além de que, a fazenda, os animais e tanta terra para explorar davam a ela cada vez mais confiança.

— *Quelo* — no segundo seguinte, ela se desgarrou de Mandy e correu com Brenda para fora.

— Não faz essa carinha, Mandy. — A encaixei em mim e fomos juntos em direção ao celeiro — Os filhos crescem.

— Eu sei disso, é que... Sempre achei que dei o melhor para Jody, tudo o que ela precisava — disse ela, parando ao meu lado — Mas estamos há pouco tempo aqui, e veja como vem progredindo.

— Por muito tempo foram apenas vocês duas e, claro, a Sra. Chan, em grande parte — alisei os seus ombros tensos — Mas esse progresso, a força, a coragem que vejo em Jody, vieram de você. Esteve o tempo todo com ela e agora está tendo a oportunidade de mostrar.

Mandy mordeu o lábio, mas não conseguiu esconder o sorriso matreiro.

— Como meu amor por você? — indagou ela.

— O meu por você. Fui tão cego de não ter visto antes, Mandy.

Pensar sobre isso me frustrava. Se eu tivesse visto, ou quisesse ter enxergado o poder que Mandy tinha sobre mim, nossa história teria começado há muito tempo. Poderíamos estar casados a essa altura e termos adotado Jody legalmente. A ameaça do Sr. Rhotenberg nunca pesaria na cabeça de Mandy.

— No que está pensando?

Não queria perturbá-la com pensamentos que não nos levaria a lugar algum.

— Que a gente deveria dançar. — Agarrei sua mão, guiando-a para dentro do celeiro.

Dos três que havia na fazenda, esse era o maior e sempre o selecionávamos para as festas. As mesas foram colocadas próximas às paredes de madeira, para que os músicos e as pessoas tivessem mais espaço.

O casamento de meu pai e Lola foi realizado aqui. Penelope tinha cuidado de cada detalhe da decoração, e foi uma cerimônia linda, até contamos com a presença de Julianne, que, no início, fora contra a união.

Desde minha conversa com meu pai, não conseguia parar de pensar sobre isso. Eu já a conhecia há muito tempo, estava seguro sobre o que sentia por ela e não tinha dúvidas do quanto me amava. Não sei se queria um

namoro e noivado muito longos, mas o que Mandy gostaria era o que realmente importava.

— Sabe que deixei de vir às festas na fazenda — confessou Mandy, ao passar os braços em volta do meu pescoço, enquanto dançávamos — Me ressentia de ver você dançar com tantas garotas e eu nunca ser uma delas.

Não tinha notado isso, porque sequer havia percebido que Mandy era apaixonada por mim. Isso me fez sentir muito mal.

— Eu sinto muito. Nunca quis magoar você.

— Não foi sua culpa, Dallas — ela sorriu e afagou minha nuca — Eu deveria ter falado o que sentia para você. E só digo isso agora porque eu sempre sonhei com isso. Ser a garota que você levava para dançar.

— É mais do que a garota que quero levar para dançar, Mandy — aproximei o meu rosto do dela — É a mulher que desejo manter para sempre em meus braços.

Beijei-a como sabia que ela tinha sonhado em todas as festas.



A noite caiu, e as pessoas se dividiram entre o celeiro e ficar ouvindo uma moda de violão em frente à fogueira.

Decidimos ficar um pouco mais distantes, observando a fogueira e longe dos olhares curiosos. E eu queria um pouco de Mandy só para mim.

— Eu trouxe as mantas e uma bebida quente — coloquei os dois no chão — Sabe que nunca fiz isso?

— Namorar escondido em uma festa? — Ela arregalou os olhos.

Estendi a manta, acomodei as costas contra o tronco da árvore e coloquei Mandy entre minhas pernas.

— Teve garotas e, bom... Isso não importa. Isso de querer o mais.

— Eu sempre quis o mais — Nos cobri com a outra manta e Mandy suspirou quando passei os braços em volta dela, pressionando suas costas contra o meu peito — Mas entendo o que quer dizer.

— Vou te dar o mais, meu amor — disse, afastando os cabelos em seu pescoço — Vou te dar o mais que você precisar.

Eu poderia ter sido cego em desconfiar que Mandy tinha sido apaixonada por mim, mas sabia, ou tinha cem por cento de certeza, que nenhum homem a tocou como eu queria. Todos os momentos que pudemos ser íntimos, que a tocava e fazia reagir a uma carícia mais ousada, suas reações surpresas me confirmavam isso, e embora a confissão nunca tivesse escapado de sua boca, Mandy era tão pura como uma rosa branca na primavera.

E apesar disso me deixar tão atordoado como um animal querendo marcar território, sabia que precisava ir com calma. Avançando pouco a pouco, até que não existisse nada que Mandy desejasse mais no mundo do

que me ter dentro dela.

— Mandy... — sussurrei em seu pescoço.

Corri meus dedos nele e fiz o caminho pelo seu ombro, enrosquei na fina alça em seu vestido e a puxei para baixo. Os bicos dos seios à minha vista começaram a endurecer, fazendo minha calça diminuir mais alguns centímetros.

Brinquei com o mamilo e preenchi minha mão com seu seio. Sua cabeça caiu contra meu peito quando, com a outra mão, acariciei sua coxa, subindo, descendo, cravando meus dedos em sua carne.

Mandy gemia, eu amava o suave e sensual ronronar que ela fazia. Meu tesão se elevava mais ao notar as reações de Mandy ao meu toque.

Abandonei suas pernas por um momento, ainda atijando os mamilos duros.

— Chupe — coloquei o polegar em sua boca.

Mandy o sugou lentamente, e uma onda de arrepios varreu meu corpo. Pedi que ela repetisse o gesto, molhando meus dedos com seus lábios feitos especialmente para o pecado.

Deslizei o dedo de dentro de sua boca e levei para abaixo de seu vestido. Puxei a lateral da calcinha com o indicador e esfreguei o polegar em seu clitóris, com movimentos lentos e circulares.

— Humm... — Mandy estremeceu, o gemido ronronado deixando

meu pau ainda mais duro.

Escorreguei um dedo para dentro dela, deliciando-me com sua cavidade macia e quente, enquanto eu mesmo estava fervendo por dentro.

— Ahh — ela sussurrou baixinho, quando comecei a explorar seu interior, buscando o ponto em que sentiria mais prazer.

Meu desejo real era jogar Mandy sobre a manta e estocar meu pau duro e fundo dentro dela. Mas tentava me segurar, ela merecia mais do que uma transa rápida e desvairada, em um cantinho escondido das pessoas. Quando finalmente a possuísse, queria Mandy livre para expressar seus sentimentos.

— Já sentiu o seu gosto, Mandy?

Tirei minha mão de sua boceta e a levei até a minha boca.

— É doce — murmurei, colocando na dela.

Virei seu rosto para mim enquanto a olhava sugar os meus dedos. Inocentemente sexy. Eu queria dominá-la, possuí-la e marcá-la como minha. Sim, eu era um filho da mãe possessivo, e seria a única coisa que nem mesmo ela conseguiria mudar.

Busquei sua boca. Seu gosto presente nos lábios dela alertaram ainda mais meus sentidos. Então, tornei a dirigir minha mão entre suas pernas, buscando sua boceta molhada.

— Ah! — ela gritou em meus lábios, quando voltei a fodê-la com os

dedos.

Dois dessa vez, dentro e fora de seu interior molhado.

— Toque seus seios, amor.

Mandy atendeu meu pedido, puxando os bicos, e eu desejei ser meus dentes cravados neles, enquanto certamente os chuparia com vontade.

Voltei a me concentrar em Mandy, no prazer dela, nas suas respostas às minhas carícias. Esfregando seu clitóris e fodendo sua boceta.

— Isso... — Ver Mandy se derreter em meus braços acabava com o pouco da minha sanidade — Assim. Continua... Ahh...

Sua respiração suspendeu e a vi mergulhar no prazer que fazia seu corpo ondular.

— Dallas... — Seu rosto buscou o meu.

Beijei carinhosamente sua testa.

— É tão lindo ver você gozar — murmurei, notando sua face graciosamente ficar rosada — E ainda mais vê-la corar por isso.

Apesar de inexperiente, Mandy se entregava sem reservas, e isso me fascinava.

— É tão ridículo — Ela virou, escondeu o rosto em meu peito — Mas eu não consigo controlar isso.

Meu peito tremeu com a risada e levei um belo beliscão no braço.

— Eu acho lindo — murmurei, procurando sua boca — Tudo em

você é lindo, e eu não mudaria nada.

Mandy se esfregou contra mim, e o movimento intencional, talvez não de acordo com o que via em seu olhar carregado de luxúria, fez meu pau pulsar.

Ela sentou de lado em meu colo e suas mãos pequenas, mas atrevidas, exploraram meu peito. Seu toque hesitante me provocava. E quando foi ainda mais ousada, manuseando a fivela e o cinto em minha calça, tomando meu pau com seus dedos macios, atingi o limite.

— Mandy! — Agarrei sua cintura com força — Você não...

— Eu quero — Sua voz levemente rouca acabou com qualquer tentativa minha de argumentar — Me ensina?

Antes de atender seu pedido, a cobri melhor com a manta, depois, envolvi suas mãos com as minhas, elas não eram suficientes para cobrirem meu pau, agora tão duro quanto uma rocha.

— Caralho!

Não sabia se concentrava minha atenção no rosto lindo de Mandy, determinado em me dar prazer, ou em suas mãos deliciosamente acariciando meu pau.

Assim que ela pegou o ritmo que eu apreciava, deixei que seguisse sozinha, meu pau cada vez mais apertado em suas mãos. Fechei os meus olhos, sendo consumido por todo prazer que a doce Mandy arrancava de

mim.

— Ohh... Mandy — Estremeci.

E enquanto meu gozo jorrava por seus dedos, sufoquei os gemidos em seus lábios.

Foi a primeira vez que conseguimos ir tão longe. E essa pequena amostra de tudo o que poderíamos ter juntos me deixou completamente de joelhos.

Capítulo 14

Mandy

Dallas sussurrou o meu nome quando gozou em minha mão. Eu fiz isso com ele. Eu, Amanda Temple, tinha feito um homem perder o controle comigo. Deveria estar me sentindo envergonhada pelo que acabamos de fazer em céu aberto, mas pelo contrário, me sentia poderosa. A menina dentro de mim começava a dar espaço à mulher, segura e ousada para Dallas.

— Deixe-me cuidar disso — disse ele, buscando um pano ao lado da garrafa.

Ele limpou os meus dedos e palmas das mãos e seu membro. Mordi o canto dos lábios ao observar seu pau, ainda um pouco enrijecido em sua mão. Queria ter sido mais corajosa e tê-lo levado à minha boca, mas já havíamos nos arriscado demais.

— Se continuar me olhando assim — Dallas passou o polegar em meu lábio, desfazendo a mordida — Não respondo por mim, Mandy.

Seu aviso fez a minha pele arrepiar. A cada dia com Dallas, aprendia coisas novas sobre mim, sobre ele, em como parecíamos perfeitos juntos.

— E isso seria ruim? — Sorri, atrevida, e passei o indicador em seu peito, de forma lenta e sensual.

Meu objetivo era provocá-lo, mas Dallas sorriu, carinhoso, e afastou as mechas de cabelo caindo sobre meu rosto e o segurou.

— Seria, porque com você quero fazer as coisas do jeito certo. — Ele podia ser amoroso em suas palavras, mas em seus olhos brilhavam a chama do desejo que, assim como eu, ele tentava domar — Não quero estragar isso, Mandy. Desejo que tudo seja especial, porque você é o meu mais.

— E você é o meu tudo — o beijei — Você e a Jody. Tudo o que preciso e o que me faz muito feliz.

— Mandy, quando eu digo mais — ele pegou minha mão, levando-a aos seus lábios —, quero dizer em um futuro, que não espero que seja muito longo, fiquemos unidos.

— Você quer dizer...

Meu coração batia tão forte em meu peito que eu nem conseguia formular a pergunta com lógica.

— Do jeito que a lei e a igreja esperam — ele sorriu diante da surpresa em meu rosto — Não se assuste, Mandy, não estou dizendo que vamos nos casar amanhã. Embora eu não fosse me importar se isso acontecesse.

— Dallas...

— Tudo ao seu tempo, Mandy — ele me beijou até fazer o espanto

sair de meu rosto — Mas saiba que você é a única mulher com quem já pensei em dar esse passo tão importante.

Há pouco tempo, eu apenas sonhava com o dia que Dallas olhasse para mim.

— Eu te amo, xerife Walker. — O abracei sorrindo — Casar com você faria de mim a mulher mais feliz do mundo.

— Então, estou no caminho certo, Srta. Temple. — Ele me abraçou de volta — Fazê-la feliz é a minha meta.

— Por todo o tempo perdido?

— Vai continuar esfregando isso na minha cara?

— Tem uma boa forma de me calar, Xerife. Espero que não leve tanto...

Sua boca cobriu a minha, impedindo que eu seguisse com a provocação. Sorri em seus lábios. Provocar o xerife tinha se tornado meu passatempo preferido.

Passamos algum tempo namorando e, depois, nos unimos às pessoas reunidas em volta da fogueira, ouvindo histórias sobre Peachwood contadas pelos mais velhos. Charlotte tinha ficado com Jody após a babá ir embora, mas como eu não queria abusar muito, decidi que deveria me recolher quando ela finalmente caiu no sono, exausta.

Como não poderia ser diferente, Dallas me acompanhou. Ele

arrumou o berço de Jody, enquanto eu trocava a roupa dela por um pijama.

— Eu faço isso — Dallas se adiantou quando fui pegar Jody no colo.

Observando-o com ela, não pude deixar de fazer o que qualquer garota apaixonada como eu faria, pensar em como ele seria um ótimo pai.

— Posso saber qual o motivo do sorriso agora?

Ele me pegou no flagra, e estava grata pelo quarto estar na penumbra e minhas bochechas queimando não me fizessem parecer mais tola do que me sentia.

— Bom, eu...

O som do seu telefone tocando me fez me calar.

— Sim, Derek — Fui olhar Jody enquanto ele atendia a ligação — Você não pode resolver isso? Certo, estou indo.

— Problemas?

Dallas guardou o celular no bolso do jeans, depois, pegou minhas mãos.

— Até mesmo uma cidade pacata como Peachwood tem suas ocorrências — avisou ele — Essa é a parte chata da minha vida e...

— Eu não me importo. Seria como casar com um médico, certo?

Ele sorriu e em seguida tocou o meu queixo, levando meu rosto até o dele.

—Você nunca deixa de me surpreender, Mandy.

O problema de Dallas me beijar é que eu desejava que não acabasse nunca.

— Vai lá, Xerife — Grudamos nossas testas e eu apertei firme seu ombro — Salve a cidade.

Porque a mim, ele já tinha salvado e resgatado do mundo meio solitário em que eu me escondia.



Com Rachel ajudando no atendimento, dava para eu ter um ritmo de trabalho menos acelerado. Então, quando recebi o alerta de e-mail em meu celular, com o resultado do exame realizado na clínica de San Antonio, a Sra. Chan não se incomodou que me ausentasse por alguns minutos, para ir até a delegacia do outro lado do café.

Eu não estava apenas nervosa e ansiosa, estava em pânico. Queria ver o fim ou o início da minha tortura ao lado de Dallas. Não conseguia pensar em ninguém mais para dividir isso.

Sherman disse que eu poderia entrar na sala do xerife assim que me viu, significava que ele não tinha companhia, mas devido àquela visita desastrosa que fiz sem avisar, decidi bater na porta antes.

Ele veio me encontrar assim que me viu entrar, mas ao perceber meu ar conturbado, estacou a alguns centímetros de mim.

— Saiu o resultado — afirmou Dallas.

Assenti e corri para os braços que ele me estendia.

— Não consigo ver — solucei em seu peito — Não consigo.

— Nós iremos ver juntos.

Ele afagou minhas costas e deixou que extravasasse toda a minha tensão e desespero. Era desse abraço que eu precisava e que tinha vindo buscar.

— Tudo bem. — Sequei o meu rosto e comecei a me afastar — Já estou bem.

Não era nem um pouco verdade, e Dallas sabia disso, mas eu não podia me permitir fraquejar. Seja lá o que o resultado do exame dissesse, eu precisava ser forte. Eu vinha repetindo isso todos os dias como um mantra.

— Por que não se senta? — Ele indicou a cadeira, mas eu recusei.

— Você podia olhar para mim? — entreguei o telefone a ele — O exame.

Acho que nervosa como estava, não conseguiria interpretar uma única frase do que estivesse escrito.

Dallas ocupou sua cadeira, depois, pediu que eu destravasse a tela de bloqueio. Também abri o aplicativo e devolvi o aparelho. Enquanto ele lia, eu torcia minhas mãos, nervosa. Quis ler alguma informação em seu rosto, mas Dallas seguia impassível.

— Mandy...

Foi preciso que ele apenas dissesse isso, para que o choro desesperado me fizesse encolher.

— Deu... deu positivo... não é?

Senti suas mãos em minha cintura e em instante me vi em seu colo.

Nunca quis ser pessimista, mas assim que Nowalk se identificou no Café, soube que dias sombrios estavam se aproximando de nós, e agora tinha certeza que meus pressentimentos não foram exagerados.

— A Jody... eu...

A dor que começava a crescer em meu peito, a dor que causava em mim, tornava difícil até mesmo respirar.

— Sabemos que Rhotenberg é o avô paterno dela — Dallas me fez olhar para ele — E o que ele deseja. Agora precisamos saber o que vamos fazer.

— Não sei o que fazer — solucei, e as lágrimas borraram minha visão — Eu não posso perder a Jody. Não me deixe perdê-la! — Agarrei-me a ele com força.

Perdi meus pais; Glenda nunca ligou para mim. Jody tinha surgido como uma onda de esperança. Eu a amava tanto.

— Nós vamos a New York e vamos consultar o Adam — murmurou ele, acariciando meus cabelos — E vamos lutar juntos, ok?

— Ok.

Ainda não era o fim. O Sr. Rhotenberg podia ter muito dinheiro e até mesmo poder, mas eu tinha amor, de Dallas e de Jody. Essa era a minha riqueza, e isso ninguém jamais poderia me tirar, o amor que também sentia por eles.



Íríamos partir na sexta, pegar um avião em Houston com destino a New York e retornar no domingo à noite. Acabei concordando com Charlotte a deixar Jody aos cuidados dela, de Emma e dos irmãos Walker.

Parte da viagem me deixava temerosa, na outra, me sentia emocionada por todo carinho e apoio que recebia na fazenda. Da Sra. Chan, que afirmara que poderia me ausentar o tempo que fosse preciso, e de Rachel, que avisou para que eu fosse tranquila, ela daria conta de tudo.

Contudo, me despedir de Jody, mesmo sabendo que seria apenas dois dias longe uma da outra, foi a parte mais difícil. Ela não entendeu minhas lágrimas, mas chorou comigo na hora de partir. Se apenas isso me machucava, imagina se...

Não! Bloqueei esse pensamento. Você precisa manter o foco, Mandy.

— Logo estaremos em New York — Dallas buscou minha mão sobre o assento do avião, e eu retribuí, mesmo de forma pálida, seu sorriso.

— Obrigada.

Dallas fazia tanto por mim. Era o meu suporte quando acreditava que iria cair. Se ausentava do trabalho que amava para estar ao meu lado, não por uma, mas duas vezes em tão pouco tempo. E me sentiria completamente perdida sem ele.

Tanto a irmã de Dallas como sua prima quiseram nos hospedar. Mas apesar de conhecer uma mais do que outra, na verdade, não tinha intimidade com nenhuma das duas, então, decidimos por um hotel em Manhattan, próximo às duas.

Nós só deixamos as malas no quarto e nos dirigimos ao escritório de Adam. Um prédio muito elegante em meio a tantos outros espalhados pela cidade. New York era tão impressionante quanto imaginei.

— Dallas? — Um homem elegante surgiu na porta, ao lado da mesa da secretária.

Eu sempre acreditei que os irmãos Walker, Dallas, principalmente, fossem os homens mais lindos do mundo, mas Adam Crighton não deixava nada a desejar à espécie masculina. Enquanto os meus cowboys faziam o tipo rústicos, durões e sexies feito o diabo, o advogado era um verdadeiro felino da selva de pedra.

— Essa é Mandy, a minha noiva. — Ouvi Dallas dizer, e sua mão apertou um pouco mais minha cintura ao me puxar mais para ele.

Oi? Noiva?

Olhei de Adam para Dallas. O primeiro apenas exibia um sorriso acolhedor, mas que acho que nem ele conseguia evitar ser sedutor. O segundo, no caso Dallas, encarava Adam e depois a mim, com seriedade.

Dallas estava com ciúmes? Do Adam?

Isso era irracional. O homem, apesar de lindo, não dava para negar, era marido da prima dele, e mesmo que não fosse, meu coração já tinha um dono, que era ele.

— Prazer em conhecê-la, Mandy. — Ele estendeu a mão, e quando nos cumprimentamos, podia jurar que ouvi Dallas grunhir.

Essa era uma coisa nova na minha vida, um homem sentindo ciúmes de mim. Não pude evitar sorrir. Dallas só faltava mijar à minha volta, marcando território. Nós teríamos que ter uma pequena conversa. Ele não podia agir assim toda vez que eu me deparasse com um homem bonito.

— Entrem, por favor — disse Adam, dando espaço para que passássemos — Dallas, antes de tudo, Penelope está muito contente com a sua visita. Ela pediu para lembrá-lo que os espera hoje à noite, para o jantar. E você precisa ver o Ben e a Amy, eles crescem muito rápido.

Ouvir o nome da prima e dos bebês foi o suficiente para fazer Dallas

começar a relaxar um pouco e lembrar do motivo de estarmos aqui.

— Agora me contem tudo.

Narrei desde a morte dos meus pais, Glenda ter partido por cinco anos, seu retorno quando deixou Jody comigo, sua partida sem deixar notícias, até o surgimento do avô de Jody.

— É um caso bem complicado, preciso ser honesto — disse Adam, após todo meu relato — De um lado, a tia, do outro o avô interessado na criança, e a mãe perdida por aí.

— Mas eu cuidei da Jody — disse, enfática — Eu amei, eu...

— Emocionalmente, você tem certa vantagem — disse ele, mas a forma que me encarava não me deixava tranquila — Mas o juiz vai avaliar como um todo e decidir o que é melhor para a criança.

Respirei fundo antes de fazer a pergunta que me atormentava.

— O fato de o Sr. Rhotenberg ser um homem rico, é um risco para mim?

— Se ele provar que Jody terá uma vida melhor ao lado dele, temo que sim. Você é uma jovem solteira, isso pesa contra você.

— Podemos nos casar — afirmou Dallas — Nós vamos nos casar.

Será que quando ele dissera a Adam que estávamos noivos, quando chegamos, já estava pensando sobre isso?

— Fico feliz por vocês. Mas como eu disse, muitas coisas têm que

ser avaliadas. Sua irmã não deixou nada documentado, afirmando que a vontade dela era que ficasse com a filha.

Senti meus olhos começarem a marejar.

— Ela simplesmente largou a filha comigo, dizendo que precisava de um tempo e que iria voltar — sequei meu rosto com raiva — Os dias passaram, viraram meses, e quer saber? Passei a desejar que Glenda nunca mais voltasse.

Adam tirou um lenço do bolso do terno e entregou a mim. Olhei furtivamente para Dallas, buscando saber se o gesto cavalheiresco o irritava, mas sua preocupação comigo impedia que o macho alfa agisse por ele.

— Nesse caso, o melhor é encontrá-la — disse Adam, ao me ver aparentemente mais calma — Se ela afirmar em juízo que é do desejo dela que fique com Jody, não haverá muita coisa que o Sr. Rhotenberg poderá fazer.

— Eu não faço ideia de onde Glenda possa estar — admiti, constrangida.

Que tipo de pessoa Adam podia imaginar que os Temple eram? Além de minha irmã ser a pessoa mais mesquinha e egoísta que já conheci, ela me deixava envergonhada diante dele.

— Eu vou encontrá-la, Mandy — Dallas segurou minha mão ao prometer.

— E eu sei quem pode te ajudar — sugeriu Adam — Você tem todos os recursos da polícia, mas o Stone é melhor para encontrar pessoas ou descobrir sujeira.

— Você quer dizer um detetive?

Eu ainda não sabia como iria pagar os honorários de Adam, caso ele viesse a me representar, e pagar um detetive particular estourava completamente meu orçamento.

— Eu cuido de tudo, Mandy — disse Dallas.

Os dois homens se encararam como se tivessem um código só deles para se comunicar.

— Mas... — comecei a protestar.

— Juntos, lembra? — Dallas apertou minha mão com carinho — Não é apenas você que quer manter a Jody, eu também amo aquela garotinha.

Ele estava certo. Esse não era o momento para sentir orgulho. E por Jody, para não a perder, faria tudo.

— Eu vou estudar o seu caso. Pesquisar por jurisprudências — disse Adam, antes de pegar o telefone — Dallas e Peter trabalharão juntos para encontrar sua irmã.

Enquanto Adam pedia à secretária que entrasse em contato com Stone, Dallas levou minha mão aos seus lábios e acariciou meu rosto.

— Vai dar tudo certo, amor.

— Acredito em você.

Eu precisava acreditar neles.

Stone surgiu cerca de duas horas depois da ligação. E se Adam tinha me impressionado, esse quase me fez cair da cadeira. Parecia que em New York os homens bonitos brotavam da terra. Alto, impressionantemente musculoso e com um olhar intenso que rivalizava com os outros dois homens à minha volta. Se o meu caso não fosse desesperador, eu estaria me abanando.

Peter também pediu que eu fizesse um resumo sobre a minha vida. Perguntou muitas coisas sobre Glenda, seus hábitos, o que gostava de fazer, com quem andava e os lugares que já tinha ido.

Ele não fazia anotações em um caderninho, como imaginei. E pouco vi se sua expressão mudou conforme eu falava. Mas o desagrado passou rapidamente em seu rosto quando toquei na parte de Jody e o fato de Glenda a ter abandonado comigo.

— É suficiente para começar — disse ele, ficando de pé e me entregando um cartão — Mas se lembrar de alguma coisa, qualquer que acredite que possa ajudar, não hesite em ligar.

Assenti e sorri em agradecimento.

— Nós vamos cruzando as informações — ele disse a Dallas.

Os dois apertaram as mãos. Sem dúvida, formavam uma dupla

incrível.

— Agora, se não se importam — disse Peter — Fiquei de buscar minha esposa na casa da Paige. E não me arrisco que ela fique tanto tempo com aquela maluca sem que volte com ideias insanas.

— Você adora a Fabiana e está pouco ligando para as maluquices de Paige.

Eu não fazia a mínima ideia de quem era essa mulher que eles chamavam de maluca, mas suas palavras eram contrárias ao carinho que se via no olhar deles e em suas vozes.

Ainda tiramos algumas dúvidas com Adam, antes de voltarmos ao hotel. Eu estava cansada da viagem e precisava me preparar para o jantar mais tarde.

— Mandy? — Dallas me parou antes que eu seguisse para o quarto — Quando disse a Adam sobre nos casar, não foi apenas por causa da Jody.

Não vou negar que esse temor tinha passado por minha cabeça. Falamos sobre casamento na festa na fazenda, mas era uma situação hipotética. Mas eu queria casar com Dallas porque nos amávamos, e não porque ele sentia pena e desejava me ajudar.

— Mas porque eu te amo — havia tanto fervor e sentimento em sua declaração, que eu simplesmente não podia duvidar — Não sou mais um menino. Eu sei bem o que eu quero, e quero você.

Qualquer dúvida se Dallas me amava deixou de existir com suas palavras acaloradas.

— Eu também te amo — deixei que ele me puxasse para o seu peito — Muito.

E também pelo beijo apaixonado que Dallas me deu. Não tinha só esperado por Dallas a minha vida inteira; tinha me guardado para ele.

Capítulo 15

Dallas

Beijar Mandy, de certa forma, era angustiante porque, quando eu começava, parar se tornava praticamente impossível.

Agarrei seus cabelos e com a outra mão presa em sua cintura, a conduzi até a parede, pressionando nossos corpos um no outro. Meu pau começava a latejar em minha calça, ganhando vida.

— Espera — sussurrei, quando buscamos uma lufada de ar — Eu queria que fosse especial, Mandy...

— Você é especial — disse ela, seus olhos contendo uma paixão que me deixava fraco — Nem toda garota quer rosas e champanhe. Eu só quero você.

Eu sabia que dessa viagem não iria passar, ainda mais porque estávamos finalmente sozinhos. Mas eu tinha pensado, sim, em algumas formas bem românticas de levar Mandy para o caminho do sexo.

— Eu preciso de você — disse ela.

Seus dedos trêmulos buscaram, sôfregos, os botões em minha camisa, depois, sua boca tocou meu peito, e quando senti sua língua molhada

e delicada lambar minha pele, dei adeus ao que me restava de controle.

— Eu quero você — sussurrei, arrancando a camisa para fora de meu corpo, jogando-a no chão — Eu quero você, Mandy.

Afastei-a da parede e a fiz saltar em meu colo. Tínhamos a mesma altura agora, e eu, livre acesso à sua boca. As minhas mãos agarradas à sua bunda, enquanto pressionava meu pau contra sua virilha, carreguei Mandy para o quarto.

Beijei seu pescoço e o sensível ponto pulsando, acelerado. Ela tremeu em meus braços e os botões em minha calça pareciam querer estourar.

— Mandy... — sussurrei na curva de seu pescoço e tornei a buscar seus lábios para um beijo apaixonado.

Os românticos diziam que sexo com quem se ama era diferente, e eu não podia agora contrariar isso. Com Mandy, tudo parecia mais intenso. Ela me revirava e fazia uma bagunça comigo.

Coloquei-a no chão, depois, a ajudei a se livrar da camisa xadrez e da calça jeans justa. Deixei-a apenas com a lingerie preta e absurdamente sexy. Escorreguei uma alça pelos seus braços, depois a outra, puxando a peça para baixo.

Lindos, os seios saltaram para mim. Inclinei-me e os chubei como faria com um pêssgo maduro e suculento.

— Ah! — Mandy gritou, jogando a cabeça para trás.

Dei alguns minutos de atenção às minhas duas frutas preferidas, ouvindo Mandy gemer e ronronar como uma gatinha em meus braços. Dei pequenas mordidas em seus mamilos e os massageei com a minha língua.

— Dallas — impaciente, as mãos de Mandy correram pelo meu peito e juntos arrancamos o resto das roupas que me cobriam — Você é lindo.

Seu olhar estava sobre meu pau, e ela o tocou com a ponta dos dedos. Não é algo que um homem, um vaqueiro, esperava ouvir em relação ao seu membro, mas Mandy parecia tão fascinada, que a forma que se referia ao meu pau não tinha a menor importância.

— Você pode pegar, Mandy — fiz sua mão fechar em torno de meu pau.

E, Deus, foi um erro terrível. Seus dedos delicados, massageando de leve, eram uma imensa tortura para mim. Mesmo que não houvesse flores e champanhe, como ela havia dispensado, queria ao menos tentar ir devagar. Mas Mandy e toda sua sensualidade inocente e curiosa tornavam essa decisão muito difícil.

— Você é como um rastro de pólvora em minha direção — confessei ao afastar sua mão, levando-a até a cama.

Corri meus olhos pelo corpo de Mandy quando a deitei contra o colchão. Em cada curva delicada e sensual. Fiquei de joelhos na cama,

depois, beijei sua barriga. Fiz círculos com a minha língua em sua pele, enquanto seu corpo ondulava para mim. Agarrei as tiras laterais de sua calcinha e as deslizei até passar por suas coxas, tornozelos e pés.

Refiz o caminho com meus lábios, e quando meu rosto se encontrou entre suas pernas, busquei seu olhar. Se ela ardia de paixão, por dentro eu incendiava.

— Eu sempre a achei doce, Mandy — provoquei, afastando um pouco mais suas coxas com meus ombros — Eu só não imaginava o quanto.

Sem desgrudar meus olhos de seu rosto inebriado, lambi sua boceta, e minha carícia a fez se contorcer. Levei minha mão ao seu seio, esfregando-o como se polisse uma bola de cristal. Minha outra mão mantinha uma de suas coxas no lugar, enquanto eu devorava como um cão faminto sua boceta molhada, a fazendo tremer.

— Aiii... Dallas.

Sua voz ecoava no quarto, rouca e sexy *pra* caralho.

Pressionei seu clitóris com meus lábios e esfreguei minha boca nesse botão inchado e fonte de seu prazer. Puxei o mamilo, esticando-o, girando em meus dedos. Mandy emitiu outro gemido alto e a vi levar o pulso à boca. Bati com minha língua em seu clitóris, esfregando-o e chupando-o até que Mandy se contorceu e gozou lindamente em minha boca.

Tomei o seu mel, mas não era suficiente para saciar minha sede e

nem aplacar minha fome por ela. Enquanto ela ainda absorvia o prazer percorrendo seu corpo, me afastei em busca de proteção.

Atrapalhei-me um pouco para tirar o preservativo da carteira. Eu queimava por Mandy, cada parte em mim pegava fogo por ela.

Então, deslizei por sobre seu corpo e me encaixei entre suas pernas, as afastando com meus joelhos. Acariciei o rosto dela, afastando as mechas suadas de sua testa. Toquei seus lábios, no que era para ser com carinho, mas logo nos vimos em um beijo intenso e apaixonado.

— Você está pronta? — As gotas de suor se acumulavam em minha testa e costas.

— Sempre estive, meu amor.

Esfreguei o meu pau em sua boceta escorregadia e vi em seu rosto contorcido de desejo que Mandy gostava. Ficamos um pouco assim, nessa tortura lenta e deliciosa, eu a preparando para o momento final.

Fui, centímetro a centímetro, deslizando para dentro dela. Prendi a respiração. Era gostoso demais. Sua boceta ia me sugando.

— Vemm... — sussurrou ela, suas pernas envolveram minha cintura e com os pés, ela me empurrava mais para ela.

— Ah! Porra!

Era assim, Mandy me fazia perder o controle e a capacidade de raciocinar. Ela me tirava o chão, o ar, e tudo o que eu queria era me afundar

cada vez mais dentro dela. Impulsionei o quadril e estoquei forte.

— Oh! — houve dor em seu gemido, mas os que vieram em seguida enquanto escorregava e saía de dentro dela carregavam prazer — Simmm...

Via isso em seu olhar inebriado.

— Assim... — ela gemeu, suas pernas pressionando em volta de mim — Não para!

Acelerei meu quadril em direção a ela, nossos corpos se chocando, meu pau fodendo forte sua boceta quentinha.

Mais fundo. Mais forte. Mais...

Eu deveria ser delicado, minha mente exigia, mas Mandy, a sua boceta molhada, que engolia meu pau como areia movediça me puxando para sua cavidade quente, tornava-me um animal.

— Mandy — agarrei seu quadril e minhas investidas ficaram mais rápidas e profundas.

— Oh, isso! — ela gritou e seu corpo tremeu embaixo de mim, enquanto um orgasmo intenso a tomava.

Fui com ela em seguida, em um prazer tão forte que parecia me paralisar. Caí sobre Mandy, cada músculo em mim espasmando.

Lentamente, fui me recuperando. Girei sobre a cama e trouxe Mandy para cima de mim. Ela apoiou o rosto em meu peito e me encarou com um sorriso preguiçoso e satisfeito.

— Eu não sei o que dizer — sussurrou ela — Foi tudo tão...

Mandy não precisava explicar, havia coisas que as palavras eram incapazes de descrever. Dividimos e vivemos um momento único.

— Agora você é minha, Mandy — beijei os cabelos dela e afaguei o seu rosto — De todas as formas.

Um pouco possessivo? Talvez, mas eu pertencia a ela também.

— E você é meu — ela me abraçou mais forte, fechando os olhos — De todas as formas.

Sim, eu era dela. Eu seria de Mandy até o último dos meus dias.



Despertei, e o primeiro foco de minha visão foi o rosto adormecido e angelical de Mandy.

— Mandy?

Desenhei seu rosto com meus dedos, isso a fez se remexer contra mim e um suspiro suave escapou de sua garganta.

— Amor, temos que levantar ou vamos chegar atrasados ao jantar.
— Beijei seu ombro, observando seu olhar preguiçoso em seguida — E não me olhe assim. Penelope me mataria se faltássemos.

Ela se espreguiçou e soltou um gemido, antes de bocejar.

— Tem razão — disse ela, sentando-se na cama — Seria indelicado

não comparecer.

O lençol escorregou pelo seu ombro, deixando os seios completamente à mostra para mim. Salivei diante da visão sensual e meu pau pulsou forte.

— Na verdade — disse, jogando-me sobre ela —, alguns minutos de atraso não farão diferença.

Beijamo-nos e nos acariciamos até que eu notasse Mandy pronta novamente para me receber. Coloquei o preservativo e me deitei de costas na cama, puxando-a para cima de mim.

— Vem por cima, vai ser melhor para você — disse a ela, enquanto segurava meu pau e a via deslizar sobre ele.

Seu rosto se contorcendo de prazer foi a imagem mais erótica que já vi na vida.

— Aahh... — ela soluçou, quando impulsionei o quadril de encontro a ela, socando mais fundo.

Suas mãos encontraram apoio em meu peito, enquanto nos movimentávamos juntos.

— Você fode comigo, Mandy — urrei, ao cravar minhas mãos em sua cintura, a ajudando a subir e descer mais rápido sobre meu pau.

— Aiii... Dallas! — Observava o prazer se construindo através de seu rosto.

Os pelos em minha pele eriçaram e eu liberei meu orgasmo com o de Mandy.

Toda mole, ela caiu sobre mim. Ambos suados e com a respiração acelerada.

— Eu não consigo me mover — ela murmurou em meu peito.

Meus ombros sacudiram com minha risada.

— É sério, Dallas — senti a batida em meu peito — Você me destruiu.

— Um banho vai ajudar. — Saí da cama e a peguei em meu colo.

Em tese, foi uma ideia boa. Mas na prática? Foi impossível manter minhas mãos longe, vendo Mandy toda molhada e sexy.

Acabamos chegando à casa de Penelope com quase quarenta minutos de atraso. Culpamos o trânsito de New York, embora nosso hotel não fosse mais do que vinte minutos da residência deles. Porque o casal ainda vivia em sua bolha apaixonada, não pareceu se incomodar.

— Adam, sirva alguma coisa para o Dallas — disse Penelope, ao entrarmos em sua sala aconchegante — Mandy, você me ajuda na cozinha?

— Claro que sim.

Esperei que as duas passassem pelo arco da porta e desaparecessem no corredor, para me dirigir a Adam.

— Você acha que Mandy tem chances de ficar com a Jody?

Ele serviu dois dedos de uísque e três cubos de gelo e me entregou o copo.

— Ela tem chances. O avô tem chances, a mãe tem, se decidir aparecer — disse ele ao se servir — O que eu preciso provar é que, entre eles, Mandy é a pessoa certa para criar a menina.

Eu não conseguia ver Mandy perdendo a Jody, porque também não conseguia me ver longe da ovelhinha.

— Faça o impossível por isso, Adam — olhei para a porta, certificando-me que Mandy não havia retornado — Isso a destruiria.

— Darei tudo de mim — disse ele e me encarou, sério — Quando você disse que se casaria com ela...

— Não foi só pela Jody. Eu a amo e hoje eu tive a certeza do quanto. Ele sorriu.

— Penelope afirmou isso.

— Contou a ela?

Não que tivesse pedido segredo, talvez eu quisesse falar pessoalmente com ela sobre meus sentimentos por Mandy.

— Olha, Dallas — ele tocou meu ombro e fez aquele olhar de quem estava prestes a dar o melhor conselho do mundo —, apaixonado você já está. Mas quando colocar uma aliança no dedo dela, irá descobrir que nem seus pensamentos mais pertencem a você.

Adam Crighton era um carneirinho nas mãos da minha prima, sorri ao constatar isso, e o que restava de ressentimento pelo sofrimento que ele causou a ela finalmente pôde sair de meu peito.

— Pode rir — disse ele, agora ofendido — Espere até você chegar lá.

Ele deu um gole em seu drinque e, de repente, o motivo do meu humor deixou de ter graça.

A campainha tocou, e Adam largou seu copo no suporte.

— Deve ser Liam e Julianne.

Tomei o restante do meu drinque para começar a relaxar, enquanto ele seguia para abrir a porta.

— Dallas!

Julianne correu até mim e pulou em meus braços para um abraço.

— Eu senti tanta saudade.

Por conseguirem se ausentar do trabalho um pouco mais fácil, Austin e Clyde os visitavam mais do que eu. O curso de medicina de Julianne, somado ao trabalho de Liam como cirurgião, os prendiam em New York, fazendo com que só fossem à fazenda nas férias e feriados. Então, conversar por telefone e mensagens de texto matava um pouco a saudade.

— Também senti — A abracei forte e cumprimentei Liam com o olhar.

Ficamos assim por um tempo considerável. Eu tinha trocado as fraldas dessa garota, e agora ela era uma linda mulher, casada e feliz.

— Onde está sua namorada? — indagou ela, ao se afastar.

— Quem disse a você que Mandy é minha namorada? — indaguei, cruzando os braços.

Estava pronto para dizer às garotas, que por um tempo foram as mais importantes da minha vida, que estava apaixonado, quando elas já sabiam de tudo. Ao que me parecia, não era apenas em Peachwood que as fofocas corriam soltas.

— Emma, Charlote, Paula, Clyde, Austin, James — Julianne soltou todos os nomes sem perder o fôlego — Ah, o papai.

— Julianne — Liam a puxou para ele — Deixe seu irmão em paz.

— Liam — Ela foi até ele e ajeitou a gola da camisa dele, mesmo que não precisasse — Nós já conversamos sobre isso.

Balancei a cabeça. É claro que a vizinha melosa dela não iria funcionar. O doutor era um homem.

— Claro, amor — Ele disse isso e a puxou para um beijo.

— Viu? — Adam deu um tapinha em meu ombro — Era sobre isso que eu falava.

Que grande mundão era esse, Dr. Crighton.

— Mas eu vou te fazer pagar por esse atrevimento mais tarde. — O

ouvi sussurrar para ela.

Após a palmada que ele deu em sua bunda, Julianne fugiu dizendo que iria em busca de Penelope e a misteriosa Mandy.

Adam entregou um copo ao irmão, voltou a servir o meu e o dele.

— Ao próximo homem, sem muito orgulho — ele levantou o copo em um brinde —, mas inegavelmente feliz.

Era óbvio que o homem de quem ele se referia, até mesmo porque os dois olhavam divertidos para mim, era eu.

— Estou ansioso por isso — Toquei o meu copo no deles.

Se eu tivesse metade da felicidade com Mandy que via neles, ao lado de suas mulheres, estaria muito grato à vida.

Capítulo 16

Mandy

Não tive muito contato com Penelope durante o tempo que ela morou em Peachwood, na fazenda dos Walker. Eu só a via quando fazia suas consultas na cidade vizinha e estava sempre acompanhada de um dos primos, quando não, pelos três. Eles sempre a levavam ao café naquelas ocasiões. Acho que era para criar formas para ela se distrair. E nunca conseguia deixar de perceber como Penelope parecia muito triste e solitária, mesmo tendo tantas pessoas que amavam e tratavam com carinho em volta dela.

Mas hoje, eu via uma mulher bem diferente e que não escondia o brilho de felicidade.

— Eu lembro de você — disse ela, antes de se inclinar para dar uma conferida no que estivesse assando no forno — Do Café da Sra. Chan, não é?

— Isso mesmo. — Apoiei meu quadril contra a mesa e esperei pelo interrogatório.

Era natural. Penelope amava os primos, e acho que sua curiosidade em relação a mim se mostrava saudável, embora desconfiasse que já deveria saber tudo sobre mim.

— E... — Ela provou algum tipo de molho fervendo em uma panela,

sorrindo para mim em seguida — Que eu me lembre, tem uma bebê muito linda. Eu gostava de vê-la e pensar em como meu filho seria.

— A Jody. É minha sobrinha, mas...

Senti minha garganta apertar. Como explicar minha relação com Jody, sem virar uma tragédia emocional?

— Ah, não se preocupe. — Ela veio para perto de mim e segurou minhas mãos — Desculpe por tocar em um assunto delicado. Eu só queria conhecer você por você.

Se havia uma palavra para definir Penelope, seria doce. Sua forma de falar, de agir e de nos encarar. Eu me via sentando com ela e contando as angústias de minha vida. Era uma pena morarmos em estados diferentes. Tinha a sensação de que seria uma boa amiga.

— Falar da Jody não me incomoda — disse a ela — O que estamos prestes a enfrentar, sim. Eu tenho medo de perdê-la.

Eu estava buscando ser a pessoa forte que todos esperavam de mim, mas, às vezes, eu só queria me encolher em um canto e chorar.

— O Benjamin nasceu com um problema de saúde, no fígado — disse ela, e seus lábios tremeram um pouco — Ele precisava de um transplante urgente, e por causa dos problemas na gravidez, causados por uma pessoa muito má, e por estar grávida novamente, não pude ser doadora para ele.

Diante de minha confusão, ela explicou que era possível fazer o transplante de fígado entre pessoas vivas, porque ele era um órgão que se regenerava.

— Eu, a mãe dele, não podia ajudar meu bebê — Em meio a essa lembrança triste, ela sorriu — Então, vieram tantas pessoas. Nossos amigos, os meus primos e até meu pai, com quem não estava tendo um bom relacionamento.

Pelo que ouvia, Penelope tinha passado por momentos muito difíceis.

— Mas o Adam foi o doador para o nosso bebê. E você não imagina como me senti apavorada, vendo meu filho e pai dele, o homem da minha vida, passando por uma cirurgia delicada.

Eu estava equivocada; Penelope Crichton poderia parecer uma mulher frágil e delicada, mas ela carregava uma grande força interior.

— Após o pior ter passado, comecei a acreditar que tudo o que aconteceu com o Ben e com a gente serviu para unir todos nós ainda mais. Hoje, tenho uma excelente relação com meus pais, eles adoram os netos e respeitam o Adam — continuou ela — E só estou te falando isso, Mandy, porque às vezes a gente acha que tudo acabou. É difícil ter fé e esperança, mas há um motivo para tudo, e tudo ficará bem entre você, a Jody e o Dallas.

Pela primeira vez, eu acreditei nisso, acreditei de verdade.

— Obrigada. — Sequei rapidamente a lágrima que deslizou em meu rosto, me sentindo uma boba.

Penelope me abraçou e retribuí o sorriso com o mesmo carinho que ela me dava.

— Bom, aqui está tudo pronto — disse ela, ao nos separar e desligar o forno e as panelas — Quer ver meus bebês, enquanto Julianne e Liam não chegam?

— Eu adoraria — respondi, aceitando sua mão.

Mal tínhamos chegado ao final da escada, quando um garotinho surgiu no topo dela.

— Mamãe!

Era alguns meses mais novo que a Jody, mas em tamanho, era maior do que ela. Tinha os cabelos escuros e olhos bem castanhos como os do pai. Não dava para negar que era um mini Adam.

— Benjamin — Penelope o pegou no topo da escada, antes que ele tentasse descer um degrau — O que você faz aqui, garotinho levado?

— Eu quero *mostlá* meu papai que *consetei* meu *calinho* — disse ele, tentando saltar do colo dela.

— Desculpe, Penelope — Uma mulher surgiu à nossa frente — Fui trocar a Amy e esse mocinho passou a perna em mim.

— Não se preocupe, sei bem o garoto levado que tenho — disse

Penelope à babá, depois, se dirigiu ao menino — Se prometer ficar comportado, eu peço ao papai que suba e veja seu excelente trabalho. O que acha?

— Tá bom, mamãe — Ele deu um beijo estalado na bochecha dela, e não consegui evitar um sorriso encantado — Vou *cê* um *plíncipe*.

— Você é o meu príncipe.

— E o papai é o *lei*.

— Sim, o papai é o rei, e essa — ela parou na porta e se virou para mim quando chegamos ao quarto — Essa é a amiga da mamãe, Mandy, e a noiva do seu tio Dallas.

E parecia que o noivado tinha sido surpresa apenas para mim.

— *Xelife* bonitão — disse Benjamin a mim — Mandy bonita.

Ah, eu queria pegar esse garotinho fofo, apertá-lo tanto e não soltar nunca mais.

— O xerife bonitão vem da minha amiga Paige — explicou Penelope — Mas não precisa se preocupar. Ela só diz isso quando quer irritar o Richard, o marido dela.

Era a segunda vez que ouvia falar sobre Paige. Pelo que todos diziam, parecia meio maluquinha, e eu gostaria de conhecê-la um dia.

Quando entramos no quarto, avistei no cercadinho no chão uma garotinha linda em seu vestido branco e rosa. Senti uma grande fisgada no

peito. Não tinha como não pensar em Jody ao observar seus cabelos loiros e olhos claros. Uma cópia tão fiel da mãe, como seu irmãozinho era do pai.

Então, pensei, quando Dallas e eu tivermos um filho, com quem ele iria parecer?

Lá estava eu, colocando a carroça na frente dos bois. Tínhamos uma longa caminhada até isso acontecer.

— E essa é a Amy. Não se engane com esse sorrisinho doce — disse Penelope, colocando o filho no chão, que correu para sua pilha de brinquedos — Faz gato e sapato do pai dela.

Eu não duvidava nem um pouco disso.

— Papa! — Amy soltou um gritinho e esticou a mão que segurava um bichinho de pelúcia.

— Você vê — Penelope fez o que não esperava de uma mulher vestida com elegância, sentou no chão ao lado da filha e eu fiz o mesmo que ela — Os carregamos em nosso ventre por meses, sentimos as terríveis dores do parto, e basta uma pequena virose para nos deixar em pânico, e para quê?

Apesar do discurso cheio de lamentos, seu rosto exibia um sorriso contente.

— Eles só querem saber do papai — concluiu Penelope, levando-me a rir.

Amy, assim como Benjamin, riram juntos, mesmo que não tivessem

a mínima ideia do que era tão engraçado.

— Amanda Temple! — ouvimos um grito vindo da porta e vi Julienne parada nela — Você não sabe o prazer que é ver quem finalmente conquistou o coração congelado do meu amado irmão mais velho. Ah, e você é tão linda!

— Obrigada — respondi, sem jeito — É um prazer ver você também, Julienne.

— Tenho coisas bem interessantes para falar sobre meu irmão — disse Julienne, se juntando a nós no chão, e Benjamin aproveitou para subir em seu colo.

Havia um quê de garota levada em seu olhar, que eu não sabia se deveria me preocupar ou me divertir.

— E se for uma garota muito esperta — seguiu ela — Poderá usar tudo contra ele.

— Julienne? — Penelope a repreendeu, chocada.

— O quê? — ela revirou os olhos — Ninguém fez isso por mim, quando fui uma pobre vítima nas mãos daqueles três vaqueiros insuportáveis.

Não fui uma amiga próxima de Julienne, mas sabia boa parte de suas histórias em relação aos irmãos dela, então, sabia que, vítima, ela nunca fora. Mas eu tive, nas últimas semanas, uma pequena amostra de como eram protetores e mandões os homens Walker. No entanto, se existia alguém capaz

de lidar muito bem com eles, esse alguém era Julianne. Talvez não fosse tão ruim assim descobrir uma ou duas coisas.

— Bem, eu sou toda ouvidos.

E enquanto ela narrava alguns fatos engraçados, curiosos e interessantes em relação a Dallas, desejei, só por um momento, morar em New York com elas.

Embora eu tivesse chegado nervosa à casa, Penelope me deixou completamente à vontade, e Julianne continuava tão levada como sua fama dizia. A família de Dallas em New York era tão unida e acolhedora como em Peachwood. O jantar foi tranquilo, divertido e tudo o que eu precisava para me distrair.

— Quando vocês se casarem, venham passar a lua de mel aqui — disse Julianne, ao chegarmos à porta.

Dallas entregou minha bolsa, colocou o casaco sobre meu ombro e me abraçou por trás, apoiando o queixo em minha cabeça.

— Se a Mandy não quiser ir para outro lugar.

— Ah, por favor — Julianne fez um bico muito parecido com o de Jody, quando ficava emburrada — Nós poderíamos fazer muitas coisas juntas, não seria incrível?

— Aí não seria uma lua de mel — resmungou Dallas, e dei uma cotovelada nele.

— Eu adoraria — disse a ela.

— E se casem no meu período de férias na faculdade.

— Julienne, não vamos organizar isso de acordo com sua disponibilidade — retrucou Dallas, e quase me rendi à vontade de lhe dar um belo pisão no pé.

Teria feito isso, se ele não usasse botas e provavelmente eu que me machucaria.

— Quando isso acontecer, prometo que tentarei conciliar nossa agenda com a sua.

Não tinha mais a minha mãe, e a única irmã que tinha não se importava nem mesmo com a própria filha, por isso seria bom ter Julienne participando de tudo.

— Eu não sei o que você viu no meu irmão, Mandy — disse ela, olhando feio para ele, depois, se aproximou para me abraçar — Mas fico feliz que tenha visto alguma coisa.

Ah, eu tinha visto muitas coisas. Para começar, ele era lindo de fazer qualquer mulher se abanar, gentil, atencioso, me tratava com respeito e carinho, estava sendo o suporte que precisava nesse momento, e no sexo? *Oh, meu Deus!* Meu corpo reagia só em pensar. E amava o peito largo dele e seus braços que me apertavam forte.

— Espero vê-la em breve — disse ela.

— Até breve, Mandy — disse Liam, dando um beijo em meu rosto que fez Dallas grunhir.

— Não ligue para as maluquices da minha prima — disse Penelope, abraçada a Adam, eles nos levaram até a porta — No fundo, ela é uma garota muito legal.

— Sei disso — Sentia não ter sido amiga próxima de Julianne em Peachwood — Obrigada pelo jantar e pelo que me disse antes. As suas palavras renovaram minhas esperanças.

— Ligue sempre que precisar abrir o coração — disse ela.

Terminamos de nos despedir e fomos em direção ao táxi que nos esperava.

— Não foi tão ruim, foi? — indagou Dallas, já no hotel, quando saímos do elevador.

— Tá brincando? Foi maravilhoso!

Algo passou em seu olhar quando me encarou, sério, mas logo sua expressão mudou para carinhosa. Ele pegou minha mão, e após a levar aos lábios, a pressionou em seu rosto.

— Fico feliz, Mandy. Não há nada que eu queira no mundo além de vê-la sorrir.

— É o meu objetivo em relação a você, meu amor.

Entramos no quarto perdidos em um beijo apaixonado. E quando

Dallas se separou, segurou o meu ombro e me fez virar para a cama, meu queixo caiu.

Todo o ambiente foi decorado para uma noite romântica. Havia flores na cama, um balde de gelo com champanhe na mesinha ao lado e frutas com chocolate.

— Quando você fez isso?

— Organizei ainda de Peachwood — disse ele — Mas um pouco antes de sairmos da casa de Penelope, fiz uma ligação pedindo que liberasse tudo.

Eu me lembrei que ele tinha se afastado, dizendo que iria ao banheiro, deveria ter sido naquele momento que Dallas havia cuidado de tudo.

— Eu disse que seria especial — murmurou ele, escondendo as mãos nos bolsos da calça — Não que mais cedo não tenha sido, foi perfeito e...

— Ah, Dallas! — Pulei nos braços dele, emocionada — Eu só consigo me apaixonar ainda mais por você.

Tomei a iniciativa e grudei minha boca na sua. Um beijo suave, que não demorou muito para ficar intenso e apaixonado.

— Mandy.

Suas mãos eufóricas começaram a arrancar minhas roupas, e fiz o

mesmo com as dele e fomos deixando uma trilha pelo quarto, a caminho da cama. Ele me deitou e fez uma varredura em meu corpo, como se seus olhos fossem feitos de laser.

Seu corpo cobriu o meu. Senti o beijo na curva de meu pescoço e vibrei por inteiro. Meu corpo já sabia o que esperar de Dallas e estava ansioso por seus toques e suas carícias.

Então, ele ficou sobre os joelhos. Vi o seu braço esticar até a champanhe, e o estalido ecoou pelo quarto quando ele abriu a garrafa.

— Abra a boca.

Atendi a seu pedido, e a bebida borbulhante inundou minha boca, que segundos depois Dallas cobriu com a sua, em um dos beijos mais sensuais e quentes que já trocamos até agora.

Em seguida, ele despejou um pouco em meu seio esquerdo, lambendo as gotículas em meu mamilo. Fez o mesmo com o outro seio e repetiu até que eu estivesse alucinada e implorando por mais.

— Champanhe nunca foi minha bebida preferida — disse ele, jogando uma porção no vale entre meus seios, que ele colheu com a língua — Até agora.

Não, cowboys bebiam uísque e muita cerveja para descontrair, mas eu estava amando como ele usava a bebida adocicada em mim. Principalmente quando foi molhando e percorrendo meu corpo com a língua

até se posicionar entre minhas pernas, que ele apoiou em cada lado de seus ombros, deixando-me completamente exposta a ele.

— Dallas... hum — gemi ao sentir o líquido molhar minha boceta e sua língua deslizar por cima.

Ele molhava e lambia, repetidas vezes, fazendo-me emitir pequenos gritos pelo quarto. Sentia que incendiava, dos fios dos cabelos às pontas dos dedos dos pés. Então, quando acreditei que perderia de vez a minha sanidade, Dallas largou a garrava e me fez virar na cama, ficando de quatro para ele.

— Sabe quantas vezes desejei bater nesse traseiro lindo?

O primeiro tapa quase me fez virar para ele, zangada, então, senti sua língua deslizar no lugar onde ardia e suas mãos acariciarem onde havia ficado vermelho. Era uma espécie de prazer e dor.

Outro tapa me fez pular para frente e morder o meu lábio, mas, dessa vez, ele apenas massageou no lugar e abriu mais minhas coxas, para cair de boca em meu clitóris. Tapas, dedos cravados em minha pele e lambidas deliciosas do meu clítoris à entrada de minha boceta. Eu já agarrava e torcia o lençol, enlouquecida.

— Você é tão gostosa molhadinha assim, Mandy — grunhiu ele, ao se afastar para buscar o preservativo — Muito gostosa e sexy *pra* caralho.

Suas palavras apenas faziam com que eu ficasse ainda mais acesa.

— Dallas... — eu o queria dentro de mim.

E quando finalmente deslizou para dentro de mim, fui tomada por um imenso prazer. Quente e selvagem, como um cavalo dominando sua égua no pasto. E suas mãos uniram meus cabelos e Dallas puxou minha cabeça para trás. Seu quadril batia contra minha bunda a cada estocada forte que me dava.

— Ohh! — Dallas gemeu, quando minha boceta começou a apertar e pulsar em volta do seu pau — Caralho!

Levei a mão ao meu clitóris, esfregando-o, o prazer crescendo em mim como ondas.

— Aii... eu vou gozar — chorei, segundos antes de um orgasmo feroz me dominar e intensos espasmos fazerem meu corpo tremer.

— Mandy...

Dallas soltou meus cabelos e caiu sobre mim, enquanto gozava e sussurrava meu nome. Desabei na cama, sem forças, e Dallas se jogou ao meu lado.

— Nossa — disse ele, afastando alguns fios de cabelo do meu rosto suado — Garota, você ainda me mata.

Ri fracamente, ainda estava sob o efeito de Dallas sobre mim.

— Eu? — indaguei, molenga — Não consigo mover o meu dedo mindinho, meu senhor.

— Isso pode ser um problema — disse ele, puxando meu lábio com

os dentes — Você tem exatamente quinze minutos para se recuperar.

Olhei, incrédula, para ele. Eu era novata sobre sexo, mas quinze minutos eram suficientes?

— Você está brincado — desafiei, passando o dedo no furinho em seu queixo.

Seu olhar intenso e ardente percorreu todo o meu corpo, antes de ele se afastar.

— Pareço estar brincando?

Observei Dallas esfregar o pau, novamente enrijecendo. Mordi a bochecha ao sentir o formigamento entre minhas pernas começar a dar sinais.

Não, ele não estava.



Retornamos a Peachwood. Se havia uma coisa boa em relação à pequena viagem a New York, é que meu amor por Dallas, agora que era dele de corpo e alma, havia crescido ainda mais e sabia que os sentimentos por mim eram mais fortes também.

Eu tentava seguir os conselhos de Penelope, em acreditar que tudo tinha uma razão na vida e que acabaríamos bem, até mesmo para não enlouquecer. Mas não conseguia deixar de pensar no Sr. Rhotenberg e no que ele pretendia fazer, agora que o resultado do exame havia saído.

A resposta veio alguns dias depois, quando o advogado apareceu novamente no Café para falar comigo, mas eu não queria ter essa conversa com ele sozinha, então pedi que Rachel fosse até a delegacia e chamasse Dallas.

— Bom, Srta. Temple, como sabe, o exame deu positivo — disse Isaac, quando ocupamos uma mesa — E que a criança é neta do Sr. Rhotenberg.

— O nome dela é Jody!

Senti a mão de Dallas afagar a minha, e quando o encarei, vi em seus olhos que ele me pedia calma. Estava tentando, mas só o que eu conseguia pensar era que o Sr. Rhotenberg era o diabo e esse homem era seu demônio enviado para me atormentar.

— Sem rodeios, Nowalk — disse Dallas, em um tom autoritário — O que esse homem quer?

O advogado parecia se sentir meio desconfortável com o olhar implacável de Dallas e se remexeu no lugar. Isso me deixou muito feliz.

— Para começar, ele virá até Peachwood essa semana — disse ele, puxando o nó na gravata — Deseja ver onde a neta cresceu e está vivendo.

— Depois disso? — insistiu Dallas.

— Olha, se eu posso dar um conselho...

— Não, você não pode — rugiu Dallas — E desembucha logo.

— Não entre em pé de guerra com o Sr. Rhotenberg — Ele puxou o nó da gravata mais uma vez — Será uma briga difícil e quase impossível de se vencer.

— Por quê? — Levantei da mesa, fazendo a cadeira cair — Porque ele tem muito dinheiro?

— Mandy — Dallas pegou minha mão, mas eu me soltei.

— Onde ele estava, quando a Jody precisou de amor e cuidados, após a mãe tê-la abandonado comigo? — No fundo, sabia que tinha que me controlar, eu só não conseguia — Todas as vezes que ficou doente? Teve febre ou chorou? Eu estive lá. Eu estou aqui, e isso não é justo.

Não conseguia mais olhar para esse homem. Não conseguia mais segurar a vontade que tinha de me encolher no chão e chorar. Saí do Café correndo, cega pelas lágrimas que tentava conter. Odiava bancar a molenga chorona, mas só eu sabia o tamanho da dor e desespero que sentia.

— Mandy! — As mãos firmes de Dallas me pararam.

Virou-me para ele e escondi meu rosto em seu peito, deixando que minhas emoções fluíssem. Fui erguida do chão e me embolei em seu colo. Ouvia suas palavras doces.

— Você pode chorar, Mandy — Só notei que estava na sala dele, na delegacia, quando me sentou em seu colo — Porque eu vou estar aqui para secar todas essas lágrimas. E quando esse inferno acabar, as únicas lágrimas

que vou aceitar que derrame serão as de felicidade.

Eu tinha tanta dor dentro de mim, mas também tinha Dallas e todo meu amor por ele. Ele, mais do que ninguém, sabia o quanto eu buscava ser forte, mas ninguém conseguia ser forte o tempo todo.

— Eu te amo — disse, olhando-o entre as lágrimas — Eu te amo muito.

— Vem cá — ele me puxou para o seu peito e afagou meus cabelos — Minha menina. É muito grande meu amor por você.

E o amor tinha que ser mais forte que tudo.

Capítulo 17

Dallas

Eu tinha conciliado minha parada para almoço com a de Mandy para fazermos juntos, mas nos fundos do Café de Chan, sem todos os olhos curiosos em cima de nós, a última coisa que estávamos fazendo era comer, mas não comida.

— Olha, Xerife — disse ela, se afastando até apoiar as costas na parede, enquanto tentava voltar a abaixar com as mãos trêmulas a saia do vestido de seu uniforme — Se não vai terminar, nem comece.

Mordi o canto do lábio, quando a olhei de cima a baixo com desejo.

— E quem disse que não vou terminar? — Avancei em sua direção e a puxei para os meus braços.

Esfreguei o nariz em seu pescoço e recheei minhas mãos com sua bunda.

— Não... — ela protestou, sem muita força — Você sabe que não sou uma garota silenciosa.

E eu amava isso. Nada me dava mais tesão do que fazer Mandy gritar de prazer em meus braços.

— Eu sei como te fazer calar — Busquei sua boca, e logo estávamos

entregues a beijos incontroláveis.

Não. Mandy não era uma garota silenciosa, mesmo com minha boca grudada a dela, seus gemidos e ronronar escapavam de seus lábios. Talvez os clientes não ouvissem do Café, mas Chan escutaria alguma coisa da cozinha.

Estava prestes a oferecer minha jaqueta, para que ela abafasse suas reações aos amassos que trocávamos, quando senti algo vibrar em minha barriga. Era o telefone de Mandy. Ela me empurrou, fazendo-me recuar alguns passos.

— Preciso atender — disse. Respirei fundo e passei as mãos nos cabelos bagunçados.

Vivíamos em uma corda bamba, esperando notícias vindas do Sr. Rhotenberg, então, não me incomodei que Mandy atendesse.

— É o Austin — disse, após pegar o aparelho e verificar o visor — Oi, Austin?

Tentei me recompor e coloquei o chapéu. De qualquer forma, precisava voltar à delegacia e Mandy, ao seu trabalho.

— No Centro Médico? — indagou Mandy, alarmada — Estou indo até aí.

Fiquei em alerta e tentei avaliar a expressão de pânico em seu rosto.

— Jody teve um acidente — disse ela, nervosa, avançando em direção à porta — Preciso ir para lá.

— Vou com você.

Nem tivemos tempo de avisar Chan ou Rachel quando estávamos saindo. Mandy saiu desesperada.

— O que aconteceu? — A guiei para a viatura, pois, ela não tinha condição alguma de dirigir.

— Não sei direito — sua voz saiu trêmula — Foi uma queda, ou algo assim, Austin não soube explicar, e confesso que não quis prolongar o assunto. Só quero ver minha pequena.

— Ela está bem, Mandy. — Busquei a mão dela, antes de dar partida no carro — Eu tenho certeza.

Assim que chegamos ao Centro Médico, vi Austin encolhido em um canto. Ele parecia tão transtornado quanto Mandy estava, mas vi algo mais que me desagradou e preocupou. O avô de Jody, em uma poltrona de espera.

— Austin! — Mandy soltou minha mãe e correu até ele — Onde está a Jody? O que aconteceu com ela?

— Eu sinto muito, Mandy — Poucas vezes vi meu irmão tão fora de si — Eu sinto muito mesmo.

Aproximei-me deles.

— O que aconteceu, irmão? — Ele precisava ser mais objetivo, ou quem acabaria em uma sala na emergência seria Mandy.

— Eu a levei para ver o bezerrinho novo. Só me distraí por um

minuto, para falar com um dos peões, e ela caiu da cerca — explicou ele, então, encarou Mandy com um olhar arrasado — Sinto muito, Mandy.

Eu aposto que a distração de Austin tinha a ver com Rhotenberg. Para ele estar aqui, com certeza havia aparecido na fazenda sem aviso.

— Mas como ela está, Austin?

Ele torceu a aba de seu chapéu de cowboy.

— O Dr. Glover a levou para dentro, e...

— Você tinha que estar cuidando dela!

Virei em direção à voz exaltada. Mandy notou a presença de Rhotenberg apenas nesse momento, sua preocupação o tempo todo tinha sido focada em Jody.

— O que faz aqui? — perguntou ela, inconscientemente vindo para o meu lado.

Peguei sua mão gelada e trêmula, entrelaçando firme meus dedos com os dela.

— Vim ver minha neta — rugiu ele, ficando de pé — O que mais faria em uma cidade como essa? E qual é a minha surpresa em saber que, além de negligenciada, minha neta é deixada nas mãos de estranhos, que nem posso imaginar...

— O senhor não fale assim — Dei dois passos em direção a ele — Você não nos conhece. Não venha com insinuações descabidas. Jody estava

em boas mãos na fazenda.

Austin veio para próximo de mim e olhou feio para o senhor.

— Eu nunca machucaria a Jody! — esbravejou ele — Retire o que disse.

Rhotenberg o encarou de cima a baixo, sem dúvida analisando suas roupas cobertas de poeira e botas sujas de lama. O homem dava duro em uma fazenda, o que ele esperava?

— Não vou retirar nada — murmurou o velho, fazendo as narinas de Austin dilatarem — Tenho o direito de me preocupar com quem minha neta é deixada.

O Sr. Rhotenberg tinha sorte que era Austin, e não Clyde, a enfrentá-lo, e que embora nesse momento odiasse a situação, eu era um homem da lei e em exercício dela, caso contrário, nem mesmo sua idade iria fazer meu punho ficar longe de sua cara.

— Como disse, Srta. Temple, você deveria estar cuidando da menina.

— Eu cuido! — esbravejou Mandy, esse homem fazia qualquer santo perder a paciência — Mas as pessoas trabalham para sobreviver, sabia?

Mandy não era negligente, e esse homem não tinha direito algum de insinuar uma coisa como essa.

— Pelo o que vi e vejo — ele olhou para o uniforme de Mandy com

o mesmo desprezo que deu às roupas de Austin —, é que não tem condições de criá-la. O dia de hoje provará ao juiz que estou certo.

Eu estava a um triz para esquecer quem era e que isso poderia fazer esse homem sair voando pela porta.

— Eu vou pedir a guarda dela.

— Foi um acidente! — Austin se manifestou — A Mandy não tem culpa de nada.

O clima estava ficando mais do que pesado. Eu tinha que tentar manter a calma, para amparar Mandy.

— Den-dy! — ouvimos um grito vindo da sala que dava para a emergência, e Jody surgiu na porta com uma enfermeira e o Dr. Glover.

Ela tinha um curativo no queixo e um pirulito na boca, não pude observar mais, porque ela logo correu para os braços de Mandy.

— Jody dodói. Subiu e caiu. *Astin toxé pá cá* — ela começou a contar a Mandy, completamente alheia dos adultos se engalfinhando em palavras — Moço bonzinho deu *pilulito* para Jody, *salô*.

— Você está bem, meu amor? — Mandy indagou, emocionada.

— Não dodói mais — afirmou ela, balançando a cabeça.

— Ela é uma garotinha muito forte — disse o Dr. Glover — Não chorou um minuto durante os pontos.

— Pontos? — perguntou Mandy, assustada.

— Quatro pontinhos minúsculos que Jody tirou de letra — respondeu ele — Não se preocupe, Mandy, são coisas de criança. Os Walker vinham muito aqui nessa idade, se recorda, Dallas?

Assenti. O Clyde foi o que mais frequentou a sala do Dr. Glover para ser remendado.

— Bom, providencie o remédio que prescrevi na receita, faça curativo uma vez por dia, e os pontos devem cair sozinhos em alguns dias. Logo, Jody estará pronta para outra.

Peguei o receituário e entreguei a Austin. Sentindo-se culpado como estava, eu sabia que iria querer cuidar de tudo.

Pela visão periférica, vi Rhotenberg se aproximar e me coloquei entre ele e Mandy, com Jody no colo.

— Eu quero ver a minha neta — exigiu ele.

Não movi um músculo, então, ele mexeu no bolso do terno e tirou uma folha de dentro dele, mostrando a mim.

— Tenho autorização do juiz.

Então, o infeliz estava movendo as cartas do seu baralho. Eu não queria deixá-lo se aproximar de Jody, depois de tudo o que tinha dito a Mandy, mas também temia que o meu descumprimento a uma ordem legal pudesse, de alguma forma, prejudicar Mandy. Afastei-me, dando passagem a ele.

— Oi, Jody — disse ele, e para minha surpresa, havia doçura em sua voz — Sabe quem eu sou?

Ela balançou a cabeça, negando, e o estudou com curiosidade. Jody era uma criança amigável, isso era ao mesmo tempo bom e ruim.

— Sou seu avô.

— Vovô? — ela indagou, confusa — Não. Vovô *Aul*.

Rhotenberg pareceu impactado pelas palavras dela.

— Glenda me disse que seus pais estavam mortos — acusou ele.

— Eles estão — respondeu Mandy.

— Então... — disse ele, sem entender.

— Raul é meu pai — esclareci.

Eu não sabia se Jody tinha escutado Michele chamar o meu pai de vovô e por isso o associou assim, ou se ele havia pedido a ela. Conhecendo bem o velho, ficava com a segunda opção. Ele estava feliz em ter uma criança de novo na casa.

— Minha querida — Rhotenberg tocou o rosto dela —, eu sou o seu avô.

— Sr. Rhotenberg, ela acabou de conhecer você — protestou Mandy — Não a deixe confusa.

Estava prestes a enfrentar os protestos dele, quando olhou para a neta com ternura.

— Está bem. Ao contrário de vocês, farei tudo da forma correta — disse ele, antes de se afastar — O vovô voltará para te buscar. Eu vou te dar coisas muito lindas.

Como era tolo. O que importava para a menina era o carinho e o cuidado que recebia de quem a amava.

A tensão no ar não desapareceu quando Rhotenberg deixou o Centro Médico.

— *Autin* — Jody serpenteou nos braços de Mandy, querendo ir até ele — *Mumu*.

Só mesmo ela para levar um sorriso ao rosto angustiado.

— Nada mais de bezerrinho por hoje — disse ele, pegando-a no colo.

Eles seguiram em direção à saída, e Mandy segurou o meu braço antes que fizéssemos o mesmo.

— Ele vai brigar pela Jody, mas eu nunca irei desistir dela.

Eu ficava impressionado em como ela era forte e frágil ao mesmo tempo.

— Ele que venha — a puxei para os meus braços — Estaremos prontos.

Adam era um excelente advogado e tinha um dos escritórios de advocacia mais importantes de New York, senão, do país. Rhotenberg

poderia vir com tudo.



Duas semanas depois

Foram três ocorrências em menos de quinze dias, e devo dizer que estava começando a ficar cansado dessa briga estúpida entre as famílias MacFly e MacLauren. Roubos de gado, cavalos envenenados, pragas na plantação. Estavam passando dos limites, e eu tinha muito mais para me preocupar do que com birras centenárias entre eles.

— Eu vou dizer para você, Xerife — disse Zach MacFly — Vou passar a dormir aqui fora, e se pegar algum deles na minha fazenda, vou dar um tiro direto na cabeça.

Esfreguei meus olhos cansados. Conheço Zach desde menino, estudamos juntos e fizemos a mesma faculdade, embora em cursos diferentes. Mas o dele não pôde concluir, após o acidente que deixou seu pai inválido na cama, obrigando-o a assumir a fazenda.

Se eu fosse descrever um vaqueiro soturno, carrancudo e briguento, apontaria Zach. Ele não era um homem fácil de se lidar, devido ao seu temperamento explosivo.

— E com você preso, quem irá cuidar da fazenda e do Sr. MacFly?

Ele afastou o chapéu e coçou a cabeça.

— Walker, o Shane está passando dos limites e você sabe disso — disse ele, irritado.

Eu tinha que concordar que o caso estava começando a sair do controle.

— Sempre foi um grande babaca desde a escola e não aceita perder — continuou ele.

— Isso ainda é pelo rio — cruzei os braços e o encarei seriamente —, ou por causa da Stella?

No colégio, eles gostaram da mesma garota. Na verdade, os dois adoravam disputar. Fosse na pista de corrida, nos jogos de futebol, campeonatos de soletração. Um estava sempre desafiando o outro, para dizer quem era o melhor. Mas Stella tinha feito com que a guerra ficasse mais inflamada, nunca decidindo com qual dos dois ela queria ficar, e a cidade só teve paz quando ela se formou no Ensino Médio e foi embora.

— Não sei de quem está falando. — Os olhos dele se estreitaram ao olhar para mim.

Pelo visto, Stella era uma ferida ainda aberta para ele.

— Olha, eu vou investigar, mas não acho que o Shane tenha algo com isso. Ele sempre jogou limpo com você — recordei. Os dois eram cabeças duras, mas ambos nunca foram traiçoeiros com o outro — Além

disso, ele também acusa você de ter contaminado a plantação.

— Por isso ele está querendo revidar! — cuspiu ele — Mas não fiz nada daquilo, e você sabe, Xerife.

Eu tinha certeza que os dois eram inocentes, mas quem estava provocando essas sabotagens, inflamando ainda mais a briga entre as famílias?

Tudo o que eu não precisava agora era ter minha mente e tempo sendo afastados de Mandy e Jody.

— Vou continuar investigando — coloquei meu chapéu e me afastei de sua cerca — E, por favor, não vá desafiar o Shane de novo.

— Se ele não meter o dedo no que é meu de novo.

Caralho! Eu tinha duas grandes bombas querendo explodir em minhas mãos. E o pior de tudo, não tinha pessoal suficiente para colocar de vigia vinte e quatro horas nas duas fazendas. Peachwood é um condado pequeno. Além de Derek, meu assistente, conto com a Sra. Tyree, a escritã, Sherman e mais quatro policiais, que revezavam os turnos.

— Xerife! — Derek veio até mim assim que me viu pisar na delegacia.

Que não viesse mais problema. Eu jurei que, em um futuro breve, nunca mais reclamaria da rotina pacata de Peachwood.

— Um tal de Stone ligou e disse que, assim que possível...

Eu tinha saído tão apressado para alcançar Zach e evitar que ele enfiasse uma bala na cabeça de Shane, que havia esquecido meu celular em cima da minha mesa.

— Obrigado, Derek — disse, quando ele me entregou o papel com o número — Não quero ser interrompido por nada.

Fechei a porta, e assim que me acomodei atrás da mesa, peguei o telefone.

— Walker — disse Peter assim que atendeu.

— O que tem para mim, Stone?

Após o avô de Jody fazer guerra declarada com a gente, nossa melhor oportunidade de sair disso vinha com Glenda, se a encontrássemos.

— O lugar era uma pocilga, mas a pista que você deu foi quente.

Comuniquei-me com várias delegacias, pedindo que me passasse qualquer informação sobre Glenda e seu amante. A pista mais segura veio de Garret, mas como não queria assustar Glenda e seu amante, levando-os a desaparecer novamente ao enviar um policial à sua porta, pedi a Peter, que também procurava por ela, para ir no lugar.

— Encontrou a Glenda — respirei, aliviado.

— Não exatamente, desculpe, digamos que cheguei alguns minutos atrasado — lamentou ele, parecendo estar com raiva — Não éramos os únicos a procurar por ela...

Peter não concluiu, mas eu sabia de quem ele falava.

— Rhotenberg.

Velho desgraçado.

— Exatamente. O amante me cobrou uma boa quantia para abrir o bico.

— Eu vou te pagar por isso, e...

— Vá se foder, Dallas, não preciso do seu dinheiro — agora ele parecia ofendido — Só estou te dizendo para que saiba com quem você irá lidar.

Se cada centavo que eu tinha fosse garantir que Mandy ficasse com Jody, eu renunciaria a tudo sem pensar duas vezes.

— Sabe para onde Glenda foi?

— O último rastro parou no Texas.

— Então, ela está por perto — disse a ele — Obrigado, Peter.

Eu precisava avisar a Mandy.

— Conte comigo para o que precisar.

Julienne e Penelope já tinham falado muito como esse grupo de amigos era unido e que fariam qualquer coisa para proteger uns aos outros e às pessoas que eles amavam. Por causa das duas, podia dizer que tinha uma família e amigos poderosos em New York.

Desliguei e saltei da cadeira, dessa vez sem esquecer de pegar o

celular, precisava avisar à Mandy que sua irmã estava por perto.

— Xerife...

— Agora não, Derek — disse a ele, a caminho da saída.

— Mas o que vi, acho que vai lhe interessar.

Parei a centímetros da saída e me virei para ele.

— Eu vi a irmã da Mandy entrar no Café tem uns quinze minutos.

Glenda estava em Peachwood, então.

— Porra, Derek! — me exaltei com ele — Por que não me comunicou imediatamente?

Apesar de no Café ter a Sra. Chan e Rachel, não ficava tranquilo de Mandy estar com a irmã, simplesmente porque não confiava em Glenda.

— Você disse que não queria ser interrompido por nada — justificou ele.

— Mas não para isso... Ah, Droga!

Não iria perder tempo discutindo com Derek, precisava chegar ao Café logo.

Não foi difícil achar Mandy, tampouco Glenda, as duas discutiam em frente ao caixa. Por um momento, fiquei surpreso com a visão que tinha dela. A irmã de Mandy já foi uma mulher exuberante e linda, mas o que via agora era uma pálida versão do que fora no passado. Sua vida inconsequente cobrava o preço dela.

— Mandy? — a chamei em um tom alto o suficiente para que ambas pudessem me escutar.

Os poucos clientes no Café me olharam com curiosidade, mas Glenda me olhou com raiva.

— Você chamou a polícia para mim? — ela se virou para Mandy com o dobro de fúria.

— Não, claro que não! — Mandy se defendeu e fui para o outro lado do balcão, encaixando meu braço ao redor dela.

— Você está bem? — perguntei com carinho e acariciei sua cintura.

— Oh, meu Deus! — gritou Glenda, antes de começar a se curvar e gargalhar — Então, você andar atrás dele como um cachorrinho finalmente deu certo.

Eu lamentava muito o tempo que passei ignorando os sentimentos de Mandy, mas, agora, vendo que Glenda usava isso para feri-la, me revoltava muito mais.

— Então me diz, Mandy, ainda é virgem, ou o xerife deflorou a garotinha?

— Chega, Glenda! — a avisei duramente.

Enquanto eu mal controlava minha ira, percebia que Mandy se segurava para não avançar na irmã.

— Hum... meus parabéns — ela bateu palmas — Mandy sempre

achou que vocês foram feitos um para o outro, e devo concordar que ela estava certa.

Ela se apoiou no balcão e nos encarou com um olhar debochado.

— Dois chatos.

Nunca entendi tanto o desejo de Mandy para que Glenda nunca mais voltasse. Ela era uma pessoa tóxica.

— Para que veio?

Estávamos procurando-a, mas o plano inicial era irmos até ela quando a encontrássemos.

— Vim ver minha filha — disse ela, em um tom amoroso tão falso quanto ela — Senti muita saudade dela.

Não tinha se passado dias, semanas ou meses que Glenda havia abandonado a própria filha com Mandy, mas sim, foram quase três anos.

— Você é uma vagabunda, Glenda — a ofensa veio da Sra. Chan, e eu não iria contestar isso — E uma tremenda cara de pau.

— O que você pensa, sua velha intrometida, não me importa — esbravejou ela.

— Você está no meu estabelecimento, então, importa, sim!

Glenda revirou os olhos e fez uma careta mal-educada para ela: — Te espero lá fora, Mandy.

Bati meu punho na mesa. Agredir uma mulher ia contra a tudo que

eu acreditava, mas Glenda me tentava.

— Desculpe, Sra. Chan — Mandy tinha lágrimas na voz ao se dirigir a ela — Nunca me senti tão envergonhada.

— Ah, querida, a culpa não é sua — Chan afagou o ombro de Mandy — A culpa é do seu pai, por ter dado um espermatozoide estragado.

A tentativa era descontrair, mas ainda tínhamos uma boa quantidade de veneno de Glenda para lidar.

— Será que eu posso...

— Vá tranquila — afirmou Chan — Rachel e eu damos conta de tudo.

Mandy tirou o avental, mas quando chegou à porta, parou e me encarou, apreensiva.

— Eu sei que não devo entrar em pé de guerra com a Glenda — confessou ela, dando voz ao mesmo que eu sentia — Mas eu não gosto da ideia de Jody perto dela.

Infelizmente, desprezando Glenda ou não, nossa maior chance estava com ela.

— Se não quiser...

— Não — ela tocou meu peito — Jody é sua filha, talvez ver como é feliz a toque de alguma forma.

Sinceramente? Eu não acreditava, mas não queria tirar as esperanças

de Mandy até que realmente fosse necessário.

Capítulo 18

Mandy

Dallas avisou que iria nos levar em sua viatura, pois, viemos juntos nela e minha caminhonete estava na fazenda. Glenda não curtiu muito ter que andar em um carro policial, mas sua surpresa maior foi saber que Jody e eu estávamos morando lá.

— Nossa, tinha me esquecido como a fazenda Walker é enorme — murmurou ela, olhando em volta quando cruzamos a porteira — Criação de cavalos, gado de corte, entre outras coisas, pelo que me lembro. Quanto rende por ano, Walker?

— Isso não é da sua conta, Glenda — exasperei-me, chocada e envergonhada por ela estar questionando isso.

— Não sei, talvez seja da minha conta — ela sorriu cinicamente, antes de sair da viatura — Você se deu bem, irmãzinha.

Nunca gostei de como Glenda era ambiciosa, mas podia dizer que, nesse momento, a estava odiando. Como podia ser tão fria e interesseira?

Fiquei aliviada quando Dallas a conduziu para a sala e eu pude ir à procura de Jody. Queria acabar logo com isso. Apresentar Jody à mãe e fazer com que Glenda me desse os direitos legais sobre ela.

Encontrei Jody tagarelando no quarto de Charlote. Ao que percebia, as duas arrumavam o guarda-roupa de Charlote. Assim que me viu, minha pequeninha sorriu e correu até mim.

— Den-dy chegou!

Peguei-a em meu colo, a abraçando forte ao ponto de ela reclamar. Queria ficar assim com Jody para sempre e que ninguém no mundo viesse tentar nos separar.

Sequei rapidamente meus olhos, antes que ela pudesse perceber minhas lágrimas.

— Amor, tem uma pessoa lá embaixo que gostaria de te ver — disse, nos afastando um pouco — Vai ser a menina linda que sempre é?

— É a *Jan*? — indagou ela, feliz.

— Não é a Sra. Chan, meu amor — disse a ela e olhei para Charlote — Glenda está aqui.

Ela arregalou os olhos e levou a mão à garganta.

— Pode descer e pegar a Jody, se as coisas ficarem difíceis?

— Claro. Ficarei por perto, vigiando.

Agradei e saí do quarto com Jody ainda fazendo suas apostas.

— É o *Caidi*? — indagou ela.

— Hum-hum — balancei a cabeça.

— *Autin*?

Neguei novamente e fui negando a cada sugestão de pessoas que ela gostava. Eu tinha esperança que, ao ver a filha, em como estava bonita, bem cuidada e feliz, Glenda conseguisse admitir que Jody estava bem comigo. Que não havia melhor pessoa para cuidar da menina. Ela mesma me disse isso quando a entregou a mim, naquela madrugada fria.

Cheguei à sala e vi que Glenda estava próxima demais a Dallas e que ele a olhava, furioso.

— Glenda? — a chamei.

Sua atenção desviou para mim, contudo, não soltou o braço dele que segurava, Dallas fez isso, e senti muita raiva dela.

Minha própria irmã esteve dando em cima do meu namorado, nos poucos minutos em que precisei me ausentar?

— Essa é a Jody? — indagou ela, vindo até nós.

Começou a caminhar em nossa volta como quem olha a vitrine de uma loja.

— Você não dá comida para ela, não? — desdenhou Glenda — Três anos, e parece um ratinho.

Como ela ousava?

— Você sabe que Jody sempre foi pequena. E é muito mais saudável agora do que quando a deixou comigo.

Jody era pequena, mas eu também nunca fui muito alta, isso ela deve

ter puxado de mim e da avó materna. Glenda puxou nosso pai, alta, loira e olhos claros. Mas Jody era uma criança linda, de bochechas gorduchas e brilho nos olhos. Fome, definitivamente, ela não passava.

— Pode ser — Glenda riu — O médico disse que foi um milagre ela ter nascido.

Por que será que não me surpreendia?

— Vem com a sua mãe, garota.

Jody olhou para suas mãos estendidas, depois, para mim e negou firme com a cabeça

— Não! Jody não *qué* — ela se agarrou ao meu pescoço, dando as costas a Glenda — Moça feia.

Glenda soltou um grunhido e me olhou com acusação.

— Pelo visto, além de não dar comida à garota, também não dá educação.

O problema é que, como a maioria das crianças, Jody tinha sensibilidade em relação a julgar as pessoas boas e as más. Glenda podia ser minha irmã, mas era egoísta. Ela não fez um gesto ou falou uma palavra de carinho para a filha desde que chegamos.

— Vem aqui agora, garota — ela agarrou o braço de Jody, que se contorceu — Agora.

— Afaste-se dela, Glenda! — A voz de Dallas ecoou como um

trovão, e logo ele estava ao nosso lado — Ela não quer você.

Apesar de contrariada, Glenda se sentiu intimidada por ele.

— Ela não tem que querer nada, sou a mãe dela.

— Não... — Jody choramingou e tremeu em meus braços, apertando meu pescoço mais forte — Den-dy é mamãe.

A declaração fez uma fúria brilhar nos olhos de Glenda.

— Você disse à minha filha que era a mãe dela? — urrou ela, voando em nossa direção, mas Dallas impediu que se aproximasse.

— Nunca disse isso. Nunca a incentivei — apesar de ter lágrimas nos olhos, a enfrentei — Mas eu fui a única mãe que ela teve, entende isso, Glenda?

Ela não podia dar uma de louca agora. Abandonou Jody comigo e não podia exigir o afeto dela do nada.

— Eu avisei que iria vir buscá-la! — ela gritou.

— Quando, Glenda? Quando Jody fizesse quinze anos? — questionou Dallas, igualmente furioso — Na formatura dela, ou no dia do seu casamento? Quando tivesse filhos ou netos?

— Cala a sua boca, seu caipira nojento! — exaltou-se ela — Estou aqui, não estou?

— Você nunca a quis, Glenda — disse a ela — Jody é feliz comigo.

— Isso eu ainda vou avaliar — disse ela respirando fundo, depois

sorriu — O avô da Jody está interessado nela agora.

Encarei Dallas, e pelo seu olhar, tive certeza que Glenda não estava mentindo. Quando ela havia falado com o Sr. Rhotenberg?

— Fiquei surpresa quando o advogado me procurou. Para que me desse o dinheiro que pedi, aquele velho me fez assinar um documento, dizendo que eu nunca exigiria que o filho mongoloide assumisse a paternidade da Jody. Bom, foi uma pequena fortuna na época, então, aceitei.

— Foi quando a deixou comigo, não foi?

Isso explicava o carro, roupas e joias caras que Glenda usava.

— Eu disse que precisava cuidar de algumas coisas. Não dá para sair por aí com uma criança. Ainda mais doente.

Ela saiu pelo país torrando o dinheiro que havia ganhado do Sr. Rhotenberg e nem se preocupou em deixar a filha amparada, sabendo que eu dava duro até mesmo para me manter. Isso não era mãe.

— Rhotenberg nunca acreditou que Jody fosse neta dele. Mas vejam só, agora com o filhinho esquisito morto — ela disse, com desprezo e raiva — Deve estar se sentindo sozinho, naquela mansão enorme. E a minha filha agora será a herdeira de tudo.

Então, era isso, concluí, decepcionada. Glenda não via uma garotinha linda quando olhava para Jody, ela via cifrões.

— Saia da minha casa — disse Dallas, entredentes.

— Você não pode me impedir de ficar com a minha filha, caipira —
Glenda o desafiou.

— Eu disse fora! — ele gritou, a pegando pelo braço e a arrastou até a porta — Até que tenha uma ordem judicial, não apareça aqui.

Nesse momento, Charlote surgiu, tirando Jody, que chorava, de meus braços, e eu fui até Dallas. Furioso como estava, temia que ele pudesse cometer alguma bobagem para nos defender.

— Tudo bem, eu vou — rebateu Glenda, mal se equilibrando nos saltos — Mas quando retornar, será para pegar minha filha.

— Isso nós vamos ver — disse Dallas.

— Como vou embora daqui? — indagou ela, olhando em volta.

— Você tem pernas — disse Dallas, batendo a porta de tela.

Glenda saiu pisando duro e, de repente, comecei a sentir o meu corpo tremer. Dallas esfregou o rosto, angustiado, e caminhou até o sofá, onde desabou.

— Eu estraguei tudo, Mandy — disse ele, olhando exasperado para mim.

Estava tão arrasado quanto eu. Caminhei apressada até ele, sentando em seu colo.

— Não foi você — solucei, antes de abraçá-lo — Mas a Glenda.

Perdi minha chance de ter o apoio de minha irmã quando o

advogado de Rhotenberg foi procurá-la. Ela não veio ver a filha com o intuito de conhecê-la melhor e constatar que estava bem. Veio averiguar como poderia tirar vantagem.

Eu sofria, porque Glenda é minha irmã e, mais uma vez, não levava em conta os meus sentimentos, mas sofria ainda mais por Jody ter uma mãe tão fria quanto ela.

— Me perdoe, Mandy — Dallas lamentou, ao nos abraçarmos.

Eu amava Jody com todo o meu ser, mas Dallas a amava também. Todos nessa fazenda, e até nossa cidade, tinham carinho por ela.

— Nós vamos lutar por ela — assegurou ele, tomando meu rosto entre suas mãos firmes. Via a emoção através de seus olhos marejados — Eu prometo.

— Acredito em você — beijei seus lábios, enquanto as lágrimas desciam, grossas e quentes, pelo meu rosto — Eu acredito em você, Dallas, e te amo muito.

Consolamos um ao outro, ou tentamos, até irmos ver Jody. Ela estava dormindo, soltava alguns suspiros que faziam seu corpinho tremer, comprovando que fora dormir ainda chorando.

Sentei-me na beirada da cama ao lado dela e passei meus dedos em seus cabelos.

— Eu te amo, meu amor — Um nó machucava minha garganta —

Ninguém vai separar a gente. Eu sou e sempre vou ser a sua Den-dy. A sua mamãe.

Deus! Como era grande meu amor por ela.

— Querida — Dallas passou a mão em meu ombro —, eu vou ligar para o Adam.

Agora que Glenda surgiu e que não daria seu apoio a mim, Adam precisava saber como lidar com o caso.

Assenti e o vi sair do quarto. Eu me deitei ao lado de Jody e fiquei observando-a até pegar no sono também.

Acordei sendo colocada em outra cama.

— Dallas? — reconheci o quarto dele imediatamente.

Ele beijou minha testa e me fez colocar a cabeça sobre o travesseiro outra vez.

— Volte a dormir.

Depois de colocar Jody para dormir, passei a ir para o quarto de Dallas, ficava lá nos braços dele até o fim da madrugada e retornava ao meu quarto para que Jody não acordasse sozinha e assustada.

— Mas...

Ele saiu em silêncio, e um minuto depois, voltou com Jody nos braços.

— Não posso ficar longe das duas — disse ele, deitando-a entre nós

dois.

Mordi minha boca para conter um soluço. Sentia-me uma chorona ultimamente, mas como não poderia me emocionar, vendo um gesto tão lindo dele? Dallas beijou os meus lábios por longos e preciosos segundos, depois, cada um de nós segurou a mão de Jody e dormimos assim.

Despertei com o quarto vazio e silencioso, com um bilhete no travesseiro ao meu lado.

“Já falei com a Chan, fique em casa e descanse”

Esse era um momento em que deveria estar furiosa com Dallas, mas não fiquei. Havia aspectos nele que não conseguiria mudar. Seu excesso de cuidado e proteção era um deles. Eu só poderia me impor quando achasse necessário. Dallas era o Dallas, julgue-me quem quiser, mas eu o amava assim. Possessivo, mandão e extremamente carinhoso.

De qualquer forma, não queria ir até o Café e responder todas as perguntas que a Sra. Chan e Rachel poderiam fazer.



Dois dias depois, acordei sentindo que as paredes do quarto me sufocavam. Não aguentava mais ficar sem fazer nada, embora tivesse sido bom ficar com Jody e feito bem à minha mente.

Pulei da cama, fiz a higiene matinal e desci. Encontrei Austin com

Jody no ombro dele, cruzando a sala.

— Mumumu! — ela gritava e pulava nele como se estivesse montada em seu cavalo preferido.

— Nós vamos até o estábulo — disse ele e, de repente, vi seu rosto ficar pálido — Mandy, eu juro que não vou desgrudar os olhos dela.

Fazer Austin entender que o que havia acontecido naquele dia foi um acidente e que crianças se machucavam o tempo todo, estava sendo uma tarefa muito difícil. Ele se sentia culpado e não havia nada que pudéssemos dizer para provar a ele o contrário.

— Ela não vai atrapalhar seu dia de trabalho?

— Prometi que ela veria o bezerro...

E um Walker sempre cumpria sua promessa, mesmo para uma criança.

— Tudo bem — fui até eles, fiquei nas pontas dos pés e trouxe Jody um pouco para baixo, dando um beijo e um abraço apertado nela — Divirtam-se.

Cheguei à cozinha, e Emma já estava em volta de duas panelas. A vida na fazenda começava cedo e o trabalho só acabava quando se ia dormir.

— Bom dia, Emma.

— Bom dia, menina — disse ela, secando as mãos em seu avental — Sente-se aí. Vou preparar seu café da manhã.

— Não é preciso — apesar de recusar, me sentei na cadeira que ela indicou — Não tenho fome.

Emma me olhou com aquela cara de que não aceitaria recusa e concluí que pelo menos alguma coisa do que ela colocaria na mesa farta eu teria que provar.

— Só se deixar que eu a ajude na cozinha hoje — disse a ela, dando o mesmo olhar que me deu.

— Tudo bem — ela sorriu, agradecida — Um par de mãos extras nunca é demais. Quer fazer algo especial?

Parei para pensar um segundo. Não tinha passado nada pela minha cabeça, até ela perguntar.

— Qual é o prato preferido de Dallas?

— Bem, ele gosta de muitas coisas — disse ela, enquanto pensava — Mas, sem dúvida, Caviar Texano.

Era uma tradicional salada de milho, feijão preto, cebola, vinagre e outros condimentos.

— Carne assada e Kolaches doces.

— Podemos fazer isso, então?

— Tome seu café — claro que ela não iria esquecer — E vamos colocar a mão na massa.

Foi divertido cozinhar com Emma, ela me deu toques na receita que

eu não conhecia e também me contou coisas sobre Dallas. Como que ele só tinha chorado uma vez no quarto dela, quando a mãe morreu, e que dali em diante ele se tornou o braço direito do pai, cuidando dos irmãos mais novos. Tão diferente de Glenda, que mal vira a hora de se livrar de mim.

Também contou coisas engraçadas, como no dia que voltou completamente nu do rio, porque Julianne tinha roubado suas roupas para se vingar de algo que ele havia feito a ela.

— A minha menina era levada — disse Emma, com um sorriso cheio de saudade.

— Aposto que ela ainda é.

— Não duvido — ela começou a rir — Mas o doutor é esperto. Ele sabe que tem que se unir a ela e não ir contra, como os irmãos faziam. Bons tempos aqueles. Quero que todos se casem logo e encham essa fazenda de meninos e meninas tão arteiros quanto eles.

Emma era uma mãezona para todos eles.

— Jody traz muita alegria para essa casa — disse ela, emocionada — Mas Dallas tem que se casar logo com você e trazer mais crianças para essa família.

— Eu não discordo disso.

Fico pensando em Jody com um irmãozinho a quem ela pudesse dar amor e cuidar, como Dallas havia feito.

— Sempre rezei para que meu menino encontrasse uma boa mulher — confessou Emma, tocando meu rosto — Porque ele foi muito bom com seus irmãos. Ele vai te tratar bem, Mandy. Às vezes, poderá ser difícil lidar com o jeito dele de ser, mas é só lembrar que ele a ama.

E eu o amava muito, cada dia mais e mais.

— Pode deixar, Emma — disse a ela — Eu vou levar a Jody comigo e deixá-la um pouco no Café, com a Sra. Chan.

Depois de dar comida a Jody e colocar um dos seus vestidos mais bonitos, fomos para a cidade. A primeira parada, o Café.

— Ah! A minha princesinha — a Sra. Chan gritou aos nos ver entrar.

— *Jan!* — Jody pulou do meu colo para o balcão, e só não caiu do outro lado porque Rachel a segurou a tempo.

— Trouxe a Jody para ver vocês e levar o almoço de Dallas. Ela pode ficar aqui?

Olhei em volta e vi que o Café não estava muito movimentado.

— Ai de você se não me oferecesse isso — disse a Sra. Chan, em um tom bravo — Vai lá, o xerife irá amar a surpresa.

Derek avisou que Dallas tinha saído para resolver um caso rápido, mas que logo estaria de volta e que eu poderia esperá-lo em sua sala. Estava olhando algumas fotos e certificados na parede, quando ele entrou.

— Mandy? — Caminhou em cinco passos largos e apressados até mim — Aconteceu alguma coisa?

Fiz uma cara de tristeza e olhei para o chão.

— Aconteceu — disse, em um sussurro.

Ele segurou meu queixo e me fez erguer a cabeça.

— Pode me contar, meu amor.

Vendo sua angústia sincera, não pude mais sustentar a brincadeira e sorri.

— Senti saudade.

Ele me olhou sério, acho que ainda esperando receber a notícia ruim, até que balançou a cabeça e sorriu. Os dias não estavam sendo fáceis para a gente, e eu sabia que toda essa situação sobrecarregava Dallas. Eu só queria dar um pouco de alegria a ele, embora, por dentro, ainda estivesse mexida.

— Você é terrível — disse ele.

Pulei em seu pescoço e exigi um beijo, no qual fui prontamente atendida.

— Sabe no que eu estava pensando? — indaguei, quando nossas bocas finalmente conseguiram se separar.

— O quê? — Ele mordeu o meu queixo, me fazendo estremecer — Fantasias sexuais. Você quer foder aqui, na sala do xerife?

Ah, Dallas e sua forma rústica de falar.

— Aqui, ainda não — disse, abrindo dois botões da minha camisa de flanela xadrez — Mas em uma das celas.

— Mandy — ele me encarou com descrença, mas eu notava o olhar excitado em seu rosto.

Abri mais dois botões da camisa e caminhei de costas até a porta.

— Venha me pegar, Xerife.

Abri a porta e saí correndo até o corredor que levava às celas. Respirei aliviada ao ver que todas elas estavam vazias. Será que estava sendo muito louca, ou poderia prejudicar o trabalho de Dallas de alguma forma?

Eu só queria provocar, pensei rindo, mas quem brincava com fogo...

— Não foge, não! — ele surgiu algum tempo depois, e suas mãos agarraram minha cintura e Dallas me virou para ele — Sua pequena atrevida.

Ele me beijou com paixão, fazendo com que meu corpo se curvasse ao dele.

— Acho que eu não deveria ter feito isso — murmurei em seus lábios.

Uma coisa era nos pegarmos nos fundos do café da Chan, outra coisa era ali, na delegacia, onde Dallas era o xerife.

— O que você não deveria ter feito — disse ele, pegando minha mão e a pressionando em seu membro enrijecido — era isso.

Então, voltou a me beijar e nos mover até que estivéssemos

ocupando uma das celas. No entanto, ao entrarmos, ele não me conduziu para a cama minúscula, me virou contra a grade fechada e de costas para ele. Desabotoou minha calça jeans e abaixou o zíper, enfiando a mão dentro de minha calcinha.

— Sua boceta está molhada — sussurrou em meu ouvido — É para mim?

Lambi meu lábio e abri mais minhas pernas em resposta.

— Dallas. E o Derek? — perguntei, ao sentir sua mordida em meu pescoço, e enquanto ainda existia um pouco de racionalidade em mim.

— Mandei fazer uma ronda bem longe daqui.

— A Sra. Tyree?

— Liberei para o almoço — seu polegar acariciou meu clitóris de leve e me contorci contra ele — Pela segunda vez.

Pelo que eu tinha visto ao entrar, os outros policiais estavam na rua. Isso significava que, pelo menos por alguns minutos, estávamos sozinhos ali.

— Que o inferno me ajude, Mandy — sussurrou ele em meu ouvido, antes de morder minha orelha — Mas você me deixa maluco.

A intenção, ao ir à delegacia, foi levar o almoço de Dallas e perguntar como tinha sido a sua conversa com Adam. Mas ele também me deixava maluca e cheia de desejo.

Ele interrompeu as carícias em mim para abrir os últimos botões em

minha blusa, jogando-a para o outro lado da cela, fazendo o mesmo com o sutiã, depois, tirou o restante de minhas roupas com pressa. Quis fazer o mesmo com ele, mas Dallas passou a algema em meu pulso e a prendeu na barra de ferro da grade. O meu sonho mais erótico com ele se transformando em realidade.

— Você me dá tanto tesão, Mandy — ele ajoelhou atrás de mim, e sem que eu esperasse, depositou um tapa estalado em meu traseiro.

— Dallas...

Ele segurou meu tornozelo e levou meu pé até a barra horizontal, apoiando-o ali. Estava aberta para ele, e quando senti sua língua deslizar por minha boceta, saltei mais contra a grade. Sua língua me lambia com destreza e Dallas sabia como me chupar até que estivesse implorando por mais.

A combinação de seus dedos me fodendo e sua boca chupando meu clitóris era gostoso, mas eu ansiava por mais.

— Eu quero você — implorei, praticamente chorando.

Ele se ergueu, o polegar esfregando em meu clitóris e seus dedos movendo-se dentro de mim.

— Quer meu pau?

— Me fode!

A cada vez que transávamos, eu conseguia me soltar um pouco mais, porque Dallas me fazia desejar coisas impossíveis.

— Porra, Mandy!

Ele agarrou meus cabelos e fez com que virasse a cabeça para um beijo quente e apaixonado. Lutei com sua língua e a preendi em meus dentes. Outra tapa estalou em minha bunda, achava que o castigo era por ser tão atrevida.

Ouvi o farfalhar de sua calça, depois, da embalagem do preservativo, após ela ter caído aos seus pés.

— Humm... — ele socou firme dentro de mim.

— Ahh — gemi alto, ao ser preenchida por ele.

Seus movimentos começaram lentos, entrando e saindo de dentro de mim em uma tortura deliciosa. Então, quando meu olhar começou a ficar turvo, seus quadris bateram com mais força de encontro a mim. Dallas agarrou minha perna erguida como apoio, para estocar cada vez mais forte.

— Isso! — implorei, desnorteada.

— Gostosa!

Ele estapeou minha bunda já vermelha e segurou mais forte minha perna erguida. Apertei meus dedos contra a grade e, em seguida, a explosão de prazer brilhou em meus olhos fechados. Meu corpo estremeceu, enquanto um orgasmo terminava para dar lugar a outro mais forte.

Perdi as forças, e só não desabei porque Dallas me amparou e tirou a algema em meus pulsos, levando-me em seu colo até o chão. Não tinha força

nem para abrir os meus olhos e fiquei ainda mais manhosa quando ele beijou meus cabelos, passando os dedos entre os fios.

Queria ficar aqui, agarradinha com ele para sempre, mas já havíamos nos arriscado demais. Alguns minutos depois, ele ajudou a me vestir. A delegacia ainda estava vazia, quando retornamos à sua sala.

— Eu trouxe seu almoço — avisei, pegando a embalagem térmica.

Ele me puxou para perto dele, quando ocupou sua cadeira, e me sentou em seu colo.

— Então, você veio me alimentar — O sorriso safado comprovava que suas palavras eram dúbias.

— Coma, Xerife — levei uma porção generosa de salada à boca dele.

Dallas dividiu a refeição comigo e me convenceu a almoçar com ele. Confesso que, com toda essa tensão, não tenho me alimentado muito bem.

— Eu quis te alimentar, sim — disse, ao largar o talher — Mas o principal motivo foi saber o que Adam disse, na última ligação que fez.

Ele tomou um pouco de seu chá gelado, antes de me responder.

— Questões familiares não é o que ele costuma defender — disse ele, e o início da conversa não me animou muito — Mas ele tem um grande escritório e uma excelente equipe. Também virá até aqui em alguns dias, ou assim que puder, quando resolver algumas pendências.

— Mas ele disse alguma coisa importante?

— Só o que já sabemos. Se Glenda ficar contra nós, as coisas se agravam.

Não conseguia entender por que Glenda era assim. Não podia usar a morte dos nossos pais para justificar as atitudes dela, pois, antes mesmo disso já dava sinais de ser uma garota voluntariosa e egoísta.

— Xerife? — Derek surgiu na porta, após a batida — Fui até Shane, como pediu, mas ele disse que não solicitou ajuda.

Dallas o encarou com o olhar mais inocente do mundo, e tive que cobrir minha boca com a mão, para não rir.

— Não? — ele enrugou a testa, simulando confusão mental — Eu devo ter me enganado.

Derek olhou para nós dois, depois, balançou a cabeça antes de se retirar da sala.

— Viu o efeito que causa em mim, Srta. Temple? — ele esfregou o nariz em minha bochecha — Fico todo desnorteado.

— Eu sei — passei os braços em volta do pescoço dele — Causo esse efeito nas pessoas.

Ele me deu um olhar intenso.

— Promete sempre fazer isso? — pediu, acariciando meus lábios.

— Vir à delegacia atacar você?

— Sorrir — Meu coração deu um pequeno salto no peito — Mesmo quando tudo parecer difícil.

— Eu vou tentar — beijei várias vezes sua boca — Por você e por Jody.

As duas pessoas mais importantes e que faziam a minha vida ter sentido.

Capítulo 19

Dallas

Outro roubo de gado, dessa vez na fazenda McLauren. Eu já tinha certeza que a rixa entre as famílias não tinha nada a ver com sabotagens acontecendo nas duas fazendas. Se os MacFly e os McLauren se unissem, ao invés de ficar brigando e me obrigando a colocar panos quentes em cada embate, juntos poderíamos descobrir quem estava por trás de tudo, fazendo-os entrar em um campo de guerra.

— Xerife? — O rosto da Sra. Tyree surgiu no vão da porta — Pediu que avisasse, quando o Sr. Crighton chegasse.

— Peça que ele entre imediatamente — ordenei a ela, ficando de pé — E vá ao café da Chan e peça que Mandy venha até aqui, por favor.

Ela assentiu, e menos de um minuto após sua saída, Adam apareceu na porta.

— Como vai, Xerife? — indagou ele, ao aceitar minha mão estendida.

— Tentando levar, mas mesmo que estejamos na delegacia, pode me chame de Dallas — indiquei a cadeira em frente à minha mesa para que ele se

sentasse e tornei a ocupar a minha — Penelope veio com você?

A última vez que falamos por telefone, ela estava animada para vir com Adam e trazer os bebês para que o restante da família matasse a saudade.

— Amy não acordou muito bem essa manhã — lamentou ele — E você sabe como as mães são protetoras.

— Nem todas elas.

— Tem razão, nem todas elas.

— Pedi que chamassem Mandy, sei que ela precisa ouvir o que você tem a nos dizer.

— Certamente. É uma pena que a irmã dela não esteja disposta a ajudá-la, depois de tudo o que fez por sua filha — ele se inclinou para frente, colocando sobre a mesa a elegante pasta preta de couro que carregava — Conheci uma mulher tão fria quanto Glenda. Não dava a mínima para a filha e ainda fez a vida do ex-marido um inferno. A sorte que Neil encontrou seu verdadeiro amor, e a pequena Anne, uma mãe de verdade em Jenny.

Eu conhecia a história da família Durant, pois, quando Jennifer foi acusada de assassinato, o casal havia fugido juntos e os detetives vieram até Peachwood interrogar Penelope, acreditando que ela sabia do paradeiro dos dois.

— É exatamente isso, Adam. Glenda pode ter gerado a Jody, mas a mãe dela é a Mandy. Nem sua mãe biológica, ou o avô que surgiu do nada,

tem o direito de afastar as duas.

— Moralmente, sim — destacou Adam — Mas você, mais do que ninguém, sabe que a lei não é assim.

Sim, uma pessoa que não nos conhecia, que não conhecia nossa história, ditaria quem seria o mais apto para ficar com Jody. Só nos restava tentar provar que essas eram Mandy e eu.

— Dr. Crichton! — Mandy entrou agitada na sala, interrompendo nós dois.

Adam ficou de pé e lançou um sorriso amigável a ela. Se não fosse pelos pensamentos de Mandy estarem focados em Jody e eu saber que Adam realmente amava minha prima, não teria gostado nada do sorriso.

— Fora do tribunal, pode me chamar de Adam — disse ele, puxando a cadeira ao lado dele para que Mandy ocupasse.

Levantei antes que ela chegasse e puxei a cadeira para o meu lado. Se Mandy tinha percebido o gesto ciumento não deu sinais, mas Adam olhou para mim e sorriu feito um idiota. O problema era dele, se no início não soubera dar valor a Penelope. Mandy era preciosa para mim e sempre cuidaria dela.

— Perdi alguma coisa? — indagou Mandy, angustiada.

— Não começaríamos sem você — avisei a ela.

Mandy agradeceu com um sorriso, e juntos, voltamos nossa atenção

para o Adam.

— Bom, houve uma alteração no processo — disse, abrindo sua pasta, de onde tirou uma pilha de documentos.

— O Sr. Rhotenberg desistiu de pedir a guarda de Jody? — indagou Mandy, esperançosa.

Eu não acreditava nisso, mas se havia uma possibilidade, não queria arrancar dela com pensamentos pessimistas.

— Infelizmente não, sinto dizer que as coisas se agravaram — disse ele com pesar — Glenda pediu a guarda da filha, tendo o apoio de Rhotenberg.

— Isso não é possível! — Mandy saltou da cadeira, exaltada — Glenda nunca quis saber da Jody. Durante esses quase três anos, sabe quantas vezes ligou para saber da filha? Nenhuma!

Busquei a mão de Mandy e acariciei seu pulso com o dedo.

— Vamos usar isso contra ela, Mandy — disse Adam — Mas conhecendo pessoas como sua irmã, nós precisamos estar preparados para tudo, e juntos, Rhotenberg e Glenda são muito fortes. E ele tem uma excelente equipe de advogados.

— Então... — sussurrou ela, caindo na cadeira — eu não tenho chance.

A dor que via em seu rosto me rasgava de dentro para fora. Mandy

não merecia passar por tudo isso, e Glenda era a pessoa mais odiosa que já tive o desprazer de conhecer.

— Sempre há pelo menos uma chance, Mandy.

— Você disse que Glenda e Rhotenberg juntos são uma arma perigosa — ressaltou a ele — Não é o momento de Mandy e eu oficializarmos a relação?

— Teria um peso vocês serem casados, mas fazer isso agora, próximo à audiência, poderia ser encarado como uma tentativa de manipulação da justiça.

— Mas...

— Ouçam, preciso ser muito franco com vocês, para que não sejam surpreendidos — seguiu Adam — Quando digo que os advogados de Rhotenberg vão jogar sujo, vão ter que estar preparados para qualquer coisa, Mandy...

Ele olhou para ela com carinho.

— A sua melhor chance seria a guarda compartilhada, mas eu duvido que Rhotenberg aceite isso.

O velho alegava desejar cuidar de Jody, mas como ele não conseguia considerar que separar a garotinha da única mãe que conheceu seria um grande trauma para ela?

— O juiz irá ouvir as duas partes e sugerir um acordo — explicou

Adam — Caso isso não aconteça, cada um levanta sua defesa e, no final, ele irá decidir o melhor destino para Jody.

Ele nos explicou a linha que pretendia seguir. Quais as melhores testemunhas para confirmar a dedicação e amor de Mandy em relação a Jody e o que poderíamos esperar dos advogados de Rhotenberg. O caso seria mais difícil do que eu imaginava, mas não deixaríamos nossas esperanças morrerem.

Dei o dia por encerrado após a reunião com Adam. Não foi nem preciso ter pedido à Chan para dispensar Mandy pelo resto da tarde. Ela estava sendo mais do que uma chefe compreensiva, durante as últimas semanas. Além disso, Rachel estava se saindo muito bem no Café, e isso ajudava.

Depois, enquanto Lola enchia Adam de perguntas e Mandy ajudava a fazer companhia, pedi que meu pai e irmãos se reunissem comigo no celeiro. O que eu pretendia fazer precisaria do apoio deles, e não apenas emocional.

— Eu preciso comunicar algo a vocês e gostaria de contar com o apoio e a compreensão de todos.

— Vai se casar com a Mandy? — Clyde indagou, empolgado.

— Mas não precisa de nossa compreensão sobre isso, irmão.

Ficaremos mais do que felizes — Austin fez coro a Clyde.

Meu pai se manteve em silêncio, observando da mesa onde todos nos o rodeavam.

— Eu vou me casar com a Mandy, mas não é sobre isso que vim discutir — encarei o meu pai, pois, mesmo que meus irmãos me apoiassem, a palavra dele decidiria tudo — Eu tenho certeza que a única coisa que interessa a Glenda é dinheiro.

Todos eles murmuraram algo em concordância.

— Por isso, eu... — respirei fundo, cruzando meus braços — Quero vender a minha parte na fazenda. Achei que Clyde e Austin podem comprá-la, e assim nossas terras não sairão da família.

Eu amava a vida na fazenda, foi onde cresci e me tornei homem, mas Mandy e Jody valiam muito mais, uma não conseguiria ser feliz sem a outra, e eu não conseguiria sem elas.

— Eu estou de acordo, meu irmão — disse Austin, tocando meu ombro — E se necessário, pode vender minha parte também.

— E a minha — disse Clyde.

Vínhamos enfrentando os momentos mais tristes de nossas vidas, e a oferta deles mexeu comigo. Isso era família de verdade.

— Obrigado. Mas só a minha parte dará uma pequena fortuna — disse a eles, não podia permitir que enterrassem seus sonhos e anos de trabalho duro por mim — Já tentará a Glenda.

Amor por Jody ela não tinha, e só havia se aproximado de Rhotenberg por causa de sua grana, isso ficou bem claro durante sua breve passagem por Peachwood.

— Pai? — agora eu só precisava do apoio dele.

Ele ficou de pé, apoiando as mãos sobre a mesa, encarando cada um de nós até fixar o olhar somente em mim.

— Comprei essas terras com a herança que recebi dos meus pais. Mas foram vocês que deram duro para chegar ao que é hoje — disse ele, em um tom emocionado — Eu só queria deixar um pedaço de chão para vocês, e foram muito além. Porque são homens que não temem o trabalho duro. Se for preciso, filho, vendemos tudo e começamos de novo.

O meu pai nos criou ensinando que sempre deveríamos ser fortes e durões, mas até os durões tinham um coração batendo no peito. Eu me permiti ser abraçado por eles e com emoção receber esse amor.



Tinha acabado de receber a mensagem de Peter, com o número que pedi que ele descobrisse, quando fechei a porta da minha sala. Não queria fazer a ligação na fazenda, correndo o risco que Mandy ou alguma outra pessoa ouvisse e viesse a contar a ela.

Parei de protelar, embora soubesse que não seria uma conversa

agradável, e digitei o número.

— Alô.

— Glenda? — não estava a fim de rodeios, então, seria o mais objetivo possível — Aqui é o Dallas, por favor, não desligue, preciso fazer uma proposta a você.

— Olha só... — disse ela, debochada — Cansou da sem graça da minha irmã e decidiu conhecer uma mulher de verdade? Eu sabia que sua recusa aquele dia foi só para fazer cena para a Mandy.

Agarrei com força a borda da mesa, porque minha vontade era arremessar o telefone longe e assim calar a voz desagradável de Glenda.

— Vamos direto ao assunto, Glenda. O que você quer é dinheiro. Estou disposto a dar isso a você, para que deixe Mandy e Jody em paz.

Pelo silêncio, sabia que ela estava absorvendo e considerando a minha oferta.

— Quanto?

Mulher desprezível. Ditei o valor que receberia pela venda da minha parte na fazenda e um fundo de investimento que tinha por fora, gerado pelos lucros anuais. Daria para que Glenda vivesse por muitos anos na vida luxuosa que queria levar.

— Eu tinha realmente razão, a fazenda Walker fatura muito bem — murmurou, em tom meloso — Mas diz uma coisa, Xerife. O que mais estaria

disposto a fazer para garantir a felicidade da minha irmãzinha?

Fiquei confuso por um instante. O que mais Glenda poderia querer de mim?

— O que você quer dizer?

— Acho que ser uma fazendeira não seria algo tão ruim.

Bati na mesa com força. Glenda não estava sugerindo que... Ela não poderia ser tão baixa assim, poderia? Uma coisa era se insinuar para que a levasse para a cama, outra era...

— Casamento — disse ela, em um tom vitorioso — Comigo.

— Jamais!

Eu nunca pisaria no coração da Mandy dessa maneira.

— Nesse caso, sua oferta não me interessa — retrucou raivosamente — Rhotenberg possui mais que o triplo do que você tem. A sua oferta não será um bom negócio para mim.

— Ouça, Glenda...

A desgraçada desligou na minha cara. Tentei retornar e tentar convencê-la oferecendo mais dinheiro, mas a ligação foi direcionada à caixa postal. A maldita tinha virado o jogo contra mim, e eu não possuía lances extras.

— Filha da puta!

Não bastava tirar Jody, a quem Mandy amava muito, ela queria fazê-

la sofrer, roubando o homem que ela amava. Tinha que existir outro jeito de Adam conseguir ganhar esse caso. Jamais cravaria essa estaca na Mandy, ainda mais desprezando Glenda como eu desprezava.

— Inferno!

Joguei o porta-papel longe. Um dia, ela iria cair e eu teria o doce prazer de assistir sua queda.

Por sorte, Mandy assumiu minha agitação, após a conversa que tive com meus irmãos em relação à proposta de Glenda, como preocupação com a audiência no dia seguinte. Pensei em contar a ela sobre minha conversa com sua irmã, mas seu estado emocional já estava bem abalado.

— Tudo o que eu mais desejava — disse ela, com lágrimas nos olhos, enquanto alisava os cabelos de Jody — era acordar e ver que tudo não passou de um pesadelo ruim.

Estávamos em meu quarto, os três juntos, na noite que precedia ao primeiro dia de batalha. Jody já dormia tranquila, mas era difícil para nós dois conseguirmos pegar no sono.

— Um dia— levei sua mão aos meus lábios —, isso será uma lembrança de um pesadelo.

— Eu não sei o que faria sem você, Dallas. Sem o seu amor, carinho e suporte — havia tanto amor nos olhos e declaração dela, que me deixava sem ar — Você e Jody têm as duas partes iguais do meu coração.

— Eu te amo, Mandy — inclinei-me cuidadosamente por sobre Jody, para buscar os lábios de Mandy.

Senti o gosto salgado de suas lágrimas. Jurei a mim mesmo que elas não durariam por muito tempo.



Talvez fosse a mudança de tempo que fez Jody pegar um resfriado, ou ela era sensível demais às emoções das pessoas à sua volta, mas no dia da audiência, ela acordou febril e muito dengosa, não querendo se desgrudar de Mandy.

— Eu vou dizer para Paula trazer a Michele, isso vai distrai-la — sussurrou Lola, enquanto Austin tentava manter a atenção de Jody para que pudéssemos sair — Não se preocupe, Mandy.

Acho que nem eu conseguiria deixar de me preocupar, quanto mais a Mandy, mas não podíamos faltar a audiência preliminar.

— Por favor, Charlote — pediu Mandy, angustiada — Qualquer coisa me liga.

Adam, ao lado de uma mulher e um assistente, nos esperava no lado de fora. Como era Rhotenberg e Glenda fazendo o pedido de guarda, tivemos que ir a San Antonio.

— Estão prontos?

Assentimos, embora, no fundo, o medo nos rondasse. Sabíamos que precisávamos nos mostrar mais fortes e serenos que nunca.

Adam não tinha brincado quando disse que Rhotenberg estava sendo representado por uma boa equipe de advogados; além de Isaac, havia mais três senhores de ternos com olhares ameaçadores.

Enrijeci no lugar ao ver Glenda entrar ao lado do avô de Jody. A vagabunda teve a ousadia de sorrir para mim e piscar um olho. Por sorte, Mandy estava ouvindo Adam atentamente e não presenciou o gesto vil.

Ocupamos nossos lugares. Como parceiro de Mandy e futura figura paterna para Jody, pude participar de todo processo.

— Senhores — o juiz entrou, ocupando seu lugar — Senhoras, podem voltar a se sentar. Sou o Juiz Tucci e vamos dar início à audiência.

Busquei a mão de Mandy por baixo da mesa; estava muito fria e trêmula. Apertei seus dedos de leve para lembrá-la de que estava ao seu lado, sempre estaria.

— Estamos aqui para analisar a guarda da menor Jody Temple... — o Juiz Tucci começou a ler o processo — Vou deixar que as partes falem, depois, ouvirei seus advogados. Mas aconselho a ambos que o melhor seria uma tentativa de acordo.

O juiz fez um sinal dando a palavra a Mandy, e a vi respirar fundo antes de começar. Ela se saíria bem, acreditava nela.

— Sr. Juiz, perdi meus pais muito menina. Eu aprendi a me cuidar sozinha. Lutar sozinha e contar comigo mesma...

— Isso é muito injusto, Mandy! — Glenda a interrompeu — Fiquei com você até que não houvesse risco de ir para um orfanato. Cuidei de você...

Ela levou um lenço aos olhos quando seu advogado cochichou algo em seu ouvido, fazendo-a se calar.

Como podia ser tão cínica e dissimulada? Minha vontade era agarrar o pescoço dela, forçando-a dizer a verdade.

— Isso não é verdade, Glenda. Nunca ligou para mim. Mas não estou aqui para falar de nós duas — Mandy voltou a atenção ao juiz — Eu não estava preparada para ter uma filha, mas tive que fazer isso, porque no momento que Glenda a abandonou comigo, fiquei encantada com Jody. E eu aprendi a amá-la, jurei que iria cuidar dela. E fiz isso. Eu acordava à noite para esquentar a mamadeira, troquei todas as suas fraldas, eu a ensinei a andar. Fiquei segurando a sua mão quando precisou passar uma noite no hospital.

Mandy parou para respirar e tentou conter as lágrimas lavando seu rosto.

— Eu chorei quando ela tomou a primeira injeção, mas a fiz ser corajosa. Não dei coisas valiosas a Jody, mas eu dou o meu amor. O mais

sincero que poderia existir no mundo. E eu sei, Sr. Juiz, que a Jody me ama. Ela me ama...

Foi impossível para Mandy continuar dali, e ouvi Adam sussurrar dizendo que ela foi muito bem.

— Sr. Rhotenberg?

— Preciso reconhecer um erro — iniciou ele, e eu me remexi na cadeira — Duvidei que Jody pudesse ser filha de Steve. Ainda tinha receios, após a sua morte. Até começar a pensar, e se for verdade? E se essa garotinha for tudo o que restou do meu filho? Então, comecei a desejar que ela fosse, e quando o exame deu positivo, dei-me conta que a minha família não havia acabado.

Os motivos de Rhotenberg para ficar com Jody eram mais aceitáveis dos que os de Glenda, mas, ainda assim, não era justo.

— Perdi os primeiros anos dela por ter sido um velho teimoso — Havia emoção genuína nas palavras dele, bem diferente do fingimento de Glenda, isso eu não podia negar — Pretendo estar em cada dia com ela, daqui por diante. É toda a família que me resta e juro cuidar dela e dar tudo o que precisará no futuro: boas escolas, uma vida confortável e amor. Pode não ser possível acreditar nisso...

Rhotenberg encarou Mandy.

— Mas, apesar do pouco que tive, amo essa garotinha — finalizou

ele.

— Então, não a tire de mim! — pediu Mandy, e o advogado de Rhotenberg se manifestou, pedindo que ela não se manifestasse.

— Vou dar a palavra à Srta. Glenda Temple — disse o juiz, fazendo todos em volta da mesa se calarem.

Glenda levou as mãos ao rosto, dissimulando seu grande mártire.

— Eu me apaixonei pelo Garret desde a adolescência. Ele sempre me prometia um mundo maravilhoso, longe da pequena cidadezinha onde cresci. Mas não podia deixar minha irmãzinha sozinha, então, sempre pedia que esperasse.

Ri, sarcástica, e Adam olhou feio para mim. Acontece que era difícil ouvir e ver Glenda dizer mentiras em cima de mentiras.

— Eu achei realmente que você estava pronta para encarar a vida, Mandy. Você é forte e corajosa.

Pelo menos uma verdade seus lábios mentirosos eram capazes de falar.

— Mas os anos com Garret, longe de todos que eu amava e me amavam, não foram fáceis. Nada do que ele planejava para a vida maravilhosa que nos prometeu estava dando certo — ela levou seu lenço branco aos olhos, soltando um soluço teatral.

Não era possível que o juiz não fosse capaz de perceber que Glenda

estava nada menos que fazendo uma cena.

— Ele foi ficando violento, e quando o encontrei com outra... — ela fez mais uma de suas pausas dramáticas e até conseguiu fazer algumas lágrimas deslizarem pelo seu rosto — Foi demais para mim. Então, me afastei dele e fui trabalhar na casa do Sr. Rhotenberg. Ah, Steve era tão doce. Foi tão fácil me encantar por ele. Desse carinho nasceu a Jody.

Olhei para Rhotenberg, sua expressão era dura ao olhar para Glenda. Ele tinha se unido a uma cobra peçonhenta e sabia disso. E seu castigo, pelo menos nesse momento, era lidar com as mentiras dela.

— O Sr. Rhotenberg, entendo perfeitamente, não acreditou que Jody fosse de Steve, devido às condições de saúde dele — Glenda buscou a mão do senhor sobre a mesa e lhe deu um sorriso gentil, mas ele refutou o gesto dela — Apesar de tudo, ele foi generoso comigo e me ajudou para que eu pudesse recomeçar a minha vida em algum lugar. Só que Garret me encontrou e tive medo por mim e, principalmente, por Jody, um bebê indefeso. Só havia uma pessoa que confiaria deixá-la até poder me livrar das correntes que Garret colocou em mim, a minha irmãzinha.

— Quanta mentira, Glenda! — Mandy gritou ao ficar de pé — Como tem coragem de distorcer tudo?

Porque Glenda era uma pessoa má.

— Mandy... — Adam segurou o braço dela, tentando fazer com que

ela se sentasse — Tente manter a calma...

Afinal, era isso que Glenda desejava, mudar a história e fazer Mandy parecer descontrolada.

— Amor... — a chamei baixinho.

Seu olhar angustiado encontrou o meu, e ela encontrou forças para se acalmar.

— Você não estava lá, Mandy. Não sabe como as coisas foram — Glenda cobriu o rosto com o lenço, enquanto seus ombros sacudiam — Garret passou a ser horrível comigo e só se importou com o dinheiro até acabar mais uma vez. Eu queria voltar para casa, para Jody, para você, mas tinha medo que ele me seguisse, e quando o Sr. Rhotenberg surgiu, prometendo sua proteção, vi que era o momento de reconstruir minha vida ao lado da minha filha.

Então, seu ato teatral passou a ser exclusivo ao juiz. Glenda não era uma pessoa boa, mas era uma ótima atriz.

— Sei que errei, mas não deixei Jody com qualquer pessoa, deixei com minha irmã, com a promessa de voltar — depois ela encarou Mandy — Não disse a você que voltaria?

— Isso não justifica seu abandono, Srta. Temple — disse Adam, com calma.

Glenda podia inventar quantas histórias quisesse, mas ela abandonou

a própria filha, um fato que não poderia ser negado.

— Pelo bem dela. Sr. Juiz, todos cometemos erros, mas os meus foram para defender Jody de um homem violento que me ameaçava. Veja os dois — apontou em nossa direção — Vão se casar e ter lindos filhos algum dia. Minha filha ficará de lado, quando já tem uma mãe e um avô para quem ela será tudo.

Quando Adam nos alertou que eles tentariam de tudo, fiquei preparado para o pior, mas nunca imaginei que pudesse ser tão baixo. Como Glenda fazia sua defesa, alegando que passaríamos a amar Jody menos quando tivéssemos filhos biológicos?

— Ouvi o suficiente — alertou o Juiz — Ouvirei os advogados, e se no final não houver possibilidade de acordo, marcarei a audiência final para declarar minha decisão.

Os primeiros a falar foram os advogados de Rhotenberg e Glenda. Eles sustentaram a tese que Glenda errara no passado, mas tinha o direito a recomeçar a vida ao lado da filha. Em suas palavras floreadas, repetiram tudo o que Glenda dissera, além de destacar que, com Rhotenberg, Jody teria um futuro dos sonhos.

Quando chegou a vez de Adam falar, eu estava na dúvida de que teríamos alguma chance. Mas ele sabia o que dizia e falava com paixão. Destacando em cada sentença o porquê de não existir pessoas melhores para

cuidar de Jody, além de Mandy.

— Uma mãe é aquela que dá amor, não apenas uma mulher que dá a luz e depois abandona, sem olhar para o que deixou para trás.

Adam passava para suas considerações finais e começávamos a sentir nossas esperanças renovarem.

— Então, Vossa Excelência, separar a pequena Jody de Amanda Temple, a pessoa que ela mais ama no mundo, não seria apenas um ato cruel — ele se virou, encarando de Rhotenberg a seus advogados —, seria um crime. Contrário a tudo que acreditamos sobre justiça.

Senti a mão de Mandy apertar a minha.

— Faremos recesso de uma hora — avisou o juiz — Se as partes não sugerirem um acordo, seguiremos com o processo.

Glenda e Rhotenberg reuniram-se com seus advogados e Adam nos conduziu para uma outra sala.

— Desculpe, Adam — Mandy pediu, desolada — Você me orientou a não perder a calma, mas não consegui ouvir Glenda dizer tanta mentira. Estraguei tudo?

— Não muito. O juiz está acostumado com exaltações, mas cair nas provocações da sua irmã não nos ajudará em nada. Como pode ter notado, eles vieram com tudo — disse Adam — Quer fazer um acordo e aceitar a guarda compartilhada, ou ir até o fim?

— Pensei muito sobre isso desde que me disse — ela confessou e respirou fundo — Prefiro ter um pouco de Jody do que não ter nada.

Então, olhou para mim com os olhos cobertos de lágrimas.

— Eu não estou desistindo — ela fungou e acariciei seu rosto úmido — Só não há nada que eu não faria pela Jody. A Glenda não a quer, mas o Sr. Rhotenberg quer. Eu só não posso perdê-la.

— Eu nunca iria julgar você, Mandy — sussurrei e toquei seus lábios de leve — Se por enquanto é isso que poderemos ter, nós vamos encarar mais essa.

Glenda estava usando o Sr. Rhotenberg para ter dinheiro. Ele estava usando Glenda para ter Jody. Mas, no fundo, talvez não fosse tão cruel quanto a irmã de Mandy. Se ele conseguisse se aproximar e ver o amor grandioso que Mandy sentia por Jody, talvez a decisão dele mudasse.

— Nesse caso, farei o melhor possível, Mandy.

— O impossível, Adam — pedi, antes que ele fosse em direção aos advogados de Rhotenberg — Por favor, faça o impossível.

Abracei Mandy. Uma menina enfrentando uma luta tão grande.

Como temíamos e suspeitávamos, Glenda, tampouco Rhotenberg, quiserem fazer um acordo em relação à guarda compartilhada de Jody. Para mim, não era possível que o juiz enxergasse que, entre todos os envolvidos, Mandy foi única disposta a fazer tudo e a abrir mão de seus direitos para que

Jody não sofresse ainda mais.

A volta para casa foi melancólica, apesar de termos decidido a continuar a ser fortes e manter a fé.

— Den-dy *chegô!* — Jody saltou do colo de Lola e saiu correndo até ela.

Observei-a subir para o quarto com a pequena agarrada a ela. Sabia que precisavam desse momento sozinhas, por isso fiquei para responder às perguntas de todos.

— Se há justiça no mundo, filho — disse Emma, tocando meu ombro — O juiz fará o certo.

Isso era o que todos nós esperávamos. Como um homem da lei, eu acreditava na justiça.

Capítulo 20

Mandy

Como levar uma vida normal, quando temia que a qualquer momento o mundo poderia ruir? Eu sempre lutei por tudo em minha vida, mas o mais importante nesse momento, estava fora de minhas mãos e seria decidido por outra pessoa.

Mas eu não podia mostrar a fraqueza dentro de mim, por Jody, por Dallas e todas as pessoas que nos cercavam. Sorria quando não desejava sorrir, e engolia as lágrimas quando queria chorar.

— Mandy? — Dallas afagou meus ombros, depois, me envolveu com seus braços — Tem certeza que deseja ir?

Ted e Paula estavam comemorando o aniversário de sua filha Michele. Não seria uma grande festa como eles tinham imaginado antes, por respeito a mim e Jody, mas seria feito um churrasco e Emma havia feito um lindo bolo. Eu não queria que mais isso fosse abalado por mim e o estado emocional que tentava mascarar.

— Tudo bem, querido, a Jody vai gostar. E todos nós precisamos de um pouco de distração.

Na semana seguinte, eu ficaria sabendo qual decisão em relação ao

futuro da minha menina o juiz Tucci havia tomado.

— Você poderia fazer só mais uma coisa por mim?

Dallas me virou para ele e segurou o meu queixo. Depois de tudo o que ele fez e fazia por nós? Não era nem preciso perguntar isso.

— Apenas por hoje, vamos esquecer que o mundo exterior existe — ele afagou meu rosto, tirando as mechas de cabelo caindo em meus olhos — Sem Glenda, Rhotenberg ou o Juiz Tucci. Só eu, você e Jody. A família e nossos amigos, tendo um dia feliz.

Não havia nada no mundo que eu desejasse mais.

— Eu prometo.

Dallas voltou a me abraçar, e quando me ergueu do chão, rodando comigo no ar pelo quarto, emiti um gritinho de felicidade.

— *Tamem qué!* — Jody largou sua distração com os brinquedos e agarrou firme a calça de Dallas.

É claro que ele não iria negar um pedido tão fofo da parte dela. Descemos a escada com Dallas fazendo aviãozinho em Jody. Isso durou até entrarmos no carro, e quando chegamos à fazenda de Ted, Austin e Clyde tomaram o lugar do irmão.

Não era como uma das festas da fazenda Walker, até porque as terras de Ted eram menores, e até há algum tempo, ele quase as tinha perdido para o banco. Tudo foi recuperado com a ajuda de sua esposa, Paula. O maior

rendimento vinha da produção de leite, e apenas agora o casal conseguia fornecer o produto para as cidades vizinhas de Peachwood.

— Dallas, será que você poderia, por um minuto, deixar de ser um puto ciumento — Clyde surgiu com James e Austin ao lado dele — e deixar sua garota desfrutar da festa com esses muito gostosos e lindos peões?

— Eu não sou um peão — James tentou corrigir e levou umas bofetadas na cabeça dos outros dois.

Eu ficava impressionada como Clyde e Austin, na maior parte do tempo, estavam juntos, como gêmeos, embora não fossem. Dallas dizia que era devido à idade muito próxima. Eu acho que o desejo de darem menos trabalho a ele, enquanto crescia cuidando da fazenda e dos irmãos menores, acabaram unindo ainda mais os dois.

— Procurem suas próprias garotas para dançar — disse Dallas, em falso tom mal-humorado, já que seus olhos brilhavam com um sorriso.

— Tudo bem, eu tentei ser uma boa pessoa e um homem honrado — disse Clyde, vindo em minha direção como uma pantera — Mas dane-se a honra.

Segundos depois, estava sendo jogada sobre seus ombros largos.

— Socorro, Xerife!

Ele não iria me resgatar, não dessa vez.

— Você é muito levado — resmunguei, quando Clyde me colocou

no chão e encaixou nossas mãos para iniciarmos a dança.

— Eu nunca o vi tão leve e feliz, Mandy — disse, olhando para a mesa onde Dallas nos observava dançar — Eu sabia o tempo todo que você era perfeita para ele. Não dava para observar as coisas seguirem a passos de lesma. Dar um empurrãozinho foi fácil.

Observei-o com curiosidade.

— Empurrãozinho?

— Foi só uma coisa que precisei fazer — suas bochechas ficaram vermelhas — Talvez, um dia, eu conte a você.

— Clyde?

— Só quero dizer que ele a ama, Mandy. Ele a ama muito e faria qualquer coisa para te ver feliz. Então, quando chegar o momento, por favor e pelo bem de todos, diga sim.

— O que você quer dizer?

— Só lembre do que eu te disse, ok?

Se eu não estivesse irrevogavelmente apaixonada por Dallas, acho que teria o coração esmagado pelo sorriso dele. Isso me fazia pensar se a garota que conseguisse jogar o laço nesse cowboy rebelde seria alguém de muita sorte, ou teria muito trabalho com isso.

— Ok.

Depois de Clyde, dancei com Austin, e na metade da música com

James, o som foi interrompido.

— Caramba, eu juro que nunca esperaria por isso! — A surpresa nas palavras de James me fez olhar na mesma direção que ele — Tenho que filmar isso para Julianne.

Dallas, com Jody segurando sua mão, parou ao lado do som e do microfone. De repente, vi que tinha todos os olhos familiares em cima de mim e as pessoas exibiam um sorriso que eu não conseguia entender.

Ele pegou o microfone, que deu um leve som de microfonia, no qual ele regulou rapidamente.

— Olá a todos.

Um cumprimento em massa ecoou à minha volta, assim como os murmurinhos que começaram a se espalhar.

— Senhores e damas, um minuto de atenção — a voz de Dallas se fez presente, calando a maioria — Vocês me conhecem, a grande parte pelo menos, desde bebê. Os meus sonhos, as minhas lutas e as minhas derrotas. Por isso, acho justo que presenciem isso também. Sempre acreditei que a fazenda, e ser o xerife de Peachwood, eram tudo o que precisava para me sentir completo e feliz, mas eu estava errado.

Agora, o olhar de Dallas, com Jody inquieta ao seu lado, estava completamente em mim.

— Vocês notaram, antes de mim, que meu coração estava parado,

esperando o momento que meus olhos enxergassem o que sempre esteve diante deles. — Esqueça tudo o que pensei sobre o sorriso de Clyde, não era páreo para o lindo homem à minha frente — Eu sempre soube que você era especial, Mandy, agora sei o quanto é incrível, amorosa, divertida, corajosa, generosa. E o meu primeiro pensamento quando acordo e o último quando vou dormir é: não sei mais viver sem essa mulher. Porque você roubou todo o meu coração, e não quero ser resgatado de volta.

Eu nem vi que estava como uma boba, rindo e chorando, caminhando em direção a ele, até estarmos frente a frente.

— Eu te amo, grande menina — ao dizer isso, um suspiro coletivo vibrou em volta de nós — Você aceita se casar comigo?

Deveria estar sentindo todos os sintomas que uma pessoa próxima a um infarto deveria sentir. Suor, corpo trêmulo, coração que parecia parar dentro do peito.

Eu deveria estar sorrindo e pulando feito maluca, mas só conseguia mesmo chorar.

— Casa Das-das, Den-dy — então, vi a mãozinha de Jody abrir e de dentro dela surgir um lindo anel — Casa Da-das e Jody!

Ela não estava pedindo, seu rosto enrugado e bico nos lábios confirmavam que estava exigindo isso. Casar com seu Das-das e ela.

E se já não bastasse esse ser o melhor pedido de casamento do

mundo para mim, Dallas ficou de joelhos e buscou minha mão trêmula.

— Então, amor... você me aceita?

Agora, entendia o conselho de Clyde em apenas dizer sim. Mas eu não fazia isso por ele, nem mesmo pela Jody, que era o centro do meu mundo; o motivo de dizer sim era porque, a cada vez que abria e fechava os olhos, a cada noite e cada manhã, meu pensamento era igual, não conseguia me ver longe de Dallas.

— Sim! — Pulei em seus braços e ele abraçou minha cintura — Eu aceito. Eu te aceito. Eu te amo!

A chuva de aplausos foi como fogos de artifícios estourando no céu. Em meio às pessoas que só queriam nos ver felizes e bem, nos beijamos, trouxemos Jody para dentro do nosso abraço, e nos beijamos de novo.



Para mim, o amor era o sentimento mais poderoso do mundo. Que nos regia, guiava para o caminho da luz, nos fazia ser pessoas melhores. Não apenas amor entre um homem e uma mulher, mas entre filhos e seus pais, entre irmãos e amigos. E foi esse grande amor que me fez tomar uma decisão, talvez precipitada.

Não disse a ninguém o que pretendia fazer. Como não estava indo ao Café desde a audiência de Jody, pois não tinha cabeça para isso, foi fácil usá-

lo como álibi. Foi só pegar a minha caminhonete e dirigir rumo a San Antonio.

Poderia parecer loucura, mas eu precisava tentar. Nunca tive uma conversa franca e esclarecedora com o Sr. Rhotenberg, mas pude perceber duas coisas em relação a ele, quando estivemos na audiência, disputando a guarda de Jody. Ele queria amar e conviver com a neta, e apesar de precisar de Glenda para os seus fins, ainda a desprezava.

Tudo o que eu precisava fazer era mostrar que seu desprezo não precisava se estender a mim. No fundo, queríamos a mesma coisa, a segurança e a felicidade de Jody.

A primeira coisa que senti, ao me ver diante da casa imponente, foi intimidação. Eu sabia que o Sr. Rhotenberg era um homem muito rico, agora, eu tinha ideia do quanto.

Após me identificar, fui conduzida a uma grande sala de espera. Olhava admirada para o grande lustre, os quadros com molduras douradas, as porcelanas bonitas e as esculturas espalhadas, quando ouvi o som de saltos quicando no mármore escuro.

— Eu me perguntava quanto tempo levaria para você aparecer aqui.

Virei em direção ao grande arco na entrada, de onde Glenda olhava para mim. Como e quando nos tornamos meras desconhecidas? Só tínhamos duas coisas que nos ligavam: o sangue e Jody.

— Olá, Glenda.

— O que você quer aqui, Mandy? — indagou ela, cruzando a sala e indo até o bar ao passar por mim.

— Não vim ver você, se é isso que está pensando — informei a ela.

Não queria confusão com Glenda e nem gastar minhas energias com ela. O que lhe importava era o dinheiro, e quem controlava o dinheiro era o Sr. Rhotenberg. Minha conversa deveria ser com ele.

— Ah, sim — ela virou para mim com o copo com uísque na mão — A governanta disse que deseja falar com Rhotenberg.

Ela bebericou seu drinque, depois, caminhou até uma poltrona elegante.

— Sinto informar que fez uma viagem perdida de Peachwood até aqui — eu sabia que seu olhar de pesar não passava de encenação — Ele não está.

— Eu posso esperar...

— Será uma grande perda de tempo. Ele só voltará no dia da audiência. Viajando a negócios, pelo que soube. Se veio implorar a ele por misericórdia, sinto dizer que não irá conseguir nada. *A minha filha é a lembrança mais preciosa que lhe restou do Steve*, Rhotenberg nunca irá abrir mão disso.

Se ele se importa com ela do jeito que disse no tribunal, o Sr.

Rhotenberg me ouviria, sim. Eu teria uma chance, se pudesse falar com ele, viajei coberta dessa esperança, que via morrer com o aviso de Glenda.

— Por quê, Glenda? Por que ser tão má comigo e Jody? Nós nos amamos, não é possível que não tenha visto isso quando estive na fazenda. O que fiz para você de tão ruim?

Ela se ergueu e veio ferozmente em minha direção.

— Você ficou no seu mundinho tranquilo. O fantasioso mundinho da Mandy. Sendo amada e protegida por todos, sem ter ideia de como o mundo real é de verdade — disse ela com raiva — A perfeita Mandy, que não tem ideia das coisas que fui obrigada a fazer. Tudo que passei em busca de algo mais.

— Você foi embora porque quis — a relembrei desse fato — Não apenas foi embora, como me deixou sozinha e sem nada, para cair no mundo com Garret. Não me venha falar de lutas, porque eu lutei para sobreviver sozinha, naquela casa velha, caindo aos pedaços. Eu lutei e ainda estou lutando pela sua filha. A mesma que você só vê como uma forma de se dar bem na vida.

— Mantive aquela garota por quase nove meses dentro de mim, causando enjoos terríveis, fazendo os meus pés incharem, sentir que iria morrer na hora do parto e, ainda por cima, deformou o meu corpo — suas declarações só me mostravam o quanto Glenda podia ser vazia — Chegou a

hora de ser recompensada por isso, afinal, foi para isso que ela nasceu.

Glenda me via como fraca e burra, mas ela estava bem longe de conseguir me definir. Eu não iria escutá-la diminuir Jody assim e me manter impassível. Então, fiz o que nossa mãe e até eu deveria ter feito há muito tempo, dei com vontade um tapa em cada lado do rosto dela. Esqueci que tinha o anel de Dallas em meu dedo, e a pedra causou um leve corte em sua bochecha, onde um filete de sangue correu.

— Nunca conheci você, Glenda — disse a ela com pesar — E o que me mostra é suficiente para desejar não conhecer mais. Eu só sinto muito pela Jody, que um dia irá crescer e saber como era a mulher que a colocou no mundo.

— Vai me pagar por isso — seu olhar carregava um ódio que já não me incomodava mais — Por cada tapa.

— Eu vou falar com o Sr. Rhotenberg nem que seja diante do juiz — avisei a ela, indo em direção à porta.

— Se eu fosse você, também não perderia tempo com isso. Ele não me tem em alta conta, isso é verdade, mas ainda tem dúvidas sobre você.

E tenho certeza que Glenda deve estar fazendo de tudo para essas dúvidas aumentarem.

— Imagina o que irá pensar, quando souber que seu namorado...

— Noivo! — disse, mostrando o anel a ela — Se está falando de

Dallas, é meu noivo.

— Pouco me importa o que aquele caipira é para você. Mas estou interessada em saber o que ele achará quando souber que seu *noivo* ofereceu uma pequena fortuna para que eu vendesse minha filha.

— Do que você está falando?

— Ele não te contou? O noivinho apaixonado mantém segredos de você? — ela pegou o celular do bolso em sua calça e depois mexeu nele antes de me mostrar — O número da delegacia. O dia e hora que me ligou. Vamos ver o que o avô da Jody irá pensar depois disso.

Eu não podia acreditar nela. Ela já me deu provas suficientes de que era uma pessoa manipuladora e venenosa. Mesmo que existisse alguma verdade no que ela disse, confiaria em Dallas.

— Um dia, Glenda, a vida cobra. Tenho pena de você quando isso acontecer.

— Pois o que você deve fazer é se casar com o caipira! — gritou ela, quando lhe dei as costas — Tenha seus próprios filhos, se for mulher para isso, e esqueça a minha, pois você nunca a terá.

Não podia suportar ouvir mais nada. Se continuasse ali iria muito além do que alguns tapas em Glenda. Eu precisava sair do ambiente tóxico que ela produzia. Então, fui embora sem olhar para trás e nem dar mais atenção aos seus gritos histéricos. Glenda não era apenas uma pessoa má,

mas alguém mentalmente perturbada.

Minha viagem de volta a Peachwood foi regada a muitas lágrimas e desespero. Talvez a minha única chance de convencer o Sr. Rhotenberg sobre minha honra e integridade estivesse sendo enterrada.

Quando cheguei à fazenda, já escurecia. Mal pulei da caminhonete, quando Dallas veio ao meu encontro.

— Por Deus, Mandy! Onde você estava? — ele me abraçou forte e me agarrei a ele — Fiquei louco de preocupação.

Sua declaração serviu apenas para que meu pranto soasse mais alto e dolorido.

— Dallas... foi horrível.

Ele me afastou um pouco e segurou o meu rosto com as duas mãos.

— O que foi horrível, meu amor?

Capítulo 21

Dallas

Entendia os motivos de Mandy ter ido até Rhotenberg, mas eu não gostei que ela tivesse enfrentado aquela cobra da irmã dela sozinha. Ainda mais que Glenda não desperdiçou a oportunidade de tentar nos colocar um contra o outro.

— Ouça, Mandy, as coisas não foram como Glenda tentou fazer parecer. Eu entendi, desde o momento que a vi no Café, que sua única intenção era tirar vantagem — estávamos em meu quarto para termos essa conversa sem interrupções — Eu falei com meu pai e irmãos para comprarem minha parte na fazenda, e eu daria, sim, todo o dinheiro a Glenda.

Mandy secou os olhos com o lenço de papel que entreguei a ela. Não quis ser desonesto com ela e nem manter o ocorrido em segredo por toda a vida. Eu só queria achar o momento certo de contar, de uma forma que não a machucasse tanto, como agora.

— Porque eu te amo, Mandy, e amo a Jody. Daria tudo o que tenho por vocês.

— Eu queria que você tivesse me contado — lamentou ela, e senti uma fisgada dolorida no peito porque, no fim, eu tinha causado a dor que

procurei evitar — Mas eu entendo. Eu fui até San Antonio hoje porque também estava disposta a tudo. Se tivesse o dinheiro que você tem, acho que ofereceria o mesmo para Glenda. Agradeço por isso, Dallas. Apenas não me esconda nada daqui por diante.

— Não vou esconder. Não acredite nas mentiras dela. Nunca quis magoar você.

Ela beijou meus lábios e os deixou colados nos meus por um tempo.

— Você não magoou. Glenda fez isso, mas nunca mais deixarei que ela faça de novo.

Por isso, eu admirava Mandy cada dia mais. Sempre que acreditava que ela se mostraria frágil, ela surgia com uma força interior que me impressionava.

— Eu te amo, amor — declarei a ela.

Mandy sorriu e buscou meus lábios mais uma vez e se sentou em meu colo. A emoção transparecia em seus olhos.

— Diz de novo.

— Eu te amo, grande menina — apertei-a mais forte contra mim.

Grande menina, porque de pequena Mandy não tinha nada.



Sentia como se uma bomba-relógio estivesse armada sobre a cabeça, enquanto aguardava a decisão judicial. Eu não queria pensar de forma negativa ou ser pessimista em relação ao resultado, ao mesmo tempo, precisava estar pronto para apoiar Mandy, se o resultado não fosse favorável a ela.

E soube que minha tortura mental estava prestes a terminar e se tornar um pesadelo, quando vi Adam entrar em minha sala. Seu olhar não estava nada amigável e dizia tudo.

— O Juiz Tucci liberou a sentença — informou ele, e eu agarrei com força a borda da mesa — Decidi informar pessoalmente.

A rigidez em meu corpo começou nos meus dedos agarrados à mesa e terminou nos dos pés.

— Sinto muito, Dallas — havia mais do que pesar no rosto de Adam, existia uma fúria em seus olhos — Eu tinha total certeza que o juiz iria favorecer a Mandy.

— Vão tirar a Jody dela. — Minhas pernas perderam a força e desabei na cadeira — Isso vai destruir a Mandy, Adam.

Eu não conseguia pensar; agir. Não conseguia ao menos respirar devidamente. Eu sempre acreditei fielmente na justiça, tanto que decidi trabalhar em prol dela, mas não estava sendo justo agora.

— Eu posso ir com você, contar a ela — disse ele com cautela —

Apesar de ser uma perda dolorosa agora, não acabou, Dallas. Vamos recorrer e...

Já não conseguia ouvir mais nada. Agarrei meu chapéu e saí da sala apressadamente. Precisava avisar Mandy, antes que Glenda contasse a ela apenas por crueldade.

Dirigi como um alucinado até a fazenda. Mandy tinha pedido uma licença do trabalho à Sra. Chan, para se dedicar a Jody. Acho que foi seu sexto sentido prevendo o perigo que a fez agir assim.

Cheguei levantando poeira e quase atropelei um dos peões carregando uma sela. Saltei da viatura e notei, aliviado, o carro de Adam surgir na estrada. Não sei se conseguiria dar a notícia a Mandy. Aliás, eu deveria ter prestado atenção no que Adam tinha a me dizer e ter uma base melhor para confortar Mandy, se é que essa situação pudesse ser confortada.

— Isso vai acabar com a Mandy — murmurei, exasperado, quando Adam se juntou a mim — Eu... não consigo fazer isso.

Curvei-me, apoiando minhas mãos sobre minhas pernas. Como poderia ajudar minha menina, quando sentia ser incapaz de me ajudar? Estava doendo demais saber que Jody seria arrancada de nossos braços.

— Estou aqui para isso — afirmou Adam, colocando uma mão sobre meu ombro — Sei que esse deve ser o momento mais difícil da sua vida, Dallas, mas Mandy precisa que seja forte.

Eu precisava ser forte. Eu seria forte. Por Mandy e por Jody.

— Vamos lá.

O tempo corria e a ameaça de Glenda continuava a me rondar. Entramos na casa e encontramos as duas no chão. Jody entre as pernas de Mandy, que tinha um livro aberto, contando uma história para ela.

— E o patinho soube que, enquanto tivesse os seus amigos, não haveria com que se preocupar... — ela parou de narrar assim que nos avistou na porta.

Automaticamente sorriu para mim, mas quando viu Adam vir logo atrás, o belo sorriso desapareceu. Ela colocou Jody sentada ao lado do livro e ficou de pé, vindo até nós. Olhou de mim para Adam e entendeu tudo.

— Mandy... — Dallas iniciou, em um tom pesaroso.

— Não! — o grito pareceu ter saído de seu coração angustiado — Não, por favor, não. Ahhh...

Vi-a começar a desabar e corri até ela, amparando-a em meus braços segundos antes de atingir o chão.

— Ahhhh... — Mandy tentava se agarrar a mim, como se a dor inundando seu peito a puxasse para um buraco, frio e escuro.

Seu corpo tremia, suas unhas cravavam em meus braços, as lágrimas caíam pesadas em minha pele.

— Meu Deus, não! — Seu pranto desesperado acabou com toda a

minha resistência, meus olhos também ficaram cobertos de lágrimas, de dor e revolta — Não façam isso comigo.

— Mandy... — A abracei mais forte.

Jody começou a chorar e logo Emma surgiu na sala, pegando-a em seu colo. Austin e Lola foram os próximos a surgir, e enquanto eu tentava acalmar Mandy em meus braços, pouco a pouco o restante da família começou a surgir. Ninguém ousou dizer ou perguntar alguma coisa, o estado de Mandy, seu pranto carregado de tristeza e desespero, comoviam todo mundo.

Eu desejava tanto fazer essa dor que assistia em Mandy passar. Não conseguia suportar vê-la sofrendo assim. Partia meu coração em inúmeros pedaços.

— Aiii... meu Deus! — ela se contorceu em meus braços, a dor dilacerando-a por dentro levava-me ao desespero — Isso não é justo. Não é justo. Dói tanto. Meu Deus, dói tanto...

Era injusto. Insensível. E desumano. Não apenas com Mandy, que a única coisa que fez foi amar Jody, mas cruel com as duas.

— Jody? — Mandy começou a se afastar do meu abraço apertado e a procurou pela sala.

Abaixei meus braços para que ela corresse até seu pequeno raio de luz. Emma a entregou a ela. Jody se agarrou ao pescoço de Mandy, e as duas

passaram a soluçar juntas.

— Oh, meu amor — pranteou Mandy — Eu te amo tanto. Eu te amo tanto, Jody.

É claro que a menina não entendia nada o que acontecia à volta dela e a gravidade disso tudo, mas ela captava o desespero de Mandy e sofria junto.

Fui até elas e abracei as duas. O calor desse abraço quase fazia a tristeza em meu peito diminuir. Jody, Mandy e eu éramos uma família. Como podiam ter coragem de separar a gente?

— Vem, querida — peguei as duas em meu colo — Você precisa descansar um pouco.

Mandy não contrariou minha sugestão, ela estava completamente focada em Jody. Agarrada a ela, temendo que, ao se afastar, tornasse ainda mais real seu pior pesadelo.

Levei as duas para o meu quarto e as coloquei com cuidado na cama.

— Den-dy? — Jody chamou por ela quando deitaram de lado, uma de frente para a outra — Dodói.

Ao dizer isso, ela levou suas pequenas mãozinhas ao peito. Mandy voltou a soluçar e a aninhou em seu peito. Fechei os olhos ao observar o soluço das duas. Lágrimas pesadas deslizaram por meu rosto e senti o gosto salgado em minha boca.

Que Deus me ajudasse a ter serenidade e controle, pois, o meu único desejo era ir até Glenda e fazê-la pagar por cada lágrima que fazia as duas derramarem.

Sentei-me na ponta da cama ao lado delas, acariciava os cabelos de Mandy, que fazia o mesmo carinho em Jody. Após tanto choro, tanta dor, e soluços que ainda faziam seus corpos tremerem, as duas começaram a adormecer.

Ainda as observei por um tempo, depois, diminuí a luz e saí do quarto para que elas tivessem um sono tranquilo, mas assim que fechei a porta, uma nova avalanche de dor comprimiu o meu peito.

— Irmão — senti o aperto em meu ombro e me deparei com o olhar triste de Austin quando abri os meus —, todos nós sentimos muito.

Eu tinha certeza disso. Mandy e Jody haviam conquistado o coração de todos eles.

— Mas o Adam disse que podem recorrer.

Ele citar Adam me fez recordar que precisava saber de todos os detalhes do que iria acontecer daqui para frente.

— Onde ele está?

— No escritório. Foi fazer uma ligação para a prima, mas está esperando por você.

Assenti e fui em direção à escada. Encontrei Adam em pé, as duas

mãos no bolso, olhando através da janela. Ele se virou quando entrei e fechei a porta.

— Eu não consigo entender o que aconteceu — disse ele, parecia mais zangado do que frustrado por ter perdido uma ação — Muita coisa estava a favor de Mandy.

— Aquele juiz babaca caiu na conversinha da Glenda — disse, dando um murro na mesa.

Adam fez uma careta de desgosto e coçou a sobrancelha.

— Não consigo acreditar nisso. Glenda é uma farsa em pessoa — disse ele — Mas nós ainda podemos recorrer, e juro pelos meus filhos, Dallas, vou recuperar a Jody para vocês.

Sabendo o quanto Adam amava seus filhos, isso me dava nova esperança.

— O que acontece agora?

— O juiz deu vinte e quatro horas para entregarem a criança — disse ele.

— Já?

Nem teríamos tempo de tentar lidar com a ideia e preparar Jody.

— Ele alegou que uma ruptura imediata seria menos traumática para a menina.

Estava criando um ódio mortal por esse juiz.

— É melhor reunir os itens mais importantes para ela, brinquedos, roupas, fotos — ele explicou — Provavelmente, amanhã cedo Rhotenberg ou seus representantes estarão aqui.

— Ajudarei Mandy a fazer isso — informei a ele — Também pedirei que o Dr. Glover venha.

Se hoje tinha sido muito difícil, o dia seguinte seria aterrorizante. Desejava que Mandy tivesse toda assistência que fosse precisar. E eu estaria ao seu lado, sendo o alicerce onde ela poderia se sustentar.

— Eu preciso voltar para elas — avisei a ele.

— Ficarei aqui para o que precisar.

Agradei com um movimento de cabeça e voltei para as minhas meninas.



Charlotte tinha feito um chá para Mandy e Emma levou a refeição até nosso quarto, acreditava que Adam tivesse explicado às duas toda a situação, pois não me perguntaram nada quando entraram. Mas eu via em seus olhos e rostos abatidos como também estavam tristes.

— Não tenho fome — Mandy respondeu, após ter dado o jantar de Jody e eu ter colocado a bandeja ao seu lado.

— Mas você tem que comer, Mandy — insisti, sabendo que era

inútil.

Acho que, por Jody, a tristeza que ela sentia estava controlada, na superfície. Contudo, bastava olhar em seu rosto com mais atenção para encontrá-la ali, pulsando forte.

— O que acontece agora?

Estive esperando essa pergunta, mas não consegui ficar preparado para respondê-la.

— Irão buscar a Jody amanhã e...

Mandy saltou da cama, quase entornando a comida sobre ela.

— Amanhã?

Ela começou a andar pelo quarto, de um lado a outro, como um animal ferido e acuado.

— Eu sei que é difícil, Mandy...

Ela me encarou, furiosa.

— Não! Você não sabe — suas palavras atingiram direto o meu coração, ferindo-o — Ninguém nunca vai saber como é.

Não dava realmente para medir o tamanho da sua dor com a minha. Mas eu também amava Jody, e aprendi a amar muito mais as duas desde que as trouxe para a fazenda. Também sofria por ela.

— Talvez não esteja sofrendo tanto quanto você — disse a ela —, mas eu também sofro, Mandy. Demais.

Não levaria seus ataques em consideração. Sabia que, no fundo, não estavam direcionados a mim. Mandy estava desesperada e o desespero nos fazia pensar e dizer coisas que realmente não queremos.

— Mandy — caminhei até ela e segurei seu rosto com carinho — Vai ser muito, muito difícil e doloroso, mas a gente tem que continuar lutando.

Suas lágrimas deslizaram pelos meus dedos.

— Como? Vão levá-la e não vou aguentar.

— Se não por mim, ou por você, pela Jody.

A atenção dela caiu sobre a menina na cama, que nos olhava atentamente. A Jody já sofria por algo que ela nem conseguia entender.

— Não vou conseguir vê-la sofrer — confessou Mandy — E isso me dói ainda mais.

Voltei a abraçá-la e fiz sinal com a mão para que Jody viesse até nós. Assim que ela parou ao meu lado, soltei Mandy por um segundo, para pegar a pequena em meu colo.

— Jody, a Mandy e o Da-das amam muito você — com uma apoiada em meu peito e a outra em meu colo, tentava continuar de pé e dizer o que precisava ser dito — Nunca esqueça isso, meu amor, nós te amamos.

— Den-dy *tiste* — os olhinhos dela se encheram de lágrimas — Jody *tiste*, dodói aqui.

Ela indicou novamente o lugar onde seu peito doía. Tão inocente e já sofrendo por causa de quem só deveria amá-la e protegê-la.

— Vai passar, meu amorzinho — beijei sua bochecha molhada, depois, os cabelos de Mandy.

Um dia, esse inferno que estávamos vivendo teria que acabar. Cansada e abalada pelo dia terrível que tivemos, Jody voltou a dormir. Mandy ficou deitada ao lado dela, acariciando suas mãos, às vezes seus cabelos e rosto. Deitei-me às costas de Mandy, abraçando a sua cintura.

— Isso não acabou, amor. O Adam vai recorrer — beijei o ombro dela — Vamos recuperar nossa menina.

Vi seu corpo estremecer levemente. Nunca conseguiria ficar imune ao sofrimento dela.

— Não vou deixar que a tirem de mim — murmurou, firme.

Respirei, um pouco aliviado. Era essa confiança que eu estava esperando dela. Mandy era forte, e essa briga contra Glenda e Rhotenberg estava apenas começando.



Alguma coisa estava errada, minha intuição dizia isso, e só entendi a gravidade do quanto ao passar minha mão pela cama e encontrá-la vazia. Pulei, apoiando meus pés descalços no chão.

Onde estava Mandy e Jody? Teriam voltado para o quarto delas? Foi o primeiro lugar que averigui, e estava vazio, assim como o guarda-roupa, onde antes estiveram as coisas delas.

— Austin! — bati na porta dele antes de seguir para a escada.

Desci os degraus praticamente voando, e quando cheguei à porta, o farol da caminhonete de Mandy iluminou meu rosto, quase me cegando.

— Mandy! — gritei por ela e saí em sua direção.

Senti algo perfurar a sola do meu pé, mas não liguei para isso e nem para a dor começando a latejar.

— Dallas?

Austin e Clyde surgiram logo atrás de mim.

— Ela está indo embora — gritei a eles, antes de seguir para a viatura — Tenho que impedi-la.

Não me importei com o cinto, tampouco que atingia uma cerca ao manobrar o carro, meu objetivo era alcançar Mandy e impedi-la de cometer essa loucura.

Pisei fundo no acelerador. Avistei a caminhonete na estrada e pisei ainda mais fundo no pedal. Consegui finalmente ultrapassá-la e fiz uma manobra, fazendo com que os pneus cantassem no chão de terra, parando a viatura de lado no meio da estrada.

Mandy freou no caminho a centímetros de atingir o meu carro. Foi

uma manobra arriscada, mas não conseguia pensar em mais nada para detê-la.

Saí do carro ao mesmo tempo que Mandy descia do dela, furiosa.

— Saia da minha frente, Dallas! — exigiu ela.

Atrás dela, vi a SUV de Clyde se aproximar. Relaxei os meus músculos, não conseguiria lidar com Mandy e pegar Jody ao mesmo tempo.

— Amor... — dei alguns passos até ela — Sei o quanto isso machuca e está sendo difícil para você, mas não pode resolver as coisas assim.

— Eu posso e eu vou! — insistiu ela, mas sua voz já começava a fraquejar — Não vão separar a gente. Dallas...

Ela levou a mão ao peito e me encarou, chorosa.

— Se um dia me amou...

— Um dia? — exasperado, levei as mãos à cabeça — Eu te amo a cada segundo do meu dia e esse sentimento só cresce mais.

— Então, nos deixe ir — implorou ela — Por favor, nos deixe ir. Por favor...

Seu pranto ficou mais forte quando a puxei para o meu peito e a abracei. Que coração aguentava doses tão esmagadoras de sofrimento?

— Mandy...

Eu não aguentava mais vê-la sofrendo assim, então, começava a cogitar o pedido dela. Neil Durant não tinha fugido com a esposa, grávida de

gêmeos, para evitar que ela fosse presa e, assim, a separassem dos seus filhos? Vejo agora que, na época, o julguei mal. Vi-o apenas com os olhos de um homem fora da lei. Estando do outro lado, podia entender o que o desespero e o amor de um homem por sua mulher poderia levá-lo a fazer.

— Mandy... — ouvi e vi Adam se aproximando de nós com cautela — Não faça isso.

A minha balança ainda pendia entre o certo e o errado.

— Você terá muito a perder, Mandy — disse ele, chamando a atenção dela — Seria considerado sequestro. E você anularia qualquer chance futura de recuperar a Jody.

Adam tinha razão, não conseguia pensar na doce Mandy fugindo e se escondendo pelo país como uma criminosa. Se agora ela era obrigada a se afastar de Jody, deixá-la fugir faria com que nunca mais pudesse vê-la.

— Eu não aguento mais isso — chorou Mandy, fraquejando em meus braços.

Austin já estava com Jody em seu colo e a levou até a SUV, e eu comecei a levar Mandy, em prantos, em meu colo até lá.

— Estou ao seu lado, amor — não tinha ideia de quantas vezes repeti isso, masalaria um milhão de vezes até que ela tivesse certeza.

Adam retornou em minha viatura. Austin se encarregou de Jody adormecida em seus braços, e eu me foquei em Mandy.

Ainda não tinha se passado vinte e quatro horas, desde que a notícia explodiu em nossas cabeças. Foram momentos tensos, dolorosos e angustiantes, e eu tinha certeza, o pior ainda estava por vir.

Capítulo 22

Mandy

A minha cabeça doía muito. Depois que Dallas me alcançou na estrada impedindo que fugisse com Jody durante a madrugada, não preguei mais os olhos, cochilando apenas alguns minutos quando o dia começou a clarear.

A dor em meu peito era tão forte que quase não conseguia respirar. Eu só conseguia pensar e me perguntar por que estavam fazendo isso. Por que eram tão desalmados comigo e com Jody? E no quanto minha menina iria sofrer quando nos separassem.

Havia uma guerra interna dentro de mim. Sabia que tinha que ser forte, preparar minha menina para o pior, mas sempre que imaginava isso, sentia uma imensa vontade de chorar e botar em prática meu desejo de fugir com ela.

Deus! Quanta dor inflamava meu peito. Uma tristeza que só

intensificava ao juntar os pertences dela. Provavelmente nem Glenda nem o Sr. Rhotenberg iriam querer as roupinhas que escolhi e comprei com todo amor e carinho. Ela usaria coisas de marcas e muito caras. Mas não teriam a cara de Jody, porque eu sabia o que ela gostava e a deixava feliz, como sua camisa de borboleta e saia vermelha de bailarina.

— Ela gosta muito desse ursinho — disse Dallas entregando-me o cavalinho malhado de Jody.

Quase não conversamos desde que retornamos para casa. Eu sentia um pouco de raiva dele, embora no fundo soubesse que não deveria sentir. Dallas, Adam e todos os outros fizeram certo ao me impedir de fugir, mas parte de mim não conseguia aceitar que tudo terminaria dessa forma.

Eu teria escapado com Jody, não havia nada no mundo que não fizesse por ela. Mas pensar em sermos caçadas e encontradas, e que a consequência disso fosse nunca mais poder vê-la e abraçá-la, isso sim, seria a minha morte.

— Mandy? — Adam surgiu na porta do quarto — Está tudo pronto? Eles já chegaram.

— Nãoooo... — cobri o meu rosto com as mãos, começando a chorar.

Dallas me puxou para ele, afagando minhas costas. Por sorte, enquanto organizava a bolsa de Jody, ela ficou no quarto de Charlotte com Emma.

Respirei fundo e tentei controlar meu desespero.

— Quem veio?

— Glenda e Issac Nowalk.

Eu tinha um fiozinho de esperança de quem tivesse vindo pegar a Jody, fosse seu avô e que eu ainda teria tempo de ter uma conversa com ele. Explicaria tudo, como éramos tudo uma para a outra, mas Glenda? Seu coração era de pedra.

— Vou pegar a Jody.

O importante agora não era mais o que eu sentia, e sim minha menininha. Eu tinha que ser forte e pelo menos na frente dela, buscar em mim forças onde não existia.

Sempre soube que existia algo de muito especial em minha sobrinha. Ela captava as boas vibrações assim como sentia a tristeza em volta dela. Ao entrar no quarto, a encontrei agarrada a Charlotte que enquanto alisava os cabelos dela, entoava uma canção infantil.

Sentei-me ao lado das duas e ao me ver, Jody pulou imediatamente em meu colo. Eu a abracei, senti o calor do seu corpo aquecer o meu. O leve perfume de maçã em seus cabelos, suas mãozinhas gordinhas em meu pescoço. Fiquei presa nesse abraço memorizando cada sensação gostosa. Eu precisaria ter essas lembranças comigo após ver Jody cruzar a porta, sendo levada para longe de mim. Só quem sabe a dor que é perder um filho ou tê-lo

arrancado dos seus braços entenderia.

— Meu amor, a Mandy precisa dizer algo a você — a afastei um pouco para poder olhar em seu rosto confuso — Você irá fazer uma pequena viagem. Vai para um lugar muito bonito. Com uma casa muito grande e bonita.

— Den-dy vai?

A pergunta causou uma fisgada lancinante em meu peito.

— A Mandy não pode ir — tentei segurar as lágrimas, mas foi impossível — Mas logo a gente poderá se ver.

Pelo menos teriam que deixar eu visitar a Jody.

— Da-das vai?

— Dallas irá vê-lá assim que for permitido — disse ele, ajoelhando em frente a nós duas.

— Jody não *qué!* — ela disse chorosa e voltou a agarrar meu pescoço.

Olhei para Dallas, seus olhos estavam marejados e ele fazia o possível para segurar a emoção.

— Não vai durar muito tempo, meu amor.

— Não *qué!* — repetia ela e tinha os primeiros sinais de como isso seria difícil.

Fiquei agarrada a Jody até o último segundo, quando Adam surgiu à

porta avisando que não tínhamos mais tempo, nessas palavras que sei que ele queria dizer era que Glenda seria capaz de subir e tirar a menina à força dos meus braços. Eu queria evitar ainda mais dor para ela, então, com Jody no colo e ao lado de Dallas desci.

Glenda estava sentada em uma poltrona, os braços esticados sobre os apoios, as pernas cruzadas e com um sorriso odioso nos lábios vermelhos.

— Glenda, você tem ideia da dor que irá causar em sua filha?

Eu tinha que apelar pelo seu lado sentimental, não era possível minha irmã ter se tornado alguém tão fria.

— Vai ser difícil no início, mas ela é apenas uma criança, Amanda — disse ela ficando de pé — Com o tempo, nem irá se lembrar de você.

Se Glenda tivesse enfiado uma faca em meu peito, não teria doído tanto.

— Agora, se você a ama como adora exaltar, pare de tanto drama e me entregue a Jody de uma vez.

— Quem não a ama aqui é você! — acusou Dallas — Cobra peçonhenta.

A raiva se uniu à minha dor ao ver Glenda gargalhar.

— Ai, caipira, não se intrometa. O juiz decidiu e vocês têm que acatar. Você não é a lei? — ela usou isso contra ele — Faça a justiça ser cumprida.

Depois, se virou para o advogado ao seu lado.

— Pegue a menina, Isaac.

Recuei enquanto ele se aproximava.

— Sinto muito, senhorita — disse ele — Só estou cumprindo meu papel.

Ser o instrumento da crueldade de Glenda.

— Não... — soluzei quando ele colocou as mãos na cintura de Jody — Por favor, não faz isso.

— Senhorita...

Eu agarrava mais forte a Jody e ela se agarrava mais forte a mim, começando a chorar.

— Por favor, não faz isso.

Eu não conseguia respirar. Isaac puxava Jody para ele e eu a puxava de volta.

— Mandy — Dallas tocou o meu ombro — Por favor, Mandy.

Sim, eu estava dificultando as coisas, mas como eu poderia agir diferente? Estavam arrancando meu coração.

— Anda logo com isso, Isaac! — gritou Glenda — Será que eu mesma vou ter que fazer?

Apenas o medo que Glenda ao tentar tirá-la de mim à força e, assim, a machucasse me fizeram afrouxar os meus braços.

— Não! — Jody esperneou e bateu as mãos em Isaac ao se ver finalmente no colo dele — Não! Eu *qué* a Den-dy.

A dor me rasgou inteira ao vê-la gritar por mim e chorar desolada. Fraquejei e caí de joelhos no chão. Eu precisava fazer alguma coisa. Então, rastejei até Glenda.

— Glenda! — caminhei até ela e caí de joelho — Por favor, não faz isso. Não faz isso com a gente.

Eu não me importava em me humilhar e implorar a ela. Se isso me garantisse a Jody, lamperia seus sapatos. Contudo, a minha dor e o sofrimento da própria filha não abalaram Glenda. Ela me afastou com um gesto brusco e caí de bunda contra o chão.

— Vem, Mandy — Dallas me ergueu, me abraçando — Glenda não vale isso.

O que ele não entendia e ninguém mais poderia entender era que fazia por Jody.

— Den-dy! — ela berrava esticando o corpo e as mãos para mim enquanto era levada para fora — Mamãe...

Desgarrei-me de Dallas e corri para fora indo até elas. Vi Isaac entrar com ela no carro e parei em frente à janela que Glenda imediatamente fechou. Minha última imagem foi ver Jody com o rostinho pressionado contra o vidro, desolada, chamando por mim.

Outra vez desabei contra o chão duro e, dessa vez, árido. Minhas unhas fincaram na terra enquanto via o carro se afastar cada vez mais.

Dor.

Muita dor.

Um mar inteiro de dor dentro de mim.

— Mandy... — Dallas se ajoelhou ao meu lado tentando me abraçar mas o impedi, socando seu peito.

— Não me toque! — gritei com ele e o empurrava com toda a força que tinha — Você não nos deixou ir.

A essa altura eu estaria muito longe com Jody. Teria encontrado um lugar segura no mundo para nós duas. E não assistiria minha menina sofrer tanto. Tampouco meu coração estaria tão destruído.

— Por favor, Mandy — Dallas tentou segurar minhas mãos e fiquei de pé, olhando furiosa para ele — Você sabe que era o certo a fazer.

O certo era eu ter Jody comigo.

— Nunca vou perdoar você!

Dallas me encarou como se não acreditasse no que eu estava dizendo. Talvez quando me visse mais calma e a dor fosse menos esmagadora em meu peito, pudesse enxergar que estava sendo injusta, em alguma parte de mim sabia disso, mas, no momento, eu só sentia angústia e raiva.

Por mais que tivesse pensado que algo assim poderia acontecer a cada dia que estive com Jody, viver isso era incomparavelmente pior.

— Mandy — ele se levantou e só agora percebia que mancava um pouco —, não diga isso.

Não conseguia lidar com mais isso. Eu só queria me esconder debaixo das cobertas e nunca mais sair de lá. Então, dei as costas a ele e corri de volta à casa. Joguei-me na cama, cobrindo meu rosto com travesseiro enquanto desabava.

— Mandy — suas mãos tocaram minhas costas —, eu te amo.

Encolhi como se seu toque me machucasse.

— Deixe-a, Dallas — ouvi baixinho o conselho de Charlotte —
Deixa-a absorver tudo. Mandy só está falando da boca para fora.

— Mas, Lola...

— Vem, meu querido — insistiu ela — Mandy precisa descansar um pouco.

Não que quisesse, mas depois de ter passado a madrugada em claro e toda tensão de ver Jody partir, meu corpo e mente estavam exaustos. Fui caindo no sono em meio ao choro, lentamente.



Acordei e a primeira coisa que notei foi que Jody não estava ao meu

lado. Não estava no tapete brincando e quando saí do quarto e desci as escadas, sua risada e som da sua voz não vinha de parte alguma. Isso me machucou.

— Mandy? — Charlotte chamou por mim ao me avistar cruzar a sala — Está melhor, minha querida? Quer comer alguma coisa? Um chá?

Apenas neguei com a cabeça.

— Eu quero agradecer por tudo o que fizeram por mim e Jody — disse a ela — Mas eu vou voltar para a minha casa.

— Voltar? Ficar lá sozinha — ela caminhou até mim, mas recuei — Não, Mandy, isso não será bom para você, precisa ficar ao lado da sua...

— Já decidi, Charlote.

Não conseguiria ouvi-la falar família. Jody tinha sido minha única família por muito tempo e também a perdi. O que precisava era voltar à minha casa e encontrar uma forma de ficar perto de Jody.

— Mas, fale com Dallas primeiro. Se visse como ele ficou. Também está sofrendo, Mandy.

Magoar Dallas me feria duas vezes. Mas não havia jeito. Eu o amava, mas não conseguia suportar a dor de não ter Jody comigo, eles precisavam compreender. Sempre que fechava os meus olhos o desespero era tão grande que às vezes sentia que iria enlouquecer.

— Diga a ele que eu agradeço por tudo.

Covarde! Meu coração gritava em meu peito. Mas a minha dor conseguiu fazê-lo se calar — Eu... eu sinto muito.

Corri para fora e apoie a cabeça na caminhonete. Se não seguisse com essa decisão agora, não conseguiria nunca mais.

— Para onde você vai, Mandy? — Dallas surgiu atrás de mim.

Não me virei para ele, pelo contrário, abri a porta com pressa.

— Para a minha casa.

Ouvi sua respiração profunda atrás de mim. Eu precisava ser o que não consegui até agora, ser forte.

— A sua casa é aqui — ele gritou agarrando a porta — Droga!

— Não. Não é! — gritei ainda mais alto — E não tente me impedir de novo. Terá que me acorrentar na cama, pois, quando virar as costas irei escapar.

Qual de nós dois estava mais ferido?

— Mandy, você nem precisa olhar para mim, mas, por favor...

— Eu quero ficar sozinha, não entende? — estava prestes a desabar em lágrimas mais uma vez — Sempre fui sozinha. É assim que vou continuar a ser.

Abrir o coração e permitir que as pessoas entrassem só significava sofrimento. Foi assim com Jody e seria assim com ele. No final, eu teria que escolher entre os dois.

— Se você for também, eu vou ficar destruído — ele disse em um fio de voz.

Ocupei o lugar no volante e liguei o carro.

— Então, entende bem como estou me sentindo.

— Mandy... — ele sussurrou fracamente, mas me mantive firme.

Eu tinha meu coração completamente vazio agora. Mal via a estrada com meus olhos turvos. Quem disse que ninguém morria de amor e tristeza, estava errado. Por dentro, eu estava morta.

As duas partes do meu coração tinham sido esmagadas. Só dor e desolação existiam em mim.

Pensar que em casa encontraria um pouco de paz, foi um ledão engano. Mesmo com a reforma, cada canto que eu olhava enxergava Jody. No seu berço, na minha cama. Seu copo em formato de dinossauro para suco. No banheiro, a pasta de tutti-frutti.

Eu via seu sorriso em cada canto. Se fechasse bem os meus olhos, conseguiria ouvi-la chamando por mim. Quem me chamaria de Den-dy agora?

Peguei uma foto minha com Jody, seu aniversário de dois anos, também no Café. O sorriso mais lindo e inocente do mundo, dedicado a mim. Ah, como eu amava essa menina.

— Eu te amo tanto, Jody — beijei-a através da foto e apertei contra

meu peito.

E deixei que os sentimentos desoladores me dominassem até minha mente voltar a ganhar o descanso merecido.

Despertei com as batidas na porta e a voz de Dallas do outro lado. Vi por uma fresta na janela que estava escuro.

— Só me deixa saber se está bem, Mandy.

Caminhei trôpega até a porta e apoiei minha testa contra ela.

— Me deixa entrar, por favor.

Eu só queria tirar essa barreira entre nós e me jogar nos braços dele.

— Estou bem — consegui dizer em uma voz estridente demais —
Pode ir embora.

Virei contra a porta e deslizei contra ela, quando alcancei o chão, abracei meus joelhos.

— A Emma separou o jantar. Vou deixar na porta. E Mandy? — fez-se um silêncio no qual mantive minha respiração em suspenso — Amo você.

Ah, Dallas, não faça isso. Não faça com que meu coração fique mais destruído. Mordi meu braço para conter o soluço até ouvir o som de seu carro partindo. Ainda levei um longo tempo para me erguer e abrir a porta para pegar o embrulho que ele havia deixado lá.

Do mesmo jeito que o peguei coloquei sobre a mesa e retornei à minha cama. Dormir era o único momento em que encontrava um pouco de

paz.

Já estava claro novamente quando despertei. Busquei o celular em meio a bagunça da minha cama. Fiz a ligação com a mão trêmula.

— Sr. Stone?

— Mandy, é você?

— Isso mesmo — respirei fundo e comecei a andar pela casa, nervosa — Eu preciso de um favor.

Tinha escutado histórias impressionantes de como ele tinha ajudado seus amigos. O que eu iria pedir não seria nada em comparação.

— Primeiramente, eu sinto muito — suas palavras pareciam ser muitos sinceras — Adam vai recorrer e estou investigando... No que posso te ajudar?

— Preciso do telefone da casa do Sr. Rhotenberg.

Por ser muito rico, o número dele não estaria na lista telefônica.

— Só um minuto.

Pouco menos de um minuto depois, sua voz retomou a ligação e ele me passou o número do celular do Sr. Rhotenberg. Agradei a Peter e logo que encerrei a ligação, digitei o número do avô de Jody.

A ligação não era atendida e já começava a entrar em desespero quando tentei pela terceira vez.

— Sr. Rhotenberg — falei assim que fui atendida — Por favor, não

desliga. É Amanda Temple...

O nó em minha garganta me obrigou a fazer uma pausa.

— Eu só queria saber como está a Jody — pedi com toda emoção transbordando em mim — Me deixa falar com ela só um pouquinho.

Precisava dizer a minha princesa que tudo ficaria bem. Sua Den-dy de alguma forma voltaria para ela.

— Você não desiste mesmo, Amanda — apesar de sussurrada reconheci a voz de Glenda — Nos deixe em paz e não ligue mais.

A ligação foi interrompida. Olhei chocada para o telefone e não soube o que fazer pelos próximos vinte segundos, estava paralisada de surpresa. Com os olhos embaçados, tornei a ligar.

Minha ligação não podia ser completada. Com toda certeza Glenda tinha bloqueado meu número. Então, me dei conta que não importava o que eu fizesse. Ela não iria deixar eu me aproximar de Jody.

Eu a tinha perdido.

Para sempre.



Não sei quantos dias tinham se passado desde a ligação que fiz para o Sr. Rhotenberg. Eu só saía da minha cama para o banheiro e do banheiro de volta para a cama. Meu corpo já estava tão fraco quanto meu coração.

Dallas e seus irmãos vinham todos os dias, chamavam por mim e deixavam comida na porta. Eu só a abri para uma visita da Sra. Chan, que não conseguiu me convencer a reagir e, agora, para Rachel que insistia que não iria embora até que eu a atendesse.

Foi difícil chegar até ela. A cada passo que dava sentia uma grande vertigem. Meu corpo estava todo suado e eu tremia. Quase caí sobre ela quando finalmente consegui abrir a porta.

— Meu Deus, Mandy! — Rachel me amparou e ajudou a voltar para a cama — Você está horrível.

Havia tomado banho? Quando foi a última vez que fiz isso. Deveria estar horrível mesmo.

— Está com muita febre — disse ela tocando minha testa — Você não pode ficar assim, Mandy.

Eu sentia muito frio e meu corpo doía, mas eu preferia essa dor em meus ossos do que o que se instalou em meu coração.

— Vou ajudar você a tomar um banho — disse ela — Isso deve ajudar a baixar a febre.

Segui tudo o que Rachel dizia porque simplesmente não tinha forças para ir contra. Ela me ajudou a entrar no banheiro, tirar as minhas roupas e entrar debaixo do chuveiro. Ajudou-me a lavar os cabelos, me ensaboar e me secar. Colocou em mim uma camisola macia e voltei para a cama.

— Há comida estragada aqui de dias — lamentou ela, arrumando a pilha se acumulando na mesa — Vou ver o que dá para salvar ou fazer alguma coisa para você comer.

Observava Rachel andar pela minha pequena cozinha entre um abrir e fechar de olhos.

— Mandy... — uma mão suave e gentil tocou o meu rosto — Você precisa comer alguma coisa, querida. Fiz um caldo para você.

Ela me ajudou a sentar na cama, colocando alguns travesseiros. A primeira colherada desceu arranhando pela minha garganta e na segunda, fiz careta, recusando. Depois comecei um surto de espirros e tosses.

— Precisa se alimentar, Mandy.

Rachel voltou a colocar o caldo em minha boca e fiz uma nova tentativa.

— Eu sei que a vida às vezes é muito dura com a gente — ela começou a falar e notei que fazia isso para me distrair.

Eu também fazia isso com Jody quando ficava doente ou fazia dengue para comer, mas normalmente eu cantava para ela. Pensar em Jody causou uma profunda dor em meu peito. Sequei o rosto rapidamente com as costas da mão.

Rachel afagou minha perna que estava abaixo do lençol.

— Meu pai foi um homem muito violento e quando bebia ficava

pior. Batia na minha mãe e ofendia a mim e aos meus irmãos. A vida na minha casa era um inferno — era a primeira vez que ela falava sobre essa parte do seu passado, a tentativa de me distrair estava funcionando um pouco — Conheci Marcus com quinze anos, na escola. Aos dezesseis, tinha certeza que ele era o homem da minha vida, mas, na verdade, eu só via nele a chance de fugir de casa.

Eu não tinha imaginado que a vida de Rachel tinha sido tão dura. Pelo menos, até o início da minha adolescência, contei com o amor dos meus pais.

— Eu só queria sair daquele inferno. E no início, o Marcus se mostrava um namorado atencioso, queria sempre saber onde eu estava e com quem. Ele sabia o que eu deveria usar, com quem deveria falar e fazia eu acreditar que ninguém no mundo me amaria como ele — confessou ela — Mas isso não era amor. Era controle. Os sinais estavam lá, mas eu não conseguia ver, afinal, ele me amava. Quando fiquei grávida aos dezesseis, meu pai me bateu e me expulsou de casa. Acabamos morando em um trailer e você pode imaginar como as coisas ficaram. Acaba o dinheiro, acaba o amor.

Era muita coisa para uma garota encarar sozinha. Mesmo tendo que dar conta de mim, sempre soube que se realmente precisasse, poderia contar com os moradores de Peachwood.

— Ele começou a me trair e me humilhar dizendo que estava gorda e

feia e, se fazia isso, a culpa era minha. Eu aceitava a culpa, me sentindo cada vez pior — ela colocou mais uma colherada em minha boca e quando dei por mim já tinha terminado — O bebê nasceu e senti tanto amor por aquela coisinha desprotegida. Decidi que não queria que meu filho vivesse no mesmo inferno que cresci, então, disse a Marcus que deveríamos nos separar. Ele jurou que iria mudar e que ficou confuso em ter se casado tão cedo, nos primeiros meses realmente foi assim. Ele se tornou um marido perfeito e um pai exemplar até eu ficar grávida de novo. Tudo voltou ao inferno que era.

— Ah, Rachel, sinto muito.

— Tentei voltar para casa na esperança de recomeçar, mas meu pai não deixou, com meus dois filhos nos braços me mandou ir embora — ela secou suas lágrimas — O Marcus também jurou que nunca me deixaria ir embora e que se eu tentasse isso, nunca mais veria os meus filhos. Eu quis fugir do inferno que era a minha casa com o meu pai e encontrei um destino ainda pior.

Era muito triste tudo o que Rachel me contava. No dia que vi Klein maltratando-a e os filhos no Café, não tive sangue frio nas veias para ficar assistindo impassível.

— Aquele dia que você o enfrentou e pensei que o tivesse matado, senti alívio e culpa ao mesmo tempo, pois tentei e quis fazer aquilo muitas vezes — ela chorou e segurei firme sua mão — Eu queria que ele morresse.

O pai dos meus filhos, e o desejava morto todos os dias.

Nós duas tivemos pessoas horríveis em nossas vidas. Eu com Glenda e ela com Marcus Klein. Pessoas que, de alguma forma, tinham destruído algo dentro de nós.

— Mas agora estou livre dele. Eu posso e vou recomeçar. Já tenho quase o suficiente para trazer meus filhos comigo — ela se afastou enxugando os olhos — Então, se eu posso recomeçar, você também pode, Mandy. Basta ainda ter fé e esperança. Somos do tipo duronas. A vida não pode nos derrubar. Quantas vezes cairmos, vamos ficar de pé, ainda mais fortes.

— Ah, Rachel — nos abraçamos e choramos juntas — Eu sinto tanta falta dela.

A dor nos fazia iguais e a mesma dor nos aproximava ainda mais. A mesma vida que por muito tempo vinha nos castigando, acabou nos colocando no caminho uma da outra também.

Adormeci nos braços de Rachel, mas, dessa vez, jurando a mim que enfrentaria tudo de forma diferente.

Por Jody e por Dallas, a quem meu coração sangrava um pouco mais todos os dias.

Capítulo 23

Dallas

Uma garrafa inteira de uísque não iria solucionar meus problemas, mas, pelo menos, poderia fazer com que a dor e o vazio em meu peito fossem anestesiados. Pensava assim ao encarar a garrafa e o copo vazio em cima da mesa.

Perder Jody foi um dos momentos mais tristes de minha vida, ainda mais dolorido do que quando Penelope levou Benjamin embora, porque com a ovelhinha eu tinha uma convivência diária. Doía olhar para o quarto que fora dela e não a encontrar mais ali, com seus brinquedos, pulando na cama, na cozinha tagarelando com Emma ou perturbando algum dos meus irmãos. A casa ficou vazia sem Jody, imensa e silenciosa demais. E se isso já não fosse dolorido o suficiente, Mandy também havia partido. Sentindo raiva de mim por impedir que cometesse o maior erro da sua vida.

Talvez se eu tivesse me deixado levar pela emoção do momento e permitido que as duas fossem embora, ainda as teria comigo, pelo menos os seus corações. Doía saber que Jody estava tão longe, mas esmagava meu coração ter Mandy tão perto e sequer poder olhá-la. Charlotte e Emma, assim como Clyde, Dallas e até a Sra. Chan diziam, sempre que ia à casa dela e

encontrava a porta fechada, que eu devia ter paciência. Que Mandy precisava lidar com a dor do jeito dela até conseguir se reerguer. Mas eu deveria estar ao lado dela, segurando suas mãos, secando as suas lágrimas, sendo seu apoio.

Eu sentia saudade das minhas duas meninas e essa angústia em meu peito estava me matando. Nem o trabalho na delegacia ou os afazeres pesados na fazenda estava ajudando. Meu corpo ficava exausto, mas minha mente e o coração batendo dolorido, não encontravam descanso um único segundo do meu dia.

Eu precisava encontrar uma forma de Mandy entender o quanto eu a amava, que não era eu o seu inimigo e que juntos éramos mais fortes. Então, olhei novamente para a garrafa em cima da mesa, a solução não se encontrava ali.

— Filho?

Vi o rosto do meu pai surgir na porta. Ele olhou de mim para a garrafa e entrou no escritório.

— Você sabe que isso não resolve nada, não é?

Nos últimos dias, eu tinha sido insuportável. O desespero e a raiva dentro de mim faziam com que não quisesse as pessoas ao meu redor. Isso era no trabalho, no Café, onde meu peito sofria ao ver que Mandy não estava lá e em casa.

— Eu sei que não — peguei a garrafa e a levei de volta ao bar — Mas, por um momento, só quis que a angústia fosse embora.

— Dallas, eu criei um homem — disse meu pai — e não um fraco que se esconde atrás da bebida.

Ele tinha razão e senti vergonha de mim mesmo. Se queria Mandy de volta e, principalmente, nossa ovelhinha, tinha que parar de me lamentar pelos cantos por ter levado um pontapé no meio da bunda e lutar pelas duas.

— Ela não me quer, pai.

— O que ela não quer é continuar sofrendo. Isso você não está impedindo.

Acho que de todos os conselhos que já tinha recebido, esse parecia o mais certo.

— Disseram que deveria dar um tempo a Mandy. Que é isso o que ela espera de mim.

Estava tentando, mesmo que me machucando por dentro, fazer a coisa certa. Não conseguia pensar em Mandy sofrendo e, muito menos, que esse sofrimento viesse de mim.

— O que uma mulher quer e o que precisa realmente são duas coisas diferentes — disse ele em um tom impaciente — Casais brigam o tempo todo. Ficam com raiva e, em algum momento, querem ver o outro pelas costas. Mas se há amor, todo o resto fica insignificante e ter a razão já não

importa mais. Se eu tivesse procurado a Charlotte quando pediu que a deixasse, teria conhecido minha filha e vocês, a sua irmã.

Papai levou anos para ter de volta o grande amor de sua vida. Eu não conseguia imaginar levar mais algumas semanas sem Mandy.

— Vá lá, filho — ele tocou em meu ombro — e traga a sua mulher de volta para a casa. Para a família dela.

— Eu vou, pai — murmurei e, pela primeira vez, um sorriso surgiu em meu rosto — Obrigado.

Iria buscar Mandy e a traria de volta arrastando pelos cabelos se fosse preciso, isso, com certeza, a faria ter muita raiva de mim, mas ela já estava me odiando mesmo. Que me odiasse em casa, junto de todos que a amavam e queriam bem.

Estava seguindo para o meu carro quando ouvi o chamado por mim.

— Rachel?

Ela estava com a respiração acelerada e aparência bem cansada. Olhei além dela e vi que veio caminhando.

— Boa noite, Xerife.

— Pode me chamar de Dallas — disse a ela e, de repente, a preocupação me abateu — A Mandy...

— Não! — ela ergueu a mão e precisou de um tempo para respirar — Na medida do possível, ela está bem. Na verdade, pegou uma virose, eu

acho. Quando cheguei lá estava com muita febre e... Não importa agora. Eu só acho que ela não deve ficar sozinha. Sei que estão brigados, mas, poderia passar a noite lá, ou mandar alguém da fazenda?

Mandy estava doente e não tive conhecimento disso. Sentia-me um verdadeiro imbecil.

— Eu ficaria lá, mas tenho que estar bem cedo no Café para ajudar a Sra. Chan — explicou ela — Mas, se não puder, dou um jeito.

As duas tinham se tornado boas amigas. Eu estava feliz que Mandy tivesse ao lado dela pessoas que se preocupavam com seu bem-estar.

— Na verdade, estava indo buscá-la, Rachel — confessei a ela — Querendo ou não, e ainda mais estando doente, Mandy virá para casa comigo. Ela nem precisa falar comigo, mas ficará aqui onde Emma e Charlotte vão poder cuidar dela.

Rachel sorriu aliviada. Se ela, que por tanto tempo viveu à mercê de um relacionamento abusivo com um homem violento, não via com maus olhos minha atitude de homens das cavernas, talvez encontrasse o perdão de Mandy futuramente.

— E você poderia me dar uma carona de volta?

— Veio andando da cidade até aqui?

— Da cidade à casa da Mandy e de lá até aqui.

Era uma distância bastante significava, ainda mais para quem tinha

passado o dia inteiro em pé no Café, andando de um lado para outro entre as mesas. Estava pronto a aceitar seu pedido, quando vi Clyde surgir com um fardo de feno. Eu o chamei e quando se juntou a nós meio receoso, esperando uma bronca, afinal, de todas as pessoas que sentiram uma parcela do meu mau humor, ele tinha sido o mais premiado.

— Leve a Rachel para dentro e dê algo para ela se refrescar. Ou melhor, fale para Emma colocar mais um lugar à mesa...

— Mas, Xerife — ela me interrompeu, um pouco tímida — Não precisa se incomodar com isso. Ficarei imensamente feliz com a carona de volta.

— Você cuidou da Mandy mesmo quando nem eu fui capaz disso. É o mínimo que posso fazer. Depois o Clyde a levará...

Recordei que Rachel estava dormindo em um quarto de motel nos limites da cidade. Não era exatamente um lugar que poderia chamar de lar.

— Para onde você quiser.

— Obrigada, Xerife.

Clyde jogou o feno no chão, tirou o chapéu e fez um sinal para ela em direção à casa. Vi quando ele olhou por tempo demais o traseiro de Rachel no jeans colado. Clyde não era o tipo que conseguia evitar admirar um rosto bonito e corpo curvilíneo.

— Clyde? — o chamei antes que a seguisse para dentro de casa —

Se controla. Nada de paquerar a Rachel.

Ele me encarou zangado.

— Não vou fazer isso. Conheço a história dela, apenas não sou cego — ele se defendeu com um sorriso cínico — Não quero confusão, Dallas.

— Rachel não é uma confusão, somente uma mulher que foi muito ferida, querendo reconstruir a vida — reforcei meu aviso — Além disso, é amiga da Mandy, se magoá-la ela mata você.

— Por falar em Mandy — ele cruzou os braços e me olhou feio — Não acha que já está na hora de resolver essa merda?

— Estou indo buscá-la e trazê-la algemada, se for preciso.

Clyde ergueu as mãos para o céu, depois, voltou a me olhar debochado.

— Nossa, você tem que ser lerdo para tudo?

— Eu só não vou quebrar a sua cara e ensinar que me deve respeito porque já perdi tempo demais aqui — dei as costas a ele.

— E eu só não vou quebrar a sua por ser meu irmão, apesar de burro, você ama — gritou ele enquanto eu entrava no carro — Mas se ela fosse a minha irmã, arrancava seu pau e dava para os porcos comerem.

Dei partida no carro e quando saí do lugar, o joguei alguns centímetros para cima dele. Clyde conseguia mesmo me irritar. Raivoso, ele colheu um punhado de terra e jogou em direção ao carro, movendo os lábios

no que eu sabia serem xingamentos que deixaria um pirata de boca suja envergonhado.

Sorri. Ele podia ser insuportável quando queria, mas eu o amava.

Meu coração batia forte em meu peito quando parei em frente à porta de Mandy. Ficaria a noite toda ali, batendo na porta até que me atendesse e se fosse preciso a colocaria abaixo. Contudo, medidas tão drásticas não foram necessárias. Assim que toquei os nós em meus dedos sobre a madeira, ela se abriu. Provavelmente Rachel tinha deixado apenas encostada quando saiu rumo à fazenda.

A casa estava muito silenciosa, como era de se esperar. Com cuidado, abri a porta o suficiente para que eu pudesse passar. Encontrei Mandy dormindo, encolhida na cama e caminhei cautelosamente até ela. Passei o dorso da mão sobre sua face e notei que ainda estava quente, comprovando o que Rachel dissera ao afirmar que ela estava doente.

— Ah, Mandy — meu peito doeu ao vê-la tão abatida.

Afastei as cobertas sobre o seu corpo e passei um dos meus braços abaixo de seu pescoço e outro, em suas costas. Tinha acabado de tirá-la da cama quando seus olhos confusos caíram em mim.

— Dallas?

Apertei-a mais forte em meus braços.

— Eu vou te levar para casa — avisei me preparando para uma boa

discussão que, dessa vez, ela não iria vencer — E não vou recuar em relação a isso. Você está doente, Mandy. Ou vai comigo ou fico aqui.

Ela me encarou por alguns segundos. O amor que sabia que ainda sentia por mim estava lá em seu olhar.

— Tudo bem — murmurou ela, apoiando o rosto em meu peito — Me leva pra casa.

Meu peito inchou de contentamento. Talvez Mandy só estivesse fraca demais para ir contra mim, mas eu preferia acreditar que a razão tinha vencido o desespero, ela tivesse finalmente se dado conta que seu lar, a sua casa, era onde eu estivesse e, logo, Jody também. Porque eu moveria céus e terra, mas iria recuperar nossa menina.

Enquanto colocava Mandy no carro, que voltou a dormir, retornei para pegar algumas peças de roupa e comecei a pensar em Jody. Liguei muitas vezes na residência de Rhotenberg, não consegui falar com ela nenhuma vez. Sempre havia a desculpa de que Jody estava dormido, que tinha saído ou havia viajado com a família. A empregada dizia que a menina estava ótima, mas eu não conseguia acreditar nisso, pois, nenhum de nós estava, quanto mais uma criança inocente que não entendia por que a arrancaram de forma tão cruel do seu lar e das pessoas que amava.

Não pensei que Rhotenberg fosse chegar a esse ponto de crueldade nos impedindo de ter qualquer contato com Jody. Acabei recorrendo a Adam

que informou que conseguiria uma autorização judicial que obrigaria Rhotenberg e Glenda a nos deixar participar da vida de Jody. Eles não podiam nos excluir assim e tentar apagar da mente dela toda a história que vivemos.

Chegamos à fazenda e tirei Mandy com cuidado do carro para não acordar.

— Como ela está? — Charlotte abriu a porta de tela para que eu passasse com tranquilidade — Rachel contou que Mandy estava doente. Como podíamos ter imaginado?

— O importante é que a Mandy voltou para casa — sussurrei — E vamos cuidar dela.

Eu queria levar Mandy diretamente para o meu quarto, mas não sabia o quanto ainda estava zangada comigo, então, a coloquei no quarto que por um tempo havia dividido com Jody.

— Lola, você pode ligar para o Dr. Glover? A Rachel disse que era apenas uma virose, mas eu gostaria de ter certeza.

Deveria ter feito isso no caminho, mas minha maior preocupação era chegar com Mandy rapidamente à fazenda.

— Também vou pedir para Emma fazer um chá — avisou ela começando a sair do quarto — E deixar algo pronto para quando Mandy acordar.

Eu voltei para a cama, ajeitei as cobertas e travesseiros dela. Sentei-me na beirada e enquanto a observava dormir, afastei com as pontas dos dedos as mechas de cabelo caindo em seu rosto.

Podia soar exagerado, mas apenas em ter Mandy aqui já deixava meu coração um pouco mais tranquilizado. Ainda teríamos uma dura batalha pela frente e eu precisava voltar a pensar friamente e manter minhas emoções sob controle.

Não deixei o quarto até que o Dr. Glover chegasse para examinar a Mandy. Ele confirmou as suspeitas de Rachel.

— Dieta à base de muito líquido — disse ele entregando um frasco de comprimidos — E se a febre voltar ou aumentar, dê-lhe isso.

Acabei adormecendo em uma poltrona minúscula aos pés da cama dela, e quando abri os olhos no dia seguinte, encontrei-a me analisando.

— Está se sentindo melhor?

— Com sede — disse ela, levando a mão à garganta.

Apressei-me para ir até a mesinha ao lado da cama e servi um copo d'água, entregando a ela. Nossos dedos se tocaram e carga elétrica correu por meu corpo. Rapidamente me movi e arrumei os travesseiros às suas costas. Precisava controlar minhas emoções ou acabaria fazendo algo impensado como prendê-la em meus braços, beijando-a até que perdêssemos o fôlego.

— Eu pedi que trouxessem o seu café — disse antes de me retirar

apressadamente.

Avisei a Emma que Mandy estava acordada e Charlotte para que fizesse companhia a ela. Precisava ir até a delegacia, pois, havia deixado alguns trabalhos burocráticos se acumularem.

Saber que Mandy estava em casa, sendo cuidada por minha família me deixava bem mais tranquilo e conseguia executar as tarefas com a mente mais focada.

— Com licença, Xerife — Derek surgiu na sala e me encarou com olhar receoso — Me chamou?

Será que eu tinha sido tão intragável e irascível? Pela expressão defensiva de Derek, sim. Os dias longe de Mandy mexeram comigo mais do que tinha imaginado.

— Entregue essa intimação ao Shane, por favor — tentei emitir um ar amigável ao entregar as folhas a ele — Depois, faça o mesmo com Zach.

Ele assentiu e não escondeu a respiração aliviada antes de chegar à porta.

— Hum... Xerife? Está tudo bem?

— Agora está.

— Ficamos muito felizes com isso.

Eu não duvidava.

No decorrer do dia, ligava para Austin ou Lola para ter notícias de

Mandy. Eles disseram que sempre havia alguém lhe fazendo companhia e que ela se sentia bem melhor. Infelizmente, uma ocorrência envolvendo um acidente próximo aos limites da cidade me manteve longe da fazenda e quando finalmente cheguei, ela já estava dormindo.

— Boa noite, meu amor — afaguei seu rosto e beijei seus lábios com carinho.

Foi a minha primeira noite de sono tranquilo desde então. No dia seguinte, fui ao quarto dela e ao ver a cama vazia, comecei a ficar alarmado.

— Ela está no banho — avisou Charlotte e não escondeu o sorriso ao ver meu rosto angustiado.

Ela saiu do quarto levando a roupa de cama usada. Só consegui me tranquilizar quando vi Mandy surgir do banheiro, usando um robe e uma toalha em volta da cabeça. Estava linda e só consegui ficar parado admirando-a como um idiota.

— Bom dia — o sorriso iluminou todo o quarto e chegou ao meu coração feito uma flecha.

— Bom dia, Mandy.

A física diz que para cada ação havia uma reação. Sinceramente, me preocuparia com as consequências de meu ato impulsivo depois. Eu não podia mais continuar sufocando meus sentimentos. Avancei até Mandy e diante de seu olhar surpreso, tomei os seus lábios. O beijo apaixonado

transmitindo quanta saudade eu tinha sentido dela.

Seu corpo se curvou e agarrei mais forte sua cintura a puxando para mim. Um gemido escapou dos lábios dela e o outro, me fez estremecer. A toalha caiu de seus cabelos e afundei os dedos em seus fios macios.

— Mandy — encostei minha testa na dela quando precisamos de ar — Não se afaste de novo. Não me afaste.

Não sei se seria capaz de suportar outro baque como esse.

— Eu não vou — ela se agarrou à minha camisa — Eu sinto muito. Não quis realmente dizer aquelas coisas. Estava perdida e ferida demais. Será que você conseguiria me perdoar?

Segurando seu rosto, sequei as lágrimas caindo de seus olhos. Não conseguia assisti-la chorar.

— Não importa — busquei sua boca com a minha — Nunca importou, na verdade.

Ouvir as acusações de Mandy não tinha me magoado, ficar longe dela que quase havia acabado comigo.

— Eu senti tanto a sua falta, Dallas — confessou ela entre os beijos que lhe dava — Doeu tanto ficar longe.

— Vem aqui, Mandy — a guiei até a cama onde me sentei, colocando-a em meu colo — Eu só queria ter ficado ao seu lado e não poder fazer isso...

Mandy tocou meu rosto com carinho. A emoção brilhando nos olhos dela.

— Sinto falta dela. Eu sinto falta dela — ela soluçou, fazendo meu coração se contrair — Quero a Jody de volta. Quero você de volta. Que a gente volte a ser uma família.

— A mim, você já tem. Agora, vamos recuperar nossa garotinha.

Mandy se agarrou ao meu pescoço e deixei que ela liberasse toda a dor que trazia em sua alma.

— Eu liguei para falar com ela, mas a Glenda não deixou — sua confissão causou uma revolta inexplicável dentro de mim — Ela não me deixou falar com ela. Senti que iria morrer.

— Tentei falar com Jody também e não consegui. Acho que tem muito dedo da Glenda nessa história.

— Sinceramente, a essa altura eu não consigo duvidar. É difícil dizer isso, mas a minha irmã é uma pessoa horrível e má. Eu me preocupo com a Jody ao lado dela.

— Falei com o Adam e ele vai conseguir, nem que seja por um mandado judicial, a autorização para ver a Jody — disse a ela — Pelo menos enquanto o novo processo continuar rolando. E estive pensando em algo em relação ao Rhotenberg. Se a Glenda está tão empenhada em nos manter completamente fora do caminho, significa que há uma possibilidade desse

homem ao menos nos ouvir.

— Ela não me deixou vê-lo quando estive lá. Falou que ele estava viajando, mas eu não acreditei nela.

— Então é isso. Vamos até San Antonio e eu juro que não vou deixar a sua irmã ficar em nosso caminho.

E que Glenda não se atrevesse a mostrar suas garras para mim. Iria passar sobre ela como um trator em um campo de milho.

Capítulo 24

Mandy

Só posso dizer que tinha sido uma boba em tentar afastar Dallas de mim, por me sentir machucada. Ainda estava sofrendo, não podia ser diferente, mas o meu coração voltava a ter um pouquinho mais de esperança e amor. Um grande amor por Dallas e Jody, as pessoas mais importantes da minha vida.

— Eu nunca mais quero ficar longe de você — confessei a ele, apoiando meu rosto em seu ombro.

Amava quando fazia carinho nos meus cabelos. Sentia-me acolhida e querida.

— Isso não vai acontecer, e quer saber de uma coisa? Vou tirar o dia de folga.

— Vai? — indaguei surpresa.

— O Derek poderá cuidar de tudo — confirmou ele, esfregando o nariz em meu rosto — Que tal você se arrumar e descer para o café da manhã e depois a gente planejar o que fazer no restante do dia juntos?

Sabia que ideia era não me deixar sozinha pensando e sofrendo a ausência de Jody. Seria muito difícil não pensar nela a cada hora do meu dia,

mas estando com Dallas, a tristeza seria um pouquinho menos dolorida.

— Desço em alguns minutos.

Ele me beijou e deixei o colo dele com um gemido de protesto. A vida ainda não estava perfeita, mas eu sentia que logo iria ficar, era preciso ter fé.

— Dallas?

Chamei-o antes que chegasse à porta.

— Eu amo você.

E, então, entendi que amar às vezes trazia um pouco de dor, mas também nos fortalecia.

— Também te amo.

A primeira coisa que fiz foi desembaraçar meus cabelos úmidos para que não criassem nós quando estivessem secos. Depois, escolhi uma camisa flanela com mangas, nas cores preferidas de Dallas, vermelho e preto, uma calça jeans não muito justa e botas sem salto.

Emma ficou muito feliz em me ver descer para o café da manhã. Avisou que Lola tinha ido até a cidade com Raul para comprar algumas coisas que faltavam na dispensa, mas que me atenderia no que eu precisasse. Eu já me sentia melhor e disse a ela para que não se preocupasse. Na verdade, arriscava dizer que minha enfermidade tinha mais a ver com o aspecto emocional. Minha alma estava doente e isso refletiu em meu corpo.

Mas o meu xerife mandão e insistente havia me resgatado. E também não podia esquecer de Rachel. A sua visita e ouvir a história dela abriram os meus olhos para algo bonito, que por medo de sofrer eu estava afastando de mim. O amor de Dallas.

Depois de sairmos da cozinha abraçados, pedi que ele ligasse para Adam e a última informação que ele nos deu me deixou surpresa e muito zangada.

— Eu não acredito que Rhotenberg teve a ousia de comprar o juiz!
— andava furiosa pelo escritório — Isso foi...

Eu nem conseguia explicar.

— Não foi exatamente o que Peter descobriu. Ele apenas viu os dois juntos no mesmo clube.

— Mas o Adam disse que era bem possível Rhotenberg ter comprado-o.

— Ou facilitado as coisas como um favor pessoal.

— Vai defendê-lo agora? — indaguei, incrédula.

A verdade é que nessa situação estava preferindo alimentar a minha raiva à tristeza.

— Não. Só que podemos estar julgando-o errado como ele fez com você. E tem que lembrar o plano é chegar a Rhotenberg desarmados.

Como uma pessoa que trabalhava com a lei, Dallas analisava as

coisas pelo lado prático e racional, enquanto eu me deixava ser guiada pela emoção.

— Eu acho que o que você está precisando agora — disse ele vindo até mim — É um pouco de ar puro e afastar sua mente disso tudo.

— Mas o Adam...

— Irá mandar o fax e a autorização estará aqui quando voltarmos — insistiu ele — Vamos, Mandy. Amanhã você precisa estar emocionalmente forte.

Sabia que ele tinha razão, embora minha vontade fosse ficar ao lado do telefone esperando o momento que Adam enviaria por fax a autorização para visitarmos a Jody no dia seguinte. Finalmente eu iria ver e poder abraçar minha menina. Meu peito doía e, ao mesmo tempo, explodia de felicidade.

— Tudo bem, você tem razão — balancei em seu abraço.

Eu disse que estava melhor para fazermos um passeio a cavalo, mas ele insistiu que era melhor irmos de carroça o que tornou o passeio pela fazenda um pouco mais romântico. Sentia-me como uma daquelas heroínas de livros históricos.

Conheci partes da fazenda que ainda não conhecia, havia uma imensidão de gado e pastos a perder de vista. Também havia muitos cavalos árabes puro sangue, criados e treinados ali e que geravam um lucro significativo à fazenda. Observando tanta grandiosidade, eu conseguia

entender o amor de Dallas e seus irmãos por tudo isso.

— O trabalho em uma fazenda pode ser exaustivo — disse Dallas quando retornamos e ele parou a carroça em frente a um dos celeiros — Mas é muito gratificante também.

Admirei os vastos campos à nossa frente. No horizonte, o sol se punha, o laranja se transformado em vermelho escuro. Lembrei de como Jody adorava correr pela terra e principalmente perseguir, rindo, as galinhas e seus pintinhos ciscando próximo as cercas.

Acho que Dallas notou meu ar nostálgico ao me ajudar a descer da carroça. Ele veio por trás de mim e abraçou minha cintura, entramos assim na casa. Chegamos à escada e ele me virou para ele dando e exigindo um beijo apaixonado. Se antes eu precisava do sono para anestesiar minha dor, agora eu necessitava de Dallas. Nos braços dele eu encontrava um pouco de paz para minha mente e coração.

— Acho melhor a gente se apressar para o jantar — disse a ele quando meus lábios foram libertos — Emma não gosta de atrasos.

Atrasos significava que ela perderia alguma parte da sua novela favorita e não existia nada no mundo que a inquietava mais do que deixar de acompanhar seu ator favorito em frente à TV, até Lola, depois de ser convencida por ela, havia se rendido a esse costume.

— O jantar de hoje será um pouquinho diferente — disse ele e vi

algo deliciosamente perigoso em seu olhar.

— Ah, é?

— E não adianta me perguntar porque não vou dizer.

Ele me agarrou beijando meu pescoço e foi o suficiente para me fazer estremecer.

— Então, é melhor eu me apressar — o empurrei, correndo em direção ao meu quarto.

— Ei, aonde pensa que vai? — voltei a sentir suas mãos em minha cintura e, em seguida, minhas costas foram pressionadas contra o peito dele.

— Ficar pronta o mais rápido possível?

— Mas por que está indo para o lugar errado?

— Bom, esse é o meu quarto.

— Não mais. Seu lugar agora não é mais aqui, Mandy — ele me virou para ele — Agora é em nosso quarto, em nossa cama e comigo.

Eu amava seu jeito possessivo de ser e agir comigo.

— Posso, pelo menos, pegar as minhas roupas?

— Já cuidei disso.

É claro que ele havia cuidado.

Voltamos a nos beijar e seguimos assim para o quarto dele, que, bem, como Dallas havia dito, era nosso.

— Senti saudade, Mandy! — ele me empurrou contra a porta ao

fechá-la.

Embora tivéssemos passado o dia todo juntos, compreendia o que Dallas queria dizer, era sobre a conexão das nossas almas, da união que só os apaixonados conseguiam entender.

Minhas mãos voaram até a camisa dele e me surpreendi por, na pressa de tirá-la de seu corpo, tivesse arrancado alguns dos botões.

Dallas fez o mesmo comigo, depois, puxou as alças do meu sutiã para baixo e meus seios saltaram para ele, que não demorou um segundo para levar um deles à boca. Quando sugou meu mamilo, senti o pulsar entre minhas pernas, me ofereci mais a ele e sua boca pecaminosa.

Enquanto me enlouquecia com sua boca em meus seios, as mãos de Dallas trabalhavam em minha calça jeans. Em pouco minutos estávamos nus e nossos corpos febris um para o outro.

Fomos em direção à cama, mas ele não me deitou sobre ela, como imaginava. Dallas pediu que colocasse um dos pés sobre o colchão e as mãos na cabeceira. Senti seus beijos descerem por minhas costas e agarrei mais forte a cabeceira.

— Aiii... — gemi, mordendo minha boca quando sua língua molhou meu clitóris e ele começou a chupá-lo em seguida.

Ele agarrou minha cintura e puxou minha bunda um pouco mais para trás. Chupava e dava uma surra de língua nesse ponto cada vez mais sensível

e ansioso ao prazer.

Eu mal conseguia me segurar na cabeceira e manter os meus olhos abertos. O prazer crescendo em mim era tão intenso que acreditava perder os sentidos a qualquer momento.

— Dallas!

Era difícil dizer se queria que ele parasse com a tortura ou continuasse.

— Não pare! — meu grito desesperado ecoou pelo quarto e eu empurrava meu quadril um pouco mais em direção a ele — Bem aiií.

E, de repente, minha visão ficou turva. Um gemido extasiado escapou de minha garganta. O orgasmo vinha como fogos explodindo em minha cabeça.

Ainda estremecia com o clímax, quando senti seu pau entrando rasgando dentro de mim.

— Oh, meu Deus! — meus olhos viraram para dentro — Dallas!

Acho que nem os céus poderiam me ajudar nesse momento, não que realmente desejasse isso.

A cada estocada forte, agarrava-me mais à cabeceira, tentando encontrar algum equilíbrio, tanto para o meu corpo como para as emoções que Dallas despertavam em mim.

— Porra! Você é tão apertada, doçura — gemeu ele, socando um

pouco mais rápido e forte — Merda... Mandy, não sei se posso aguentar.

Eu queria que Dallas perdesse o controle como fazia comigo. Fazia com que me sentisse, sei lá, uma mulher poderosa.

— Então me fode — ousei dizer.

Seus dedos cravaram firmes em minha pele. Dallas se curvou sobre mim, ele beijou a linha em minha coluna, a mão deslizando por minha coxa até alcançar o ponto sensível que ele começou a esfregar.

Ele voltou a bombear e acariciar meu clitóris ao mesmo tempo. Não existia no mundo um prazer que pudesse se comparar a esse.

— Eu estou indo... — a confissão saiu como um choramingar de minha boca.

Então, ele empurrou mais forte e mais constante dentro de mim.

— Aí, caralho — Dallas soltou, seu próprio prazer cada vez mais perto.

— Dallas!

Estremeci e senti o orgasmo chegar como uma manada pisoteando todo o meu corpo. Um mundo de sensações explodiu em minha cabeça, enquanto eu vibrava fora de órbita.

— Mandy — ele estocou mais uma vez e, então, estacou diante de seu clímax.

Caímos fracos e cansados sobre a cama. Estava como uma boneca de

pano facilmente manipulável. Sorri ao pensar em como a comparação caía bem.

— Adoro seu sorriso, Mandy — ele afastou os cabelos e acariciou meus lábios ainda sorridentes — Ainda mais depois do sexo, isso quer dizer que foi bom.

— Não tenho capacidade mental para descrever o quanto foi maravilhoso. Mas se fosse classificar entre um a dez... — olhei para o rosto, onde um sorriso sexy se mostrava — Daria cem milhões.

Rapidamente fui parar em seus braços, sendo torturada por suas mãos, mas dessa vez com risadas, enquanto ele fazia cócegas em mim. Tomamos banho juntos e como ele disse que seria um jantar especial, decidi colocar um vestido cor ameixa, sem mangas, e na gola tinha um babado delicado. Para finalizar, fiz um penteado prendendo os cabelos no topo da cabeça e deixei alguns fios escapando porque eu adorava quando Dallas os afastava do meu rosto para poder acariciá-lo.

— Nossa! — ele surgiu atrás de mim e andou à minha volta avaliando o resultado final — Minha nossa, Mandy.

Ele se inclinou para cheirar meu pescoço e isso fez a minha pele inteira se arrepiar. Virei para ele e passei os meus braços em volta do seu pescoço.

— Minha nossa para você.

Ele estava lindo com uma camisa azul e calça de linho em tom bem claro de bege.

— O melhor para a minha garota.

Não consegui fazer mais nada além de suspirar segundos antes de Dallas me beijar com vontade. Não sabia como isso era possível, mas cada dia eu me apaixonava um pouco mais por ele.

— Você está usando o anel — notou ele em um tom emocionado, levando meu dedo aos seus lábios.

Eu tinha tirado o anel de noivado quando brigamos, corrigindo, quando briguei com ele, pois, tinha a intenção de devolver. Agora não via melhor momento para voltá-lo à minha mão, de onde nunca mais iria tirá-lo.

— É meu anel de noivado, meu noivo.

Pela sua expressão, via que significava tanto para Dallas quanto para mim.

— Eu acho que esse é o nosso primeiro encontro oficial — disse ele encostando a testa na minha, se nos movimentássemos só um pouquinho estaríamos em uma dança lenta e silenciosa.

— Bom, teve New York — o recordei.

— Embora a viagem até New York tenha sido inesquecível, foi onde a fiz minha, o motivo de estarmos ali era outro.

Jody. Não podia evitar, meu coração se contorceu por ela. E, de

repente, me senti muito mal. Estava aqui, sentia um pouco de felicidade e não sabia como estava minha pequena.

Estava se alimentando? Tinha ficado doente de saudade assim como eu? Quem a abraçava à noite se tivesse pesadelos? E a que mais me apavorava, Glenda estava sendo boa com ela?

Perguntas como essas e dezenas de outras não saíam da minha cabeça durante todo o dia.

— Ei, Mandy — Dallas segurou meu queixo com as pontas dos dedos e me fez erguer a cabeça — A Jody sabe que você a ama. Não se sinta culpada por me amar.

— Eu sinto culpa por ser feliz — pisquei os olhos tentando conter as lágrimas, mas foi inútil — E se ela estiver sofrendo muito?

— Pode ser bom...

— Dallas! — encarei-o incrédula.

— Eu não quero pensar em nossa garotinha sofrendo — ele tentou se corrigir —, mas isso acontecer... Poxa, Mandy, é uma merda pensar assim, porque me mata pensar na Jody sofrendo, mas quem sabe isso ajude ao Sr. Rhotenberg enxergar que aqui é o lugar dela.

— Assim não, Dallas.

Pensando friamente o que ele dizia tinha uma lógica macabra. Mas nunca desejaria ou conseguiria suportar a dor de Jody, nem para tê-la de volta

comigo. O meu amor por ela estava acima de tudo.

— Desculpe — ele realmente lamentava o que tinha falado — Só estava tentando encontrar um lado bom nessa história.

— Eu que tenho que me desculpar. Passou o dia todo tentando me deixar bem. Eu juro que vou tentar ser uma companhia melhor no jantar.

Amava os dois e eles me faziam felizes. Não podia ser errado isso, eu me sentir bem ao lado dele. Só o meu coração que tinha uma grande parte faltando. Mas eu iria recuperar em breve.

— Então, vamos.

Deixamos o quarto e quando chegamos próximo a escada, estanquei ao lembrar de algo muito importante.

— Será que antes...

— Já sei — ele sorriu e me conduziu em direção ao escritório — O fax já deve estar no escritório.

Assim como Dallas previu, a cópia do documento que me dava o direito de visitar Jody e ficar algumas horas com ela, pendia no aparelho ligado. Segurei o papel junto ao peito como se fosse meu bem mais precioso, e, na realidade, era. Meu passaporte até minha menininha.

— Obrigada — disse em um tom emocionado.

Ele veio até mim e passou os braços em volta do meu corpo.

— Exatamente pelo quê? — indagou com um sorriso de garoto

levado — Por te fazer sorrir ou por ser capaz de ir até o fim do mundo para conseguir isso?

— Por estar sempre comigo e fazer dessa situação o mais suportável possível — apoiei minhas mãos em seus ombros, ficando nas pontas dos pés — Mas, principalmente, por me deixar te amar e me amar de volta.

Toquei seus lábios com carinho. Como era de se esperar, o beijo terno deu lugar a um explosivo. Logo, estava sendo pressionada contra a mesa e Dallas por cima de mim, suas mãos tocando meu corpo de forma que fazia minha visão escurecer.

— Ok. É melhor a gente respirar um pouco — disse ele ao se afastar — Ou o meu jantar será bem aqui.

— Não seria nada mal — provoquei ajeitando a saia do vestido.

— Você — ele me olhou de cima a baixo — É minha sobremesa.

Esse vaqueiro tinha um calor que me incendiava inteira.

O jantar não ocorreria na sala de jantar com toda a família como imaginei. Dallas me levou até o celeiro. Estava lindamente decorado e no centro dele havia uma mesa com uma toalha branca e azul, um vaso com girassóis e até mesmo um castiçal com uma vela acesa.

— Ah, é tão lindo.

Praticamente flutuei até a cadeira onde Dallas me acomodou.

— Vinho, senhorita?

Austin surgiu de algum lugar do escuro. Ele usava um terno azul marinho e não sabia se achava engraçado ele fazer ares de garçom com o semblante compenetrado ou o achava absurdamente sexy. Sempre o via com camisetas ou camisas de flanelas e jeans. Que Dallas nunca fosse capaz de ler meus pensamentos, mas seu irmão era um verdadeiro caminho ao inferno.

— Por favor, senhor — respondi.

Aguardei que ele enchesse minha taça, servisse o irmão e, depois, voltasse a desaparecer na escuridão do celeiro para me inclinar até Dallas.

— O que foi isso? — indaguei com um sorriso que mal conseguia sustentar em meu rosto.

— Não ria, Mandy — alertou ele, embora mal estivesse conseguindo se segurar — Isso custou uma fortuna.

Não demorou muito para que Clyde surgisse também de terno, só que o dele era cinza. Ele empurrava um carrinho de madeira onde havia várias travessas de comida.

— A Chef Emma espera que tenham um excelente jantar — disse ele em tom sério.

E aí foi demais para mim, desabei em uma gargalhada incontável.

— Se você não fosse a garota do meu irmão — disse ele agachando até mim, beliscando levemente meu queixo — Colocaria nos meus joelhos e...

— Clyde! — Dallas olhou feio para ele.

— Tenha um bom jantar — desejou ele — Eu vou tirar essa roupa de merda.

Austin ficava lindo em um terno, mas Clyde nos presenteava com uma bunda que recheava bem a calça justa e... era bom que eu não reparasse nessas coisas, pois, o meu noivo já estava soltando muitas faíscas pelo olhar.

Mas ninguém se comparava ao meu homem. Além de lindo de fazer chorar, e não estava dizendo pelos meus olhos, era a pessoa mais incrível e maravilhosa que conheci. E, claro, estava incuravelmente apaixonada por ele.

— Deixe eu adivinhar. Pagou uma bela fortuna pelos serviços de Clyde também.

— Uma fortuna e alguns favores.

Que eu nem queria imaginar que favores seriam esses.

Ele buscou minha mão sobre a mesa e mexeu o anel com o polegar.

— Mas por você pagaria em dobro, Mandy.

Ele tinha que parar com isso. Quando achava que não havia mais jeito de amá-lo mais, ele vinha com tudo isso e declaração como essa.

O jantar seguiu romântico e às vezes engraçado, com Dallas narrando fatos inusitados em ser xerife. Por ele, por todo trabalho que tinha feito e a dedicação em me dar uma noite feliz, me políciei para não me sentir culpada e melancólica.

— Vamos dançar um pouco — disse, ao me fazer levantar da mesa.

— Dançar?

Somente quando nos aproximamos que notei um rádio portátil em cima de alguns caixotes. A música country e romântica começou a tocar e Dallas me puxou para os braços dele após ligar o som.

I'll Try, de Alan Jackson, foi a primeira música a tocar. Encostei meu rosto no peito de Dallas e deixei que ele me levasse ao ritmo lento, prestando o máximo de atenção no que dizia a letra.

Eu não sou perfeito

Sou só um homem qualquer

Mas eu vou te dar tudo o que eu sou

E eu tentarei amar só você

Eu tentarei o meu melhor pra ser verdade

Oh, querida, eu tentarei

— Essa pode ser a nossa música? — indaguei quando ela chegou ao fim.

Dizia tanto sobre Dallas e sobre nós dois.

— Não poderia ter escolhido mais perfeita — disse ele, seu olhar transbordando carinho e amor.

— Você toca de novo?

Ele sorriu lindamente para mim.

— Quantas vezes quiser.

Voltamos a ser embalados pela música romântica. Agora, nossa canção.

Mas a surpresa não parava por aí. Dallas me levou até a escada que dava para uma câmara no alto do celeiro.

— Que visão deliciosa eu tenho aqui de baixo — provocou ele quando subi os primeiros lances de escada.

— Pare de olhar minha calcinha, seu safado? — apesar da falsa reprimenda, rebolei os meus quadris um pouco mais e ouvi um gemido angustiado como resposta.

Perdi o fôlego quando fiquei de pé no chão de madeira. Havia uma cama feita de palha, muitas mantas sobre ela, almofadas e até mais girassóis espalhadas pelo chão e um lampião iluminando tudo. A grande janela triangular estava toda aberta e através dela se via o céu mais estrelado que meus olhos já viram.

— Dallas!

Não sabia se estava mais impressionada com o cenário romântico aqui dentro ou a noite perfeita lá fora.

— É tudo tão lindo — virei para ele, os meus olhos começando a marejar — Mesmo se eu tivesse ousado sonhar, não seria tão perfeito.

Para um primeiro encontro, como dizia ele, estava tudo além da minha imaginação.

— Lembra que eu disse que você era o meu mais?

Afaguei seu rosto com as pontas dos meus dedos. Dallas beijou a palma da minha mão, depois, fez o mesmo com meus lábios. Seus beijos sempre me faziam perder o ar, mas dessa vez havia uma esmagadora ternura.

— Não quero foder você essa noite, Amanda — ele me guiou pela mão até a cama de palha — Quero te amar.

E assim ele o fez. Primeiro, tirando minha roupa de forma mais delicada e sedutoramente possível. E me deitou sobre a manta, enquanto o observava tirar a camisa, depois, a calça e a cueca, exibindo o corpo magnífico diante de mim.

Ele começou beijando meus tornozelos, os lábios subindo pela parte interna das minhas pernas, coxas, chegou ao meu ventre, mordiscou minha barriga e distribuiu beijos nela. Alcançou o vale entre os meus seios e eu enrosquei os dedos em seus cabelos quando ele prendeu um mamilo em seus dentes, depois, o acariciou com a língua. Dallas provava como se tivesse esperado pela sobremesa preferida a semana toda. E o prazer que causava em mim fazia-me sensível a cada toque que dava.

Havia paixão, pois, acho que com a gente nunca poderia ser de outra forma, mas havia um excessivo carinho, que tocava não apenas meu coração,

mas também a minha alma. Porque era isso que Dallas fazia comigo, tocava em um ponto onde ninguém mais seria capaz de alcançar.

Ele beijou meu pescoço e foi subindo até alcançar minha boca. Nossos lábios faziam amor como logo nossos corpos desejavam.

Doce, quente e apaixonado.

Seu corpo cobriu o meu, suas coxas enroscaram nas minhas, friccionando uma na outra, as faíscas explodindo entre nós.

— Mandy — ele dobrou minha perna e se encaixou melhor entre elas.

Fechei os meus olhos, inebriada de prazer.

— Olhe para mim, amor.

Encontrei seu olhar e seu rosto tomado pelo desejo tanto quanto o meu. Ele seguiu entrando e saindo lentamente dentro de mim.

— Dallas! — soluzei, minhas pernas rodeando sua cintura, puxando-o mais para mim.

— Continue me olhando, Mandy.

Era difícil conseguir me concentrar quando tudo dentro de mim tornava-se uma grande bagunça. Então, suas estocadas ganharam um pouco mais de velocidade, fazendo explodir dentro de mim o orgasmo mais violento que já tive até agora.

Intenso, forte e potente ao ponto de fazer meu corpo se contorcer.

— Porra! — grunhiu Dallas — Caralhooo... Isso!

Quando caiu sobre mim, ainda tremia em seus braços. Ele rolou sobre a cama e me puxou para cima dele. Beijou minha testa e apoiei minha cabeça em seu ombro. Olhamos para o céu estrelado e o observamos em silêncio. Não foi preciso dizer mais nada, nossos corpos já haviam dito tudo.

Feliz, adormeci em seus braços.

Capítulo 25

Dallas

Eu poderia ficar observando-a dormir a manhã inteira, mas assim que ela abrisse os olhos, sua mente teria um destino certo, Jody. E quanto antes saíssemos, mais tempo Mandy teria com ela.

Por isso, me contentei em apenas dar alguns beijos suaves em seus ombros para ajudar a despertá-la.

— Mandy? A gente precisa ir.

Ela se enroscou mais em meu corpo me arrancando um sorriso.

— Está gostoso aqui.

Suas pernas enroscaram nas minhas, obriguei o meu corpo a manter o controle.

— Amor, a gente precisa pegar a estrada.

— Estrada?

Seus lindos olhos castanhos abriram-se para mim.

— Ver a Jody, lembra?

O alerta foi suficiente para Mandy saltar procurando suas roupas.

— Vamos sair em quantos minutos.

— Um tempo para o banho, tomarmos café...

— Não estou com fome.

Meu olhar firme foi suficiente para fazê-la ceder um pouco.

— Eu preparo algo para gente comer durante a viagem.

Era melhor do que nada. Eu entendia sua ansiedade porque também estava louco para encontrar a ovelhinha.

— Mandy? — parei-a antes de chegarmos à escada — Sobre ontem. Nós não...

— Usamos preservativo — concluiu o que eu queria dizer.

Eu tinha pensado nisso e até tinha um pacote no chão, mas as coisas foram perdendo o controle e quanto vi, já estava possuindo-a. Eu não me arrependia nem um pouco, mas se houvesse consequência poderia deixá-la aborrecida.

— Não fiz de propósito e estou seguro — garanti a ela — Falo sobre a saúde. Eu não...

— Tudo bem, Dallas — ela sorriu tímida — Não é um problema para mim, se não for para você.

— Encararia mais como um presente.

Ver sua barriga crescer a cada dia só poderia fazer de mim o homem mais radiante do mundo.

— Mas, podemos passar em uma farmácia pelo caminho — disse ela, abraçando minha cintura.

Encarando de forma racional, Mandy estava certa. Já tínhamos muito com que nos preocupar, mas não pude evitar ficar desapontado, como uma criança que não recebe o presente no dia de Natal.

— Ok, vamos nessa.

Uma hora depois, e com o documento que Adam tinha enviado por fax, seguíamos para San Antonio. Mandy já esteve na mansão de Rhotenberg, então, ela guiou o caminho. Fomos recepcionados pela empregada, que após ter pedido que aguardássemos no lado de fora, veio nos buscar e levou até uma grande biblioteca.

— Primeiro, vamos ver a Jody e avaliar onde estamos pisando, tudo bem? — parei seu andar nervoso pelo cômodo — Depois, tentamos falar com Rhotenberg.

Ela assentiu e mordeu os dedos, nervosa. Se eu pudesse, impediria Mandy de passar por tudo isso, mas o único poder que possuía nesse momento era ficar ao seu lado e tentar protegê-la de sair menos ferida, possível.

— Respira fundo, Mandy — fiz o exercício junto com ela enquanto massageava seus ombros — Isso mesmo.

Alguns minutos depois, a porta se abriu. Rhotenberg surgiu e caminhou até a grande mesa de mogno.

— Srta. Temple — ele indicou a cadeira do outro lado — Sr.

Walker.

Seguimos até lá.

— Viemos ver a Jody — disparou Mandy, tirando o documento de sua bolsa — E antes que nos negue isso, saiba que tenho autorização do juiz e...

— Sra. Temple — ele a cortou, erguendo a mão —, eu nunca iria lhe negar isso, embora não tivesse tido a mesma consideração.

Mandy abriu a boca para retrucar, mas apertei sua mão levemente e ela se conteve.

— Glenda não me deixou falar com ela quando tentei.

— Eu também não tive sucesso em nenhuma das tentativas que tive.

— Ah, Glenda — murmurou ele, escorando contra a cadeira.

Rhotenberg levou um bom tempo olhando de Mandy para mim. Estava nos avaliando, isso era certo.

— Glenda não está aqui. Partiu faz dois dias e não vai voltar — Rhotenberg soltou a informação que não me surpreendeu — Bom, até o dinheiro que dei a ela acabe e ela volte exigindo mais.

— Sr. Rhotenberg... — iniciou Mandy.

— Pode me chamar de Caleb.

Fiquei surpreso e vi que Mandy provou da mesma sensação que eu.

— Glenda e eu, apesar de sermos irmãs, nunca fomos próximas.

Nossos pais morreram quando eu era ainda uma menina e desde lá aprendi a cuidar de mim. Quando fiz dezoito anos, ela foi embora. Por cinco anos não tive uma notícia, até que ela surgisse em minha casa no meio da noite para entregar Jody.

Reviver aquilo, mexia com Mandy, mas era necessário passar por isso. Caleb tinha que saber que ela e Glenda eram pessoas completamente diferentes.

— Eu fiquei assustada no início. O que faria com uma criança? Eu não sabia cuidar de um bebê. Mas eu aprendi, como aprendi a cada dia amar a Jody. Ela se tornou o centro do meu mundo. Éramos tudo uma para outra — então, ela se virou para mim com um sorriso em meio aos seus olhos marejados — Até o nosso Da-das entrar em nossas vidas.

Rhotenberg olhou com curiosidade para mim.

— Da-das é você?

Assenti.

— Entendo — murmurou ele.

— Eu não tenho dinheiro e até pouco tempo vivia em uma casa muito modesta. Mas o Dallas — ela apertou minha mão — E seus irmãos a reformaram para mim. Financeiramente, talvez, eu não tenha tanto a oferecer a ela como o senhor, mas eu a amo. Eu a amo muito.

Mandy fechou os olhos e parou para o exercício de respiração que

fizemos há pouco. Eu via minhas próprias emoções no limite.

— Foi cruel a forma que separaram a gente — ela secou as lágrimas com pressa — Foi muito cruel o que fizeram com a Jody. Eu só quero vê-la. Abraçar e tê-la em meus braços mais uma vez.

Entreguei um lenço a Mandy e vi Rhotenberg levantar-se e pigarrear.

— Muito bem. A Jody também deseja ver vocês — murmurou ele — Queiram me acompanhar.

Mandy foi a primeira a saltar da cadeira e eu os segui. A casa era realmente imensa, digna de um homem de posses. Passamos por três ou quatro corredores até chegarmos a uma escada larga que dava para duas alas da casa. Seguimos para a ala norte.

Após passarmos por algumas portas, paramos em frente a uma de madeira. Rhotenberg começou a abri-la, entrou no quarto e ficou contra a porta. A decoração infantil denunciava que ali era o quarto da menina. Mandy deu dois passos para dentro. Avistamos Jody sentada na cama acompanhada de uma jovem uniformizada. Apesar da cama rodeado de bonecas, ela não emitia interesse nos brinquedos novos.

— Jody? — o avô chamou por ela, mas Jody não ergueu a cabeça.

Senti uma dor tão profunda em meu peito ao olhar a garotinha que sempre vi animada e tagarela, tão amuada e infeliz, que fechei os meus dedos até os nós ficarem brancos.

— Jody? — Mandy sussurrou baixinho e de forma cautelosa.

Ela ergueu lentamente a cabeça e quando seu olhar encontrou o de Mandy, seu rosto se contorceu em um choro.

— Den-dy? — ela olhou a babá e apontou para a porta — Den-dy. A mamãe!

Ela dizia o nome de Mandy sem parar enquanto soluçava de uma forma que definitivamente destruiu meu coração. E se isso não fosse suficiente para que Rhotenberg entendesse como as duas se amavam, esse homem só poderia ter um coração de pedra.

— É a Mandy, meu amor — Mandy correu até ela, ajoelhando na cama para pegá-la em seus braços — Eu estou aqui.

Massageei o meu peito. Só senti uma emoção tão próxima a essa quando levaram Jody de nós. As duas se abraçavam e se beijavam como se não conseguissem acreditar que o reencontro estivesse mesmo acontecendo.

— Jody *dadade* — ela se agarrou ao pescoço de Mandy, apoiando a cabeça no ombro dela quando se sentaram no chão, então, olhou para mim — Da-das?

Quantas flechas essa garotinha iria mirar em meu coração?

— Vou deixar que fiquem sozinhos — disse Rhotenberg antes que eu me unisse a elas.

Eu só conseguia dosar a saudade que senti dela, estando agora ao seu

lado. Eu tive que me manter firme porque precisava apoiar Mandy. Mas, como senti falta dessa pequena.

— O Da-das está aqui.

Sentei-me ao lado dela e junto à Mandy, a acolhemos em um abraço apertado. Não precisávamos de mais nada além disso. Nós três juntos de novo.

— Jody *qué imbola* — pediu ela ao ficar em pé — *Azenda!*

Ela fungou fazendo cara de choro e puxou com toda força que tinha a manga da minha camisa.

— *Vamo*, Da-das.

Era de cortar o coração porque havia coisas que por mais que tentássemos explicar, Jody não conseguiria entender.

— Logo, meu amor — trouxe-a para o meu colo — Logo eu te levo na fazenda. Por que não mostra para a Mandy suas bonecas novas e conta tudo o que você fez nessa casa tão bonita?

Jody pareceu na dúvida, mas o sorriso de Mandy acabou vencendo suas reservas, fazendo caminhar até a cama.

— Não vou aguentar isso de novo — avisou Mandy, baixinho.

Eu sabia que ela se referia ao momento que teríamos que ir embora.

— Podemos ir pela manhã bem cedo.

Jody estaria dormindo e, pelo menos, ela não passaria pela

experiência traumática de se separar de Mandy outra vez, mas o que aconteceria quando ela acordasse e não encontrasse sua Den-dy ao lado dela?

— Den-dy — ela entregou uma das bonecas que carregava a Mandy e esticou a outra me minha direção — Da-das.

— É um presente lindo — disse a ela, colocando a boneca de jardineira sobre o meu joelho — Mas é sua boneca.

— Den-dy — repetiu ela para mim — Da-das.

Mandy sorriu e olhei curioso para ela.

— Ela deu nossos nomes às bonecas. Essa é a Mandy e essa é o Dallas.

— Ah — senti meu rosto queimar ao ser alvo da risada das duas.

Mas logo a atenção voltou para Jody. Ela falava muito e com carinho do vovô. Mas quando citava a mulher feia, fazia uma careta para chorar. Sabíamos que a mulher feia só poderia ser Glenda.

— Não é a mamãe — disse ela determinada — Den-dy é mamãe Jody.

— É, sim — Mandy acariciou os cabelos dela — Eu sou a sua mamãe. Sempre vou ser sua mamãe.

Ela perguntava por todos, Chan, Clyde, Austin, Emma, Lola, o vovô Raul e até por cada animal da fazenda. Todos os minutos com Jody eram preciosos e eu odiava os ponteiros do relógio correrem tão depressa.

— Com licença — a babá ressurgiu ao quarto — O Sr. Rhotenberg gostaria de tê-lós para o almoço.

Ainda não havia chegado a nenhuma conclusão em relação ao avô de Jody. Ela gostava dele, mas o que ele ainda pensava sobre nós, principalmente Mandy?

— Iremos aceitar.

Mandy era mais resistente a uma aproximação do que eu, o que era compreensível, mas viemos dispostos a, pelo menos, fazer um acordo com ele.

Jody não quis pegar a mão da babá, obviamente. Desde que chegamos não desgrudava de Mandy e quando fazia isso era para me falar ou mostrar alguma coisa.

A sala de jantar era bastante suntuosa. Havia até um lustre pendendo do teto. A governanta nos guiou até a mesa. Rhotenberg estava na cabeceira, Mandy ficaria com Jody na lateral esquerda e eu, na direita em frente a elas.

— Den-dy aqui, vovô — Jody se pendurou na mesa, sorrindo para ele. Para minha surpresa ele não a repreendeu por isso — Casa *agola*.

Busquei Mandy com o olhar. Jody em sua inocência exigia o que nós ainda não tivemos coragem de dizer.

— Olha só, querida, a Prudence fez pudim de chocolate — fugiu Rhotenberg.

— Jody *gota* — ela voltou a se sentar comportada.

— O Steve também gostava — murmurou ele, o olhar de carinhoso, mudou para triste — Pudim de chocolate era sua maior fraqueza.

E, de repente, estávamos diante de um grande dilema. Mandy amava Jody como sua filha e sofria em ficar longe dela. Rhotenberg sofria pela morte do filho e parecia ter um alento para a sua alma tendo a neta por perto. Jody amava Mandy, sentia saudade de nós, de Peachwood, mas havia pegado carinho pelo avô.

E Glenda? Gastando o dinheiro que não era dela, sem se preocupar com quantas vidas ela tinha prejudicado.

Tava tudo mundo fodido.



Rhotenberg deixou a mesa antes de nós. Parecia que relembrar coisas sobre ele ainda o fazia sofrer muito. Quando terminamos, a empregada avisou que tínhamos permissão para circular pela casa. Acabamos passando a tarde no lindo jardim que havia ali.

Fomos convidados para o jantar, mas Rhotenberg não se juntou a nós quando descemos. Julgamos que o melhor momento para falar com ele seria após colocar Jody para dormir. A cada minuto que isso se aproximava, Mandy ficava mais tensa.

— Sr. Walker? — a governanta surgiu no quarto chamando por mim.

Acompanhei-a até a porta e a fechei atrás de mim, quando chegamos ao corredor.

— O Sr. Rhotenberg gostaria de conversar com o senhor.

Mandy estava com a babá dando banho em Mandy e por alguns minutos não daria pela minha falta.

— Tudo bem.

Segui a mulher e, dessa vez, ela me conduziu a um escritório.

— Pode entrar — disse ela antes de se afastar, deixando-me sozinho em frente à porta.

Caleb estava em sua mesa, tragando um charuto. Ele fez um sinal para que ocupasse a cadeira em frente a ele que foi para onde segui. Queria ter essa conversa com Mandy, mas talvez eu me saísse melhor sem o lado emocional dela à flor da pele.

— Você e Amanda estão juntos há quanto tempo?

— Conheço Mandy desde menina, mas estamos juntos em um relacionamento há poucos meses.

— E você a ama?

— Muito.

Não sabia onde ele queria chegar com o interrogatório, mas manteria

a calma.

— Tenho que confessar que tirei conclusões precipitadas. A Jody ama a Amanda e está claro que ela também ama a minha neta. Mas eu não posso abrir mão dela. É tudo que me restou do Steve.

— Sr. Rhotenberg...

— A Amanda pode ficar aqui, com a Jody, me ajudar a criá-la — ele me interrompeu — Mas a minha pergunta é, seu amor por Amanda é altruísta o suficiente para abrir mão dela?

Capítulo 26

Mandy

Dallas não se encontrava no quarto quando fui vestir Jody para dormir. Concluí que ele tinha aproveitado a oportunidade de que eu estivesse ocupada para tentar falar com o Sr. Rhotenberg. Queria ter ido com ele, mas talvez fosse melhor assim. Às vezes deixava que as minhas emoções falassem mais que a minha emoção e se tratando daquele senhor era melhor ter a cabeça fria.

— Den-dy? — Jody mal conseguia manter os olhos abertos.

Depois que percebeu que eu não iria desaparecer a qualquer momento, voltou a se comportar como a garotinha que tínhamos em Peachwood, faladeira e que adorava brincar.

— Não vai *embola*.

A pancada em meu peito foi cruel. Não podia dar falsas promessas a Jody, mas também não conseguia vê-la triste novamente. E com Glenda longe dessa casa, talvez conseguisse um acordo com o avô dela. Eu tinha esperança que Dallas estava nesse momento conseguindo isso.

— Durma, meu amor, eu não vou embora. Eu te amo.

Que Deus me ajudasse a não estar cometendo um erro.

Ela estava agarrada forte à minha mão, mas quando começou a adormecer seus dedos foram afrouxando. Cobri-a e coloquei duas duas novas bonecas favoritas em cada lado de seu corpo e beijei sua testa.

Estava alisando seus cabelos com carinho, quando ouvi a porta ser aberta. Senti a presença dele antes mesmo de me virar e quando o fiz, encontrei-o escorado contra a porta, nos observando.

Ajeitei mais uma vez a coberta de Jody antes de seguir até Dallas.

— Como foi? — indaguei indo direto ao ponto.

Ele ergueu a mão e afastou com os dedos as mechas escapando do rabo de cavalo prendendo meus cabelos.

— Caleb nos convidou para passarmos a noite aqui.

Ter mais algumas horas perto da minha pequena me deixava aliviada. Mas era com o futuro que eu estava preocupada.

— Mas você conseguiu falar com ele sobre a Jody?

— Conversamos sobre muitas coisas, principalmente sobre Jody. Pode ficar tranquila, Mandy — ele acariciou o meu rosto e sorriu — Amanhã acertamos todos os detalhes.

Alguma coisa em seu sorriso não estava me convencendo, mas como sei que ele nunca mentiria para mim, decidi acreditar que era só minha mente

buscando problemas onde não havia.

— Vou buscar nossas coisas no carro — disse ele tocando meus lábios, mantendo sua boca ali por um longo tempo.

Não um beijo, não como os que costumamos trocar, ele apenas tocou sua boca na minha e ficou.

— Dallas?

— Eu já volto.

Saí do meu transe, disposta a segui-lo, mas quando deixei do quarto a empregada me interpelou.

— Vou mostrar os aposentos, senhorita.

Assenti e a acompanhei até o terceiro quarto após o de Jody. Só a suíte valia pela minha casa inteira, observei, impressionada. Não demorou muito para Dallas retornar. Ele colocou nossas bolsas de viagem sobre a cama e avisou que precisava de um banho. Foi um dia cheio de emoções para gente. E a conversa com o Sr. Rhotenberg não deve ter sido fácil. Deixei que ele seguisse até o chuveiro para relaxar.

Aproveitei enquanto ele se banhava, fui até Jody. Eu só queria ver rapidinho se ela estava bem. Continuava dormindo e a babá estava com ela. Beije-a com carinho, ficando alguns minutos e retornei ao quarto. Dallas já havia saído do banheiro quando entrei. Usava um roupão preto, com laço amarrado à cintura e estava com o telefone em mãos.

— Vou ligar para a fazenda. Você toma banho se quiser.

Concordei buscando minha necessaire e as peças íntimas dentro da bolsa e segui para o banheiro. Desfiz o rabo de cavalo e substituí por um coque. Gostaria de enfiar meus cabelos debaixo da água quente, isso me ajudaria a pensar, mas depois, teria que secá-los para dormir e preferia passar esse tempo com Dallas. Minha intuição ainda insistia em dizer que ele estava estranho.

Quando retornei ao quarto, ele já estava na cama, ainda com o celular na mão, olhando-o, desligado. Subi na cama, deitando-me de lado ao lado dele. Ele colocou o aparelho na sua mesinha de cabeceira e se acomodou de frente a mim.

— O que você tem?

Sua mão veio ao meu rosto e ele acariciou minha bochecha com o polegar.

— Quero olhar para você — sussurrou.

— Por quê?

Segurei sua mão absorvendo o calor em minha pele.

— Porque você é linda.

Suas palavras carinhosas causaram um calor em meu corpo e seu sorriso pareceu me iluminar.

— Vem cá, Mandy — Dallas me puxou para os seus braços e me

abraçou forte — Só quero ficar assim com você, tudo bem?

— Tudo bem — me aninhei mais a ele.

Eu não sabia por que, mas estava sentindo um aperto em meu peito, um medo que eu não sabia explicar de onde vinha. Mas os dedos de Dallas em meus cabelos não apenas me acalmaram, como fizeram com que eu pegasse no sono.



Acordei sobressaltada e me sentindo meio confusa. Levei alguns segundos para reconhecer o quarto. O canto ao lado da cama estava vazio. Levei a mão ao peito quando me sentei e só fui respirar aliviada quando avistei Dallas em frente à janela, na penumbra do quarto. Deslizei pela cama e caminhei até ele.

— Amor? — abracei sua cintura, apoiando meu rosto em suas costas
— Perdeu o sono?

Ele alisou os meus braços com carinho antes de responder.

— Na verdade, não dormi ainda.

Ele soltou os meus braços e se virou para mim.

— Promete algo para mim?

Eu seria incapaz de negar qualquer coisa que ele me pedisse.

— O que você quiser.

— Nunca se esqueça que eu te amo.

— Dallas...

— Só me promete isso — ele sussurrou antes de buscar os meus lábios e me beijar com sofreguidão.

— Eu prometo.

Com um tranco, ele me pegou em seu colo e as minhas pernas rodearam sua cintura. Voltamos a nos beijar com desejo e paixão. Não retornamos à cama como imaginei. Ele nos conduziu até uma cadeira poltrona, onde se sentou comigo sobre ele.

Fiquei de joelhos em cada lado de suas coxas. Dallas me beijava com mais fome e suas mãos corriam das minhas costas até minha bunda, ele apertava minhas nádegas com vontade e me fazia erguer, esfregando seu quadril em mim. Era uma fricção deliciosa sentir o seu pau endurecendo, resvalando em minha boceta, começando a ficar úmida.

Ele me fez curvar para trás e abaixou com pressa as finas alças da minha camisola. Soltou um pequeno grunhido ao ver meus seios expostos e quando levou um dos mamilos à boca, saltei em seu colo, gemendo. Ele chupava meus seios como um bezerrinho recém-nascido e faminto. As fisgadas de prazer faziam pressão em minha boceta e eu me esfregava ainda mais forte contra ele.

E a tortura não parou por aí, suas mãos alisaram minhas coxas,

entrando por baixo da camisola. Ele encontrou o meu clitóris e começou a esfregar.

— Ah — tombei mais minha cabeça para trás, seu polegar esfregando em mim e a boca faminta devorando meus seios.

Estava derretendo de tanto tesão. Mas não queria estar nessa sozinha. Corri minhas mãos pelo peito musculoso e nu, pela barriga bem definida, chegando à calça de seu pijama. Enfiei meus dedos dentro dela e puxei seu pau rígido para fora.

— Caralho, Mandy! — ele urrou, levantando mais o quadril quando comecei a deslizar minha mão em seu pau, para cima e para baixo.

Ele me levava ao limite e eu testava os dele, provocando um ao outro até que não conseguíssemos mais suportar.

— Eu quero você — ergui meu quadril e me posicionei para descer em seu pau.

— Não dá para tomar o remédio de novo — ele me alertou.

— Eu não me importo — gemi ao sentir a cabeça de seu pau começando a me alargar.

— Mandy... — ele ainda tentou agarrar minha cintura, mas apoiei minhas mãos em seus ombros e descí deliciosamente sobre o seu pau.

— Oh, porra!

Toda minha pele se arrepiou ao ser empalada por ele. Dallas tirou

uma das mãos de minha cintura e agarrou o meu seio, abaixou a cabeça, esfregando o outro mamilo com a língua. Usei seu ombro como suporte e comecei a me mover. Para cima e para baixo em seu pau. Às vezes saltava em seu pau até suas bolas, outras, deslizava para frente e para trás, encontrando um ritmo que nos fazia delirar e suar de prazer. Aprendi que gostava de ficar no controle e amava ver Dallas perder o dele comigo.

— Aim... — ele gemeu em uma voz abafada — Caralho, Mandy!

Ele segurou firme minha cintura e começou a socar forte dentro de mim.

— Aii... assim... — implorei, o prazer ganhando cada vez mais força dentro de mim — Aii... eu vou...

Cravei minhas unhas em seus ombros. A minha boceta parecia se apertar ainda mais em volta de seu pau, a pulsação aumentando, me queimando. E quando fechei os meus olhos, deixei o orgasmo absorver tudo de mim.

Dallas agarrou meus cabelos, puxando meu rosto para o dele, pressionou minha boca com a sua, então, deixou seu prazer jorrar dentro de mim.

Ele me abraçou muito forte, como se temesse me soltar e tive certeza, eu não estava imaginando coisas, havia algo de muito errado.

— Dallas?

— A gente fala sobre isso amanhã — beijou meu pescoço — E, Mandy, independente do que aconteça, eu amo você. Agora eu só preciso te abraçar.

E eu só precisava de Dallas sempre comigo. O que eu nunca teria imaginado era que essa escolha estava prestes a ser arrancada de mim.

Despertei com seus dedos acariciando meus cabelos. Sorri toda preguiçosa e notei que ele já estava vestido.

— Que horas são? — indaguei, sentando-me na cama.

— Já passa das oito.

— Por que não me chamou? Será que a Jody já está acordada.

— Tomando café lá embaixo.

— Vou me aprontar em um minuto — saltei da cama, mas antes de ir para o banheiro voltei para dar a ele um beijo de bom dia — Vamos conversar com o Sr. Rhotenberg antes ou depois do café?

— Antes, ele espera por nós na biblioteca.

— Ok. — beijei seus lábios mais uma vez e corri para o banheiro.

No fim, tudo ficaria bem.

— O que vocês conversaram ontem? — cochichei para Dallas a caminho da biblioteca.

— Rhotenberg está disposto a fazer um acordo com você para que fique com a Jody.

Meu coração deu saltos de alegria. Chegava de lágrimas para mim e para Jody.

— Você conseguiu isso, não é? — apertei forte a sua mão enquanto ele acelerava os passos — Eu sabia que tinha sumido ontem por isso. Ah, Dallas, vamos ser felizes de novo. Nós três e...

Paramos em frente à porta e diferente de mim que explodia de alegria, Dallas exibia um olhar angustiado.

— Vamos entrar e ouvir o que Rhotenberg tem a dizer.

— Mas...

Fui impedida de indagar o que havia de errado com ele, quando abriu a porta. Era para estarmos comemorando isso juntos. Nossa viagem tinha sido um grande sucesso, não tinha?

— Bom dia, Amanda — cumprimentou o avô de Jody.

Ele estava no mesmo lugar que nos recepcionou no dia anterior.

— Bom dia Sr... Caleb.

Ainda era estranho me dirigir a ele de um jeito tão informal.

— Sente-se, por favor.

Eu preferia ficar de pé, mas não queria começar a conversa contrariando o homem. Se ele estava disposto a fazer um acordo para me devolver Jody, era melhor mantermos um relacionamento amigável.

Dallas, no entanto, ficou em pé ao meu lado. Eu vi que suas mãos

fecharam duramente. O que Caleb poderia dizer que estava atormentando-o tanto?

— Eu tive uma conversa bastante esclarecedora com o Sr. Walker ontem à noite. Admiti a ele que talvez a tenha julgado mal.

Talvez? Esse homem nunca dava o braço a torcer? Ele tinha me julgado completamente errado. Mas mantive a minha decisão de não entrarmos em atrito.

— E que a minha neta tem uma adoração profunda por você.

— A Jody me ama.

— E tem profunda aversão pela Glenda — seguiu ele — O pouco tempo que as duas tiveram juntas me fez perceber muitas coisas. Primeiro, aquela mulher seria uma péssima influência para ela, por isso dei o dinheiro para que partisse. Segundo, Jody sofre muito sem você.

— Eu sofri muito com a ausência dela — destaquei, depois busquei a mão de Dallas e sorri — Todos nós sofremos. Que bom que o senhor consegue ver que só dei amor a ela e recebi o mais lindo amor de volta.

Eu começava a relaxar, acreditar que tudo ficaria bem. Caleb finalmente tinha enxergado que seu desejo em ter Jody custe o que custar, tinha magoado muitas pessoas, principalmente sua neta.

— Por isso estou de acordo que você é Jody fiquem juntas — ele disse as palavras que esperei tanto ouvir — Com duas condições, se você

concordar.

Condições?

Trazer Jody para visitá-lo? Ir à fazenda sempre que quisesse? Ter algumas semanas de férias com ela? Ou viajar para algum lugar exótico do mundo?

— A primeira, precisa encerrar o novo processo que abriu...

Tudo bem, entraríamos em acordo e ele me entregaria Jody de bom grado, não via por que não fazer isso.

— A segunda, terá que morar aqui.

— Como?

Fiquei em pé, encarando-o, incrédula.

— A Jody mora aqui agora. Mas ela precisa de você. Será bem-vinda à minha casa e poderá acompanhar o crescimento dela...

— Mas eu não posso fazer isso! — encarei-o furiosa — Eu... o Dallas... nós vamos no casar.

— Srta. Temple...

Voltamos a ser senhor e senhorita, pelo visto.

— Vou fazer a mesma pergunta que fiz ao Sr. Walker — disse ele me encarando, impassível — Seu amor por Jody está acima de tudo?

Eu não podia medir meu amor por eles dessa forma. Os dois eram importantes em minha vida. Jody me completava como mãe, e Dallas, o

homem que amei por tantos anos em segredo, me completava como mulher.

— Sr. Rhotenberg...

— Vou deixar que conversem e tomem uma decisão.

Ele caminhou rumo à porta, dei uns dois passos vacilante em direção a ele.

— Sr. Rhotenberg! — gritei para a porta se fechando.

Atordoada, virei para Dallas. Ele encarava o chão. Mesmo quando briguei com ele ao arrancarem Jody de mim, não o vi tão abatido.

— Dallas — o chamei em uma voz fraca.

Ele ergueu o olhar e em segundos eu estava em seus braços.

— Diz que não é verdade — solucei.

— Sinto muito, Mandy.

Eu estava de novo me vendo presa em um pesadelo. Agarrei-me a ele desejando que isso pudesse me fazer acordar.

— Não é verdade — não estava conseguindo aguentar.

Eu não iria conseguir perdê-lo. Por que para ter um eu tinha que abrir mão do outro?

— Ele não pode fazer isso comigo. Não pode me obrigar a escolher... eu...

A dor rasgando em meu peito foi forte e intensa o suficiente para calar minha voz. Que tipo de pessoa era Caleb Rhotenberg para exigir uma

crueldade sem tamanho. Deixar Dallas significava arrancar e enterrar meu coração. Abrir mão de Jody destruiria o meu espírito e Jody sofreria muito também.

— Você não vai, Mandy — ele segurou o meu rosto e quando vi a determinação em seu olhar, desabei de vez — Fiz isso por nós dois. Nunca a colocaria nessa posição. Você fica com a Jody porque ela precisa de você...

— Mas eu também preciso de você — pranteei, soluçando forte — Eu te amo. Ai, meu Deus, eu te amo tanto.

Acaricieei o seu rosto onde também via as lágrimas correrem, colhi quantas consegui, beijando sua face.

— Eu te amo tanto — repetia entre os beijos.

Dallas cobriu minhas mãos com as suas e encostou nossas testas.

— A gente vai dar um jeito, Mandy. Não sei como, mas não vou deixar você perder a Jody de novo. Vou voltar para Peachwood e...

Ele se calou, a dor era tão visível nele quanto em mim. Tivemos tão pouco tempo. Estávamos tão felizes e esperançosos em relação ao futuro.

— Vamos voltar a ficar juntos, tudo bem?

Não estava bem. Como estaria bem se meu coração estava morrendo?

— Você... — ele se afastou um pouco e olhou cheio de amor para a minha barriga, tocando-a com os dedos trêmulos — Me conta se...

Confirmei com a cabeça, havia uma pedra entalada em minha garganta me impedindo de falar.

— Promete, Mandy?

— Eu prometo — consegui dizer.

Quanto tempo levaria para descobrir se eu tinha engravidado? Uma semana? Um mês? Um dia longe de Dallas já era tempo suficiente.

— O que eu vou fazer sem você? — solucei me agarrando a ele.

— Vai continuar a ser forte — ele ergueu minha cabeça — É a mulher mais forte que já conheci. Eu te amo, Mandy. Sempre vou te amar.

O frio, a dor, a tristeza, tudo isso ia embora quando Dallas me beijava. Só havia amor, carinho e felicidade em estrar em seus braços.

Ele se afastou de mim e o pânico começou a me dominar.

— Eu prometo ligar sempre — prometeu ele.

A cada passo para trás que ele dava, eu dava outro para frente em sua direção.

— Diz para a ovelhinha que eu a amo?

— Por favor — estendi minha mão a ele — Eu tinha você, mas não podia ter a Jody. Agora eu tenho a Jody e não posso ter você comigo?

Por que eu sempre tinha que perder alguma coisa para conquistar outra?

— Você nunca irá me perder, Mandy — Dallas beijou minha mão e

levou ao seu peito — Porque sempre estará aqui dentro. E quem sabe eu esteja mais do que dentro do seu coração.

Comecei a chorar e, então, ouvi sua voz ecoar pela sala.

Eu não sou perfeito

Sou só um homem qualquer

Mas eu vou te dar tudo o que eu sou

Era parte da música que eu tinha escolhido como nossa.

— Nossa canção, lembra?

E eu tentarei amar só você

Eu tentarei o meu melhor pra ser verdade

Oh, querida, eu tentarei

— Ouça-a quando sentir saudade — pediu ele, soltando minha mão lentamente, voltando a se afastar — Amor, de alguma forma vou trazer vocês de volta para mim. Mas nunca se esqueça do que te disse ontem à noite.

Que ele me amava acima de tudo. Observei impotente ele abrir a porta e sair. O desespero me paralisava e um grande vazio começava a ganhar espaço em meu coração.

— Dallas! — corri até a porta fechada onde apoiei minha testa — Eu preciso de você.

Para viver. Para respirar.

Capítulo 27

Dallas

Cinco dias! Haviam-se passado cinco malditos dias desde que minha vida havia se transformado em um inferno. Dessa vez, meu estado de espírito era muito diferente. Antes, embora machucasse ficar longe de Mandy, eu sabia que ela só estava ferida com a situação, e que voltaria para os meus braços; meu grande inimigo foi a saudade que tinha dela, por tê-la tão perto e não poder tocá-la. Agora, estávamos sendo vítimas de uma ação egoísta de um homem que só poderia ter o coração feito de gelo. Não escolhemos isso. Eu não queria ficar longe da Mandy e me aniquilou ver como ter que deixá-la a destruiu, mas foi preciso, pelo bem de Jody.

Só que essa ferida causava dor em meu peito, sangrava muito todos os dias. Eu não estava mal-humorado como antes, estava triste e, por isso, as pessoas tendiam a me deixar em paz. Bom, exceto Clyde, que às vezes arriscava dizer que eu não podia me dar por vencido e lutar. Mas não era uma questão só de lutar. A decisão que tomei levava tempo e planejamento para ser executada.

— Xerife? — Derek apareceu em minha porta — O supervisor já está aqui.

Pedi que Bert Lane viesse, pois, precisava comunicar a ele de minha decisão.

— Peça que ele entre.

— Olá, Dallas, desculpe não ter vindo com a urgência que me pediu, mas levei mais tempo na outra cidade que imaginei.

— Desaparecimento das crianças?

— Exatamente. Já são seis e ninguém tem qualquer pista.

Qualquer crime que envolvia principalmente crianças e idosos deixavam os policiais putos. Eram indefesas e incapazes de se defenderem sozinhas.

— Mas estou aqui. O que precisa de mim?

Como o assunto também envolvia minha vida pessoal, comecei falando sobre Mandy, nosso relacionamento e o caso de Jody.

— Um policial correto primeiro tem que valorizar sua família — disse ele, compreensivo. — Vou ajeitar as coisas para você. Mas sabe que a qualquer momento...

— Eu sei. Mas já tomei minha decisão e preciso seguir em frente.

— Vou cuidar de tudo.

— Obrigado, senhor.

Respirei aliviado. Um passo já tinha sido dado. Mais um passo em direção a Mandy.



Estava difícil me concentrar no trabalho quando sabia que em algumas horas falaria com Mandy. Eu ligava pelas manhãs e todas as noites depois do jantar. Colocava-a a par de tudo que acontecia em Peachwood, dava o recado das pessoas, e havia muito deles, e ouvia o dia dela e de Jody. E, claro, as respostas dela e recados para todas as pessoas que amava e também sentia saudade.

Por isso quando o telefone em minha mesa tocou levei um susto e imediatamente atendi.

— Xerife Walker? — reconheci a voz e o jeito sensual de falar comigo.

Cora.

— Estou na cidade outra vez. E olha só, aquele velho problema no encanamento. Será que poderia vir me ajudar.

Não tive notícias dela desde que viajou a trabalho e eu notei uma garota linda e maravilhosa.

— Quando você chegou?

— Hoje de manhã.

Ou ela não tinha saído de casa ainda ou não cruzara com uma boa fofoqueira para saber como a minha vida tinha mudado.

— Estarei aí em alguns minutos para dar um jeito no encanamento.

Ouvi sua risada sensual, mas não compartilhei dela.

— Sabia que não iria me desapontar, Xerife.

Meia hora depois estava acomodado em sua cozinha, mas em vez de uma garrafa de cerveja, bebia um grande copo de chá gelado. E a única peça fora do meu corpo era meu chapéu em cima da mesa.

— Sabe, quando me disse que daria um jeito no meu encanamento, tive esperança que fosse da antiga forma.

Fazia apenas cinco minutos que o encanador que havia chamado para cuidar do trabalho, havia deixado a casa dela.

— Quando você foi embora, ainda era um homem livre e sei que deixei possibilidades em aberto.

Ela tomou um gole de chá e olhou curiosamente para mim.

— Mas não está livre agora — ela suspirou, juntando as mãos sobre o joelho — A Mandy, do Café, quem diria.

— Ela não é só a Mandy do Café. É inteligente, divertida. Generosa. Doce. A Mandy é a pessoa mais incrível que eu já conheci. Não há ninguém como ela.

— Nossa! Você está mesmo apaixonado — provocou ela, mas não parecia estar chateada — Você é um cara legal, Dallas. Outro homem teria esfregado a namorada em minha cara, sem se importar com o que sinto.

— Cora, não é porque eu não me apaixonei por você que a trataria como um pedaço de carne. A gente se divertiu juntos.

— Nos divertimos mesmo — ela suspirou e sorriu mais uma vez — Mas ainda há dois irmãos Walker por aí.

Eu não sabia se ela estava apenas brincando, de qualquer forma, isso não me importava.

— Fique bem, Cora — disse ao me levantar.

— Que você recupere logo a sua garota incrível, Xerife.

Eu tinha certeza disso. Por enquanto, só era uma questão de tempo.

Não sei por que eu gostava de fazer as ligações do celeiro. Na mesma cama de palha que Mandy e eu tínhamos nos amado. E ouvia primeiro a respiração suave de Mandy. Era como se precisássemos desses pequenos segundos para nos conectar.

— Dallas...

Ela sempre era a primeira a falar, como se não aguentasse mais um segundo sem poder ouvir a minha voz. Eu a entendia, comigo acontecia o mesmo.

— Oi, amor. A Jody já foi dormir?

— Estava esperando sua ligação.

Então, ouvi o sussurro entre elas e me deitei sobre a manta cobrindo a palha.

— Das-das! — Jody gritou empolgada no telefone — *Azenda!* Pega Jody. E a mamãe.

Agora, poucas vezes ela falava Mandy. E eu começava a me perguntar se algum dia teria o direito de ela me chamar de pai.

— Eu vou trazer, ovelhinha, muito em breve.

Nem que fosse para uma visita.

Ouvi por uns dez minutos Jody contar e recontar o que lembrava ter aprontado no dia. Vez ou outra ela soltava um vovô e eu fazia o possível para que isso não estragasse nosso contato.

— Eu vou colocá-la na cama — avisou Mandy ao pegar o celular de volta — Retorna em alguns minutos?

— Vou aguardar ansioso.

Fui até a janela e olhei para o céu. Essa noite estava nublado, bem diferente do céu estrelado que dividi com Mandy. Direcionei meu olhar para o resto da fazenda. Os hectares de terra. O rebanho pastando ao longe. Os peões finalizando os últimos trabalhos. Havia tanta vida aqui. Eu amava muito a fazenda.

Deixei esses pensamentos de lado, olhando para o relógio, dando-me conta que já podia ligar para Mandy.

— Eu conto cada segundo do meu dia para poder ouvir sua voz — declaro assim que ela atende.

— Ao lado dos meus momentos com a Jody, essa é a parte mais feliz do meu dia.

Nós tínhamos tão pouco e, ao mesmo tempo, era tudo para a gente.

— Dallas? Quando isso vai acabar?

— Muito em breve, acredite.

Não tinha contado a Mandy o que havia decidido porque sabia que ela não iria concordar.

— Tem falado com Caleb? — mudei rapidamente de assunto.

— Só questões relacionadas a Jody. Não consigo ficar muito tempo ao lado dele.

— Mandy...

— Ele separou a gente — o tom de voz denunciou que ela tentava segurar a emoção — Eu nunca vou perdoar isso.

— Você vai, sim. Me perdoou por não ter deixado você fugir.

— Isso é bem diferente.

Não havia comparação realmente, mas eu sabia que se algum dia Caleb decidisse mudar sua postura e ser alguém melhor, Mandy iria dar a ele uma segunda chance. Contudo, não insisti no assunto.

— Eu fui à casa da Cora hoje.

Prendi o ar, pois não sabia como ela iria reagir, mas não podia esconder ou omitir isso dela.

— Eu tinha que deixar as coisas claras, Mandy — apressei em dizer diante de seu silêncio prolongado — Que eu amo você. E não me interessa nenhuma outra.

— E como ela reagiu?

— Está torcendo por nós.

— Hum... ela não é uma garota ruim.

Eu não teria nem mesmo como amante uma garota ruim.

— Ela não é?

— Quando você vem para cá? Estou com saudade. Acha que vem para a Ação de Graças?

— Preciso ver, Mandy. Tem muita coisa para resolver na delegacia. Queria passar a Ação de Graças com minha família.

— Mas posso ir um dia antes.

— Eu tinha sonhado tudo diferente. Maldita hora que aquele advogado apareceu no Café.

— E teve notícias de Glenda?

— Ligou pedindo mais dinheiro, soube disso porque ouvi Caleb gritar do quarto dele quando Jody e eu passamos pelo corredor.

Glenda era mesquinha e mercenária, mas Caleb estava merecendo.

— Dallas, acha que fizemos o certo em desistir do processo.

Adam tinha dito que não. O fato de o juiz e Caleb terem uma ligação

de amizade, era suficiente para que no recurso fosse pedido outro juiz, mas levaria dias, ou até semanas, não conseguia pensar em Jody e Mandy passando pelo processo doloroso de separação de novo.

— A gente poderia ter ganho — disse ela.

— Mas poderíamos ter perdido também. Amor, é só um tempo.

Que nenhum de nós dois estava conseguindo suportar.

— Eu tenho muita saudade.

— Eu sei — sussurrei olhando para o céu tão nublado como eu me sentia por dentro — Eu também.

E doía feito o diabo.



O dia de Ação de Graças era para ser especial. Para agradecer as bênçãos recebidas e ter belos momentos com a família, mas esse ano não era assim, por Mandy e Jody não estarem com a gente e, principalmente, para mim porque não consegui ir até elas no dia anterior como prometi.

No dia seguinte completaria três semanas que tinha deixado San Antonio e as duas garotas da minha vida. A distância estava me matando, eu precisava colocar na cabeça que essa situação era provisória.

— Nós agradecemos todas as graças que tivemos este ano — disse Lola, finalizando os agradecimentos — E pedimos que no ano que vem essas

duas cadeiras não estejam mais vazias.

Sentia ter que no futuro desapontá-la. A probabilidade de Mandy e Jody ocuparem esses lugares novamente até o momento eram nulas.

A refeição foi feita a maior parte em silêncio. Um ou outro arriscava falar alguma coisa sem importância. Clyde foi o primeiro a deixar a mesa jogando seu guardanapo. Austin saiu atrás dele e Lola decidiu começar a guardar a refeição que havia sobrado. Aproveitei ter apenas eu e meu pai para chamá-lo para uma conversa no escritório.

— Pai, você disse que quando chegasse o momento, esperava que eu fizesse a coisa certa.

Lamentava dar a notícia a ele justamente nesse dia, mas em algum momento ele precisaria saber.

— Eu tomei uma decisão importante, que afeta Peachwood, mas principalmente a nossa família. E espero que possa compreender.

Capítulo 28

Mandy

Estava tentando ter um relacionamento no mínimo educado com o avô de Jody. Mas eu passava a maior parte do tempo evitando-o e a casa era grande o suficiente para que eu tivesse sucesso com isso. Sabia dos horários que Caleb reservava para ficar com a neta, a babá ficava em meu lugar fazendo companhia.

Mas hoje era Ação de Graças e não teria como evitá-lo à mesa. Fiz todo o esforço possível para que, pelo menos, para Jody, esse dia fosse agradável.

Nos anos anteriores, eu tinha comemorado o dia com a Sra. Chan. E mesmo sendo apenas nós três, havia muito calor e alegria na mesa. Bem diferente de hoje. A mesa estava farta, não dava para comparar, mas o silêncio enquanto comíamos causava uma tensão estranha. Além disso, estava triste que Dallas não tinha conseguido nos visitar. Eu nunca fiquei tanto tempo longe dele, nem mesmo quando o amava à distância. Pelo menos eu o via no Café. Agora, só tinha uma foto que me pegava olhando todas as noites e as ligações e mensagens no fim do dia.

— Não a tenho visto ultimamente, Amanda — disse Caleb, puxando

assunto — Está me evitando ou fugindo de mim?

— Sr. Rhotenberg, estou aqui para cuidar da Jody — olhei-o duramente — Não há necessidade para que tenhamos qualquer tipo de relação além disso.

Ele tinha me tirado tudo e achava mesmo que deveria ser grata a ele por nos trancar nesse castelo bonito, mas frio?

— Eu pensei que se tentássemos...

— O senhor nunca quis saber da Jody e depois de três anos, simplesmente achou que poderia pegar e levá-la embora. Não sentou comigo, não quis saber como era a vida dela. Se era feliz. Simplesmente comprou o juiz a roubando de mim — toda essa revolta esteve presa em mim por muito tempo, agora, era como se as comportas tivessem sido abertas e eu não pudesse mais segurar — Me afastou de quem eu mais amava, além dela, e acha mesmo que vou sentar à sua mesa e agir como se fôssemos amigos?

— Eu não comprei o juiz. Conversei com ele, mas não joguei sujo.

— Vocês frequentam o mesmo clube!

Havia as fotos que Peter tirou e se não tivéssemos cedido à chantagem dele, talvez, nesse momento, Jody e eu poderíamos estar na fazenda, comemorando o dia de Ação de Graças com todas as pessoas que amamos e sentimos saudade.

— São amigos. Há fotos dos dois, Sr. Rhotenberg, não tem como

negar isso!

Bati sobre a mesa e isso fez Jody me olhar assustada. Garanti a ela que estava tudo bem e me obriguei a me controlar.

Caleb se mostrou surpreso com minha acusação, mas logo voltou à expressão impassível.

— Conheço o Tucci há alguns anos. Confesso que quando soube que ele seria o juiz do caso, fiquei feliz. Ele sabe o que sua irmã Glenda fez com Steve. A sua irmã seduziu o meu filho e quando viu que não tiraria nada de mim, além da pequena fortuna que lhe dei, partiu sem olhar para trás. Sabe o que isso significa para um autista?

Não conhecia a história com profundidade, mas o pouco que ele contava, fazia com que me sentisse mal.

— O Steve morreu por causa dela. Um dia ele viu uma moça de costas muito parecida, atravessou a rua sem olhar e... — ele inspirou fundo antes de continuar — Sabe por que eu não fui atrás da Jody antes? Eu a pressionei, mas nem ela mesma tinha certeza se Steve era o pai. Na época, estive furioso demais para tirar a dúvida. Mas depois que ele partiu, a minha consciência não me deixava dormir. E se ela fosse? E se minha neta estivesse vivendo por aí com a louca da sua irmã e estivesse sofrendo as piores atrocidades? Então, contratei um detetive particular. Achei a Glenda, mas já não estava com ela. Isso me deixou furioso. Que tipo de mãe age assim? Uma

mãe como Glenda e a mãe de Steve.

Ele fez uma pausa, levando as costas da mão trêmula à boca.

— A mãe do Steve não soube lidar com um filho deficiente. Ela foi embora quando ele tinha um pouco mais que a idade da Jody. Como pode ver, não tenho muito motivos para confiar nas mulheres. Por que deveria confiar em você?

— As pessoas não são iguais, Sr. Rhotenberg — acusei, mas dessa vez, sem tanta agressividade na voz — Nunca me deu uma oportunidade de mostrar quem eu sou.

— Sabe o que Glenda disse? O mesmo discurso que fez para o juiz e que ainda havia entregado a você, metade do dinheiro que dei a ela.

Isso não me surpreendia. Para conseguir o que queria, Glenda seria capaz de tudo.

— Mas isso não foi verdade, não é?

— Eu levava a Jody para trabalhar no Café enquanto trabalhava. A nossa casa era simples, e minha caminhonete vivia quebrada — sequei as lágrimas que escaparam de meus olhos — Nunca toquei em um centavo do dinheiro sujo dela. Ainda assim, mesmo levando uma vida modesta, Jody e eu éramos felizes.

— Jody está feliz — murmurou ele — Mas você não está.

— Ela não está feliz. Está calma porque estou aqui. Mas pergunta

sobre a fazenda, as pessoas que amamos e quando vamos voltar para casa.

— Pensei que ela poderia ser feliz aqui — confessou ele, agora, olhando com carinho para Jody, distraída com a sobremesa — Que poderia dar tudo a ela...

— Há coisas que o dinheiro não compra.

Sua atenção voltou para mim e parecia ter envelhecido uns vinte anos.

— Você pode ter razão — disse ele, ficando de pé com certa dificuldade — Preciso resolver algumas coisas. Feliz Ação de Graças para você.

Será que em vez de ter mantido distância de Caleb Rhotenberg, eu deveria ter tentado me aproximar? Apesar de um pouco acalorada, nossa conversa tinha sido esclarecedora para ambas as partes, e importante.

A verdade é que estava vivendo entre o céu e o inferno por tanto tempo que agi exatamente como acusei Caleb, de ver apenas o que eu conseguia enxergar.



Caleb

Cometi um erro. Na verdade, vinha cometendo uma sucessão de erros desde que expulsei Glenda Temple da minha casa e da vida do meu filho há um pouco mais de três anos.

Primeiro, eu deveria ter mantido Glenda por perto até poder fazer o exame que confirmaria que Steve era realmente o pai de Jody. Mas na época, a única coisa que quis foi manter aquela mulher inescrupulosa longe do meu filho. Ela queria dinheiro e dei a ela para que desaparecesse.

Depois, eu deveria ter visitado Amanda. Contado sobre Steve, pedido para ver e visitar minha neta e, assim, ter enxergado como as duas se amavam. Mas além de me sentir culpado pela morte de Steve, por não ter protegido-o como deveria, decidi que Amanda era tão vil como a irmã e preferi acreditar nas mentiras que Glenda contou sobre ela.

Mentiras que logo foram descobertas ao ver como a pequena Jody sentia falta de sua Den-dy e nenhum carinho por sua mãe biológica. Comprei Glenda para que me entregasse a menina e fosse embora, mas não conseguia, por mais que me esforçasse muito, sorrisos da menina. Uma casa bonita, um quarto cheio de bonecas, comida que gostava e uma babá atenciosa não foram suficientes para fazer Jody melhorar.

E quando o casal surgiu e vi a emoção que a menina sentiu e voltava a sorrir, cometi o erro mais grave de todos ao coagir Walker, levado pelo amor que sentia pelas duas, a abrir mão delas para que elas fossem felizes.

Nos negócios era preciso ter mãos de ferro e ser implacável. Minhas vontades eram executadas e o que pedia virava lei, mas no campo sentimental, as coisas não funcionavam assim. Amanda tinha razão em tudo o que me disse, mas uma coisa se destacava mais. Jody poderia estar morando aqui, mas essa casa não era o seu lar.

Mas eu conseguiria abrir mão dela quando era tudo o que havia me restado do meu filho Steve? Suportaria ver essa grandiosa mansão silenciosa novamente?



Mandy

Eu não estava grávida. Constatei isso no dia anterior ao de Ação de Graças. Fiquei dividida entre desapontamento e alívio. No fim, ouvindo a voz da razão, o alívio venceu. Queria ficar com Dallas, me casar com ele e termos filhos no futuro, exatamente nessa ordem. Não dava para complicar a vida mais do que já estava.

Apesar de ainda estar me sentindo muito magoada com o avô de Jody por me manter aqui contra a minha vontade, e ainda mais usando-a para esse fim, precisava ser capaz de, ao menos, tentar admitir que o Sr.

Rhotenberg talvez não fosse tão ruim como eu havia pensado.

O que eu tinha que fazer agora era seguir o plano que tinha na cabeça quando pisei nesta casa a primeira vez, pouco a pouco conquistar a confiança do Sr. Rhotenberg e mostrar a ele que eu não era igual a Glenda e a mãe de Steve. Esse parecia ser o único jeito de ter uma oportunidade de voltar para casa, levando Jody comigo.

— Mamãe? — Jody empurrou minha perna e me mostrou o meu telefone.

Ainda me emocionava muito ouvir Jody me chamar assim. E a primeira vez que ouvi, fiz um juramento silencioso que sempre seria isso para ela, uma mãe que a amava e sempre a protegeria.

— Liga Da-das — pediu Jody, subindo em meu colo para entregar o telefone — *Volta pa casa. Azenda.*

As duas vezes que saímos de carro foi para comprar algumas coisas que eu precisaria, já que tudo o que eu tinha havia ficado em Peachwood. Usamos o serviço de táxi na primeira e, na segunda, Caleb pediu que fôssemos com o motorista. Por isso, para ela, carro significava Dallas e ele significava a nossa casa na fazenda.

— Em breve voltaremos para a nossa casa, meu amor — brinquei com o nariz dela — A mamãe te promete.

— Amanhã?

Para as crianças da idade dela, amanhã podia ser daqui a uma hora ou semanas.

— É, amanhã — a coloquei de volta no chão, sabendo o que poderia distraí-la — E o que você acha de pegarmos algumas flores para o jantar?

Depois da conversa tensa que tive com Caleb, após a refeição do Dia de Ação de Graças, levei Jody para o jardim que era uma das partes da casa que ela gostava muito.

— Tá bom.

E ao colocar Jody no chão, notei algo que me deixou pouco surpresa. O Sr. Rhotenberg estava parado ao lado da fonte olhando para nós. Há quanto tempo ele tinha ficado nos observando?

Não tive a chance de perguntar isso, ele rapidamente desapareceu em direção à casa.

— Muito estranho — disse mais para mim mesma do que para Jody.

Capítulo 29

Dallas

Eu não estava morrendo ou indo para outro continente, mas para a minha família era como se fosse. Primeiro Julianne, que havia se mudado para New York, agora eu estava de partida para San Antonio.

Um dia, eu tinha jurado que nunca deixaria Peachwood, a fazenda, o cargo de xerife e, principalmente, a minha família, mas as coisas mudaram e meu coração agora estava onde Mandy e Jody estavam. Todos estavam tristes com a minha partida, e eu sentiria muitas saudades deles, mas como meu pai disse há algum tempo, chegaria o momento que eu precisaria fazer a coisa certa e o certo era encontrar as minhas meninas.

— Eu sempre tenho alguma coisa para fazer em Houston — disse Clyde ao me ajudar a colocar as malas no carro — De lá até San Antonio é um pulo, então, não pensa que se livrou de mim.

Na verdade, a distância de Peachwood até Houston era de mais ou menos uma hora de viagem, de lá até San Antonio eram 314 km, o que daria mais 3h05min, então, não era a distância de meia bota como ele fazia querer parecer, mas tinha certeza que Clyde ou qualquer um deles não daria a mínima importância para a distância que agora iria nos separar.

— Assim que você nasceu, eu soube que jamais iria me livrar de você, garoto — retruquei e o puxei para um abraço e sussurrei apenas para que ele escutasse — Cuida do Austin.

De toda a família, Austin era o que menos sabia lidar com separação. Acho que porque foi o único que não conseguiu ver nossa mãe com vida pela última vez. Ele ficou mal quando Julianne foi embora, quando Emma precisou se ausentar por um tempo, quando Penelope se foi levando o pequeno Benjamin e nem tinha se recuperado do baque da partida de Jody, quando soube que Mandy não havia retornado comigo.

Enquanto Clyde e eu tendíamos a botar para fora nossos sentimentos, Austin os guardava a sete chaves. Ficava ainda mais quieto e calado que o habitual. Era difícil saber se ele estava sofrendo muito ou apenas pensativo.

Por isso, nossa despedida havia sido mais cedo. Austin nunca admitiria isso, mas não iria levar numa boa me ver entrar na caminhonete e partir.

— Quando chegar lá, liga imediatamente — disse Charlotte secando os olhos úmidos.

Sentiria muito a falta dela, passou a ser uma pessoa muito importante em nossas vidas.

— Eu fiz esse lanchinho para você comer no caminho — disse

Emma, seu lado mãezona sempre falava mais forte — Guarde alguns para a Jody, ela ama, principalmente os de chocolate.

Eu poderia parar e comer quando fosse abastecer, mas Emma nunca me deixaria sem os seus cookies e bolinhos.

— Obrigado, Emma.

Seu abraço apertado e caloroso tocou-me de uma forma que não esperava. Emma foi a mãe que me faltou por mais da metade da minha vida. E quando nos afastamos ela levou o avental aos olhos e retornou para dentro de casa chorando.

— Pai?

Ele parecia firme, mas eu sabia que não estava. A fazenda foi dada a nós e trabalhamos muito para que ela chegasse ao que é hoje, pois, o desejo dele era que seus filhos fossem sempre unidos e ficassem perto um do outro. Ele nunca se deu muito bem com o pai de Penelope e desejava que o relacionamento entre os filhos fosse diferente.

— Não importa o caminho que precise seguir, sempre terei orgulho do homem que você se tornou — seu abraço era forte e firme, exatamente como ele — Mas eu vou sentir saudade.

Foi preciso muito esforço para engolir o nó se formando em minha garganta, principalmente quando olhei em volta da fazenda pela última vez, tendo-a como meu lar.



A primeira coisa que queria fazer ao chegar em San Antonio, depois de deixar as malas no hotel onde iria me hospedar, era correr até Mandy. Mas havia uma pessoa que eu precisava ver primeiro. Alguém que precisava enfrentar. Quem tentou ditar nossos destinos, mas que o poder que achava que possuía não era maior e nem mais poderoso que o amor que sentia por Mandy e Jody.

— Sr. Walker? O Sr. Rothenberg irá recebê-lo no escritório.

Assenti e segui a governanta até a sala onde seu patrão me aguardava.

— Walker — Caleb indicou a cadeira em frente à sua mesa, mas preferi continuar em pé e cruzei os meus braços.

— Há alguns dias, nesta mesma sala, você me perguntou até onde chegava meu amor pela Mandy.

Não era do tipo que fazia rodeios e ficava ensaiando as palavras. Tinha vindo a San Antonio com um objetivo e iria alcançá-lo.

— Pois eu estou aqui e vim para ficar — caminhei dois passos até a mesa e inclinei-me sobre ela, olhando firmemente em seus olhos para que ele não tivesse dúvidas das minhas palavras — E nem mesmo você, o seu dinheiro e o falso poder que acha que tem irá me separar delas.

Estava preparado à batalha e não iria recuar um centímetro diante dela.

— Para ser sincero, meu rapaz — murmurou ele ao se erguer e caminhar até a janela — Estava me perguntando quanto tempo mais levaria até você voltar.

— O suficiente para ajeitar a minha vida, ainda assim, pareceu uma eternidade — confessei — Mas antes, eu só queria deixar claro que...

— Tantos lugares nessa casa e as duas preferem o jardim, mas você deve entender o porquê, não é mesmo? — murmurou ao se virar para mim — Vá, elas estão esperando por você.

Era tudo o que eu precisava ouvir. Ainda não sabia como caminharia tudo daqui para frente. Onde Mandy e eu iríamos morar. Se estando mais perto, Caleb deixaria Jody morando com a gente ou se a veríamos todos os dias na mansão. O que importava agora era que eu estava mais perto das duas e nunca mais as deixaria sair do meu lado.

— Da-das! — Jody foi a primeira a me notar chegar ao jardim e abriu o sorriso mais lindo do mundo.

— Ele não está atendendo, amor — apesar de estar de costas para mim, consegui detectar o desapontamento na voz de Mandy — A gente tenta mais tarde.

Eu poderia ficar uma hora inteira, apenas observando as duas, não

como uma miragem dos meus sonhos, mas algo real que, ao esticar meus braços, eu poderia tocar.

— Da-das! — Jody se levantou do chão e em passos curtos veio correndo em minha direção.

Peguei-a um segundo antes de que caísse desajeitada aos meus pés.

Mandy ainda estava de costas, na mesma posição, mas pela rigidez em seus ombros, notava que mantinha a respiração suspensa.

— Mandy — a chamei baixinho e dei dois passos em sua direção — Amanda Temple, olhe para mim agora!

Eu não apenas queria ver seu rosto lindo, necessitava disso como o ar que mantinha os meus pulmões funcionando.

— Por favor, amor, eu preciso olhar para você.

— Dallas?

Observei-a erguer-se lentamente. Seus ombros balançaram ao inspirar fundo e soltar o ar. Assim como eu, deveria estar se sentindo em um sonho e se apenas piscasse os olhos, seria acordada para a realidade triste na qual vivíamos.

— Eu estou aqui.

Havia choque em seu rosto quando finalmente virou em minha direção, mas, acima de tudo, amor e uma alegria desmedida.

— Dallas?

Estiquei a minha mão livre, e quando correu até mim, Mandy se encaixou no meu braço, escondendo o rosto em meu peito. Jody agarrava o meu peito chamando meu nome, exibindo sua felicidade e Mandy, à minha cintura, apertando forte como se nunca mais pretendesse me soltar.

— Você está aqui — quando ela ergueu o rosto e seus olhos, transbordando toda emoção que sentia, a dor que se instalara em meu peito desde que fui obrigado a deixá-las, finalmente desapareceu — Você está aqui mesmo?

Alisei seus cabelos e trouxe seu rosto banhado a lágrimas para mais perto de mim.

— Estou e nunca mais irei embora.

Como eu tinha sentido falta dos seus lábios, dos seus beijos, do toque de suas mãos. Entreguei nesse beijo apaixonado todo amor que sentia por ela.

— Eu não consigo acreditar nisso — murmurou ela sem fôlego e suas mãos trêmulas seguravam meu rosto — Você está aqui. Oh, meu Deus! Você está aqui.

Era uma mistura de lágrimas e sorrisos contentes. Era só o que precisávamos para sermos felizes, estarmos juntos.

— Eu senti tanto a sua falta, Mandy. Desculpe não ter vindo no Ação de Graças como prometi.

Eu tinha falado a ela que questões do trabalho fizeram com que fosse impossível viajar.

— É que precisava ajeitar tudo para o próximo xerife e como queria passar o Natal com vocês, queria ter o último Ação de Graças com minha famí...

— Espera! — ela me interrompeu atordoada — O que disse?

— Passei o Ação de Graças com minha família já que não sei.

— Não sobre isso. Por que Peachwood precisa de um xerife novo? Pediu licença do trabalho?

Não sabia como a informação seria recebida por ela, depois da fazenda, o trabalho sempre foi a razão da minha vida.

— Eu me demiti.

Mandy afastou-se um pouco de mim, em uma reação automática.

— Mas você ama o seu trabalho — lembrou ela em um tom emocionado — A fazenda, seus irmãos, a sua...

Eu não queria que Mandy sofresse ou se sentisse culpada. Doe a dor para trás, mas a dor nem se comparava a alegria em tê-la de volta em meus braços. De ter quantos beijos e abraços eu desejasse ter.

— Mandy, eu amo você muito mais! E o meu coração está onde você e Jody estão. Ainda não sei como serão as coisas. Talvez eu abra algum negócio na cidade.

Poderia fazer algo relacionado à segurança ou encontrar um pedaço de chão pelos arredores que pudéssemos cuidar. O importante era estarmos juntos.

— A gente vai se casar e vou comprar uma casa bonita.

— *Azenda?* — Jody perguntou animada.

— Quem sabe, ovelhinha — respondi a ela e, depois, voltei minha atenção para Mandy — Você ainda quer se casar comigo? Morar em uma fazenda e ser esposa de um vaqueiro maluco por você?

Que a ovelhinha me perdoasse, mas eu teria que rebaixar seu sorriso para o segundo mais lindo do mundo, o que Mandy me dava em resposta podia rivalizar com o brilho do sol.

— É o que mais desejo no mundo.

Voltamos a nos beijar com paixão e teríamos ficados minutos intermináveis fazendo isso, se Jody não ficasse se remexendo em meu colo, desejando atenção.

— Vamos sentar ali. — Mandy indicou a manta em que estivera com Jody antes de eu chegar — Você precisa me contar tudo.

Coloquei Jody no chão. Sua atenção logo foi para uma borboleta que havia pousado no canteiro de rosas em frente a nós. Por alguns minutos a manteria distraída dando a Mandy e eu a oportunidade de conversarmos com mais calma.

— Quando aceitei o acordo de Caleb...

— Chantagem! — disse Mandy, inconformada.

— Quando aceitei a imposição dele para que você ficasse com a Jody, já tinha isso na cabeça.

— E por que não me disse nada?

— Porque assim como deixei entender que abriria mão de nós dois para que ficasse com a Jody, sabia que se eu dissesse minhas intenções você não iria aceitar. Iria abrir mão do nosso amor para que eu não largasse tudo o que eu tinha em Peachwood.

— Você chegou a pensar na possibilidade que eu iria com você e lutaria pela Jody como estávamos fazendo?

— Pensei, e com seu coração sangrado acho que teria voltado comigo, mas você iria se arrepender, Mandy. Iria sofrer cada minuto do seu dia por ter deixado Jody para trás — passei o polegar com carinho em seu rosto — E a Jody ficou tão feliz em te ver. Imaginá-la acordando no dia seguinte e não encontrar a Den-dy dela, acabaria comigo da mesma forma. Ficar longe foram os dias mais tristes da minha vida e não quero pensar nisso acontecendo de novo, mas vocês estavam juntas, pois, juntas vocês têm que ficar.

— Ah, Dallas — ela soluçou e se jogou em meus braços — Não existe amor mais lindo que o seu.

— É só reflexo do amor que vocês duas me dão.

Afaguei seus cabelos enquanto a abraçava forte.

— Eu precisava cuidar de algumas coisas. Falar com meu chefe. Esperar outra pessoa entrar em meu lugar — expliquei a ela — Contar à minha família.

— Eles me odeiam? — inicialmente quis rir da pergunta, mas Mandy estava mesmo preocupada.

— Meu amor, eles a amam.

Claro que sentiriam minha falta, mas assim como aconteceu com Julianne, se acostumariam com minha ausência e levariam suas vidas adiante.

— O mais importante para eles é que eu esteja feliz. Não há homem mais feliz no mundo do que eu, amor.

Beijamo-nos mais uma vez, e outra, terna e apaixonadamente, até precisarmos de algo igualmente essencial, ar.

— Quem ficará no seu lugar?

— Derek, até que se faça uma nova eleição e o novo xerife seja escolhido.

— Você tem certeza que...

— Eu tenho certeza que te amo — beijei rapidamente seus lábios — Isso é suficiente para que perca todas as suas dúvidas.

— Isso é tudo.

Havia muitas coisas ainda que precisávamos falar, principalmente sobre o nosso futuro, além de uma nova conversa com Caleb, dessa vez os dois, mas também existia muita saudade a colocar em dia. Talvez precisássemos de anos para isso.



Não encontramos Caleb quando retornamos para dentro de casa e ele também não havia aparecido para o jantar. A governanta avisou que ele havia saído com uma pequena mala e não sabia quando iria regressar.

— Ainda não entendo por que você não pode ficar aqui — indagou Mandy ao deixarmos o quarto de Jody.

— Essa é a casa dele, amor, e eu prefiro assim.

Embora Caleb ter dito para fosse atrás delas e que esperava pelo meu retorno, e isso parecesse uma benção à minha relação com Mandy, não queria tomar decisões à base de achismo. Esperaria que ele retornasse da viagem inesperada e colocaria tudo em pratos limpos.

— Você tem razão — concordou ela aceitando minha mão enquanto íamos até o seu quarto onde ela faria uma pequena mala para passar as noites no hotel comigo — Embora esteja morando aqui no momento, nunca senti esta casa como minha. Nem mesmo a Jody, ela só fala em casa e na fazenda.

Porque Peachwood era o nosso lar. Infelizmente, no passado.

— Vou pegar só o essencial — disse ela ao entrarmos.

Mas antes que se afastasse de mim, agarrei sua cintura, puxando-a para mim. Colei nossas bocas no segundo seguinte. Nossos corpos se reconhecendo e o beijo ficando cada vez mais profundo. Eu queria jogá-la sobre a cama, arrancar cada peça impedindo nossas peles de se tocarem e me fundir dentro de Mandy. Em vez disso, me afastei, o momento que tivesse Mandy, como passei noites e vários vezes em meu dia imaginando, não conseguiria mais me afastar.

— É melhor que você seja muito rápida.

Sorrindo, ela foi em direção ao closet de onde tirou uma bolsa marrom para guardar algumas peças de roupa e objetos pessoais.

— Será que ela vai ligar se Jody...

— Estaremos muito perto, o hotel só fica alguns minutos daqui — tentei tranquilizar seus receios em relação à babá de Jody — Além disso, voltaremos bem cedo, mas se acha que não...

— Acho que estou sendo excessivamente protetora — ela colou a mão em meus lábios me calando — Eu quero ficar com você. Sonhei muito com isso.

Levou mais uns cinco minutos para que Mandy pegasse tudo o que fosse precisar e verificasse tudo. Saímos da casa rindo, como dois namorados adolescentes fugindo dos pais. E quando chegamos à caminhonete, não pude

mais suportar, puxei Mandy para o meu colo.

— Senti tanto a sua falta — confessei mais uma vez.

Minhas mãos correram por todo o seu corpo, ansiosas e sôfregas. Apertei os seus seios sobre o tecido do vestido, depois, levei minha boca até o mamilo, marcando o tecido enquanto o chupava.

— Dallas! — Mandy contorceu em meu colo, soltando um gemido.

Corri minha mão por suas coxas, massageando sua pele, apertando e a puxando mais contra mim. Meu pau começava a endurecer e com a bunda de Mandy se esfregando contra ele, logo estaria duro como uma rocha.

Enfiei a mão por baixo do seu vestido e quando passei os dedos sobre a calcinha começando a ficar úmida, estremeci.

Interrompi o beijo e a coloquei de volta no banco e recebi seu gemido frustrado em protesto.

— Sim, eu quero a sua boceta, Mandy — proferi quase sem ar —, mas quando a tiver, não haverá nada nem ninguém no caminho.

Minha promessa a fez soltar um gemido e morder os lábios. Por sorte, o hotel ficava realmente próximo, o mais perto que eu consegui.

— Deixa a mala no carro — disse assim que estacionei — Eu a pego depois.

E só fui capaz de manter as minhas mãos afastadas de Mandy até passarmos pelo saguão, rumo ao elevador. Não havia ninguém além de nós

dois. Assim que as portas fecharam, a puxei para mim.

Mordi o lóbulo de sua orelha e arranquei um novo gemido dela. Sussurrei em seu ouvido o quanto a desejava e achava linda. Depois, busquei sua boca. Nossas línguas se esfregaram uma na outra, então, preendi a de Mandy com os dentes e puxei para dentro da minha boca.

A porta do elevador abriu, indicando que havíamos chegado ao nosso andar. Beije o pescoço de Mandy e com ela presa em meus braços, seguimos em direção ao quarto. Tirei rapidamente a chave magnética do bolso da calça, abri a porta e a fechei com as botas, enquanto toda a minha atenção voltava para ela.

Então, comecei a devorar sua boca com fome e paixão. Prendi as mãos nos cabelos de Mandy, unindo nossas bocas e corpos tanto quanto era possível e quando esfreguei meu quadril contra ela, um gemido rouco e erótico ecoou de sua garganta.

Com pressa busquei a barra de seu vestido, correndo pelo seu corpo, passei-o acima de sua cabeça, o modelo não exigia que Mandy estivesse usando um sutiã e quando seus mamilos apontaram para mim, emití um grunhido animalesco. Tomei os dois em minhas mãos, brinquei com eles um pouco antes de levar à minha boca.

— Oh, senhor! — gemeu Mandy e estremeceu em meus braços.

Mamei em seus peitos como se deles viessem pequenas amostras de

néctar do paraíso. Sim, querida, isso era uma deliciosa amostra dos céus.

Passei a língua por seu mamilo duro, fui subindo pelo seu colo. Arranhei seu pescoço com os dentes e, ao fazer isso, corri minhas mãos por suas costas, chegando ao traseiro empinado e afundei minhas mãos para dentro da calcinha rendada, alisando e empurrando suas nádegas para que Mandy ficasse ainda mais pressionada contra o meu pau.

— Oh, Mandy.

Nenhuma mulher já tinha mexido tanto com os meus sentidos como ela fazia. Controle era uma palavra que deixava de existir em meu vocabulário.

Esfreguei as mãos em seu traseiro mais algumas vezes e descii a calcinha até passar por seus tornozelos, jogando-a em algum canto do quarto. Mandy era a imagem mais perfeita que eu já tinha posto os olhos.

— Você é o meu tesão, Mandy.

— E você tem roupas demais — grunhiu ela, atacando minha camisa.

Ajudei-a na tarefa de arrancar cada peça em meu corpo. Ao ficarmos ambos nus a puxei para mim. Pele contra pele, calor contra calor e muito desejo entre eles.

Inclinei sobre ela e passei meu braço atrás de seus joelhos a erguendo do chão. Foram precisos apenas sete passos até alcançar a cama.

Caminho percorrido enquanto nossos lábios consumiam um ao outro.

Deitei-a na cama. Beijeí seu queixo, pescoço, suguei um dos mamilos, notando seu ventre ondular, repeti o processo no outro deixando-os molhados. Segui com beijos pelo vale entre os seios, passei a ponta da língua umedecendo a língua, deslizando-a por suas costelas, beijeí o ventre, o canto esquerdo da virilha, depois, o direito. Abri mais suas pernas e quando sua boceta surgiu aberta para mim, emiti um gemido de contentamento.

— Senti muita falta de sua boceta, amor — murmurei antes de levar minha boca a ela.

Passei minha língua da abertura molhada ao clitóris. Sabia o jeito que tinha que chupá-los para deixar Mandy insana e me dediquei a isso.

— Ah, meu Deus! — seus gemidos e gritos ecoavam no quarto e impulsionado pelos sons eróticos me dediquei ainda mais — Vai... isso... humm...

Ela estava perto, então, enfiei dois dedos em sua boceta escorregadia e comecei a fodê-la, esfregando a parede rugosa enquanto chupava seu clitóris com mais força.

— Ohhh... — ela se debateu na cama — Aí... eu vou gozar.

Alguns segundos após ter avisado, ela estremeceu deixando que o clímax lhe roubasse os sentidos. Toquei meu pau, precisava estar dentro de Mandy agora ou sentia que morreria de tanto tesão.

Já tinha deixado um pacote de preservativo em cima da mesinha ao lado da cama, após vesti-lo, voltei para Mandy. Seu olhar em mim era completamente apaixonado. Ajoelhei na cama, mas antes que a cobrisse com o meu corpo, ela ficou de joelhos em frente a mim.

— É a minha vez — disse ela com um sorriso safado.

Estava tão excitado e envolvido pelo momento, que demorei alguns segundos para entender suas intenções. E quando sua mão macia deslizou pelo meu pau, foi minha vez de ir ao céu e voltar.

Ela foi perversa, apenas tocou a cabeça com a ponta da língua e ficou lambendo como faria com um sorvete de casquinha. Se era possível, meu pau endureceu um pouco mais.

— Também senti falta do seu pau — ela gostava de provocar, massageou-o com a mão enquanto lambia e chupava a glândula inchada.

A fera em mim estava rugindo por dentro. E Mandy levou a tortura a um grau mais elevado quando tomou meu pau até a garganta.

— Ai, que porra! — gemi, agarrando os cabelos dela, ajudando-a a me foder com sua boca.

Tomando-o até onde conseguia aguentar e que, para mim, já era prazeroso o suficiente. Sua boca era macia como seda quente, envolvendo meu pau, deixando-me louco. Quando senti que estava a um segundo de perder o controle a afastei. Joguei-a sobre a cama e cobri o meu corpo,

colocando-me entre suas pernas.

— Você está pronta?

Que o céu fosse misericordioso comigo e a resposta fosse positiva.

— Me fode! — exigiu Mandy, meu pau contraiu em agradecimento.

Deslizei suave para dentro dela, e quando cada centímetro dele foi envolvido por sua boceta macia, parei por alguns segundos, apenas me deliciando com sua cavidade quente.

Mandy envolveu meu corpo com seus joelhos e eu agarrei sua cintura com uma mão e a outra, apoiei na cama, pegando impulso enquanto investia dentro dela.

— Caralho — gemi em seu pescoço.

Sua boceta era tão deliciosamente apertada. Eu podia sentir cada vez que sua boceta se contraía, engolindo meu pau e fodia mais forte, bombando mais e mais.

— Mandy!

— Oh, sim! — suas mãos correram em minhas costas e ela agarrou meus cabelos, esfregando-os — Eu to indo...

Ela estava quase lá, meu touro já avistava a porteira aberta. Uma e outra estocada depois, deixei que o clímax me levasse. Mandy seguindo comigo, tendo juntos o orgasmo que nos fazia perder tanto as forças quanto a razão. Estremeci e caí sobre Mandy tentando fazer o possível para que meu

corpo não a esmagasse tanto.

Deslizei sobre a cama deitando de lado e trouxe-a para mim, que me abraçou e apoiou o rosto em meu braço. Fiz círculos com os dedos em suas costas.

— Amor, só um minuto — ela implorou, fechando os olhos.

Não consegui evitar sorrir. Embora a desejasse como ninguém, não era a máquina que ela estava imaginando, precisaria de alguns minutos para me recuperar antes da próxima rodada. Enquanto isso, a deixaria descansar um pouco.

Só um pouco.



Caleb voltou quase duas semanas após a sua viagem. Estávamos tomando café com Jody quando a governanta avisou que assim que terminássemos, ele nos aguardava na biblioteca. Deixamos Jody com a babá e seguimos para onde Caleb estava.

Entramos de mãos dadas e isso não passou despercebido a ele, que nos sorriu.

— Vejo que se entenderam.

— Nós nunca nos desentendemos — Mandy o lembrou.

Ela tinha um gênio forte que a carinha de inocente camuflava. Mas

Mandy era assim, lutava por quem amava e o que acreditava e isso só me fazia pensar como a achava perfeita para mim.

— Certamente — disse Caleb, balançando levemente a cabeça — Desculpe ter partido logo à sua chegada, Walker, mas assim como você precisei resolver algumas coisas.

Eu não estava interessado em saber sobre os negócios dele. Meu único objetivo era resolver a situação em relação a Jody.

— Sr. Rhotenberg...

— Me chame de Caleb. Primeiramente, eu quero dizer que devo desculpas aos dois. A você, Mandy, por tê-la julgado tão mal — depois, ele se virou para mim — E a você por ter feito com que se afastasse da sua noiva.

O pedido de desculpas de Caleb já era um meio caminho para que chegássemos a algum entendimento e eu ficava feliz que ele estivesse disposto a colaborar.

— Quando chegou você disse algo como ter vindo para ficar? — ele me perguntou.

— Sim. Deixei o meu cargo de xerife e pretendo vender a minha parte na fazenda para os meus irmãos — olhei em volta da sala elegante, depois, tornei a minha atenção nele — Não chega a metade do que você tem, mas poderei dar a Mandy e a Jody uma vida confortável.

Queria deixar claro que não queira ou precisava de qualquer centavo dele. Se estava aqui era por minhas garotas.

— Eu tenho duas coisas importantes a dizer a vocês — avisou ele, abrindo uma gaveta em sua mesa de onde tirou uma pasta e uma pilha de cartas amarradas com uma fita — A primeira, é o motivo da minha ausência. Fui encontrar seu advogado, Crighton, e com ajuda de Isaac, fizemos com que Glenda deixasse documentado em juízo, o direito de Mandy ficar com Jody.

Adam não havia me contado nada. E a surpresa foi grande o suficiente para me fazer ficar paralisado e Mandy esmorecer contra mim. Recuperei-me firmando-a em meu peito, enquanto encarávamos Caleb sem conseguir acreditar.

— Está abrindo mão da Jody? — ela perguntou emocionada.

— Eu nunca deveria tê-la tirado de você e sinto muito por isso. Fiquei cego pelo desejo de ter a minha neta comigo que não avaliei o quanto isso poderia machucá-la. Espero que um dia, você, aliás vocês dois possam me perdoar.

Havia genuína honestidade e arrependimento em suas palavras. Caleb nos fez sofrer muito. Separou nós dois de forma cruel, mas estava disposto a reparar os seus erros.

— A troco de quê? — indagou Mandy ainda desconfiada —

Morarmos todos aqui?

Suas palavras pareciam tê-lo atingido, mas ele sabia que era merecedor das dúvidas de Mandy.

— Comecei a receber essas cartas um pouco antes da Ação de Graças — disse ele entregando a pilha a Mandy. — São de seus amigos. Todos contando quem era Amanda Temple, seu amor pela Jody e como todos na pequena cidade a admiravam e sentiam carinho por ela.

Olhei para um dos envelopes que Mandy tirou do bolo de cartas. Uma a uma fomos constatando que vieram de Peachwood.

James, o Dr. Glover, Sr. Brandon e sua esposa. A Sra. Chan, Rachel e até Cora, havia enviado uma carta.

— Elas não param de chegar todos os dias. A mensagem é a mesma, que deixe a Mandy ficar com a Jody porque as duas se amam.

— Dallas? — Mandy olhou para mim emocionada.

— Eu não tinha a menor ideia sobre isso, amor.

Que todos gostavam de Mandy, eu não tinha dúvidas, eu só não sabia o quanto a história dela e de Jody os tinha emocionado. Ela mais do que ninguém merecia todo esse carinho que estava recebendo.

— Eu não sei o que dizer — disse ela, segurando as cartas com a mão trêmula.

— A nossa conversa aquele dia, Mandy, essas cartas e sua chegada

cheia de paixão, Sr. Walker — disse ele a nós —, abriram tanto os meus olhos como o coração. Todo o meu dinheiro não garantiu uma vida tranquila a Steve. Tudo o que poderia comprar e oferecer para Jody, não garantiria a felicidade dela porque o que garante isso é estar ao lado de quem ela ama. O lugar que ela ama. Seu lar é em Peachwood, na fazenda.

— Está querendo dizer que...

— Não sei se poderá retornar ao seu cargo de xerife — disse ele em um tom de lamento — Mas para a sua casa e sua família, sim. E leve com você essas duas corajosas damas. A única coisa que vou pedir é que me deixem fazer parte da vida de Jody. Ir visitá-la, e que ela saiba que tem um avô que a ama e, quem sabe um dia, ela possa me amar.

Voltar para casa?

Não apenas voltar para casa, mas levar Mandy e Jody comigo. E, dessa vez, sem perigo de Glenda tentar transformar a nossa vida em um inferno.

— Sr. Rhotenberg... — Mandy soluçou, afastou-se de mim e correu para ele, abraçando-o.

Caleb olhou para mim com surpresa, as mãos estavam erguidas no ar e, aos poucos, ele foi abaixando para retribuir o abraço de Mandy. Só pude sorrir como um idiota.

— A Jody já o ama — Mandy disse ao se afastar dele e retornar até

mim — Será sempre bem-vindo entre nós, não é verdade, Dallas?

Na verdade, ele poderia contar com meu ódio eterno por todas as lágrimas que, ao lado de Glenda, fizeram Mandy derramar. Mas diferente da fria e calculista irmã dela, Caleb estava tentando se redimir. Eu disse uma vez que Mandy poderia perdoar e chegar a gostar dele, e como o primeiro parecia que já acontecia, não me restava nada além de fazer isso também. Por Jody e por Mandy que mereciam paz.

— Claro que sim.

Caleb sorriu aliviado.

— E acha que consegue o trabalho de volta? — indagou ele, preocupado — Porque tenho alguns contatos...

— Meu chefe disse que ficaria à disposição até as novas eleições serem organizadas. E isso só ocorreria no início do ano.

Se eu voltasse agora para Peachwood conseguira meu emprego de volta. Derek também havia deixado claro que independente de eu voltar, não se candidataria à vaga, então, não haveria problema com ele.

— Então, eu acho que é isso — disse Caleb — Vou ter alguns minutos com Jody antes que decidam partir. Sei que devem estar ansiosos para voltar para casa.

Ele não imaginava o quanto. Assim que ele deixou a sala, Mandy pulou em meus braços, chorando.

— Nós vamos voltar! — gritou Mandy, a sua felicidade refletindo a minha — Vamos voltar para casa.

— Nós vamos voltar, meu amor — a girei no ar, a alegria transbordado por nós dois.

Poderíamos criar um lar em qualquer lugar, mas o nosso coração estava mesmo em Peachwood, com nossos amigos e família.

Capítulo 30

Mandy

Eu estava ansiosa para voltar para casa, Dallas estava contente, mas não existia ninguém mais empolgado e feliz do que Jody. Desde que as palavras ‘fazenda’ e ‘voltar’ foram colocadas na mesma frase, ela não sabia dizer outra coisa.

— *Caide gota. Autin gota, Chan gota...*

Jody fazia e refazia a sua lista de todas as pessoas que gostavam dela e que ficariam imensamente felizes em nos ter de volta. Montar a lista foi mais eficaz do que música.

— *Mamãe?*

Meu coração contraía no peito sempre que Jody me chamava assim e, agora, sabendo que eu tinha todos os direitos para que ela o fizesse...

— *O mumu gota?*

Ela queria saber se um dos bezerros que ela havia visitado estaria sentido a falta dela.

— É claro que ele gosta de você.

Virei para olhá-la em sua cadeirinha no banco de trás. Por tudo que era mais certo no mundo, de agora em diante eu só veria sorrisos no rosto

dela.

— Quando chegarmos à fazenda — disse Dallas — Vou dar um *mumu* para você, ovelhinha. Pode escolher o que você quiser.

Ajeitei-me rapidamente no carro para olhar para ele.

— Você não pode dar um bezerro a ela.

Ele me encarou com um ar divertido e alisou minha coxa na esperança que isso me fizesse acalmar.

— Claro que posso. Temos a melhor criação de Angus, Hereford, Red Angus do país. Posso dar um pasto inteiro se Jody quiser.

— Não é como chegar em um canil e escolher um lindo cachorrinho, Dallas.

— Ele não vai ficar dentro de casa. Continuará no pasto e só não será vendido porque é da Jody.

— Eu *quelo* o *mumu*!

Essa era uma guerra vencida. Sempre fiz o possível para não deixar que Jody crescesse uma criança mimada, voluntariosa como Glenda. Mas ela tinha passado por um trauma tão grande que não ia tirar essa pequena alegria dela.

— Tudo bem — dei-me por vencida — Mas da próxima vez, pense em um pônei ou um cavalo.

— Jody já tem alguns pintinhos e, agora, um bezerro — o fato de ele

colocar o primeiro bichinho no plural, não passou despercebido a mim — É uma verdadeira vaqueira.

— Chapéu! — gritou ela, pulando no banco.

Realmente só faltava o chapéu para que nossa princesa ficasse a típica garota da fazenda.

— Mas só não vá ficar como o Adam — avisei a ele tentando conter um sorriso.

— O que você quer dizer?

— Penelope disse que Amy faz o que quer com ele e que nunca sabe dizer não à menina.

— Adam é um cara da cidade — resmungou Dallas — Assim como o irmão dele, não entende nada de garotas, principalmente de garotas de fazenda.

— Humhum... — deixei que meu riso rolasse solto — Não foi ele que acabou de dar um bezerro a uma garotinha.

Jody já o dominava e ele nem se dava conta disso.



Logo após a conversa com o Sr. Rhotenberg, eu precisava lembrar que deveria chamá-lo apenas de Caleb daqui por diante. Dallas ligou para a fazenda e deu as boas notícias. Também insisti para que ele ligasse para Bert

Lane e confirmasse que sua vaga como xerife ainda estava o esperando. Não conseguiria ser completamente feliz sem isso. Dallas adorava o que fazia e se Jody e eu teríamos nossa vida e tudo que amamos de volta, ele também tinha o direito de recuperar tudo. Para minha paz de espírito e completa felicidade, Bert não apenas afirmou que a delegacia esperava por ele como estava muito feliz de ele ter reconsiderado sua saída.

Antes que eu conseguisse ler o que estava escrito, avistei a placa de Peachwood e meu coração acelerou.

“Bem-vindo à cidade do pêssago, não saia sem uma bela torta”

Meu coração bateu forte no peito ao avançarmos para dentro da cidade. Escondi o rosto em minhas mãos na busca de manter minhas emoções controladas. Meu desejo era pular do carro e sair dançando pelas ruas como uma maluca.

— Mandy? — senti o movimento do carro parar e ao descobrir o meu rosto, avistei o olhar preocupado de Dallas — Você está bem?

Dei a ele meu melhor sorriso.

— Eu estou feliz — murmurarei emocionada — Muito, muito feliz.

Ele sorriu e me abraçou. Estávamos finalmente de volta ao lar. Se apenas entrar em Peachwood me deixava feliz, imagina chegar à fazenda.

Uma coisa que achei estranha quando passamos pela rua principal da cidade era em como parecia deserta.

— Estranho. A cidade parece deserta — disse a ele, olhando em volta — Até o Café da Sra. Chan está fechado.

— Talvez ela esteja doente.

A ideia me deixou angustiada. Dificilmente a Sra. Chan adoecia.

— Mas e a Rachel?

Seria um trabalho duro manter o Café aberto sozinha, mas Rachel não era o tipo que fugia do trabalho pesado.

— Além disso, falei com as duas pelo telefone ontem e não me disseram nada sobre isso. A Sra. Chan não pareceu doente.

— Talvez ela não quisesse ter te preocupado, amor.

Fazia sentido. Aquela cabeça dura seria bem capaz de algo como isso.

— Podemos ir até lá então?

— Vamos deixar a Jody em casa primeiro?

Eu olhei para trás e ela dormia cansada em sua cadeira. Caleb quis que tivéssemos vindo de avião, mas como Dallas tinha ido até San Antonio em sua caminhonete, ele teria que voltar sozinho e eu não queria mais me separar dele, decidimos fazer o percurso de carro mesmo.

— Você tem razão, ela está muito cansada.

Além disso, se a Sra. Chan estivesse mesmo doente, não deveria ser algo muito grave ou Rachel teria me contado. Eu esperava que fosse assim.

Abri a janela do carro quando chegamos à estrada que levaria à fazenda. Quando se ama muito um lugar até a poeira parece familiar. Vi minha antiga casa passar por nós e ficar para trás. Boas recordações vieram à minha mente. Tive muitos momentos felizes ali com Jody. Agora, eu estava rumo a um novo recomeço. Porém, conforme nos aproximávamos da fazenda, um movimento e um número de carros maior do que o normal, começou a me deixar alarmada.

— Dallas? — olhei apreensiva para ele.

Será que algo grave havia acontecido? Não era possível, agora que estava novamente sonhando com a felicidade, alguma tragédia iria eclipsar isso.

— O que está acontecendo?

— Irá descobrir em alguns minutos — disse ele sem desviar o olhar do caminho.

‘Irá descobrir’ e não, *vamos descobrir isso juntos*. Queria dizer que ele sabia de alguma coisa e não quis me contar. Fazia sentido ele não ter aceito meu pedido de ir até a Sra. Chan, quando ele também gostava muito dela.

Será que realmente o pior havia acontecido e a trouxeram para a fazenda? Eu não queria esperar muito por respostas e quando Dallas estacionou atrás de uma fila de outros carros, saltei imediatamente para fora.

— Dallas? — ele deu a volta tirando Jody do carro.

Eu percebi que além dos carros e movimentos das pessoas, também havia uma música alegre tocando, bom, um velório definitivamente não estava acontecendo.

— Eles chegaram! — virei em direção ao grito estridente e vi Clyde passar por um grupo de pessoas.

Ele veio correndo em nossa direção e ignorando meu olhar espantado, pegou-me em seu colo, girando comigo no ar. Estava levemente tonta quando ele me colocou no chão.

— Bem-vinda de volta, Mandy — ele beijou os dois lados das minhas bochechas, o que me levou a rir.

— Estamos felizes de você ter voltado — Austin apareceu logo atrás dele.

Apesar de não me rodar no ar, seu abraço de urso foi afetuoso o suficiente para que eu ficasse na ponta dos pés.

— Ah, meu Deus! — Charlotte surgiu em seguida, beijando meu rosto e me dando um abraço forte.

Emma tinha os olhos marejados quando veio até mim. Ela não cansou de dizer como sentiu saudade e que nunca deixou de orar por nós.

— Seja bem-vinda, minha filha — Raul me abraçou e sussurrou em meu ouvido — Obrigado por trazer meu menino de volta.

Na realidade, tinha sido o contrário.

Enquanto cada um me puxava para um abraço e proferiam o quanto sentiram minha falta e de Jody, só consegui encará-los com emoção e inegável supressa. E não foi apenas a família de Dallas, os empregados da fazenda. Chan, Rachel, James, o Sr. e a Sra. Brandon, o Dr. Glover, a cidade em peso estava aqui na fazenda para o que eles me disseram ser uma festa de boas-vindas para mim, Jody e Dallas. Até havia uma linda faixa escrita no celeiro.

As cartas que a maior parte deles enviou a Caleb já comprovaram como eu era querida por todos eles, e essa recepção confirmava ainda mais isso.

— Você sabia de tudo — parei Dallas antes que chegássemos ao celeiro.

Ele levantou o chapéu e coçou levemente a cabeça. Jody, como era de se esperar, grudou em Austin e achei que nem mesmo eu seria capaz de separá-la dele.

— Que haveria uma recepção sim, mas não imaginei que tantas pessoas estariam aqui.

Eu imaginei que nosso retorno faria as pessoas felizes, só não pensei o quanto.

— Você é muito amada, Mandy.

Sim, eu era e esse era o melhor tesouro que eu poderia ter.

— E eu te amo muito.

— Agora vocês vão se casar, não é? — a pergunta veio de quem eu menos esperava.

Austin nos fitava com olhar ansioso.

— O mais rápido possível — Dallas respondeu por mim.

— Podemos esperar até as férias de verão?

— Mas isso acontecerá só em maio — disse Dallas saltando os olhos para fora.

— Mas eu prometi a Julianne que...

— Podemos aproveitar Winter Break — insistiu ele — Além de passar o Natal e Ano Novo com a gente, ela não se ausentará da faculdade.

Fazer a cerimônia no verão me daria mais tempo e oportunidade para um casamento perfeito, mas, na realidade, tudo o que queria mesmo era me casar com Dallas, não importava se seria em uma linda igreja ou em uma choupana.

— Tudo bem, mas vamos passar a lua de mel em New York — avisei a ele.

— Onde você quiser, amor — ele me puxou para um beijo e me aninhei mais em seu abraço.

— Isso quer dizer que não vão mais embora, não é? — indagou

Austin, ansioso.

Soube por Dallas e Charlotte, após nos acomodarmos no celeiro, enquanto Austin dançava com Jody, que de todo mundo, ele foi o que mais sentiu o impacto de nossa ausência, principalmente a partida do irmão.

— De Peachwood não — disse Dallas.

Por enquanto continuaríamos na casa da fazenda. Mas queríamos ter nosso próprio canto. Dallas estava cogitando pegar um pedaço de terra para fazer isso.

— Acho melhor que seja assim. Pois, eu seguiria vocês até o Alasca se for preciso.

Apesar de ele estar sorrindo, não duvidava que fosse mesmo capaz de fazer isso.

— Sabe o que você precisa, vaqueiro? — disse saltando do colo de Dallas — De uma bela garota para encilhar você, mas como isso ainda não aconteceu...

Estiquei minhas mãos a ele.

— Vamos dançar um pouco.

E ao observar as pessoas bebendo, comendo, dançando e rindo, felizes, dei-me conta de como eu era feliz. Glenda estava com o dinheiro que queria, Caleb chegou a confessar que para contar com a boa vontade dela, deu uma significativa fortuna. Mas todo centavo que ela estivesse torrando

por aí ao lado do amante nunca valeria tanto quanto isso.

Olhei para Dallas, sentado no mesmo lugar, observando-me dançar com seu irmão. Foquei no sorriso devastador que enfraquecia minhas pernas e fazia meu coração disparar.

Eu tinha mais do que sorte. Era uma pessoa abençoada.

Pelo visto, a festa duraria até o amanhecer, mas nós já tínhamos nos recolhido. Jody estava apagada em seu quarto e só acordaria no dia seguinte. Eu também estava destruída, principalmente, porque assim que cruzamos a porta do quarto, Dallas praticamente rasgou as minhas roupas para fora do corpo. Fizemos amor apoiados contra a porta. Outra vez debaixo do chuveiro, e só fazia alguns minutos que ele tinha me acordado para uma nova rodada na cama.

— Quando vamos ter um bebê? — sua pergunta teve o poder de me despertar do quase sono que sua mão me causava.

— Como? — virei para ficar de frente a ele.

— Sei que quer se casar, lua de mel, construirmos nossa casa — disse Dallas — Mas quando teremos os bebês?

Eu realmente estava surpresa com essa pergunta.

— Uau! Geralmente são as garotas que pensam nisso — disse sorrindo.

— Desde que nos arriscamos três vezes — ele me lembrou — Pensei

muito sobre isso. A ideia me agrada muito. E acho que a Jody precisa de um irmãozinho.

Apoiei o cotovelo na cama e me ergui.

— Eu penso sobre o que a Glenda falou naquele dia diante do juiz — era a primeira vez que dava voz a esse receio — Acha que a Jody se sentirá preterida quando tivermos um filho?

Eu não queria ver a minha pequena sofrendo por isso, pois, nenhum filho nascido do meu ventre teria mais amor e carinho que ela. Amaria os dois igualmente.

— Não irá porque todos os dias vamos mostrar como ela é importante e como lutamos por ela. Confie mais na família que somos e esqueça a Glenda.

Dallas tinha razão. Eu não queria nenhum contato com a Glenda e melhor era não pensar, falar, ou dar ouvidos às suas maldades.

— Bem, nesse caso — escorreguei para cima do corpo dele — Depois de nos casarmos, termos a lua de mel e nosso protótipo lar, podemos ter muito bebês. O que acha?

— Que sou o filho da puta mais sortudo do mundo.

— Não é sorte, meu querido — enchi seu rosto com pequenos beijos — É amor.

Poderiam até tentar, mas ninguém nunca iria conseguir tirar isso de

nós.



As comemorações de fim de ano geralmente nos deixavam animados e em um ritmo acelerado. Tinha a decoração, a montagem da árvore, a escolha do menu para a ceia e as escolhas dos cartões e presentes de Natal. Em uma fazenda, preocupações como essas gastavam o dobro de tempo e energia. Mas esse ano, haveria mais tensão do que o normal, nosso casamento foi marcado para o dia quatro de janeiro.

Então, tudo foi cuidadosamente dividido. Austin cuidou de encomendar os convites e distribuí-los; Clyde se encarregaria de escolher o que haveria de melhor no rebanho para um grande churrasco, Emma e Charlotte, com o restante da comida e Raul, das bebidas. Dallas providenciaria os músicos e eu, com ajuda de Julianne, Penelope e até sua amiga Paige, que estava vindo com elas de New York, me ajudariam a escolher o vestido e a fazer a decoração.

Também quis que a cerimônia fosse feita no grande celeiro, assim como foi o casamento de Raul e Lola. Tinha dado muita sorte a eles e esperava que nossa união fosse muito abençoada também.

Embora viesse muito trabalho pela frente e pouco tempo para executá-lo, eu estava empolgada.

— Eu vou me casar! — caí de costas na cama e olhei para o teto com um enorme sorriso no rosto.

Não apenas me casar, mas com o homem que sempre sonhei e que a cada dia mais conquistava meu coração. Mas meu devaneio feliz foi interrompido quando ouvi sons de buzina se aproximando. Corri até a janela para ver dois carros.

O primeiro, vermelho, quatro portas, fazia um estardalhaço ao se aproximar. Desci como um relâmpago, depois fui para fora, seguindo o som da buzina.

— Chegamos, Peachwood! — Julianne gritou colocando a cabeça para fora do vidro.

Não me surpreendia ser ela a fazer tanta algazarra. Quando ela estacionou, Penelope e uma mulher muito bonita de cabelos pretos e olhos verdes, desceram do carro com as mãos nos ouvidos.

— Você acredita que ela veio buzinando da cidade até aqui? — indagou Penelope, vindo me abraçar.

— E as crianças?

— Estão vindo com Adam e Richard no carro de trás.

— Eles não quiseram passar a vergonha de serem vistos com nós três — a morena bonita, esclareceu esse fato — A propósito, eu sou Paige. Espero que não se importe por Julianne ter convidado a gente, mas eu sempre

quis saber como era um casamento numa fazenda.

— É um prazer te conhecer. Sou a Mandy — uni minha mão na sua e sorri — Ouvi falar muito sobre você.

— Aposto que não foi nenhuma coisa boa — disse e soltou uma gargalhada gostosa — Acredite em tudo que disseram.

Sem sombras de dúvida, eu havia gostado dela. Paige era uma dessas pessoas irradiando luz, ela não era o tipo que passava despercebida e, pelo visto, usava da franqueza em tudo.

— Seja bem-vinda à fazenda, espero que goste dos dias que passar aqui.

— Ah, com certeza, sim — ela sorriu maliciosa — Richard e eu temos grandes ideias.

— Para dizer a verdade — Julianne se juntou a nós — Eu acho que você tem grandes ideias, Paige.

— Isso também é verdade — confirmou Paige.

Nossa conversa descontraída foi interrompida com o segundo carro chegando. Benjamin foi o primeiro a descer e logo correu para os braços da mãe.

Adam veio em seguida, carregando a linda Amy em seus braços. O homem que só poderia ser Richard, marido da Paige, deixou o banco de motorista e veio até ela, abraçando-a por trás.

— Amor, essa é Mandy — ela nos apresentou — Esse é meu marido, Richard.

Seja abençoada New York, continue a multiplicar homens bonitos, meus olhos não vão reclamar nem um pouco.

— Pode parar de babar por ele agora, Mandy? — disse Paige me pegando de surpresa.

— Oh, eu não...

Minhas bochechas começaram a arder e não sabia onde enfiar a minha cara de vergonha.

— Paige! — Richard a reaprendeu baixinho.

Estava indo me desculpar por tê-lo encarado por mais tempo que deveria e que não tinha sido intenção minha despertar o ciúme dela, quando Paige se afastou de Richard e praticamente pulou em mim sorrindo.

— Estou brincando. Você tem que aprender que metade do que eu falo...

— Ou tudo — disse Julianne com implicância.

— Muito do que eu digo — disse Paige abraçando minha cintura — não deve ser levado muito a sério.

Comecei a relaxar e seguimos em direção à casa, quando ela veio com outra.

— Mas ele é lindo, não é?

— Com todo respeito, é sim.

O problema era que não tinha visto seu charmoso marido ainda. Por exemplo, ainda achava Adam e Liam bonitos, mas já não havia aquele choque momentâneo de estar ao lado de homens bonitos como ele.

— Sinceridade — ela colocou o braço sobre o meu ombro —, eu gostei de você.

Isso era um fato inegável, meu casamento seria único.

— E o Liam? — perguntei a Julianne quando entramos no quarto separado ao casal.

— Houve um imprevisto no hospital, e como agora é o diretor, precisou ficar, mas estará aqui amanhã sem falta.

O pouco que vi do Dr. Crichton me fez gostar dele.

— Está animada para escolher o vestido?

— Estou muito ansiosa.

— Eu entendo. A gente fica animada e com um medo terrível de que alguma coisa dê errada, mas, no fim, dará tudo certo.

Sentei-me na cama ao lado da pilha de roupas que ela tirava da mala e busquei sua mão.

— Toda garota sonha em fazer essas coisas com a mãe. No meu caso...

— Penelope, a mãe e irmã de Liam me ajudaram em tudo no meu

casamento — disse ela — Nós seremos as irmãs que você gostaria de ter. Vamos nos divertir muito.

— Obrigada. Vocês já estão fazendo do meu casamento perfeito, apenas por estarem aqui.

Eu podia ter perdido uma irmã, se é que um dia havia realmente tido uma, mas a vida foi generosa comigo e me deu outra, mais amorosa e que eu saiba que se preocupava com a minha felicidade e que eu gostava muito. Eu aprendi que família nem sempre são aquelas pessoas que têm o seu sangue.



Estava sentada na poltrona que a vendedora me indicou, desde que chegamos à loja de noivas há quase vinte minutos. Todas falavam à minha volta e tentavam calar umas às outras. Particularmente, estava achando muito divertido, mas se continuássemos nesse ritmo chegaria o meu casamento e teria que me casar de camisola.

— Eu acho que você deveria escolher algo sensual — disse Paige empolgada — Um decote nas costas que fará o noivo não tirar as mãos e olhos de você e não deixar nenhum outro chegar perto.

A ideia me animava e como a cerimônia não seria na igreja, talvez eu pudesse ser um pouco ousada no vestido.

— Claro que não, Paige — interrompeu Penelope — Ela vai gostar

de algo mais romântico, rendas e uma saia bem longa. Dallas ficará ainda mais apaixonado.

Talvez Penny tivesse razão. Seria bom que Dallas tivesse olhos apenas para mim, mas queria que suas memórias fossem lindas ao pensar em nosso casamento.

— Pois eu acho que a Mandy deveria escolher algo moderno — sugeriu Julianne, com saia de tutu e em vez de saltos, All Star...

Todas ficaram caladas e olharam descrente para ela.

— Eu aposto que Dallas ficará maluco.

— Julianne, é o casamento do seu irmão — Penelope proferiu descontente — Não uma oportunidade de se vingar dele.

— Mas eu não estava...

As duas seguiram na discussão e eu encarei a segunda pessoa calada além de mim.

— O que você acha, Rachel? — virei para ela ao meu lado — Sexy sem ser vulgar, romântica incurável, ou bailarina roqueira?

Nós rimos da definição de escolhas que as outras garotas sugeriram a mim.

— Acho que deve começar a provar o vestido e tenho certeza que encontrará um em que se sentirá perfeita.

— Você é muito sabia, Rachel.

Todas eram maravilhosas e queriam fazer desse dia, e os que se aproximavam, inesquecíveis para mim, e estavam conseguindo, mas acho que Rachel me entendia melhor.

— Mulheres — elevei o tom para que elas me ouvissem —, já sei bem o que vou fazer. Julianne, pode chamar a vendedora? Penelope, me ajuda a trocar de roupa?

Fui dando instruções a cada uma delas.

— Rachel, venha até o provador comigo.

Enfim, estávamos chegando a algum progresso e eu estava me sentindo imensamente feliz.



As garotas seguiram para a fazenda. Paige queria conhecer e tomar banho no rio. Eu disse a Rachel que precisava passar em minha antiga casa para pegar algumas coisas. E esperava que assim como Clyde, Austin e Dallas haviam prometido, os últimos detalhes de tudo que pedi estivessem terminados. E eu pude comprovar que os Walker sempre seriam homens de palavra quando avançamos à entrada e começamos a circular o imóvel.

— Parece diferente — Rachel foi a primeira a observar ao sair do carro.

— Foram feitos mais dois cômodos — disse a ela me colocando ao seu lado — Antes, o suficiente para mim e Jody, mas não teria espaço suficiente para três pessoas. Dallas, Austin, Clyde e alguns dos homens da fazenda cuidaram de tudo em um par de dias.

— Vai ser tipo uma casa de hóspedes para seus amigos da cidade?

— Uma casa, sim, mas não para os meus amigos de New York — puxei a chave do bolso do meu jeans, depois, busquei sua mão, colocando sobre sua palma — Você buscava um lugar para que pudesse trazer seus filhos. Agora, já tem um.

Seus olhos piscaram confusos e seus lábios abriram e fecharam sem som algum.

— É o seu novo lar, Rachel. Há um quarto para as crianças, outro para você, sala e cozinha.

Refazendo-se do choque, ela segurou a chave como se fosse um objeto pegando fogo em suas mãos, tentando me devolver.

— Não posso aceitar.

Eu mais do que ninguém sabia como o orgulho, a necessidade de saber cuidar de si mesma eram importantes para mulheres como nós. Mas até eu tive ajuda no início. Se a Sra. Chan não tivesse aberto as portas do Café para mim e Jody, não sei quão difícil teria sido as nossas vidas.

— Você pode continuar trabalhando no Café — avisei a ela — e

pagar um aluguel, se a deixa mais confortável. E se não quiser aceitar por mim, aceite pelas crianças.

Era seu sonho trazer os filhos para ficar com ela. E eu sabia o quanto lhe doía ter que mandá-los embora quando os feriados terminassem.

— Mandy — um soluço escapou de seus lábios, suas lágrimas rapidamente trouxeram as minhas — Excluindo a minha tia e a Sra. Chan, ninguém nunca foi tão bom comigo.

— Somos amigas, Rachel — eu abracei — Amigas são como irmãs e irmãs cuidam uma da outra. Você cuidou de mim.

— Eu nunca vou decepcionar sua amizade, Mandy.

— E eu sempre vou valorizar a sua — sequei suas bochechas, depois, sequei as

minhas — Agora, vamos conhecer a sua nova casa. Espero que seja feliz aqui como eu fui.

— Eu tenho muita certeza disso.

Capítulo 31

Dallas

Não havia muito o que se fazer numa cidade tão pequena como Peachwood. Austin e Clyde ficaram de manter nossos convidados entretidos durante o dia, minha missão durante a noite foi levá-los para uma rodada de sinuca e cervejas no único pub da cidade, o Hell.

— A primeira vez que o doutor esteve aqui — disse Clyde colocando as garrafas sobre a mesa — Ele nos engambelou com a ajuda de Julianne.

Nós merecemos que ela tivesse se vingando de nós por termos levado Liam à delegacia e o pressionado para saber suas reais intenções em relação a ela, e também para avisar o que iria acontecer se ferisse o coração da nossa irmãzinha.

— Como descobriram sobre aquilo?

— Ficamos sabendo das garrafas debaixo da mesa — respondeu Austin — Dallas descobriu, na verdade.

Liam levantou a mão em um gesto apaziguador.

— Em minha defesa devo dizer que foi tudo ideia da Julianne.

Eu não tinha dúvidas sobre isso e já não ligava mais. O meu rancor

contra os irmãos Crighton, principalmente por Adam, acabou desde que ele fizera o possível para ajudar Mandy. Ter conseguido, mesmo com a colaboração de Caleb, garantir que Jody nunca mais fosse tirada da gente, me colocava em dívida eterna com ele. Mas eu não podia falar pelos meus irmãos.

— Eu e o Dallas contra você e Adam no bilhar — Clyde tomou um longo gole da garrafa depois de lançar o desafio — Se ganharem, posso pensar se vou esquecer aquele dia.

— Me deixa fora disso — disse girando meu chapéu com os dedos — Faça dupla com Austin.

Clyde gemeu contrariado. Eu era muito melhor na sinuca que Austin. Já ganhei muitas disputas nesse mesmo bar no passado.

— Tudo bem — ele jogou um taco ao nosso irmão — Vamos mostrar a esses caras da cidade grande como se joga de verdade.

Os dois começaram perdendo e meus irmãos ganhavam com uma bela vantagem, até darmos conta depois que os dois malandros estavam apenas dando a Clyde e Austin excesso de confiança, antes de partirem para cima, ganhando três rodadas em seguida.

— Acho melhor a gente fazer alguma coisa — disse ao Richard quando as duplas voltaram a ter uma discussão acalorada se uma jogada tinha sido válida ou não.

O bar até havia se dividido em torcida, deixando as coisas bem mais quentes. Cervejas e apostas por ego masculino nunca tendiam a acabar bem.

— Mas você é o xerife, faça alguma coisa.

— Se eu prender seus maridos dias antes do meu casamento, minha irmã vai me matar, e Penelope nem sei o que é capaz de fazer comigo — confessei — E Mandy vai arrancar minhas bolas.

— E Paige vai me matar por não ter impedido você.

A pergunta ecoando na minha cabeça era: enchia os quatro embriagados de porrada até voltarem a agir como homens adultos ou os levava para a delegacia para esfriar a cabeça, correndo o risco de encontrar quatro medusas furiosas quando retornasse à fazenda?

— Olha só — Richard se inclinou na cadeira, fazendo com que me curvasse até ele —, temos que admitir, há coisas que não estão em nossas mãos. Eu sei quem poderá nos ajudar.

Eu sabia que Peter Stone agia como o salvador do mundo para esse estranho, mas unido grupo de amigos, mas ele estava em New York agora e viria a Peachwood para o casamento.

— Paige? — ouvi ao ser atendido ao telefone — Eu preciso que você venha.

Assim que ele desligou, olhei descrente para ele.

— Chamou a sua mulher?

— Você não tem ideia do que ela é capaz de fazer.

Depois, ele sorriu. Dava para perceber duas coisas sobre Richard em relação à esposa. Ele era um homem bastante ciumento, mas sentia muito orgulho dela.

Uma hora depois, eu estava de volta à fazenda, namorando um pouco no carro com Mandy. Com tantas visitas na casa e crianças, a gente precisava ser criativo para encontrar momentos para ficar sozinhos.

— Ela é tão incrível. Viu como eles ficaram aterrorizados com Paige? — indagou Mandy eufórica, a única coisa que eu queria ver era uma forma de conseguir desprender o fecho de seu sutiã — Eu queria ser como ela.

Minhas mãos ficaram paradas.

— Não, por favor.

Ela se virou em meu colo, sentando-se de frente para mim. A posição nos deixava quase sem movimentos, mas eu gostava de tê-la assim, quase como minha segunda pele.

— Com medo de uma mulher, Xerife? — a pergunta provocativa veio com um olhar malicioso.

— Eu tenho medo da Paige — murmurei, passando a língua em seus pulsos — E porque eu amo você do jeitinho que é.

Não que eu tivesse medo que Mandy fosse audaciosa. Por trás do

rostinho de menina, havia uma personalidade forte. É que eu amava Mandy exatamente por isso, a combinação de doçura com a guerreira que era.

— Você é única, Mandy.

— Ah... — ela me deu um sorriso apaixonado antes de se inclinar para me beijar.



A casa, apesar de grande, parecia cada vez mais cheia. Além dos convidados de New York, que ficariam até o casamento, Caleb havia chegado para o Natal, trazendo seu motorista. Mandy não permitiria que a Sra. Chan passasse a data sozinha e Rachel foi instalada em nosso quarto com seus filhos, que estavam passando alguns dias com ela na cidade.

— Você não se importa mesmo de passarmos a noite aqui? — Mandy perguntou quanto terminamos de fazer uma cama de palha, com muitas almofadas e mantas sobre ela.

Estendi minha mão a ela e fomos juntos até a janela.

— Tivemos uma das noites mais perfeitas da minha vida aqui, você lembra?

Eu a coloquei em frente à janela aberta e apoiei suas costas contra o meu peito, enquanto passava meus braços ao seu redor.

— E quando você esteve em San Antonio, passei muitas noites aqui

— a abracei mais forte — É perfeito, temos todo esse lugar só para a gente.

Mandy afagou os meus braços e apoiou mais a cabeça em meu peito,

— É tão lindo aqui — disse ela enquanto observávamos os pastos e o céu estrelado — Quando estive lá, pensar nesse lugar, em você, em nós, me dava esperança. Sabe, quando estivemos em New York, Penelope disse que algumas coisas poderiam não fazer sentido no momento, mas que tudo ficaria claro depois.

Minha prima era uma mulher sensata e que tinha uma fé inabalável.

— Acho que ela tinha razão. Claro que gostaria de ficar com a Jody sem todo o trauma que enfrentamos, mas isso nos uniu mais. Tirou qualquer risco que minha irmã pudesse representar no futuro e Jody ganhou um avô que realmente a ama muito.

— O amor sempre será mais forte que tudo, Mandy.

E como para confirmar o que eu dizia, uma linda estrela cadente cruzou o céu.

— Diz a lenda que você tem que fazer um pedido — avisei a Mandy.

Ela suspirou e girou o corpo para ficar de frente a mim. Seus braços rodearam meu pescoço e eu recebi um dos seus lindos sorrisos.

— Já tenho tudo o que preciso, bem aqui.

Se alguém me perguntasse o que era felicidade, diria isso. Ter nos braços a mulher que eu amava, com a certeza de que ficaria para sempre.



As garotas, com exceção de Julianne e Mandy, ficaram horrorizadas ao verem os seis marmanjos aparecerem cobertos de lama da cabeça aos pés poucas horas antes da ceia de Natal. Mas os caras da cidade se divertiram muito ao tentar nos ajudar a tirar um touro fujão que havia atolado em uma vala. E se divertiram ainda mais quando Emma os proibiu de entrar na casa pingando sujeira, e os obrigou a tomar um banho gelado de mangueira lá fora. No fim, deu tudo certo e uma hora depois estávamos tão elegantes quanto possível para a desfrutar da grande ceia.

Agora, olhando à minha volta, para Mandy radiante, ouvindo histórias de Julianne, ao lado das outras mulheres, suas novas amigas, que distância não seria capaz de separar. Em Jody correndo pela casa atrás das outras crianças. Os meus irmãos tirando onda com Adam, Richard e Liam sobre o desempenho cômico deles com o touro atolado. O meu pai e Caleb em uma conversa séria sobre a fazenda. Charlotte com Paula e Ted discutindo a ideia de aumentar a família, agora que a fazenda deles estava indo bem. Emma passando algum tipo de receita a Rachel e Sra. Chan, que a ouvia com atenção, confirmei mais uma vez, quanto abençoados nós éramos.

Foi um caminho doloroso até aqui, mas estávamos mais unidos do que nunca e a família só tendia a crescer. Um dia, Clyde e Austin também

entregariam seu coração a alguma mulher, por mais que negassem, e eu desejava sinceramente que tivessem tanta sorte como eu tive em encontrar alguém como Mandy, não apenas que os amasse, mas que os fizessem imensamente felizes.

— No que você está pensando?

Estive tão mergulhado em meus pensamentos que nem percebi Mandy se aproximar e abraçar minhas costas.

— Que o meu pai tinha razão. Vamos precisar de uma mesa maior no futuro. Eu a amo, Amanda Temple, e não vejo a hora de se tornar a Sra. Walker.

— Eu serei a mulher mais feliz do mundo nesse dia.

Trouxe-a para frente de mim e com um sorriso feliz, roubei alguns beijos de seus lábios tentadores.

A festa continuou a rolar, os risos, as vozes altas, os gritos e os sons dos passos das crianças, algo caiu no chão, uma porta foi batida, mas em meio a toda essa algazarra, sentia nesses beijos trocados existir apenas nós dois no mundo.



Fazia muito tempo que as manhãs de Natal não eram tão animadas nesta casa. Eu estava gostando do barulho e da empolgação das crianças ao

abrirem os presentes e até Liam havia se fantasiado de Papai Noel.

— Esse veio lá do Polo Norte, um pedido do Xerife para uma garotinha muito especial chamada Jody.

— É eu! — ela pulou do colo de Austin correndo desajeitada em direção a Liam — Me dá.

— Qual é a palavra mágica? — ele disse erguendo o pacote no ar.

— *Pô favô* — ela disse de uma forma tão fofa que tive que ir atrás dela e pegá-la em meu colo.

— Espero que goste, ovelhinha — disse ao colocá-la no chão entre Mandy e eu.

— É uma boneca? — indagou enquanto rasgava a embalagem.

— Não.

Eu tinha escolhido sozinho e especialmente para ela. Tinha comprado para entregar em San Antonio, mas as mudanças que ocorreram fizeram com que decidisse guardar até o Natal.

— É um chapéu!

Jody arregalou os olhos claros para mim e fungou de felicidade ao me abraçar.

— Mamãe, um chapéu igual ao do papai.

Fiquei em choque ao ouvir o que ela disse. Eu sempre fui seu Da-das e nunca esperei ser mais do que isso, embora desejasse muito.

— Ela vê as outras crianças chamarem os pais assim e é o que ela pensa que você é para ela — Mandy buscou minha mão quando Jody saiu correndo para mostrar seu presente a Michele, e a segurou firme — Se sente bem com isso?

Se eu me sentia bem com Jody me vendo como o seu pai?

— Eu sou o pai dela. Eu vou ser o pai dela de todo o coração — levei sua mão ao meu peito — Isso responde a sua pergunta?

— Suas ações até hoje respondem muito mais — ela disse em um tom emocionado e me abraçou, apoiando o rosto em meu peito.

Juntos observamos felizes o restante da entrega dos presentes.

Estava na delegacia depois de dar as instruções à equipe antes de passar o comando a Derek que ficaria responsável durante as minhas os dias de licença para a lua de mel, quando Caleb pediu para ser atendido.

— Dallas, sei que nem você ou a Mandy desejam falar sobre a Glenda, mas isso afeta a Jody, então, acho que devem saber.

O fato de querermos riscar Glenda de nossas vidas era por ela ser uma pessoa nociva, extremamente egoísta e cruel. O que fez a Jody e, principalmente, a Mandy foi cruel.

— Ela está morta?

— Que Deus me perdoe dizer isso, mas não.

Eu entendia o que Caleb quis dizer. Apesar de não ter mais nada que

pudesse fazer para nos ameaçar em relação a Jody, pois, ela havia aberto mão dos seus direitos de mãe, Glenda era uma pessoa imprevisível e perigosa. Nunca íamos realmente nos sentir em segurança em relação a ela.

— Glenda está presa — disse ele, pegando-me de surpresa — Parece que o amante estava usando o dinheiro dela para se divertir com outra e ela não levou isso muito bem. Atirou nos dois em uma cama de hotel. Duplo assassinato. Pelo que Isaac me disse, pegará muitos anos de prisão.

O que sabia de casos como esse era que Jody estaria adulta quando e se Glenda fosse libertada. Se ela quisesse ter um contanto com a mãe biológica a partir dali, seria uma escolha dela. Até lá, finalmente teríamos paz.

— Austin viria me buscar mais tarde, mas eu preciso contar a Mandy pessoalmente — Você me daria uma carona de volta à fazenda?

— Meu motorista está aguardando lá fora — disse ele — Mas antes de irmos, queria falar mais uma coisa.

Assenti, pegando meu chapéu no suporte.

— Andei conversando com seu pai sobre algumas terras ao redor. Eu quero ficar mais perto da minha neta — anunciou ele — Há um rancho à venda aqui perto, e eu queria saber se vocês se incomodariam se eu viesse para Peachwood.

O que Caleb faria em uma casa tão grande como a de San Antonio?

Mandy e eu já havíamos conversado sobre isso e levantado a possibilidade de ele vir para mais perto de Jody. Nós já não tínhamos o mesmo rancor de início. Não concordamos com as ações que teve ou o que fez para recuperar a neta, mas Caleb havia tentado se redimir e isso era o que importava agora.

— A Jody vai gostar muito — disse a ele antes de seguirmos para a porta — E se ela fica feliz, nós também ficamos.

A reação de Mandy não foi tão difícil como imaginei, ainda mais essa “tragédia” ter acontecido, apenas há alguns dias do nosso casamento. Mas, na medida do possível, ela reagiu bem, havia chorado, mas não por Glenda.

— É triste que ela tenha tido esse fim — murmurou ela secando os olhos — Mas Glenda não teve nada além do que procurou e mereceu. É triste pela Jody, mas isso só me fará amá-la mais do que nunca. Nós somos tudo o que ela tem, Dallas.

— Vou cuidar de vocês duas — acariciei seus cabelos enquanto a consolava em meu peito — Eu prometo.

E um Walker jamais quebrava uma promessa.

Capítulo 32

Mandy

Faltava apenas dois dias para o meu casamento. Já passei por todos os estágios de uma noiva: ansiedade diante dos preparativos, nervosismo conforme o planejado estava se encaixando e, agora, uma pequena paz, com a certeza de que tudo daria certo.

— Eu posso roubar a minha noiva por alguns minutos?

Todos os rostos viraram em direção a Dallas.

Estávamos tendo um pequeno Spa na fazenda. Lorraine, a dona do único salão de beleza na cidade, havia chegado com sua equipe para fazer nossas unhas e cuidar das nossas peles. A maquiagem e cabelos seriam feitos no dia seguinte, algumas horas antes da cerimônia.

Era um dia só para as garotas, e à noite ainda teríamos um tipo de despedida de solteira no celeiro do qual Paige não tinha aberto mão. Os homens passariam algumas horas no Hell com a promessa de que ficariam bem longe da mesa de bilhar.

— Dallas, qual a parte de: você só verá a Mandy amanhã na hora do casamento, você não entendeu?

Julienne cruzou os braços e foi para a porta fazer barreira entre ela e

o quarto.

— Qual a parte de eu troquei suas fraldas e vou te dar umas boas palmadas se não sair da minha frente você vai entender?

— Oh... — ela ficou na ponta dos pés para iniciar uma briga, quando saltei da cama e fiquei entre eles.

— Você não acha que está exagerando? — indaguei a Julianne — Talvez ele só queira falar algo importante.

— Importante? — Paige cruzou o braço e fez dupla com Julianne contra Dallas — O que ele quer é te arrastar para algum canto e transar até a exaustão.

Hum... isso não seria nada mau.

— Não sejam absurdas! — disse Dallas — Mandy, minhas intenções são as mais corretas possíveis.

Ah, que droga! Tantos dias para ser correto e ele precisava ser justamente hoje. Ok. Estava tendo um ótimo dia com as garotas e tinha certeza que nossa noite seria maravilhosa, mas já estava com saudade de Dallas.

— Só quero dar um presente a você — insistiu ele.

— E não pode dar amanhã após o casamento? Ou ter mandando entregar aqui? — destacou Julianne.

— Mandy... — Paige sussurrou para mim — Não acredite nele. Só

quer sexo, eu vi isso acontecer com a Jenny quando se casou. Os olhos dela pareciam de um panda dias antes de se casar. Depois, o Neil a levou para um hotel e deixou trancada lá até o dia do casamento.

— Paige! Não foi bem assim — repreendeu Penelope.

— Realmente não foi — concordou ela — Foi pior.

A essa altura, eu já estava rindo. E aproveitando que as três entraram em uma breve discussão, Dallas puxou minha mão e descemos correndo pela escada.

— Espera, eu estou descalça.

Fiz menção de voltar para o quarto para pegar os sapatos, mas ele me pegou em seu colo.

— Carrego você — disse ele andando apressadamente até a porta — Hoje e todos os dias da nossa vida.

— Por ser tão romântico — disse antes de beijar seus lábios —, vou te desculpar por ter me roubado das minhas amigas.

Para início das minhas surpresas, não fomos em direção ao seu carro. Um lindo cavalo negro nos esperava encilhado próximo à porta. Dallas me acomodou na sela com cabeça dupla e subiu logo atrás de mim. Eu estava amando essa pequena aventura. Como se ele fosse um herói me resgatando de um destino cruel.

Após alguns minutos galopando, comecei a reconhecer as terras por

onde começávamos a avançar. Os campos onde brinquei muito quando menina. Mais à frente, avistei a minha antiga casa. Faltava uma parte do teto no andar de cima, havia janelas quebradas e empoeiradas. A porta estava deteriorada e as paredes emboloradas, necessitavam mais do que uma demão de tinta.

Dallas pareou o cavalo a alguns metros da entrada e me ajudou a descer.

— É a minha casa — disse com tristeza na voz — A casa onde vivi até os meus pais falecerem.

Sempre que vinha aqui, meu peito doía observar o quão abandonada a casa estava.

— Você foi feliz aqui? — indagou Dallas me puxando para perto dele — Sempre me fala dessa época com bastante carinho.

Foi um tempo feliz, eu recebi muito amor e, apesar de Glenda ter sido sempre caprichosa, nos víamos como irmãs, pelo menos eu, em minha inocência juvenil, via.

— Sim, fui muito feliz aqui. Mas o banco as tomou da gente. A Glenda disse que não conseguiu pagar as hipotecas e acabamos na casa que eu vivia antes com a Jody.

Não queria levantar esse assunto com Dallas, mas não me surpreenderia saber que o fundo que nossos pais deixaram, na verdade, foram

gastos por minha irmã irresponsável e o ex-mante dela.

— E você acredita que ainda pode ser feliz aqui? — indagou ele, me abraçando mais forte — Comigo, a Jody e quantas crianças mais vierem no futuro?

— O que você quer dizer?

Ele abriu o sorriso que sempre conseguia me tirar o ar.

— É seu presente de casamento. Paguei todas as dívidas com o banco. Nós podemos reformar a casa ou construir outra no lugar. A decisão é sua.

Olhei para a casa e, depois, para Dallas sem conseguir acreditar no que estava me falando.

— Você comprou as terras de volta?

— Eu prometi a ovelhinha uma fazenda, lembra?

— Mas, e a fazenda...

— Vendi o que me pertencia das terras para Clyde e Austin, mas ainda terei participação no gado e tudo o que é produzido lá. Assim como Julianne.

— Mas...

— Mandy, vamos começar juntos. As nossas terras, a nossa casa, o nosso lar.

Fiquei na ponta dos pés e passei os meus braços em volta do pescoço

dele.

— Eu, você, Jody e quantos Walker vierem.

— Uma meia dúzia para começar — disse ele, enlaçando minha cintura.

— É um bom número para começar.

— Mandy... — Dallas murmurou entre os meus lábios — Preciso dizer mais uma coisa.

O que eu queria era que ele continuasse a me beijar.

— Acho que Paige não estava totalmente errada... — disse me pegando em seu colo indo em direção à casa.

Nada me deixaria mais feliz no momento do que Paige estar totalmente certa.



Eu nunca tinha participado de uma despedida de solteira, mas duvidava que alguma fosse tão divertida quanto a minha estava sendo. Paige havia usado uma das colunas de madeira, que sustentava a câmara em cima do celeiro, para uma improvisada dança de pole dance e agora nos ensinava como fazer uma sensual e divertida dança em cima da cadeira, que, segundo ela, deixaria nossos homens malucos.

— Agora você, Mandy — exigiu ela, vindo até mim e me pegando

pela mão — Coloque em prática tudo o que me viu fazer.

Tomei o restante de meu champanhe, pois, ainda me sentia envergonhada. A Paige era ousada, desinibida e não tinha vergonha alguma de falar sobre sexo. Com Dallas, eu tentava manter a mente aberta e ser ousada, mas eu tinha muitas coisas em relação ao sexo para aprender.

Fiz a minha melhor performance de dançarina de cabaré e, no final, todas aplaudiram felizes. A música continuou tocando, mas fomos para o tapete com mais bebidas, onde eu recebia alguns conselhos.

— Algumas vezes vocês vão se desentender — disse Penelope — Mas o importante é nunca dormirem brigados um com o outro. Tudo o que você precisa fazer é dar um jeitinho de ele entender que sempre está errado.

Olha só, a carinha de sonsa, mas de sonsa ela não tinha nada.

— A culpa é deles sempre — disse Julianne que já bebia direto da garrafa — É só você fingir que vai começar a chorar. Dizer que ele não te ama e essas coisas... sempre funciona com o Liam.

— Nem isso nem aquilo — disse Paige esvaziando a taça e estendendo para que Penelope enchesse de novo — Faz greve de sexo e se masturba na frente dele. Funciona mais rápido que tiro de canhão.

Cada uma delas tinha sua forma especial e divertida de lidar com os seus maridos. Eu sabia que Dallas e eu encontraríamos o nosso ritmo.

— O que importa, querida, é o amor, o respeito — disse a Sra. Chan

— O que elas estão dizendo só são coisas para apimentar e divertir o relacionamento. Mas quando há amor como o de vocês, tudo o que não importa deixa de ter relevância.

Eu amava os conselhos da Sra. Chan, sendo com humor ou um pouco mais sérios, como agora.

— E já que estamos falando em apimentar a relação — Paige levantou um pouco trôpega e buscou uma caixa preta com um laço vermelho — Um segundo presente de casamento.

Depositei minha taça com champanhe no chão ao meu lado e com as mãos ansiosas desfiz o laço. Fiquei estarecida com o que vi. Óleos de massagens, algumas bolinhas com gel que eu não tinha ideia para o que serviam, preservativo com sabores, uma calcinha com um cadeado escrito: *desvende meus segredos*. Lubrificantes, algemas e... Oh, meu senhor! Um vibrador no formato de um pênis.

— Você já fez sexo anal, Mandy? — indagou Paige com a naturalidade de quem me perguntava se gostava de torta de maçã — Eu sei de algumas coisas....

— Meu Deus! — gritei alarmada.

Diante de meu olhar atônito, Penelope cuspiu o champanhe pelo nariz. Julianne se jogou no tapete, tendo uma crise de risos. Rachel levou as mãos na garganta horrorizada e a Sra. Chan aplaudiu Paige.

— Escuta ela, garota tonta! — disse Chan, bastante interessada no que Paige tinha a dizer — Nos conte mais.

— Eu sei que você era virgem até o xerife acordar para a vida.

Paige Delaney era uma metralhadora incontrolável.

— Paige! — se eu estava vermelha de vergonha, Penelope estava da cor da fantasia que Liam usou no Natal.

— A Julianne me contou — ela se defendeu.

Encarei minha cunhada sem saber o que dizer. Nunca tive minha intimidade tão exposta. Mas para a minha surpresa, mesmo me sentindo envergonhada, essa situação me divertia muito. O que eram homens seminus, que Dallas e todos os outros haviam proibido Paige de trazer, se ela mesma botava fogo em tudo?

— Ah, bastava saber como você ficava suspirando pelo meu irmão pelos cantos — a tentativa de defesa de Julianne não a ajudava em nada — E como ele era mais cego que uma toupeira, só pude presumir que você era inocente, estou errada?

— Não está, mas a culpa não foi...

— Isso não importa. Onde quis chegar é que, não se deve ter pudores no sexo — alertou Paige e tirou um frasco da caixa — Você deve saber que os homens gostam disso, cedo ou tarde o Dallas vai querer vir pela porta dos fundos. Se a oportunidade pintar, use esse óleo mágico. Deixa tudo realmente

muito quente. Pode confiar em mim.

Eu poderia confiar nela?

Paige piscou o olho para mim e sorriu cheia de más intenções, decidi que sim, eu poderia confiar nela.

— Obrigada, eu vou pensar sobre — pigarreei ao colocar o objeto na caixa — hum... óleo.

Talvez a minha lua de mel fosse um bom momento para testar sua teoria.

Continuamos a trocar experiências picantes e beber e soltar palavrões como marinheiros em uma taverna. Pouco a pouco, ficávamos um pouquinho mais altas.

— Você levou anos para fisgar o bofe — Paige provocou — Levei só uma noite para ver como Richard trabalhava com o quadril.

Julienne tomou mais vinho e via-se que já estava muito alta.

— Não levei uma noite para fisgar Liam — disse ela — Mas também não demorei anos. Mas eu te entendo, Mandy. Dallas é lento.

Todas riram, mas eu me vi obrigada a defender o meu futuro marido.

— Ele não é — abri um sorriso, indecente — Pelo menos, não onde realmente importa.

Elas gargalharam de novo, caindo umas sobre as outras.

— Eu não tenho nada a comentar — disse Rachel, envergonhada.

— Pois, ainda há dois irmãos Walker solteiros — Disse Paige — E que homens, ah, se já não fosse casada.

— Paige! — retrucou Julianne — O Richard é maravilhoso.

— É claro que é, mas você sempre tem que deixar um homem avisado que se ele não cuida — ela deu de ombros e estalou os dedos —, outros vêm assim, num estalar de dedos.

— Você só faz isso porque sabe que ele morre de ciúmes de você.

Paige abriu um sorriso enorme.

— Exatamente. E sabe mais o que eu acho? — ela tentou se manter em pé — Devíamos buscar nossos homens e fazer uma grande festa do sexo.

Virei para Julianne.

— Ela não está falando sério, está?

— Vindo da Paige, eu nunca sei — Julianne gargalhou e voltamos a rir juntas.

— Meninas, o que acontece em uma fazenda — disse Paige tentando se equilibrar nas pernas bambas —, fica na fazenda, certo?

Eu tentaria explicar que não era assim. Ainda mais em uma fazenda grande como essa, sempre tinha olhos aqui e ali, e em Peachwood nada ficava em segredo por muito tempo, eu bem sabia disso.

— Então, garotas, vamos buscá-los! — anunciou ela como se fosse uma capitã em uma guerra — Não é certo ficarmos aqui, enquanto eles se

divertem no único bar da cidade.

O coro reverberou pelo celeiro e fomos nos erguendo, apoiando umas nas outras.

— Tudo bem — Rachel elevou a voz para ser ouvida por todos nós — E quem vai dirigir até lá?

Ninguém tinha levado em consideração esse pequeno detalhe.

— Ora, vamos de carroça — a sugestão veio de quem eu menos esperava.

A Penelope Charmosa do Adam. O que será que eles pensariam quando vissem chegar uma carroça cheia de mulheres alegremente alcoolizadas e com desejos perversos?

Essa era, sem dúvida, a mais divertida e inusitada despedida de solteira de todas!



Nem toda garota sonha em se casar, mas eu sempre desejei isso. Um marido que me amasse e uma família para me sentir completa. Eu havia ganhado um antes do outro, mas não importava a ordem em que as coisas seguiam na vida. O importante era que esse era mais um capítulo lindo da história que Dallas e eu estávamos construindo.

— Você já está pronta?

Penelope surgiu atrás de mim no espelho. Ela ajeitou o véu em meu cabelo e Julianne, a calda do vestido. Optei pelo romântico, mas com um toque mais moderno. Tinha uma abertura pequena nas costas, coberta por rendas, tinha um decote sensualmente delicado no formato de coração no busto, justo do corpete até os joelhos onde a saia se abria em cascata até terminar na calda cobrindo o chão.

Sexy, romântico, moderno e sensual.

— Estou sim.

— O papai quer falar com você um minuto — disse Julianne antes de sair.

Raul entrou no quarto logo em seguida. Ele me olhou com emoção antes de buscar minhas mãos.

— Se o seu pai estivesse aqui diria o quanto está linda. O quanto se sentia feliz e orgulhoso de você — eu acreditava que os meus pais estavam em algum lugar, olhando por mim —, mas eu posso fazer isso por ele. O meu filho não poderia ter encontrado mulher mais corajosa, forte e perfeita para ele. Hoje, você não se tornará apenas uma Walker, se tornará uma filha para mim.

Eu não encontrava palavras para expressar o que estava sentindo, então, apenas o abracei.

— Obrigada.

Eu o amava como um pai, como amaria meu pai se ainda estivesse vivo.

— Bem — ele pigarreou e me afastou com cuidado —, acho que é a vez da Chan entrar, e não demore muito que Dallas está quase tendo um surto.

Sorri em meio às lágrimas que teimavam em saltar dos meus olhos. Secava o rosto com cuidado quando a Chan entrou no quarto.

Eu poderia ser conduzida pelo pai de Dallas e ser entregue a ele, mas escolhi andar pela nave acompanhada da senhora que tinha sido mais do que uma amiga querida. Ela foi uma verdadeira mãe para mim e uma avô carinhosa para Jody. E eu queria que ela soubesse o quanto eu tinha gratidão por tudo.

Meu pedido a pegou de surpresa e a deixou tão emocionada que ficou chorando sem me dar uma resposta por quase cinco minutos.

— Você está linda, Mandy — ela afagou o meu rosto como a minha mãe teria feito nesse dia — Refletindo exatamente como é por dentro. Você é a filha que nunca pude ter. E desejo que tenha, a partir de hoje, multiplicado, toda a felicidade que merece.

— Eu te amo, mamãe Chan.

Ficamos abraçadas até que alguém batesse na porta alertando que devíamos sair.

— Oh, o seu casamento — murmurou ela ao chegarmos à escada de mãos unidas — Não me deixe cair, menina.

Somente a Sra. Chan para me fazer rir quando deveria estar me sentido absolutamente nervosa.

— Não sou eu que deveria pedir isso?

Chegamos à carroça enfeitada com flores e laços em dourado e branco. Jody nos esperava na entrada, tendo Penelope como sua guia. Ela jogava uma pétala no chão por vez, levando muito a sério a orientação que deveria jogar um pouquinho a cada passo.

O celeiro foi tão lindamente decorado com flores do campo e muitas fitas douradas, mãos de Penelope, com toda certeza, principalmente pelo fato de estarmos no inverno e essas flores terem dado muito trabalho para serem encontradas numa estufa em San Antonio.

Eu pensei que estaria me debulhando em lágrimas quando pisasse no tapete vermelho e caminhasse por ele. Mas eu sorria, da mamãe Chan, da pequena Jody empenhada em sua tarefa importante, para os convidados que nos desejavam felicidades com olhar e, acima de tudo, para o mais lindo e perfeito homem esperando por mim no altar.

Durante toda a cerimônia houve os discursos tocantes que trouxeram lágrimas aos nossos olhos e a todos os presentes assistindo. Promessas de amor e juramentos que sempre cuidaríamos um do outro.

E, nesse momento, nos braços de Dallas, tendo a nossa primeira dança como marido e mulher, eu via o quanto eu era feliz.

— Eu te amo, Amanda Walker — declarou Dallas.

Ele não conseguia evitar repetir que eu era a Sra. Walker mesmo com todas as pessoas que amávamos e conhecíamos presenciando isso.

— Eu te amo muito, Dallas Walker.

E o melhor de tudo, eu tinha a mais absoluta e irrevogável certeza de que teria o seu amor sempre comigo.

Epílogo

Eu sentia que iria enlouquecer.

— Sra. Walker, onde devo colocar esses presentes que chegaram agora?

— Naquela mesa, por favor — disse a um membro do staff que havia contratado para a festa — Ali já está cheio demais. Coloca em um dos quartos lá em cima, depois, eu vejo com meu marido como vamos fazer.

— Sra. Walker, querem saber onde vão instalar o escorregador de bolinhas?

Antes que eu pudesse responder a pergunta, outra pessoa surgiu à minha frente pedindo outra orientação.

Essa era a primeira festa de aniversário no estilo família Walker que eu dava para Jody. Antes, sempre foi um bolinho no Café e cantávamos parabéns, tudo com muito amor e carinho, mas este ano, Dallas queria dar uma grande festa. Principalmente, porque a comemoração aconteceria em nossa casa nova, que havia ficado pronta há uma semana. Eu optei por derrubarmos tudo e construirmos outra do zero.

Tinha boas lembranças do passado na antiga casa, mas muitas ruins

também. Eu queria que nossa casa só nos proporcionasse sentimentos bons. As boas lembranças da minha infância ficariam no meu coração.

— Sra. Walker...

Estava prestes a fazer uma cara de choro quando senti um par de grandes mãos enlaçar minha cintura.

— A Sra. Walker precisa resolver outros assuntos— disse Dallas atrás de mim — Sobre a comida, perguntem a Emma e Charlotte que acabaram de chegar. Sobre a instalação dos brinquedos, Austin pode cuidar disso e em relação à música e as bebidas, Clyde e James estão lá fora. Vocês podem ir.

Como baratas sendo espantadas com os pés, a equipe saiu correndo cada um para um lado diferente. Respirei aliviada e Dallas me virou para ele.

— Amor, eu disse que você não precisava cuidar de tudo sozinha.

Ele realmente tinha falado sobre isso ao ver como eu andava esgotada nos últimos dias. Além de trabalhar no Café da Chan, agora por meio período como sua gerente, estava fazendo um curso à distância de gerenciamento, cuidava da Jody e da casa nova. Eu não podia reclamar, pois, Dallas me ajudava em tudo, mas às vezes sentia como se um trator tivesse passado sobre mim, o que era bem esquisito. Já tive rotinas bem mais pesadas no Café da Chan e nunca me senti com tanto sono e cansada.

— Eu sei disso, mas queria que tudo fosse especial.

— E vai ser. Todos vamos dar a Jody o melhor aniversário da vida dela.

Foram tantos anos de independência que às vezes eu esquecia que não estava mais sozinha. Eu tinha uma família enorme e amigos maravilhosos dispostos a me ajudar no que precisasse.

— Você tem razão. Já buscou a Jody na casa da Paula?

— Está com Caleb dando uma olhada no Star.

Dallas tinha mesmo cumprido a promessa de dar um bezerro a ela e eu me perguntava o que faríamos quando Star se transformasse um grande e robusto touro.

— Ele vai ficar de olho — Dallas pareceu ler a minha mente — Você sabe que Caleb consegue ser ainda mais protetor do que você.

O avô de Jody tinha comprado um rancho próximo às nossas terras, para ficar um pouco mais perto da neta, mas para ele, a vida no campo era extremamente perigosa. E tinha um mini infarto sempre que a menina se aventurava em alguma travessura mais ousada.

Nesse último ano, a nossa pequena tinha progredido muito. Depois de conhecer a história de Steve, nossa preocupação passou a ser se ela possuía algum grau de autismo, devido seu desenvolvimento um pouco mais lento que o normal. A hipótese foi descartada pelos médicos especialmente que Caleb havia indicado.

O que a Jody tinha enfrentado eram resquícios de uma gravidez descuidada. Bebidas, drogas e uma má alimentação prejudicaram seu desenvolvimento ainda no ventre. Mas a cada dia ela estava melhor, mais esperta e linda.

— Agora, será que a minha adorável esposa pode dar só um pouquinho de atenção a esse vaqueiro solitário e apaixonado?

Ele era um menino no corpo de homem.

— O que eu meu pobre e solitário vaqueiro está precisando?

Soltei um pequeno gritinho quando ele me pegou em seu colo e fomos voando em direção à escada.

— Sempre fui melhor nas ações do que nas palavras — disse ele ao me colocar no chão, em frente à porta do nosso quarto.

— Isso é algo que nunca poderei contestar — entrei de costas com Dallas já agarrado à barra de minha camisa enquanto me beijava — Temos quantos minutos?

Olhamos para a porta e Dallas voltou até ela decidindo trancar.

— Pelos meus cálculos — ele olhou para o relógio no pulso antes de arrancar minha camisa e abrir os botões de minha calça —, de quinze a vinte minutos.

Avancei sobre as roupas dele, as arrancando com pressa.

— Nesse caso, menos papo e mais orgasmos, Sr. Xerife.

Ele me deu um sorriso perverso e mordeu o lábio de um jeito muito sexy, que o calor entre minhas pernas aumentou um pouco mais.

— Ah, você não deveria ter dito isso.

Em segundos, a minha calça deslizava por meus tornozelos, a calcinha virou dois pedaços de trapos caídos aos meus pés e eu estava com o rosto pressionado contra a parede, mordendo o pulso para abafar os gemidos, enquanto Dallas estocava forte dentro de mim. Tentei me agarrar à porta ao senti-lo me fodendo com força, comprovando que ele era um homem de ação e não de palavras.

— Dallas... — o gemido escapou alto da minha boca quando o primeiro dos vários orgasmos seguidos fez a minha mente explodir.

Ele veio em seguida, jorrando dentro de mim, cravando de leve os dentes em meu ombro enquanto gozava.

Fui ao paraíso e era difícil retornar à Terra. Ainda estava molenga, jogada contra o peito de Dallas quando ouvimos a primeira batida na porta.

— Mamãe? Papai?

Afastei Dallas com pressa, buscando as roupas pelo chão.

— A gente tá indo, amorzinho — gritei entre um riso e outro que tentava abafar, enquanto Dallas sem nenhum juízo, me caçava nu pelo quarto.

— É a festa da Jody — sua voz ecoou insistente após outra batida suave na porta — Mamãe?

Aprendemos bem cedo que para termos aventuras apaixonadas como essa, precisávamos de uma boa porta e, principalmente, de uma chave para mantê-la trancada.

— O que faz aí, querida? — Eu estava colocando uma calcinha nova quando ouvi outra voz ser emitida através da porta.

— É minha festa. Cadê a mamãe?

— Se os dois estão fazendo o que penso que estão — a maçaneta mexeu e ouvi um risinho do outro lado — Eles estão dando a própria festa, meu amor. E, talvez, pedindo à cegonha um irmãozinho para você.

— Eu *qué*, tia Paige, irmãozinho. Bebê bonitinho.

— Então, talvez esse possa ser seu pedido de aniversário, o que acha...

Suas vozes foram distanciando da porta e quando encarei Dallas novamente, seus olhos ansiosos estavam fixados em meu ventre.

— Você acha que dessa vez... — ele mordeu o lábio com ar esperançoso.

— Então... — um largo e incontrolável sorriso se formou em meus lábios — há uma coisa que eu preciso te contar...